UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JÚLIA DELAGE GOMES SABINO

NARRAR A CONQUISTA, JUSTIFICAR O IMPÉRIO: O USO DOS *NAUFRAGIOS,* DE ALVAR NÚÑEZ CABEZA DE VACA (1555) COMO FORMA DE DEFESA DO IMPÉRIO ESPANHOL

Juiz de Fora

2025

Júlia Delage Gomes Sabino

Narrar a Conquista, justificar o Império: O uso dos *Naufrágios,* de Alvar Núñez Cabeza de Vaca (1555) como forma de defesa do Império Espanhol

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Faculdade da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Profª Dr. Hevelly Ferreira Acruche

Juiz de Fora

2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Sabino, Júlia Delage Gomes .
Narrar a Conquista, justificar o Império: : o uso dos Naufrágios de Alvar Núñez Cabeza de Vaca (1555) como forma de defesa do Império Espanhol / Júlia Delage Gomes Sabino. -- 2025.
162 p. : il.

Orientadora: Hevelly Ferreira Acruche
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2025.

1. Cabeza de Vaca. 2. Lenda Negra. 3. Conquista. 4. História da América. I. Ferreira Acruche, Hevelly, orient. II. Título.

JÚLIA DELAGE GOMES SABINO

NARRAR A CONQUISTA, JUSTIFICAR O IMPÉRIO:O USO NAUFRAGIOS, DE ALVAR NÚÑEZ CABEZA DE VACA (1555) COMO FORMA DE DEFESA DO IMPÉRIO ESPANHOL.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História. Àrea de Concentração: História, Cultura e Poder.

Aprovada em 25/03/2025.

BANCA EXAMINADORA

_____

Profa.Dra.Hevelly Ferreira Acruche - Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

_____

Prof.Dr.Mateus Rezende Andrade

Universidade Federal de Juiz de Fora

_____

Prof.Dr.Luis Guilherme Assis Kalil

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Juiz de Fora

2025

Dedico este trabalho a minha maior saudade, que no ano de defesa deste trabalho, completa uma década: o meu tio Rogério, *in memorian*.

Agradecimentos

Existem muitas pessoas as quais eu sou grata pela contribuição, seja ela através do afeto, através das trocas intelectuais e até mesmo pela paciência, afinal, o tempo de escrita de uma pesquisa é um momento em que estamos ocupados com a nossa produção, nos tornando um pouco mais reclusos. Esta dissertação, feita em um momento conturbado e de muitas transformações na minha vida, conta com a colaboração de muitos.

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Maria Edyth e Ricardo, por tanto. Os dois sempre me apoiaram nos meus sonhos, *hobbies* e devaneios, o que contribuiu significativamente para que o sonho da vida acadêmica fosse possível. Obrigada pelo amor, carinho e apoio. Obrigada por me ouvirem falar por horas sobre essa pesquisa e também por me acolherem nos momentos em que parecia impossível. **Eu amo vocês!**

Agradeço ao meu irmão Gabriel especialmente pelas trocas sobre os *perrengues* da pós-graduação. Agradeço também a paciência e a compreensão, já que sempre gostei de estar perto, mas não pude visitá-lo com tanta frequência.

Agradeço aos meus avós, Ângela, Henrique, Jamyr e Maria Terezinha, por, mesmo sem entender o que eu faço, entenderem o quanto isso é importante para mim e por isso, me darem o apoio e o carinho de sempre, mas tão necessário para poder seguir. Agradeço todos os dias vocês estarem aqui para me ver crescer e conquistar aquilo que sonho.

Agradeço a minha tia Rebecca, pelo carinho incondicional, por estar sempre torcendo por mim. À minha tia Isabel, por ser minha leitora assídua, que tanto contribuiu para esse e outros trabalhos. Obrigada por tantas trocas e tanto amor.

Agradeço aos meus amados amigos Beatriz, Igor, Mayara, Guilherme Duque, Guilherme David, Caio, Marcela, Gabriel, Gab, Ana e Ana Paula por se interessarem pela minha pesquisa, por todo o apoio e compreensão dos meus sumiços. Vocês foram o colo e o alento que eu precisava, mesmo sem saber.

Agradeço ao meu parceiro de vida, José Carlos, que chegou no meio do caminho desta jornada do mestrado, que me acompanhou na qualificação, nos tempos de escrita e de leitura e que foi o meu maior apoio no último ano. Obrigada por acreditar em mim, quando eu mesmo não acreditei.

Agradeço à minha orientadora, Hevelly Acruche, antes de tudo, por aceitar acompanhar os meus devaneios de pesquisa que se tornaram, em parte, esta dissertação. Agradeço também pelo carinho destes anos todos sob sua orientação e por ser uma

pesquisadora exemplo para mim e tantas outras mulheres que iniciam sua vida acadêmica através da sua orientação acolhedora.

Agradeço à banca, o professor doutor Luís Guilherme Kalil e o professor doutor Mateus Andrade pela disponibilidade de ler estas páginas e pelas contribuições a esta pesquisa.

Por fim, agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento e Pesquisa que fomentou esta dissertação ao longo destes dois anos. Sem a bolsa de fomento, não teria realizado este e outros sonhos acadêmicos durante os dois anos desta pesquisa.

"[...] O chão tornou-se mole e úmido, feito de cinza vulcânica, e a vegetação ficou cada vez mais insidiosa e se fizeram cada vez mais distantes os gritos dos pássaros e a algazarra dos macacos, e o mundo ficou triste para sempre. Os homens da expedição sentiram-se angustiados por suas recordações mais antigas naquele paraíso de umidade e silêncio, anterior ao pecado original, onde as botas afundavam em poços de óleo fumegante e os facões destroçavam lírios sangrentos e salamandras douradas. [...] Não podiam regressar, porque a trilha que abriram enquanto caminhavam tornava a se fechar num instante, com uma vegetação nova que quase viam crescer diante de seus olhos." (Márquez, 2021, p. 19)

RESUMO

Esta dissertação investiga o uso das narrativas de Alvar Núñez Cabeza de Vaca (1555) durante o período colonial, analisando as repercussões e reproduções de seu relato. Cabeza de Vaca publicou um compilado de suas expedições, *La relación y comentarios del gobernador Alvar Núñez Cabeza de Vaca de lo acaecido en las dos jornadas que hizo a las Indias* (1555), no qual descreve sua experiência na Flórida no primeiro livro, *Naufrágios*. Essa narrativa é marcada por um discurso pacificador e uma vivência transformadora na América. Embora sua expedição tenha sido um fracasso, ele conseguiu reverter essa situação para provar sua lealdade ao rei, e seu relato teve impacto em séculos posteriores. No mesmo período, desenvolveu-se a Lenda Negra, uma propaganda desmoralizante contra o Império Espanhol. No século XVII, os milagres narrados por Cabeza de Vaca foram questionados pelo abade Caspar Plautz em *Nova Typis Transacta Navigatio Orbis Occidentalis* (1621), o que levou a uma "redescoberta" de *Naufrágios* no século XVIII. Em 1749, o relato foi reproduzido no compilado *Historiadores Primitivos de las Indias Occidentales*, por Andrés González de Barcia, como parte de um projeto patriótico para reavivar a história da Espanha, marcada pela narrativa da Lenda Negra. Para defender Cabeza de Vaca e a honra do decadente Império Espanhol, o relato foi acompanhado de um *Examen Apologético*. Este trabalho analisa o relato de Cabeza de Vaca, explorando como seu fracasso foi reinterpretado como sucesso e como isso serviu para defender o Império Espanhol.

Palavras-chave: Cabeza de Vaca; Lenda Negra; Império Espanhol; Conquista.

RESUMEN

Esta tesis investiga el uso de las narraciones de Alvar Núñez Cabeza de Vaca (1555) durante el período colonial, analizando las repercusiones y reproducciones de su relato. Cabeza de Vaca publicó una recopilación de sus expediciones, La relación y comentarios del gobernador Alvar Núñez Cabeza de Vaca sobre lo sucedido en los dos viajes que hizo a las Indias (1555), en la que describe su experiencia en la Florida en el primer libro, Naufragios. Esta narrativa está marcada por un discurso pacífico y una experiencia transformadora en Estados Unidos. Aunque su expedición fue un fracaso, logró revertir la situación para demostrar su lealtad al rey, y su relato tuvo impacto durante los siglos siguientes. En el mismo período se desarrolló la Leyenda Negra, una propaganda desmoralizadora contra el Imperio español. En el siglo XVII, los milagros narrados por Cabeza de Vaca fueron cuestionados por el abad Caspar Plautz en la Nova Typis Transacta Navigatio Orbis Occidentalis (1621), lo que dio lugar a un "redescubrimiento" de los naufragios en el siglo XVIII. En 1749, el relato fue reproducido en la compilación Historiadores Primitivos de las Indias Occidentales, de Andrés González de Barcia, como parte de un proyecto patriótico de revivir la historia de España, marcada por la narrativa de la Leyenda Negra. Para defender a Cabeza de Vaca y el honor del decadente Imperio español, el informe fue acompañado de un Examen Apologético. Este artículo analiza el relato de Cabeza de Vaca, explorando cómo su fracaso fue reinterpretado como éxito y cómo esto sirvió para defender el Imperio español.

Palabras clave: Cabeza de vaca; Leyenda Negra; Imperio español; Conquista.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Capa do compilado *La relación y comentarios*, publicada em Valladolid, 1555……...……67

Imagem 2 - Gravura da *Brevísima*, de Las Casas, por Theodore de Bry, 1598 ……..….. 104

Imagem 3 - Théodore de Bry, Tiranias e Crueldades dos espanhóis, 1599 ……..…… 105

Imagem 4 - Capa da *Nova typis Transacta Navigatio Novi Orbis Indiae Occidentalis*, gravura por Wolfgang Kilian ……..…….. 114

Imagem 5 - Representação de um manati, reproduzida por Caspar Plautz. Gravura por Wolfgang Kilian …… 116

Imagem 6 - Capa do Tomo I da obra *Historiadores Primitivos de las Indias Occidentales*, 1749 ……..……. 139

Imagem 7 - Capa do *Examen Apologético*, escrito por Antonio Ardoino e editado por Andrés González de Barcia, 1749 .. ..……...……. 147

SUMÁRIO

1. Introdução ……..……. 11

2. Capítulo 1: Entre o triunfo e o fracasso**:** *Naufragios (1555),* de Alvar Núñez Cabeza de Vaca …….…….…….…….……..... 16

2.1. Conquistas bélicas, conquistas evangelizadoras: o percurso de Cabeza de Vaca na Flórida …….……..….. 22

2.2. A transformação através do cativeiro ……..…… 50

2.3. O retorno à *civilização*, a escrita de *Naufrágios* e seus desdobramentos……..……..…… 54

2.4. O relato, a excepcionalidade e a desmitificação ……...……..…… 60

3. Capítulo 2: A propaganda anti-Império Espanhol e a Conquista da América……..……...……....….. 73

3.1. As origens do termo Lenda Negra Espanhola ……..……...…… 80

3.2. Lenda Negra, Protestantismo e a panfletagem no século XVI ……....…….. 89

3.3. A Conquista da América, os relatos de viagem e a propaganda Anti-Imperial…….……...…… 97

3.4. Cabeza de Vaca e Lenda Negra ……...…….……..109

4. Capítulo 3: Em defesa do Império: Andrés González de Barcia e a republicação de *Naufragios*…….……..……..…….126

4.1. O Império decadente e a mudança para a dinastia Bourbon …...…….. 129

4.2. Andrés González de Barcia e o compromisso com o projeto de patriotismo……...……..… 133

4.3. Historiadores Primitivos de Las Indias Occidentales:o projeto final de González de Barcia……... 137

4.4. O *Examen Apologético* de Antonio Ardoino ……...…. 143

5. Considerações finais …….…..…..…… 154

6. Referências bibliográficas ……...…. 156

1. Introdução

Os relatos de viagem nos geraram grande interesse desde a graduação, em específico, *Naufrágios,* de Alvar Núñez Cabeza de Vaca. Sua escrita sedutora de uma expedição fracassada chama a atenção, especialmente por seus trechos que narram grandes milagres, trazendo elementos que trazem um tom fantástico e religioso a sua *relación de servicios*, a qual não foi exigida, mas foi escrita como forma de mostrar-se um bom súdito para o rei Carlos V, dos Habsburgos (Adorno e Pautz, 2003). Ao evocar esses elementos, Cabeza de Vaca mistura ficção e realidade, construindo uma narrativa que mostra uma transformação de um conquistador bélico a um conquistador pacificador.

Naufrágios, portanto, buscou reverter o fracasso de uma expedição ao Novo Mundo, na qual Cabeza de Vaca tentou mostrar como seu infortúnio nas terras da América do Norte foram, na verdade, uma nova forma de trabalhar para a coroa espanhola: ao ser cativo dos indígenas, aprendendo suas práticas de cura e utilizando-as como forma de praticar a evangelização e mostrar o poder do Deus Cristão através de suas curas. Nesse sentido, Cabeza de Vaca, através de sua narrativa, transforma seu discurso de conquistador bélico, para um discurso pacificador asceta (Sánchez, 1992).

O primeiro contato que tivemos com o relato de Cabeza de Vaca, ainda na graduação, foi, na verdade, com sua reprodução de 1749, editada por Andrés González de Barcia. Em um primeiro momento, isso não parecia surtir algum efeito ou questionamento, aparentando ser mais uma reprodução de algum relato famoso, que chamava a atenção especificamente pelo sua singularidade ao ser o primeiro relato de cativeiro das Américas, pela narrativa de milagres, em uma terra sofrida cujos habitantes sofrem de doenças, fome e escassez.

Nesta primeira leitura, não nos demos conta do seu paratexto, o *Examen Apologético*, que nos mostra muito sobre o período da edição do século XVIII e nos guiaria para um mundo de questionamentos, que, nesta pesquisa, tentamos responder alguns. O principal deles era: *por que um relato de fracasso se encontra entre estes relatos de sucesso?* O que leva o autor a trazer Cabeza de Vaca junto com Colombo e Cortés? Qual a necessidade de um *Examen Apologético* sobre os milagres de Cabeza de Vaca?

Quando descobrimos a nova fonte, a *Nova Typis Transacta* (1621), seu conteúdo que converge com uma narrativa desmoralizante do Império Espanhol, que criticava principalmente os atores da Conquista, muito nos foi respondido, ainda que a fonte tenha sido traduzida com certa dificuldade, por não termos conhecimento o suficiente de latim. A partir desta obra, criamos o *link* entre *Naufragios*, de Cabeza de Vaca, a Lenda Negra Espanhola e a

defesa patriótica implementada pelos membros da Real Academia Espanhola, no século XVIII a partir da figura de Andrés González de Barcia.

Os relatos *Naufrágios* e *Comentários*, possuem diversas reproduções durante os séculos, assim como diversas impressões sobre o texto. Entendemos que suas republicações não são apenas durante a Era Moderna, mas se estendem até a contemporaneidade, como biografias que se interessaram - ou se seduziram - pela narrativa, como a de Henry Miller (1945), Paulo Markun (2009) e a que nos trouxe para o tema desta pesquisa: o livro de Juan Sánchez-Galera, *Cabeza de Vaca: el último caballero* (2021). A obra de Sánchez-Galera utiliza da história de Cabeza de Vaca como defesa da *Lenda Negra Espanhola*, o que nos chamou a atenção.

A partir de leituras acerca do tema da Lenda Negra, percebemos que a Lenda Negra, termo cunhado no século XIX, designava a propaganda desmoralizante do Império Espanhol, que, de forma *radicalizada* (Poesche, 2015), denunciava a crueldade espanhola, criava boatos e estereótipos sobre os espanhóis e questionava a produção cultural e intelectual do Império Espanhol. Entendemos, a partir da bibliografia, que a Lenda Negra era um produto de um período específico: a Era Moderna. Os letrados europeus da Era Moderna passaram a escrever livros e panfletos que criticavam fortemente a Espanha, construindo uma narrativa que se consolida para os países da Europa.

A Lenda Negra (como chamaremos a propaganda anti-Império Espanhol neste trabalho) tem sua origem indefinida de acordo com a bibliografia, entretanto, consideramos que um de seus momentos mais expressivos ocorreram após o falecimento de Cabeza de Vaca, como a Guerra dos Oitenta Anos, ou Guerra de Flandres (1568-1648), na qual Espanha, um país católico, dominava Flandres, região majoritariamente protestante. Com a Guerra, a panfletagem contra a Espanha passou a ser mais intensa através do livro *Apologia*, de Guilherme de Orange (1581) e as republicações da *Brevísima Relacíon de la Destruccion de las Índias*, de Bartolomé de Las Casas (1552).

Devido a estas questões, percebemos que seria interessante investigar esse período da Modernidade, tentando entrelaçar Cabeza de Vaca e a Lenda Negra Espanhola, tendo em vista a singularidade de seu relato também foi utilizado na Modernidade para defesa do Império Espanhol. O questionamento da veracidade dos relatos espanhóis da Conquista através de debates de letrados ao redor da Europa, marcou profundamente a Espanha. Isso se junta com a noção de que os espanhóis eram crueis e violentos e, muitas vezes, colocados como *selvagens como os índios*, marcando a mentalidade dos letrados da Europa do final do século XVII e durante o século XVIII. (Cañizares-Esguerra, 2011)

Com a consolidação da narrativa da Lenda Negra, a Espanha, já decadente por questões econômicas e políticas internas, assim como as questões externas no século XVIII, percebemos um esforço dos homens letrados funcionários da monarquia de recuperar os textos do século XVI. Esses sujeitos, com investimento da dinastia dos Bourbons e a institucionalização da produção de conhecimento a partir da Real Academia Espanhola, trouxeram através da republicação desses relatos e da construção de uma literatura apologética (Brading, 2021), uma tentativa de recuperar a imagem manchada da Espanha.

Portanto, percebemos que o fio condutor desta dissertação foram as diversas edificações de verdade estabelecidas através dos textos e dos sujeitos letrados em suas temporalidades. No caso específico dos relatos de Cabeza de Vaca, no século XVI tentou reverter seu fracasso construindo uma nova narrativa, buscando atestar uma verdade de sucesso para o rei Carlos V. Através da *Nova Typis Transacta Navigatio*, de Caspar Plautz (1621), a verdade de Cabeza de Vaca foi questionada e Plautz também corrobora com a noção de que os conquistadores espanhóis eram cruéis, consolidando a narrativa da Lenda Negra. Por fim, no século XVIII, Andrés González de Barcia, através de sua edição e da adição do texto de Antonio Arduino, atesta a verdade de Cabeza de Vaca, agora, sob o olhar setecentista.

Neste trabalho, focamos especificamente no relato de 1555 *La relación y comentarios del gobernador Alvar Núñez Cabeza de Vaca de lo acaecido en las dos jornadas que hizo a las Indias*, pensando especificamente a *Relacion*, também conhecida popularmente como *Naufragios*, escrita por Alvar Núñez Cabeza de Vaca e em sua republicação em 1749 no compilado *Historiadores Primitivos de las Indias Occidentales*, editado por Andres González de Barcia. Barcia republicou especificamente esta versão de 1555, utilizando os dois relatos de Cabeza de Vaca e um novo paratexto que acompanha o relato de *Naufrágios*: *Examen Apologetico de la Histórica Narracion de los Naufrágios, peregrinaciones, i milagros de Alvar Nuñez Cabeza de Baca, en las tierras de la Florida, i Nuevo Mexico contra la incierta i mal reparada Censura del P. Honorio Filipono*, escrito por Antônio Ardoino. Para conectar as duas fontes, discutiremos o contexto da Lenda Negra e a *Nova Typis Transacta Navigatio Novi Orbis Occidentalis*, escrita por Honório Philopono, pseudônimo do abade beneditino Caspar Plautz, que é o texto que une o relato do século XVI à sua republicação no século XVIII.

Nas páginas a seguir, faremos análises das três fontes, com o intuito de compreender as suas conexões entre si e através dos séculos, ainda que sua conotação se transforme, como é o caso de *Naufrágios*, de Cabeza de Vaca. A *Nova Typis Transacta* parece ser a obra que liga *Naufrágios*, de 1555 e *Historiadores Primitivos de las Indias Occidentales*, de 1749.

Essas análises se ligarão com os contextos específicos de seus tempos, mostrando como se entrelaçaram na republicação de *Naufrágios* de 1749, como forma de defesa e apropriação da narrativa histórica da Espanha, como forma de um plano patriótico (Cañizares-Esguerra, 2011) para trazer à luz o que esses letrados consideram a *verdade* da narrativa colonial da Espanha.

A republicação do relato transforma-se a partir de sua republicação em 1749, pois Andrés González de Barcia a republica com seus comentários e edições, sendo uma versão mais palpável para o público do século XVIII (Gomes, 2022). Além disso, a supressão do paratexto de Cabeza de Vaca de 1555, o que reafirma a proposta de Barcia de construir uma narrativa de defesa da Espanha, combatendo a Lenda Negra.

No primeiro capítulo, faremos uma análise do relato de 1555, versão de *Naufrágios* reproduzida por Andrés González de Barcia, uma escolha não deliberada, mas, ainda assim, uma escolha, que nos faz optar pela análise de uma versão, do que a original, de 1542. (Adorno e Pautz, 2003). Sobre a escolha da edição de *Naufrágios,* Rolena Adorno e Carles Pautz comentam:

> "Barcia não fez uma escolha deliberada do texto de 1555 em detrimento da edição de 1542. Ele simplesmente não sabia de sua existência até alguns anos após sua publicação em 1731. Seu esforço, no entanto, teve o efeito de privilegiar o texto de 1555 em detrimento do de 1542, bem como fixar seu título como Naufrágios e fomentar o desenvolvimento a posteriori de argumentos destinados a reivindicar a suposta superioridade da edição de 1555."[1] (Adorno e Pautz, 2003, p. 33)

A análise do relato de 1555 foi feita pela primeira vez no trabalho de conclusão de curso obrigatório para a formação na modalidade de bacharelado em história, pensando na singularidade do relato e como o autor-personagem se auto promoveu, buscando se destacar entre os conquistadores bélicos. A questão neste trabalho era discutir através do *mito dos homens excepcionais*, conceitualizado por Matthew Restall (2006), mostrando que Cabeza de Vaca buscava, no intuito de reverter seu fracasso como conquistador, mostrar-se diferente dos homens excepcionais da conquista, tornando-se uma excepcionalidade aos homens excepcionais.

Sendo assim, recuperamos partes do texto para contribuir com este trabalho, pois tornou-se pertinente para a dissertação. Entendemos, portanto, que nossa pesquisa está mais

[1] Do original: "Barcia did not make a deliberate choice of the 1555 text over the 1542 edition. He simply had been unaware of its existence until a few years after his 1731 publication. His effort, nevertheless, had the effect of privileging the 1555 text over that of 1542, as well as fixing its title as Naufragios and fomenting the a posteriori development of arguments intended to vindicate the supposed superiority of the 1555 edition." Tradução nossa.

avançada do que era em 2022, sendo assim, novas referências e discussões foram implementadas para a escrita do primeiro capítulo, que se volta especialmente para a sedução do relato, o cativeiro como elemento literário de transformação e produção de alteridade e os elementos bíblicos ou religiosos utilizados por Cabeza de Vaca, especialmente os milagres e suas tentativas de evangelização.

Tendo notícias das republicações do trabalho de Cabeza de Vaca através do tempo, desde republicações de Naufrágios pelo próprio autor, até outras republicações na Era Moderna, como a de Andrés González de Barcia, de 1749. Essa publicação chama a atenção devido ao contexto na qual ela se insere: o questionamento de veracidade e viabilidade de utilizar-se dos relatos de espanhóis que foram as Américas, tendo em vista que o Império Espanhol, por ser uma grande potência territorial, marítima e econômica durante a Primeira Modernidade, sofria ataques panfletários, que criaram estereótipos: os espanhóis eram vistos como cruéis, violentos e incultos. A propaganda anti-Império Espanhol, chamada de Lenda Negra, tornou-se uma questão para os espanhóis especialmente entre o século XVII e XVIII, na qual a panfletagem já era consolidada.

A partir desta noção contextual, encontramos o embasamento necessário no *Examen Apologético*, escrito por Antônio Ardoino em 1736 e adicionado ao compilado de Barcia, defendendo os milagres de Cabeza de Vaca das acusações de Honório Philopono, ou, Caspar Plautz, escritas um século antes na *Nova Typis Transacta Navigatio Orbiis Occidentalis*, de 1621. O segundo capítulo, portanto, se ocupou de contextualizar a Lenda Negra e analisar o texto de Plautz, associando-o ao discurso da Lenda Negra e suas relações com a narrativa de Cabeza de Vaca.

Por fim, no capítulo três, analisaremos o contexto e a republicação setecentista de *Naufrágios* no compilado *Historiadores Primitivos de las Indias Occidentales* (1749), publicada com a edição de Andrés González de Barcia, seus comentários e o novo paratexto: *Examen Apologético*, de Antonio Ardoino. Neste capítulo entenderemos melhor o projeto patriótico implementado a partir da mudança para a dinastia dos Bourbon, a função de Barcia de trazer à luz os textos da Conquista e suas tentativas de reverter a narrativa da Conquista a partir de textos do século XVI, especialmente o de Cabeza de Vaca.

2. CAPÍTULO 1 - ENTRE O TRIUNFO E O FRACASSO: *Naufrágios (1555),* de Alvar Núñez Cabeza de Vaca

Pensar no processo de Conquista das Américas pelos países Ibéricos nos leva a refletir acerca da alteridade produzida a partir dos choques culturais e as relações estabelecidas nas quais os europeus se viam como superiores aos povos originários. Eles se viam como bastiões da civilização, andando por terras sem Deus, sem lei e cheias do que eles consideraram como selvagerias, tanto na visão paisagística, nas quais se exemplificam pela fauna e a flora exóticas aos olhos europeus, quanto através de aspectos culturais dos povos originários (Gruzinski, 2004).

Essas relações desiguais se estabeleceram especialmente a partir de relatos como o Diário de Colombo (1501) que narra a experiência de sua chegada à Ilha de Hispaniola, acreditando estar na Ásia. O exotismo citado por Colombo será reproduzido nos discursos mitificadores da Conquista Espanhola (Pastor, 2012). O discurso triunfante de conquistadores como Cristóvão Colombo levavam notícias sobre o domínio daquilo que era considerado selvageria pelos espanhóis.

A construção deste indígena selvagem tem segmento por outros conquistadores, destacando-se, especialmente, os considerados clássicos: Hernán Cortés (1485-1547) e Francisco Pizarro (1476-1541). Cortés, na Conquista do México, narra as maravilhas do mundo Asteca, questionando-se como sujeitos tão incivilizados conseguiram construir cidades e um império tão vasto como aquele, comparando-o ao Império Romano, visto durante o século XVI como um exemplo glorioso de passado.

Os relatos da Conquista, majoritariamente, apresentam uma narrativa bélica dos exploradores dominando novos territórios e reportando seus serviços à Coroa. Quando se pensa em conquistadores, pensamos em Cortés, Colombo, Pizarro e, no caso português, Pedro Álvares Cabral. Quando esses relatos são reproduzidos ou interpretados na Modernidade, percebemos que a celebração do extermínio e do fim do paganismo indígena estão enfatizados, especialmente quando se discute a Conquista do México, encabeçada por Hernán Cortés.

> "A Conquista do México e a conversão dos povos da Nova Espanha podem e devem ser incluídas entre as histórias do mundo, não só por terem sido bem-sucedidas mas porque foram tão grandiosas (...) Longa vida, pois, ao seu nome e memória [de Cortés], que conquistou tão vasta terra converteu tamanha multidão de homens, derrubou tantos ídolos e pôs fim a tantos sacrifícios e ao consumo de carne humana." (Gómara *apud* Restall, 2006, p. 25)

Francisco Lopez de Gómara (1511-1564) retrata de forma clara como as narrativas de conquistadores eram colocadas em patamares que se dimensionam no épico e no mitificador, e como elas foram repassadas de forma a reproduzir o discurso civlizador para os séculos seguintes. O autor enfatiza como Hernán Cortés, apenas um homem, conseguiu civilizar e evangelizar a região do México, derrubando o Império Asteca. Nesse sentido, a partir dos finais do século XVI, as narrativas mitificadoras da conquista passaram a ser exaltadas na Espanha, como forma de reivindicação de uma história gloriosa. (Trouillot, 2016)

A importância da Conquista das Américas se dá especialmente, quando Lopez de Gómara, funcionário da Coroa espanhola, conquistador e militar, passa a exaltar a conquista como uma dádiva divina, colocando o ato de Cristóvão Colombo como algo louvável, um grande feito para o Império Espanhol. A partir da narrativa de Gómara, o feito de Colombo passava a ser relevante para a formação do Império Colonial Espanhol. (Trouillot, 2016)

Nesse sentido, relatos de sucesso, como os de Colombo, têm uma peculiaridade. Segundo Beatriz Pastor (2012), eles mostram uma teleologia dos fatos, com uma narrativa de superioridade europeia em relação aos nativos e, consequentemente, seu triunfo. Através desta premissa, percebemos uma construção discursiva em que o triunfo dos conquistadores se deu por seus méritos, como os homens que fizeram algo considerado inconcebível pelos sujeitos do século XVI, sendo estes homens considerados *excepcionais* por seus feitos.

As *Cartas de Relación* (1519), de Hernán Cortés, também são caracterizadas pela narrativa do triunfo em sua maioria, encaixando na narrativa de mitificação, caracterizada pelos heróis bélicos, que se baseavam em artifícios literários das novelas de cavalaria, popularizadas na Europa em fins do medievo. Pelo modo como são escritas e a forma em que se repercutem pelas suas características literárias e descritivas, essas narrativas tornavam homens militarizados como homens singulares, geniais.

O mito dos homens excepcionais, conceitualizado por Matthew Restall (2003), considera a construção da narrativa de que os conquistadores que vinham às Américas eram poucos e que suas expedições eram feitas em pequenos números. O conceito de homens excepcionais é interessante na medida em que se pensa no imaginário construído sobre os conquistadores, em especial homens como Cristóvão Colombo (1451-1506), Hernán Cortéz (1485-1547) e Francisco Pizarro (1478-1541), que são famosos pelas conquistas militares em favor da Coroa Espanhola.

Sobre o mito dos homens excepcionais, primeiramente, Restall descreve como uma forma de exclusividade ou de um apagamento de outros nomes da Conquista, para colocar

especialmente estes três sujeitos como figuras inovadoras, que conseguiram feitos considerados impossíveis. Entende-se, na verdade, que estes sujeitos tenham suas particularidades e pioneirismos, entretanto, não conquistaram nada sozinhos, ainda que existisse uma mentalidade de individualidade imbuída no processo de Conquista, no qual homens almejavam ouro e riquezas. (Restall, 2006, p. 26)

Nesse sentido, discursos colocados em um patamar singularizante como Colombo e Cortés, expressa-se, sem dúvida como um espelho de lendas e construções de paisagens e sujeitos, criando as expectativas mitomaníacas que traziam tantos homens às Américas (Pastor, 2012). Compreendendo a noção de *homens excepcionais* como um mito, como conceitualizado por Restall, entende-se que muitos outros, exploradores ou não, vieram às Américas e, por vezes, se afundaram em fracasso:

> "Em todo caso, e qualquer que seja sua origem precisa, a existência de uma tendência quimérica e mitomaníaca interna entre os espanhóis do século XVI é um fato indiscutível e historicamente demonstrável. A extraordinária vitalidade dessa propensão se expressou não apenas na geração ininterrupta de fábulas, mas também na persistência com que mitos e ficções foram reafirmados repetidamente diante de uma série de experiências negativas e fracassos que deveriam ter posto um fim definitivo às fantasias transbordantes de tantos exploradores e conquistadores."[2] (Pastor, 2012, p. 173)

Pensar, no entanto, nos discursos de fracasso deste contexto, chama a atenção às transformações de personagens: quando se lê as Cartas de Cortés, em grande parte, seu discurso de triunfo está muito presente em sua narrativa, cartas com relatos heróicos, de vitória e grandes conquistas para a Coroa Espanhola. Entretanto, como aponta Beatriz Pastor (2012), a *Quinta Carta de Relación* de Hernán Cortés foi caracterizada por uma reviravolta em seu discurso: ao ser dar por vencido pela primeira vez nas narrativas, Cortés trouxe um discurso mais próximo de um fracasso.

> De conquistador militar, Cortés parece metamorfoseado em descobridor e pacificador. Ele observa regiões, rotas naturais de comunicação, plantações e formas de organização dos povos indígenas e avalia o potencial de desenvolvimento dos lugares que visita. O guerreiro da conquista do império asteca se torna engenheiro em um ambiente onde o inimigo a ser combatido é mais frequentemente os pântanos e a selva do que os nativos dispersos; e assim ele dirige a construção de sua incrível ponte, que ele aponta "tem mais de mil vigas, a menor das quais é quase tão grande quanto o corpo de um homem, e tem nove e dez braços de comprimento, sem nenhuma outra

[2] Do original: "En todo caso, y sea cual sea su origen preciso, la existencia de una interna tendencia quimérica y mitómana entre los españoles del siglo XVI es un hecho indiscutible e históricamente demostrable. La extraordinaria vitalidad de esta propensión se expresó no sólo en la generación ininterrumpida de fábulas sino también en la persistencia con que se reafirmaron una y otra vez los mitos y ficciones frente a una serie de experiencias negativas y de fracasos que hubieron debido poner freno definitivo a las fantasías desbordantes de tantos exploradores y conquistadores." Tradução nossa

> madeira pequena que não tenha contagem". Incansável como sempre, ele organizou missões de exploração e reconhecimento, descobriu rotas e trabalhou duro para encontrar água e comida com a mesma eficiência impecável com que traçou os planos estratégicos para a reconquista e o cerco de Tenochtitlán. Aqui Cortés aparece dotado de um corpo e de necessidades biológicas que haviam desaparecido completamente nas cartas anteriores e que lhe causam não poucos problemas nesta última empreitada. Mas a clarividência de Cortés, seu controle quase mágico da situação e a proteção divina que o designou como adequado e escolhido para a conquista militar do México e a organização do novo estado continuam a destacá-lo como um herói insuperável em meio às selvas e pântanos da América Central.[3] (Pastor, 2012, p. 194)

Dentre os relatos de fracasso, chama a atenção o primeiro relato conhecido de experiência de cativeiro das Américas: o relato do espanhol Alvar Núñez Cabeza de Vaca, no qual ele narra sua experiência como *tesourero* na Flórida. Ele passou por naufrágios, quase toda a expedição faleceu e os sobreviventes viveram em cativeiro entre os indígenas. O relato de *Naufrágios* (1555) retrata a saga de uma expedição que não teve conquistas territoriais ou de bens, na qual seu protagonista, Cabeza de Vaca, experienciou tormentas e infortúnios que mostram o nítido fracasso de sua empreitada. Entretanto, a narrativa busca trazer uma reversão deste fracasso na medida em que tentou provar que seus sobreviventes foram capazes de trazer alguma forma de serviço à Coroa.

Alvar Núñez Cabeza de Vaca (1490 - 1559) nasceu em Jeréz de La Frontera por volta de 1490. Seu sobrenome tem origem na Reconquista em fins do século XV, momento no qual o sobrenome Cabeza de Vaca é dado a sua família materna pelas contribuições na guerra contra a dominação muçulmana na Espanha. Sua família tornou-se responsável pela proteção da fronteira na fundada cidade de Jeréz de La Frontera. No lado paterno, Cabeza de Vaca tinha Pero de La Vega, conquistador das Ilhas Canárias. Cabeza de Vaca tinha formação

[3] Do original: De conquistador militar, Cortés aparece metamorfoseado en descubridor y pacificador. Observa regiones, vías de comunicación naturales, cultivos, sembrados, formas de organización de los indígenas, y evalúa el potencial de desarrollo de los parajes que va recorriendo. El guerrero de la conquista del imperio azteca se transforma en ingeniero en un medio en el que el enemigo que hay que combatir son con más frecuencia las ciénagas y la jungla que los indígenas dispersos; y así dirige la construcción de su increíble puente, del que puntualiza "que lleva más de mil vigas, que la menor es casi tan grande como el cuerpo de un hombre, y de nueve y de diez brazos de largura, sin otra madera menuda que no tiene cuenta".' Infatigable como siempre, organiza misiones de exploración y de reconocimiento, averigua derroteros y se afana en la búsqueda de agua y víveres con la misma eficacia sin fisuras con que trazaba los planes estratégicos de la reconquista y asedio de Tenochtitlán. Aparece aquí Cortés dotado de un cuerpo y de unas necesidades biológicas que habían desaparecido totalmente en las cartas anteriores, y que le causan en esta última empresa no pocos problemas. Pero la clarividencia de Cortés, su control casi mágico de la situación, y la protección divina que lo designaban como idóneo y elegido para la conquista militar de México y la organización del nuevo estado, siguen señalándolo como héroe insuperable en medio de las junglas y marismas de Centroamérica. Tradução nossa.

militar e foi um homem letrado, com conhecimento de textos literários como as literaturas de cavalaria e textos bíblicos e hagiografias católicas, como se mostra nítido na narrativa escrita por ele em *Naufrágios.* (Sánchez, 1992)

Cabeza de Vaca iniciou o relato com a história de uma conquista belicosa que terminou como uma conquista evangelizadora, sobretudo a partir do naufrágio e do cativeiro experienciados pelo espanhol. Nesse sentido, é possível pensar que Cabeza de Vaca, ao pregar uma política pacificadora, pode ser pensado como um sujeito que se colocou, narrativamente, como um conquistador excepcional aos homens excepcionais, pois tentou se destacar com uma postura divergente a de conquistadores bélicos, tendo em vista perspectiva pacificadora de seu texto.

Em seu retorno à Espanha, Cabeza de Vaca escreveu uma *relación de servicios*, com o intuito de justificar seus serviços ao Império Espanhol. O gênero textual *relación* era um documento legal destinado a autoridades da Coroa Espanhola, entendido como uma forma de explicitar os serviços prestados ao rei fora da Espanha, em especial em regiões de conquista. Durante as primeiras décadas da conquista, esse gênero era pouco comum (Mignolo, 1989), contudo, alguns conquistadores o traziam como meio de comprovação de seus serviços como forma de relatório de suas experiências nas Américas. Nesse sentido, deveria ser um texto descritivo daqueles homens, mostrando de forma clara que existiram feitos que contribuíram para a construção do Império Espanhol.

Enquanto conquistadores clássicos como Hernán Cortés (1485-1547) e Francisco Pizarro (1478-1541) descreveram em suas cartas de *relación* os ganhos e as novas posses obtidas em nome da Coroa Espanhola, ou seja, retratavam conquistas consideradas bem sucedidas, Alvar Núñez Cabeza de Vaca entregou à Coroa um relato de uma expedição fracassada, que não tinha como dar retorno econômico ou novos territórios para o Império Espanhol. O livro de *relación* escrito por ele, denominado de *Naufrágios*, foi publicado primeiramente em 1542 com o nome de *La relación que dio Alvar Núñez Cabeza de Vaca de lo acaecido en las Indias en la armada por donde iba por gobernador Pánfilo*. (Adorno e Pautz, 2003)

Apesar do fracasso da expedição, Cabeza de Vaca escreveu uma narrativa única, tendo em vista que o andaluz teve uma experiência singular para a época, sendo considerada a primeira narrativa de cativeiro das Américas (Voigt, 2001). O texto conta com elementos que mostram um novo desconhecido, que se deu a partir da sobrevivência de naufrágios e do cativeiro indígena, experiência na qual Cabeza de Vaca retornou para a Espanha trazendo detalhes etnográficos e geográficos. Além disso, trouxe em termos narrativos uma nova

produção de alteridade e novas relações com povos indígenas[4]. Com isso, ele poderia provar seus serviços prestados, buscando reverter o fracasso de sua expedição. De acordo com Maria Juliana Gandini (2013):

> "Esses espaços foram descritos detalhada e profusamente em ambas as obras, constituindo um substituto literário para eles, que foi dado à coroa como um serviço ao servo leal, mas infeliz. Mas eles também forjaram, junto com a própria biografia de Cabeza de Vaca, um dos muitos elos que entrelaçaram lenta mas inexoravelmente mundos antes não relacionados."[5] (Gandini, 2013, p. 33)

Nesse sentido, a narrativa de Cabeza de Vaca se constrói através da reversão do fracasso da expedição de Narváez, através da transformação do texto: ao invés de um infortúnio, o cativeiro de Cabeza de Vaca tornou-se sua possibilidade de transformação, saindo das características de um conquistador militar para um conquistador evangelizador. Importante sublinhar que Cabeza de Vaca escreveu como narrador-personagem, retratando sua experiência transformadora a partir do cativeiro e, de certa forma, mostrou seu martírio beatificador, que levou a essa postura evangelizadora de seu relato a fim de mostrá-lo como um bom servo da Coroa. (Adorno e Pautz, 2003)

Para se tornar um evangelizador, Alvar Núñez Cabeza de Vaca utilizou das práticas de cura indígenas aprendidas durante seu cativeiro, assimilando-as com as orações e ritos do catolicismo. A partir deste ponto, o autor passou a se ver como um pacifista, que não utilizava mais da violência militar para a conquista, enxergando nos povos originários, uma possibilidade de criar novos fiéis ao catolicismo e, consequentemente, bons servos da Coroa Espanhola.

A construção do relato feita por Cabeza de Vaca demonstra o uso de diversos modelos literários, desde as hagiografias católicas, passando pelos heróis de cavalaria, relatando sua experiência a partir das personagens e narrativas marcadas. Utilizou-se de ficções, mesclando-as ao real, a fim de construir uma narrativa sedutora. Cabeza de Vaca, portanto, narrou ter operado milagres através de suas orações, narrou seus infortúnios em tom de

---

[4] Apesar de trazer em seu relato uma relação pacifista com os indígenas, entendemos que essa mudança de perspectiva era mais um estilo de narrativa. Autores como Zélia Paim (2007) mostram que a experiência na Flórida, na verdade, não produziu tantos sentidos na vida de Cabeza de Vaca, já que, como *adelantado*, Cabeza de Vaca foi amotinado por maus tratos aos colonos e aos indígenas guaranis.

[5] Do original: Estos espacios fueron detallada y profusamente descriptos en ambas obras, constituyendo un sustituto literario de los mismos que fue entregado a la corona como servicio del leal aunque desafortunado servidor. Pero además forjaron, junto a la propia biografía de Cabeza de Vaca, uno de los tantos nexos que fueron lenta pero inexorablemente, imbricando entre sí mundos hasta entonces ajenos. Tradução nossa.

martírio, além de cenas em que se portou de forma cavalheiresca, como em romances épicos, leituras clássicas do período da Primeira Modernidade (Calixto, 2001).

Cabeza de Vaca viveu, em seu relato, quatro momentos: o primeiro momento foi o de desembarque na Flórida em 1528 como tesoureiro de Pánfilo de Narváez, ainda na proposta da conquista bélica; o segundo momento foi o da transformação através do cativeiro entre os *Karankawa*[6] na ilha de Mal Hado (ou Malhado), onde aprendeu as técnicas de cura; o terceiro momento, ainda em convivência com os indígenas, mas de forma livre, foi o momento da execução do projeto de pacificação e evangelização; e, por fim, seu reencontro com os espanhóis e as repercussões de suas ações na América.

Para compreender melhor as repercussões de seus relatos, que ultrapassam seu tempo nas Américas e, até mesmo, seu tempo em vida, deve-se compreender o fio condutor que traz sua narrativa de volta à vida. Nesse sentido, leva-se em consideração especialmente a narrativa de *Naufrágios*, analisada nesta dissertação pela sua republicação com o livro *Comentários*¸ que também retratou uma empreitada fracassada de Cabeza de Vaca, agora, escrita por um terceiro, Pero Hernandez, que retratou a re-conquista do Rio da Prata.

Neste primeiro capítulo discutiremos Cabeza de Vaca como um conquistador, pensando, especialmente, no momento transformador de sua tentativa de conquista, seu fracasso e o seu sucesso a partir do relato de *Naufrágios*. Nesse sentido, pensaremos também sobre as repercussões de seus relatos, ainda que *Comentários* não seja analisado de forma aprofundada. Pensaremos, especialmente, na produção de alteridade a partir da necessidade de sobrevivência, sobre as curas e os *milagres* operados entre os povos indígenas, que trouxeram essa forma de redenção para o personagem-narrador. Para isso, será necessária uma análise mais profunda do discurso pacifista de Cabeza de Vaca e dos artifícios literários utilizados para criá-lo.

2.1. Conquistas bélicas, conquistas evangelizadoras: o percurso de Cabeza de Vaca na Flórida

Alvar Núñez Cabeza de Vaca foi nomeado tesoureiro da expedição de Pánfilo de Narváez (1478 - 1528) com o objetivo de conquistar a baía da Flórida em 17 de junho de 1527, partindo do porto da cidade de Sanlúcar de Barrameda, na região da Andaluzia. A expedição saiu da Espanha com seiscentos homens, sendo cinco oficiais: o governador Pánfilo

[6] Nome designado por Cabeza de Vaca, que relatou que os indígenas que o capturaram na Ilha de Mal Hado (atual Galveston Islands), se chamavam desta forma.

Narváez; Cabeza de Vaca, tesoureiro; Alfonso Enriquez, contador; Alonso de Solís (morto em 1576), “veedor” (Inspetor Real de Minas); Frei Juan Suarez, da ordem de São Francisco.

Antes de chegar à Flórida, a expedição fez duas paradas, uma em Santo Domingo, onde cento e cinquenta homens abandonaram a missão e decidiram ficar na ilha; e outra no porto de Santiago de Cuba, onde sofreram a primeira tormenta, perdendo navios e homens. A partir desta segunda parada, a expedição seguiu com quatrocentos homens. Cabeza de Vaca reafirmou, em diversos momentos, que Narváez decidiu fazer a expedição em tempos de tormenta, o que prejudicava de forma significativa a empreitada. O medo das tormentas foi um dos motivos principais para que muitos dos homens que vieram da Espanha decidiram ficar em outras regiões. (Cabeza de Vaca, 1555, p. 10-11).

Nesse contexto, Cabeza de Vaca se portou, narrativamente, como um sujeito de seu posto: obedeceu as ordens de seu governador, tentou pensar estrategicamente, ainda que seja muito crítico das ações de Pánfilo Narváez, o que os colocava em uma constante contraposição durante o decorrer da narrativa. Narváez, como seu contraponto, sempre seria o conquistador bélico e imprudente, com decisões que arriscavam a vida de seus subordinados.

A expedição de Narváez chegou à Baía da Flórida no dia 12 de abril de 1528. Nesse mesmo dia, encontraram o primeiro povoado indígena, e lhes perguntaram, através de sinais, se cultivavam milho e tomaram este povoado, não nomeado por Cabeza de Vaca. Explorando a região, Narváez percebeu a escassez de terras, tendo em vista que não existiam muitas plantações ou riquezas.

A expedição de Pánfilo de Narváez saiu da Espanha com o intuito de conquistar a Flórida, e Cabeza de Vaca, segundo no comando, tinha como principal função ser o coletor do *quinto real*, a taxa de 20% sobre a mineração de metais preciosos para o rei Carlos V e garantir a propagação da fé cristã. No começo da narrativa, o Cabeza de Vaca era um personagem que se portava como um conquistador no sentido original do conceito, o herói épico moralmente inabalável, que não sofreria mudanças quando passasse pelo processo da conquista.

Ao longo da expedição, os exploradores acreditavam que encontrariam ouro e metais preciosos na região de Apalache. Esta informação era proveniente de um encontro entre a comitiva de Cabeza de Vaca e um um grupo de indígenas não nomeados, que habitavam a Baía da Flórida, assim que chegaram na região. Através deste encontro, Cabeza de Vaca relatou o primeiro contato oficial da expedição com os indígenas da Flórida. Nesta passagem, Cabeza de Vaca mostrou as tentativas de comunicação a partir de sinais e de elementos de aproximação, como o milho e o ouro:

> "(...) e depois de andar quatro léguas pegamos quatro índios, e mostramos a eles o milho para verem do que era conhecido, porque até então não tínhamos visto nenhum sinal dele. Eles nos disseram que nos levariam até onde estávamos. E então eles nos levaram para sua aldeia, que fica perto da Baía do Cabo e lá nos mostraram um pouco de milho, que ainda não estava pronto para ser colhido. [...] Também encontramos amostras de ouro e elas indicaram que havia uma quantidade muito grande de tudo que valorizamos de alguma forma. Eles disseram que havia muito disso em Apalache."[7] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 17)

As difíceis comunicações com os indígenas capturados pelo grupo de Narváez eram feitas, principalmente, através de sinais. Os espanhóis lhes mostravam espigas de milho, pepitas de ouro e outros objetos para conseguir se comunicar e encontrar aquilo que lhes interessava, mas dificilmente conseguiam encontrar algo que se identificava com o que buscavam. Entretanto, quando mostraram as pepitas de ouro, os indígenas disseram que o que os espanhóis buscavam estavam em Apalache[8], e quando questionados sobre as mostras de ouro:

> "Também encontramos amostras de ouro e elas indicaram que havia uma quantidade muito grande de tudo que valorizamos de alguma forma. Eles disseram que havia muito disso em Apalache. E tomando aqueles índios por guia, saímos dali e depois de andar dez ou doze léguas achamos outra cidade de quinze casas, onde havia um bom pedaço de milho plantado, que já estava seco. E depois de dois dias que estivemos lá, voltamos para onde estavam o contador, as pessoas e os navios."[9] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 17)

Com promessas de encontrar uma cidade de ouro, como diziam as lendas sobre o Novo Mundo, os espanhóis decidiram ir até a cidade de Apalache. Pánfilo Narváez decidiu separar um grupo de homens para andar por terra e outro para ir pelo mar, a fim de encontrar

---

[7] Do original: "(...) y andadas cuatro leguas tomamos cuatro indios, y les mostramos maíz pa ver cómo se lo conocía, porque hasta entonces no habíamos visto señal del. Ellos nos dijeron que nos llevarían donde lo había. Y así nos llevaron a su pueblo, que está al cabo de la baya cerca de allí, y en él nos mostraron un poco de maíz, que aún no estaba para cogerse. [...] Hallamos también muestras de oro y hacían seña de haber muy gran cantidad de todo lo que nosotros estimamos en algo. Decían que en Apalache había mucho." Tradução nossa.

[8] Apalache, nome utilizado para designar uma região na narrativa de Cabeza de Vaca, tem origem no nome do grupo étnico que vivia na região chamada de Panhandle da Flórida, os Apalachee, que habitavam o território que sai da Baía da Flórida e se encontra com o continente. Os indígenas provavelmente deram a referência dos povos que os conquistadores encontrariam e foi interpretado como o nome de um território. O nome Apalache também designa uma cadeia de montanhas que divide o Canadá e os Estados Unidos, mas entendemos que a expedição de Pánfilo Narvaez não chegou a sair da região da Flórida e do atual Texas.

[9] Do original: Hallamos también muestras de oro y hacían seña de haber muy gran cantidad de todo lo que nosotros estimamos en algo. Decían que en Apalache había mucho. Y tomando aquellos indios por guía, partimos de allí y andadas diez o doce leguas hallamos otro pueblo de quince casas, donde había buen pedaço de maíz sembrado, que estaba ya seco. Y después de dos días que allí estuvimos nos volvimos donde el contador y la gente y navíos estaban. Tradução nossa.

porto seguro. Por terra, seguiram trezentos homens e cerca de 40 cavalos, dentre eles, o Governador e Cabeza de Vaca. Com essa divisão, os navios não eram mais uma opção de retorno, deixando os homens que estavam por terra presos na Baía da Flórida.

Ao saberem da notícia da cidade de Apalache, acreditaram que encontrariam com uma cidade de ouro, como prometiam as lendas, ou uma nova Tenochtitlan, algo que traria poder, glória e fortuna àqueles que a encontrassem. As cidades de ouro, no contexto da Conquista, tinham um significado não só de riquezas materiais, mas também uma dimensão mística em torno das lendas do Novo Mundo, que se relacionavam com cura, regeneração e redenção. (Calixto, 2001)

Apalache, para estes sujeitos, apareceu como uma oportunidade de se descobrir a cidade de ouro, *El Dorado*, ou a Fonte da Juventude e as Sete Cidades de Ouro, como prometiam as lendas sobre o Novo Mundo (Díaz, 1999). A Conquista, nesse contexto, baseava-se majoritariamente na possibilidade de encontrar as grandes cidades feitas de pedras e metais preciosos, como forma de corresponder às expectativas dos exploradores, que tem essas lendas corroboradas por sujeitos que já haviam vindo às Américas.

Neste trecho, Cabeza de Vaca narrou sutilmente implicando a dicotomia entre ele e o chefe de sua expedição: ele não concordou com Narváez e fez o leitor entender que, novamente, escolhas de seu superior eram imprudentes, ainda que o mesmo tenha consultado a Cabeza de Vaca antes de tomar a decisão. Cabeza de Vaca afirmou que, mesmo respeitando a ordem de seu superior, não se voltou contra ele para que não o visse como um covarde que fugia das terras desconhecidas. Nesse contexto, reiteramos que o narrador-personagem ainda se portava como um conquistador bélico e era necessário que mantivesse esta personalidade na escrita, para demonstrar sua transformação nas Américas, ainda que esta tenha acontecido após seu retorno para a Espanha.

Ao explorar a Baía da Flórida, as dificuldades de terreno, especialmente por se tratar de um pântano sem muitas terras férteis ou animais para caçar torna-se palpável: as aldeias indígenas eram pequenas e espaçadas, com visíveis dificuldades de se sustentarem. Os exploradores também viveram essas dificuldades, perdendo soldados pelas doenças e pela fome. No caminho para Apalache, na qual se esperava encontrar ouro, tomaram um povoado a fim de confiscar seus mantimentos:

> “ (...)Depois de passar para o outro lado, saíram ao nosso encontro cerca de duzentos índios, e o governador saiu ao encontro deles, e depois de lhes ter falado por sinais, nos indicaram de tal maneira que nos vimos tendo que lutar com eles, e capturamos cinco ou seis, e nos levaram para suas casas, que ficavam a meia légua dali, onde achamos grande quantidade de milho, que estava pronto para ser colhido, e demos infinitas graças ao nosso senhor por

> nos ter ajudado em tão grande necessidade."[10] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 17)

Chama a atenção que a tomada de um território para fins de sobrevivência foi convertido em dádiva divina: Cabeza de Vaca agradeceu a Deus por terem sido socorridos em um momento de grande dificuldade. Através deste ponto da narrativa, percebe-se que o outro, para o conquistador bélico, era um meio de obter as informações e os mantimentos que precisavam para seguir a expedição. Assim sendo, no momento da narrativa em que age como conquistador bélico, a expedição de Narváez também dependia dos povoados indígenas para sobreviver, mas obtinha o que necessitava a partir da violência, ainda que ela seja velada na narrativa.

Seguindo caminho, com indígenas tomados por guias, a expedição chegou até a prometida cidade de Apalache. Cabeza de Vaca descreveu as terras de Apalache, mostrando que como se pareciam com as de Castela, e também apontou que não havia ouro. Cabeza de Vaca também narrou uma conversa com o Cacique de um dos povoados de Apalache, estes povoados não são nomeados por Cabeza de Vaca , nem os grupos indígenas que viviam ali.

> "Perguntamos ao cacique que os havia detido e aos outros índios que trouxemos conosco, que eram vizinhos e inimigos deles, sobre o modo e a população da terra e a qualidade das pessoas, e sobre as provisões e todas as outras coisas nela contidas. Eles responderam que cada um por si, que a maior cidade de toda aquela terra era Apalache; e que à frente havia menos pessoas, e muito mais pobres do que elas, e que a terra era escassamente povoada, e seus habitantes estavam amplamente espalhados, e que mais à frente havia grandes lagoas e montanhas espessas, e grandes desertos e áreas desabitadas. Perguntamos então sobre as terras ao sul, que cidades e alimentos havia: eles disseram que ao longo daquela rota, que durava nove dias até o mar, havia uma cidade chamada Aute, e que os índios de lá tinham muito milho, e que eles tinham feijão e abóboras e que estes eram seus amigos."[11] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 21)

---

[10] Do original: (...)Pasados a la otra parte salieron a nosotros hasta doscientos indios poco más o menos, y el gobernador salió a ellos y después de haberlos hablado por señas, ellos nos señalaron de suerte que nos vimos de revolver con ellos y prendimos cinco o seis y estos nos llevaron a sus casas, que estaban hasta media legua de allí, en les quales hallamos grán cantidad de maíz, que estaba ya para coger y dimos infinitas gracias a nuestro señor por habernos socorrido en tan gran necesidad. Tradução nossa.

[11]Do original: "Preguntamos al Cacique que les habíamos detenido y a los otros indios que traíamos con nosotros que eran vecinos y enemigos de ellos, por la manera y población de la tierra y calidad de la gente, y por los bastimentos y todas las otras cosas de ella. Respondieron que cada uno por sí, que el mayor pueblo de toda aquella tierra era aquella Apalache : y que adelante había menos gente, y muy más pobre que ellos y que la tierra era mal poblada, y los moradores de ella my repartidos y que yendo adelante había grandes lagunas y espesura de montes, y grandes desiertos y despoblados. Preguntamos le luego por la tierra que estaba hacia el Sur que pueblos y mantenimientos tenía: dixeron que por aquella vía yendo al mar nueve jornadas: había un pueblo que llamaba Aute, y los indios del tenían mucho maíz, y que tenían frisoles y calabazas y que estos eran amigos suyos" Tradução nossa

Quando foram explorar e encontrar Apalache, Cabeza de Vaca relatou que Narváez ordenou a uma parte da expedição para que explorassem pelo mar da Flórida com os barcos, e assim conseguiriam encontrar um porto seguro, enquanto as embarcações, então, não eram mais uma opção de retorno, estando "presos" na Baía da Flórida. Com a esperança de encontrar uma cidade grandiosa que cumprisse a promessa de riqueza e poder, a expedição chegou à região da suposta Apalache, entre os atuais estados da Flórida e do Alabama, nos Estados Unidos. Os espanhóis não encontraram a cidade de ouro, mas sim uma região pobre e pouco povoada, e o povoado que tomaram não tinha muitos mantimentos, sendo o cultivo do milho a fonte de sobrevivência local..

Desapontados com o que encontraram em Apalache, receberam a informação do Cacique de que existia uma região melhor povoada, chamada de Aute, no atual Texas, onde a comitiva poderia se abastecer de mantimentos. Quando chegaram à Aute, de fato encontraram o que lhes foi prometido pelo cacique de Apalache: mantimentos, apesar de não encontrarem muitas riquezas ou mesmo um solo muito fértil.

Decidiram, assim, seguir até a região de Aute, mais próximos da costa marítima. Andaram por nove dias até chegar, passando por diversos ataques que, segundo o relato, foram iniciados por grupos indígenas contra os espanhóis. Em Aute, uma parte dos homens tomou o povoado com Narváez, enquanto um grupo menor foi de encontro ao mar com Cabeza de Vaca. Enquanto este explorava a costa, o grupo que permaneceu em Aute foi atacado pelos indígenas.

Sem chances concretas de retorno imediato para casa, desesperançoso com a possibilidade da conquista, a escassez de mantimentos e os embates constantes com os indígenas, com as mortes de seus homens cada vez mais frequentes, Narváez decidiu construir embarcações improvisadas e tentar a sorte de sair do ambiente inóspito, em busca de encontrar território sob domínio espanhol. Sem acesso às embarcações originais, criaram um plano de construir barcas improvisadas e tentar chegar a um local ocupado por espanhóis. Narváez acreditava que Panuco, última região do México dominada pela Coroa Espanhola, não deveria estar longe de onde estavam.

Passaram um mês construindo as embarcações. Foram cinco no total, cada uma com dois comandantes e entre quarenta e cinquenta homens, Cabeza de Vaca foi acompanhado do *veedor*[12] Alonso de Solís (morto em 1528) e outros quarenta e nove homens. Nesse meio tempo, os espanhóis ficaram sem mantimentos e comeram seus cavalos, depois, saquearam o

[12] Inspetor Real de Minas.

povoado mais próximo diversas vezes, a fim de manter os homens alimentados. Ainda assim, passaram fome e sede.

Os oficiais se separaram entre as cinco barcas, e saíram pelo mar. (Cabeza de Vaca, 1555, p. 30) A embarcação de Cabeza de Vaca ia à frente das outras, "guiando" o caminho, tentando não se separarem. Por quatro dias, as barcas seguem juntas, procurando um porto seguro, mas a cada dia tinham menos mantimentos e estavam sem água, ocasionando a morte de muitos. Quando se reencontraram, Cabeza de Vaca foi até Panfilo Narváez para novas ordens, e este o respondeu que, a partir daquele momento, cada homem faria o que era melhor para salvar sua vida, isentando-se do lugar de liderança do grupo. Neste momento, através da tormenta e do fim da liderança de Narváez, ficava evidente o começo do ponto transformador da narrativa de Cabeza de Vaca.

> "e continuando minha viagem, na hora das vésperas, vi dois barcos, e indo até eles, vi que o primeiro em que cheguei era o do governador [...] Eu disse a ele, pois via que havia pouca chance de podermos segui-lo e fazer o que ele havia ordenado, que ele me dissesse o que era que ele me ordenou fazer. *Ele respondeu que não era mais hora de dar ordens uns aos outros, que cada um fizesse o que lhe parecesse melhor para salvar sua vida,* era assim que ele entendia.[13]" (Cabeza de Vaca, 1555, p. 35 - grifo nosso)

O trecho de *Naufrágios* também explicita como Cabeza de Vaca se posicionou narrativamente e de forma constante em oposição a Pánfilo Narváez, mostrando-o como um líder irresponsável e imprudente. A dicotomia entre Cabeza de Vaca e Pánfilo Narváez pode ser pensada como a oposição entre o verdadeiro herói - Cabeza de Vaca, o conquistador asceta- e falso herói - Narváez, o conquistador bélico. O momento em que Narváez deixou cada um tomar suas próprias decisões para se salvar é o ápice discursivo desta oposição. Segundo Lisa Voigt (1992):

> "Desde o início, o bom senso, o temperamento firme e a coragem de Alvar Núñez Cabeza de Vaca contrastam com as hesitações, decisões precipitadas e abandono definitivo de responsabilidades de Narváez. O narrador se retrata como aquele que mais se destaca em qualidades de liderança; É Alvar Núñez quem prega o Evangelho entre os povos indígenas e quem realiza a reconciliação de tribos tradicionalmente hostis. Ele é o mediador entre índios e espanhóis e, em última análise, o defensor dos primeiros contra os últimos, após um longo processo que envolveu uma permutação crítica, que afetou

[13] Do original: y siguiendo mi viaje a hora de vísperas vi dos barcas, y como fui a ellas vi que la primera que llegué era la del gobernador [...] Yo le dije pues que veía la poca posibilidad que en nosotros había para poder seguirle y hacer lo que había mandado, que me dijese qué era lo que mandaba que yo hiciese. Él me respondió que ya no era tiempo de mandarnos unos a otros, que cada uno hiciese lo que mejor le pareciese para salvar la vida, que él así lo entendía. Tradução nossa.

> tanto a maneira de perceber essa "outra" realidade quanto a de perceber a si mesmo e seus próprios quadros de referência."[14] (Voigt, 1992, p. 12)

Sánchez (1992) interpreta esse momento como a separação moral entre Pánfilo de Narváez e Cabeza de Vaca na narrativa de *Naufrágios*: enquanto um traiu a Coroa, saindo do seu lugar de governador, o outro se afirma na crença de algo melhor, provando ser fiel a Coroa, algo muito significativo para a narrativa de Cabeza de Vaca. O autor também aponta, além da corrupção de Narváez, que existe uma clara diferenciação entre o governador e seu tesoureiro: "*La Relación* acaba apresentando ao leitor dois modelos: um é Pánfilo de Narváez (o guerreiro/cavaleiro), o outro, Cabeza de Vaca (o asceta/cavalheiro), que acaba sendo favorecido pela narrativa."[15] (Sánchez, 1992, p. 266).

Cabeza de Vaca se separou de Narváez e tomou a liderança de sua embarcação, seguindo de forma independente em busca de terra firme, seguindo a orientação de Narváez, juntamente com a embarcação do capitão Teles, a fim de conseguirem algo para comer e água doce para beber. Chegam na Ilha de Malhado, atual Galveston Island, pertencente ao Texas. Nesse momento, chegou em uma terra que acreditava ser de espanhóis, mas se deparou com um grande grupo, os *Karankawa*, o primeiro grupo indígena a ser nomeado dentro do relato. Os *Karankawa* os ajudam doando mantimentos para que os espanhóis pudessem se recuperar e seguir viagem, mas quando tentaram voltar para o mar, sofreram um naufrágio. Sobreviveram apenas aqueles que acompanhavam Cabeza de Vaca e, estes, aos poucos vão morrendo pois a comida e a água doce continuavam escassas.

> "E assim, tendo embarcado com dois tiros e uma besta no mar, fomos atingidos por uma torrente de água tão grande que ficamos todos molhados, e como estávamos nus e fazia muito frio, soltamos os remos em nossas mãos, e outra torrente de água do mar virou o barco, o inspetor e outros dois se afogaram. Como a costa estava muito agitada, o mar fez com que todos os outros tombassem, engolidos pelas ondas e quase se afogassem na encosta da própria ilha, faltando apenas os três, que o barco havia levado para o fundo. Nós que escapamos, nus como nascemos, e perdemos tudo o que tínhamos, e

[14] Do original: "Ya desde el principio se contrasta el buen juicio, firme temperamento y valentía de Alvar Núñez Cabeza de Vaca con las vacilaciones, decisiones precipitadas y final abandono de responsabilidades de Narváez. El narrador se retrata como el que más se destaca en cualidades de liderazgo; es Alvar Núñez quien predica el Evangelio entre los indígenas y el que efectúa la reconciliación de tribus tradicionalmente enemistadas. Es el mediador entre indios y españoles, y en última instancia defensor de aquellos contra éstos, al cabo de un largo proceso que conllevó una crítica permutación, que afectó tanto al modo de percibir esa realidad "otra" como de percibirse a sí mismo y sus propios marcos de referencia." Tradução nossa.

[15] Traduzido do original: "*La Relación* ends up presenting the reader with two models, then; one was Pánfilo de Narváez (the warrior/knight), the other Cabeza de Vaca (the ascetic/gentleman), witch ends up being favored in the narrative."

> mesmo que tudo valesse pouco, naquela época já valia muito."[16] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 38)

Naufragados e nus, muitos acabavam morrendo. A nudez, nesse momento, pode ser interpretada como um ponto de transformação da narrativa. Enquanto a expedição ainda não tinha fracassado, a postura de conquistador guerreiro se manteve, já que o personagem-narrador ainda tinha suas características físicas de espanhol mantidas e a sua vida ainda não dependia de seus captores. Após o naufrágio, quinze homens sobreviveram, e foram morrendo durante o tempo de cativeiro.

Cabeza de Vaca relatou que nesse momento, além de nus, estavam desfigurados devido a fome e a sede: "(...) e podíamos facilmente contar nossos ossos, éramos a própria figura da morte""[17] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 39). Os espanhóis já não tinham características que os distinguiam entre si e os colocavam como superiores, tornando o ponto de redenção e transformação subjetivas do herói épico figura original do conquista, a qual não teria se transformado pelo que viveu na América. Nesse sentido, se construiu uma passagem do herói moralmente perfeito para a figura do herói asceta, o qual tem uma narrativa de redenção através do que viveu no naufrágio e no cativeiro, como analisado por Sánchez.

Pensando nas relações estabelecidas através do cativeiro, pode-se pensar na conceituação de Fredrik Barth (2011), no qual se constrói a noção de grupos étnicos e as fronteiras construídas para a manutenção da etnicidade e suas questões culturais. Os Karankawa, captores de Cabeza de Vaca, vivem na ilha de Mal Hado em territórios específicos, passando por migrações sazonais, entrando em contato com outros grupos étnicos do continente. Percebe-se que essas interações não modificam as estruturas principais deste grupo, ainda que trocassem mercadorias, favores com alguns e disputassem recursos com outros (Barth, 2011, p.39).

A integração de homens brancos a essa dinâmica, inicialmente, não transforma esses grupos, como se observa na narrativa de Cabeza de Vaca. Quem se transforma, segundo o relato, é o conquistador. Destaca-se, novamente, a necessidade destes sujeitos de sobreviver.

---

[16] Do original: "Y así embarcados a dos tiros y ballesta dentro en la mar, nos dió tal golpe de agua que nos mojó a todos y como íbamos desnudos y el frío que hacía era muy grande soltamos los remos de las manos y a otro golpe que la mar nos dió trastornó la barca, el veedor y otros dos se ahogaron. Como la costa es muy brava el mar de un tumbo hecho a todos los otros envueltos en las olas, y medio ahogados en la cuesta de la misma isla, sin que faltasen más que los tres, que la barca había tomado debajo. Los que quedamos escapados desnudos como nacimos y perdido todo lo que traíamos y aún que todo valía poco, para entonces valía mucho." Tradução nossa.

[17] Do original: "(...) y nosotros tales con poca dificultad nos podían contar los huesos, estábamos hechos propria figura de la muerte". Tradução nossa.

Cabeza de Vaca e seus companheiros passam a aprender essa cultura e utilizá-las a seu favor, seja pela sobrevivência, seja pelo sentimento de dever moral para a conquista através da evangelização.

Quando os indígenas retornaram e encontraram os espanhóis novamente, os levaram para seu povoado. Nesse momento, Cabeza de Vaca e os seus deixam de ser breves hóspedes da ilha e se tornam reféns, já que não tinham mais perspectiva de sair da ilha. Assim, precisaram se tornar úteis no sistema dos Karankawa. Nesse ponto, tornam-se cativos, e, pela necessidade de sobrevivência, passaram a exercer a função de curandeiros (*fisicos*), sendo privados de comer caso não curassem as pessoas.

> "No final nos encontramos em tal necessidade que o fizemos sem temer que alguém nos castigasse por isso [...] Deus Nosso Senhor e sua misericórdia quiseram que todos aqueles por quem oramos depois de fazermos o sinal da cruz dissessem aos outros que estavam saudáveis e bem e por isso nos trataram bem, e renunciaram à comida para nos dar, e nos deram couro e outras coisinhas." [18] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 42)

De novembro de 1528 a abril do ano seguinte, Cabeza de Vaca e o grupo sobrevivente viveram entre os Karankawa, trabalhando como curandeiros, entretanto, chegou um período em que a mortalidade dos Karankawa aumentou, juntamente com a dos espanhóis. Os indígenas acreditavam que as mortes eram devido à chegada dos espanhóis, levando os sobreviventes a trabalhar colhendo raízes e indo atrás de alimento. Novamente, Cabeza de Vaca explicitava os maus tratos e as condições de vida precárias entre os Karankawa. Sobreviveram, até aquele momento, quinze espanhóis dos oitenta que chegaram inicialmente à ilha. Catorze deles tentaram escapar da Ilha e dez acabaram morrendo, sobrevivendo apenas Lope de Oviedo e os futuros companheiros de Cabeza de Vaca: Alfonso de Castillo, Andrés Dorantes e o negro Estebanico.

Através do cativeiro, Cabeza de Vaca aprendeu os ritos de cura do grupo, já que seu primeiro ofício como cativo foi o de curandeiro. Nesse momento, passou a utilizar orações cristãs em conjunto com as técnicas de cura dos *Karankawa*. Depois de curandeiro, passou por um breve período como trabalhador braçal e, depois, se tornou mercador, momento em que teve maior liberdade, apesar de ainda estar em cativeiro.

> "E por esta razão não tentei ir para os outros, e com eles as coisas foram melhores para mim, e porque me tornei um comerciante, tentei usar o

[18] Do original: "Por en fin nos vimos en tanta necesidad que lo hicimos sin temer que nadie nos llevase por ello una pena [...]Quiso Dios nuestro señor y su misericordia que todos aquellos por quién suplicamos luego que los santiguamos decían a los otros que estaban sanos y buenos y por este respecto nos hacían buen tratamiento, y dejaban ellos de comer por darnos a nosotros, y nos daban cueros y otras cosillas." Tradução nossa.

> comércio da melhor forma que sabia, e por esta razão eles me deram comida e me trataram bem e me imploraram para ir de um lugar para outro para as coisas que eles precisavam, porque por causa da guerra que eles trazem com eles, a terra não é viajada ou comercializada tanto. E com meu comércio e mercadorias eu trouxe para o interior tanto quanto eu queria, e ao longo da costa eu a estendi por quarenta ou cinquenta léguas. [...] e esse trabalho me serviu bem, porque enquanto o fazia eu tinha a liberdade de ir aonde eu quisesse e não era obrigado a fazer nada, e eu não era um escravo, e onde quer que eu fosse eles me tratavam bem e me davam comida em respeito à minha mercadoria e o mais importante porque enquanto o fazia eu procurava para onde iria em seguida, e eu era bem conhecido entre eles, eles ficavam muito felizes quando me viam e eles traziam o que precisavam e aqueles que não me conheciam me procuravam e queriam me ver por causa da minha fama."[19] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 44)

Cabeza de Vaca passou seis anos como mercador desejando sair da ilha, mas estava aguardando Lope de Oviedo, que não sabia nadar e eles teriam que passar por muitos trechos em água para escapar. Durante esse tempo, descobriu que alguns daqueles espanhóis que fugiram estavam capturados pelos Mareames e Yguases, grupos étnicos do sul do Texas, que transitavam entre o continente e as ilhas. Estes eram Andrés Dorantes, Alfonso de Castillo e Estebanico. Oviedo decidiu, então, permanecer entre os indígenas, abandonando seus companheiros espanhóis, devido à sua falta de esperança de retornar, por conta das dificuldades de atravessar, já que não sabia nadar.

Para poder se reunir e escapar da condição de cativos, Cabeza de Vaca abriu mão de sua liberdade como mercador e se tornou cativo dos Mareames e teve de trabalhar como tinha feito para os Karankawa, escravizado. Seu plano era conseguir se reunir com seus companheiros no momento em que todos fossem buscar comida pelo continente (no atual Texas), na época das tunas, que era uma atividade compartilhada por todos os grupos encontrados por Cabeza de Vaca na Ilha de Malhado.

Após um ano, os espanhóis conseguem escapar dos Mareames com a ajuda dos Auauares, grupo étnico da mesma língua dos Mareames, que viviam no continente. Os Auauares precisavam de curandeiros e, como Cabeza de Vaca e seus companheiros já tinham

[19] Do original: "Y por esto no me puse en obra de pasarme a los otros, y con ellos me sucedió algo mejor, y porque yo me hice mercader procuré usar el ofício lo mejor que supe, y por esto ellos me daban de comer y me hacían buen tratamiento y rogaban me que me fuese de unas partes a otras por cosas que ellos habían menester, porque por razón de la guerra que consigo traen, la tierra no se anda ni se contrata tanto. E ia con mis tratos y mercaderías entraba la tierra adentro todo lo que quería, y por luengo de costa me alargaba cuarenta o cincuenta leguas. [...] y este oficio me estaba a mi bien, porque andando en él tenía libertad para me ir donde quería y no era obligado a cosa alguna, y no era esclavo, y donde que iba me hacían buen tratamiento y me daban de comer por respecto de mis mercaderías y lo más principal porque andando en ello yo buscaba por donde me había de ir adelante, y entre ellos era muy conocido, holgaba mucho cuando me vian y les traían lo que habían menester y los que no me conocían me procuraban y deseaban ver por mi fama." Tradução nossa.

experienciado as práticas de cura e começaram a contribuir com os xamãs do povoado. A partir daquele momento, passaram a ser conhecidos como curandeiros.

No fim, sobreviveram apenas Cabeza de Vaca, Andrés Dorantes de Carranza (1500-1550), Alfonso de Castillo Maldonado (morto após 1547) e o negro Estebanico de Azamor (1500-1539). Os quatro conseguiram escapar do cativeiro e, por conta das curas feitas por Cabeza de Vaca no período, foram reconhecidos como curandeiros e passaram a peregrinar na região do sul do Texas e do norte do México com essa função específica.

> Na manhã seguinte, muitos índios chegaram lá, e trouxeram cinco doentes que estavam aleijados e muito doentes, e eles vieram em busca de Castillo para curá-los e cada um dos doentes ofereceu seu arco e flechas e ele os recebeu e ao pôr do sol ele os cruzou e os encomendou a Deus Nosso Senhor e todos nós imploramos da melhor maneira que podíamos para enviar-lhes saúde porque era a maneira que não havia outro remédio para aquelas pessoas nos ajudarem e nos tirarem de uma vida tão miserável. E ele fez isso tão misericordiosamente que, quando amanheceu, todos acordaram bem e saudáveis, e partiram tão fortes como se nunca tivessem tido nenhuma doença. Isso causou muita admiração entre eles e nos levou a dar muitas graças ao nosso senhor, que reconhece mais plenamente sua bondade, e a ter firme esperança de que ele nos libertaria e nos levaria a um lugar onde pudéssemos servi-lo.[20] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 59)

Nesta atividade, Cabeza de Vaca e seus companheiros viveram em liberdade, passando por diversos povoados da região do Texas e do norte do México. Os grupos indígenas começaram a segui-los pelo caminho percorrido, tornando Cabeza de Vaca e seus três companheiros autoridades. Cabeza de Vaca relatou que foram bem recebidos pelos indígenas, recebiam presentes e alimentos, devido a importância da posição dos curandeiros, repassada aos novos povoados por aqueles que os seguiam.

Em seu tempo como curandeiro, Cabeza de Vaca narrou como operou uma série de curas, que podem ser consideradas milagres, já que, apenas com sua benção, ele relatava que curava de forma maestral os feridos. Cabeza de Vaca retrata, dentre essas situações, uma ressurreição feita por ele através de suas bênçãos. Assim, ele poderia sua efetividade como curandeiro e como conseguiu o respeito dos indígenas:

---

[20] Do original: tro día de mañana vinieron allí muchos indios, y traían cinco enfermos que estaban tullidos y muy malos, y venían en busca de Castillo que los curase y cada uno de los enfermos ofreció su arco y flechas y él los recibió y a puesta del sol los santiguó y encomendó a Dios nuestro señor y todos le suplicamos con la mejor manera qué podíamos les enviase salud pues es el vía que no había otro remedio para que aquella gente nos ayudase y saliéramos de tán miserable vida. Y ello lo hizo tán misericordiosamente que venida la mañana todos amanecieron tán buenos y sanos, y se fueron tán recios como si nunca hubieran tenido mal alguno. Esto causó entre ellos mucha admiración, y a nosotros despertó que diésemos muchas gracias a nuestro señor a qué más enteramente conocemos su bondad, y tuviésemos firme esperanza que nos había de nos livrar y traer donde le pudiésemos servir. Tradução nossa

> “E como em toda a terra ninguém falava de nada, exceto dos mistérios que Deus, nosso Senhor, fez conosco, eles vieram de muitos lugares para nos procurar, para que os curássemos. [...] Os índios me disseram que eu deveria ir curá-los, porque me amavam e se lembravam de que eu os havia curado de suas nozes, e por isso nos deram nozes e couros, e isso aconteceu quando eu vim para me juntar aos cristãos, e assim eu estava com eles, e Dorantes e Estebanico foram comigo. E quando cheguei perto das fazendas que eles tinham, vi que o doente que íamos curar estava morto, porque havia muita gente chorando ao redor [...] e como pude, roguei a Nosso Senhor que se dignasse dar saúde a ele, e a todos os outros que estivessem necessitados. E depois de me benzer e soprar em mim mesmo muitas vezes, eles me trouxeram seu arco e me deram, e uma cesta de peras espinhosas moídas, e me levaram para curar muitos outros que estavam doentes de sonolência, e me deram outras duas cestas de peras espinhosas, que dei aos nossos índios que tinham vindo conosco. Feito isso, voltamos para nosso quarto, e nossos índios, a quem dei as peras espinhosas, ficaram lá, e à noite eles voltaram para suas casas, e disseram que aquele que estava morto e a quem eu havia curado em preferência a eles havia se levantado bem e tinha andado e comido e conversado com eles, e que todos aqueles que eu havia curado estavam saudáveis e muito felizes. Isso causou muita admiração e medo, e em toda a terra ninguém falava de outra coisa. [...] Eles nos imploraram para nos lembrarmos deles e rezarmos a Deus para que eles estivessem sempre bem, e nós lhes prometemos (...)”[21] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 60)

O aspecto messiânico de suas curas, remete a episódios Bíblicos, situações como as ressurreições em diversas passagens, tanto no Antigo Testamento, por profetas como Elias e Eliseu[22], quanto no Novo Testamento, por apóstolos como Pedro e Paulo e até mesmo Jesus Cristo. Essa aproximação com figuras sagradas para o catolicismo faz com que Cabeza de Vaca tenha esse apelo beatificador, que o coloca numa posição de evangelizador dos indígenas que antes eram seus cativos. O início e o final do trecho também mostraram que como seus

[21] Do original: “Y como por toda la tierra no se hablase sino en los misterios que Dios nuestro señor con nosotros obraba venían de muchas partes a buscarnos para que los curasemos. [...] Los indios me dijeron que yo fuese a curarlos, porque ellos me querían bien e se acordaban que les había curado en las nueces, y por aquello nos habían dado nueces y cueros, y esto había pasado cuando yo vine a juntarme con los cristianos, y así hube con ellos, y fueron conmigo Dorantes y Estebanico. Y cuando llegué cerca de los ranchos que ellos tenían yo vi el enfermo que íbamos a curar que estaba muerto porque había mucha gente al derredor llorando [...] y lo mejor que pude supliqué a nuestro señor fuese servido de dar salud aquél, y a todos los otros que tenían necesidad. Y después de santiguado y soplado muchas veces me trajeron su arco y lo me dieron, y una sera de tunas molidas y llevaron me a curar otros muchos que estaban malos de modorra y me dieron otras dos seras de tunas, las quales di a nuestros indios que con nosotros habían venido, y hecho esto nos volvimos a nuestro aposento y nuestros indios a quien di las tunas se quedaron allá, y a la noche se volvieron a sus casas, y dijeron que aquél que estaba muerto y yo había curado en preferencia dellos se había levantado bueno y se había paseado y comido y hablado con ellos, y qué todos quantos había curado quedaban sanos y muy alegres. Esto causó mucha admiración y espanto y en toda la tierra no se hablaba de otra cosa. [...] Rogaron nos que nos acordaremos de ellos y rogasemos a Dios que siempre estuviesen buenos, y nosotros se lo prometimos (...)” Tradução nossa.

[22] Passagens que constam ressurreição na Bíblia: 1 Reis 17:17-24; 2 Reis 4:18-37; 2 Reis 13:20-21; Mateus 9:18-26, Marcos 5:21-43, Lucas 8:40-56; Lucas 7:11-17; João 11:1-44; Atos 9:36-42; Atos 20:7-12.

esforços como evangelizador já eram operantes: o autor escreve que os indígenas clamavam pelos mistérios de Deus e que estes eram ouvidos por toda parte. Outra passagem que expressa essa força religiosa narrativa de Cabeza de Vaca é o episódio da *Mala Cosa*, considerado uma entidade maligna que aterrorizava os povoados da região:

> "[...] Estes [avavares] e os de antes [mariames] nos contaram uma coisa muito estranha, e pela história que nos contaram parecia que tinha acontecido há quinze ou dezesseis anos, que diziam que por aquela terra andava um homem, a quem chamam Mala Cosa, e que era pequeno de corpo, e que tinha barba, embora nunca pudessem ver claramente seu rosto, e que quando chegava à casa onde estavam, seus cabelos se arrepiavam e eles tremiam, e então parecia uma brasa acesa na porta da casa. E então aquele homem entrava e pegava quem ele quisesse, e dava três grandes facadas nas laterais com uma pederneira muito afiada, tão larga quanto uma mão e duas palmas de comprimento, e ele colocava sua mão nessas facadas e arrancava suas entranhas; e ele cortou uma tripa de cerca de um palmo de comprimento, e o que ele cortou ele jogou nas brasas; e então ele o esfaqueava três vezes no braço, a segunda vez causando sangramento e desconcertando-o, e depois de um tempo ele o endireitava novamente e colocava as mãos sobre as feridas, e eles nos disseram que logo seriam curados, e que muitas vezes quando dançavam ele aparecia entre eles, às vezes em roupas de mulher, e outras vezes como um homem; E quando ele queria, ele pegava a coruja ou a casa e a levantava bem alto, e depois de um tempo ele caía com ela e batia com muita força. Eles também nos disseram que o alimentaram muitas vezes e que ele nunca mais comeu; e perguntaram-lhe de onde ele vinha e onde ficava sua casa, e ele lhes mostrou uma fenda na terra e disse que sua casa ficava lá embaixo. Ríamos muito dessas coisas que nos contavam, fazendo troça delas; E quando viram que não acreditávamos, trouxeram muitos daqueles que diziam que ele havia levado, e vimos as marcas das facadas que ele havia dado nos lugares, da maneira que eles contaram. Dissemos-lhes que ele era um homem mau e, da melhor maneira que pudemos, fizemos-lhes entender que se acreditassem em Deus nosso Senhor e fossem cristãos como nós, não teriam medo dele, nem ele ousaria vir e fazer-lhes aquelas coisas; e que eles deveriam ter certeza de que enquanto estivéssemos na Terra ele não ousaria aparecer lá."[23] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 62)

[23] Do original "[...] Estos [avavares] y los de más [mariames] atrás nos contaron una cosa muy extraña, y por la cuenta que nos figuraron parecía que había quince o diez y seis años que había acontecido, que decían que por aquella tierra anduvo un hombre, que ellos llaman Mala Cosa, y que era pequeño de cuerpo, y que tenía barbas, aunque nunca claramente le pudieron ver el rostro, y que cuando venía a la casa donde estaban se les levantaban los cabellos y temblaban, y luego parecía a la puerta de la casa un tizón ardiendo. Y luego, aquel hombre entraba y tomaba al que quería de ellos, y dábales tres cuchilladas grandes por las ijadas con un pedernal muy agudo, tan ancho como una mano y dos palmos en luengo, y metía la mano por aquellas cuchilladas y sacábales las tripas; y que cortaba de una tripa poco más o menos de un palmo, y aquello que cortaba echaba en las brasas; y luego le daba tres cuchilladas en un brazo, y la segunda daba por la sangradura y desconcertábaselo, y dende a poco se lo tornaba a concertar y poníale las manos sobre las heridas, y decíannos que luego quedaban sanos, y que muchas veces cuando bailaban aparecía entre ellos, en hábito de mujer unas veces, y otras como hombre; y cuando él quería, tomaba el buhío o casa y subíala en alto, y dende a poco caía con ella y daba muy gran golpe. También nos contaron que muchas veces le dieron de comer y que nunca jamás comió; y que le preguntaban dónde venía y a qué parte tenía su casa, y que les mostró una hendidura de la tierra, y dijo que su casa era allá debajo. De estas cosas que ellos nos decían, nosotros nos reíamos mucho, burlando de ellas; y como ellos vieron que no lo creíamos, trajeron muchos de

O que se entende, a partir dos estudos que se debruçam à narrativa de Cabeza de Vaca é que a *Mala Cosa* seria um artifício ficcional para reafirmar a evangelização realizada pelo autor-personagem, na qual ele reforça a efetividade de seus milagres, além de mostrar a separação entre a crença dos espanhóis com a dos indígenas. Carlos Jauregui (2014) resume a discussão bibliográfica:

> "Muitos críticos apontam a natureza ficcional ou novelística e até mesmo "fantástica" do episódio de Mala Cosa (Pastor 238, 329, 239; Glantz 425; Lagmanovich 45; Maura 60, 233; Carreño 510; Goodwin 166), enquanto outros o relacionam com "representações do diabo coletadas em numerosas crônicas das Indias" e com tradições narrativas hagiográficas (Pupo-Walker, "Anthropological Relevance" 772). Ahern interpreta o episódio como um artifício de verossimilhança cujo propósito é dar credibilidade ao relato dos cristãos sobre maravilhas e milagres, o que é particularmente importante depois de terem narrado uma possível ressurreição (219, 220). Da mesma forma, para Pastor, a história de Mala Cosa complementaria a narração de episódios milagrosos protagonizados pelos espanhóis com a "intercalação de histórias, lendas ou episódios de natureza claramente ficcional ou fantástica" (238, 329). Mala Cosa também foi vista como uma figura maligna que organiza na Relação a economia simbólica do bem e do mal, do cristão e do pagão, do europeu e do indígena (Barrera 37; Spitta 326; Adorno, De Guancane 0, 62–64, 67; Martínez-San Miguel 89)." [24] (Jáuregui, 2014, p. 424)

Enquanto curandeiros, o relato nos mostra que o grupo de espanhóis passou a receber presentes em troca das curas performadas por eles. Dessa forma, sua sobrevivência se deu através dos mantimentos recebidos, além de Cabeza de Vaca passar a praticar a evangelização dos grupos indígenas por onde passou. Por outro lado, os indígenas também receberam algo

---

aquéllos que decían que él había tomado, y vimos las señales de las cuchilladas que él había dado en los lugares en la manera que ellos contaban. Nosotros les dijimos que aquél era un malo, y de la mejor manera que pudimos les dábamos a entender que si ellos creyesen en Dios nuestro Señor y fuesen cristianos como nosotros, no tendrían miedo de aquel, ni él osaría venir a hacerles aquellas cosas; y que tuviesen por cierto que en tanto que nosotros en la tierra estuviésemos él no osaría parecer en ella." Tradução nossa.

[24] Do original: Numerosos críticos señalan el carácter ficticio o novelesco e incluso "fantástico" del episodio de Mala Cosa (Pastor 238, 329, 239; Glantz 425; Lagmanovich 45; Maura 60, 233; Carreño 510; Goodwin 166), mientras que otros lo relacionan con "representaciones del diablo recogidas en numerosas crónicas de indias" y con tradiciones narrativas hagiográficas (Pupo-Walker, "Relevancia antropológica" 772). Ahern interpreta el episodio como un dispositivo de verosimilitud cuyo sentido es ofrecer credibilidad al relato de maravillas y milagros de los cristianos, lo cual es particularmente importante después de haber narrado una posible resurrección (219, 220). De manera similar, para Pastor la historia de Mala Cosa complementaría la narración de episodios milagrosos protagonizados por los españoles con la "intercalación de relatos, leyendas o episodios de carácter claramente ficcional o fantástico" (238, 329). Mala Cosa ha sido visto además como una figura maligna que organiza en la Relación la economía simbólica de lo bueno y lo malo, lo cristiano y lo pagano, y lo europeo y lo indígena (Barrera 37; Spitta 326; Adorno, De Guancane 0, 62–64, 67; Martínez-San Miguel 89)." Tradução nossa.

em troca: além da referência de curandeiros, grandes grupos indígenas de diversas etnias passaram a acompanhar Cabeza de Vaca e seus companheiros por seu caminho, saqueando os povoados que visitavam com o pretexto de que se não lhes entregassem seus bens, os *hijos del sol*[25] iriam ficar insatisfeitos e as pessoas iriam morrer:

> "(...) os ladrões, para consolá-los, diziam-lhes que éramos filhos do sol, e que tínhamos o poder de curar os doentes e de matá-los, e outras mentiras ainda maiores do que essas. Como eles sabem melhor como fazer as coisas quando sentem que lhes convém, disseram-lhes para nos tratarem com grande respeito e para terem cuidado para não nos irritar de forma alguma, e para nos darem tudo o que tinham e tentarem nos levar onde houvesse muitas pessoas, e que onde quer que fôssemos eles deveriam roubar e saquear o que os outros tinham, porque esse era o costume."[26] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 73)

Cabeza de Vaca percorreu a região das atuais Flórida, Texas e norte do México durante nove anos, e tornou-se cativo de diferentes grupos étnicos indígenas após o naufrágio. Atuou como mercador e, por fim, como um curandeiro, juntamente com Alfonso de Castillo. Devido às contingências, Cabeza de Vaca teve contato com diferentes grupos indígenas e conviveu com diferentes condições climáticas nas variadas regiões, algo que se tornou proveitoso para a *relación* escrita em 1542, momento do retorno de Cabeza de Vaca para a Espanha.

De certo modo, compreende-se que a expedição de Panfilo Narváez fracassou, tendo em vista que o objetivo principal não foi alcançado: a conquista da Flórida. A leitura de *Naufragios de Alvar Núñez Cabeza de Vaca*, no entanto, explicita o oposto: Cabeza de Vaca transformou a narrativa da expedição fracassada em uma narrativa positiva para o seu próprio personagem, um texto de paixão (Kienning, 2014, p. 100).

Saindo da Espanha, os membros da expedição de Nárvaez acreditavam que poderiam encontrar na Flórida uma nova cidade do ouro (Sánchez, 1992), seguindo os passos de seus antecessores Cortés e Pizarro. Nessas experiências, a narrativa era de que o conquistador não passava por uma experiência de mudanças. O conquistador já era um ser pronto, com as lições aprendidas[27], distanciando-se da narrativa construída por Cabeza de Vaca.

Ao passo que a figura original do conquistador trazia uma ideia belicosa e agressiva, a tentativa de omitir os conflitos e as mortes é nítida em *Naufrágios*, sendo citados de forma

---

[25] Forma como os indígenas denominavam Cabeza de Vaca e seus companheiros.

[26] Do original: (...) los robadores para consolar les decían que éramos hijos del sol, y que teníamos poder para sanar los enfermos y para matarlos, y otras mentiras aún mayores que estas. Como ellos las saben mejor hacer cuando sienten que les conviene y dijeron les que nos llevasen con mucho acatamiento y tuviesen cuidado de no enojarnos en ninguna cosa, y que nos diesen todo cuanto tenían y procurasen de llevarnos donde había mucha gente, y que donde llegásemos robasen ellos y saquease lo que los otros tenían, porque así era costumbre. Tradução nossa.

[27] Idem. p. 248.

evasiva. Além disso, apenas os ataques iniciados por indígenas ou as táticas de guerra destes grupos eram explicitados na obra. Desta forma, Cabeza de Vaca foi colocado em sua própria narrativa como um herói diferente, um sobrevivente em meio hostil que compreendia os meios divinos e buscava a pregação:

> "[...]o que mobiliza a viagem do espanhol e sua história, e também que tal preeminência é conscientemente buscada pela maioria dos cronistas; Mas há também algo mais aqui: uma lição de vida, um ensinamento religioso, um despertar do sujeito como figura, nome e assinatura."[28] (El Jeber, 2012, p. 59)

Quando Cabeza de Vaca saiu da figura do cativo, ele manteve a sua posição inicial imposta pelo cativeiro, mas de maneira livre ao retomar seu ofício de curandeiro. Contudo, naquele momento, se tornou uma autoridade entre os indígenas, que o colocaram na figura de "hijo del sol" e presentearam a ele e aos seus 3 companheiros sobreviventes, que também se tornaram autoridades.

> "Todas essas pessoas vinham até nós para que pudéssemos tocá-las e fazer o sinal da cruz, e eram tão importunas nisso que suportávamos com grande dificuldade porque, doentes ou saudáveis, todas queriam ser obrigadas a fazer o sinal da cruz. Muitas vezes acontecia de algumas das mulheres que iam conosco darem à luz e, depois de nascer, elas nos traziam a criança para que pudéssemos cruzá-la e tocá-la. Eles sempre nos acompanhavam até que fôssemos entregues a outros. E entre todas essas pessoas era considerado muito certo que viemos do céu. Enquanto estávamos com eles, andamos o dia todo sem comer até o anoitecer, e comemos tão pouco que eles ficaram chocados ao nos ver. Nunca nos sentíamos cansados, e a verdade é que estávamos tão acostumados ao trabalho que também não sentíamos. Tínhamos muita autoridade e seriedade com eles e, para manter isso, raramente falávamos com eles."[29] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 81)

Mesmo mudando da condição de cativo para uma posição de autoridade entre os grupos indígenas, Cabeza de Vaca seguiu chamando sua experiência em liberdade de cativeiro, torcendo para que um dia pudesse encontrar algum grupo de espanhóis que o

[28] Do original: [...]lo que moviliza el viaje del español y su relato, y también que dicha preeminencia es conscientemente buscada por la mayoría de los cronistas; pero aquí hay también otra cosa: una lección de vida, una enseñanza religiosa, un despertar del sujeto como figura, nombre y firma." Tradução nossa.

[29] Do original: "Toda esta gente venían a nosotros para que los tocasemos y santiguasemos, y eran en esto tan importunos que con gran trabajo lo sufrimos porque dolientes y sanos todos querían ir santiguados. Acontecía muchas veces que de las mujeres que con nosotros iban parian algunas y luego en naciendo nos traían la criatura a la que la santiguasemos y tocasemos. Acompañaban siempre hasta dejarnos entregados a otros. Y entre todas estas gentes se tenía por muy cierto que veníamos del cielo. Entre tanto que con estos anduvimos caminamos todo el día sin comer hasta la noche y comíamos tan poco que ellos se espantaban de verlo. Nunca sentimos cansancio, y la verdad nosotros estábamos tan hechos al trabajo que tampoco lo sentíamos. Teníamos con ellos mucha autoridad y gravedad, y para conservar esto les hablábamos pocas veces." Tradução nossa.

permitisse retornar para casa. Quando chegam no *Pueblo de los Corazones*[30], no norte do México,encontram os primeiros vestígios de espanhóis: um homem golpeado com uma espada no pescoço. A marca da lâmina foi reconhecida por Castillo e, neste ponto, começava de fato o processo de reencontro com os espanhóis.

> "Nessa época, Castillo viu no pescoço de um índio uma pequena marca de cinto de espada, e um prego de ferradura costurado nele. Ele pegou e perguntou o que era, e eles disseram que tinha vindo do céu. Perguntamos quem o havia trazido de lá, e eles responderam que alguns homens com barbas como nós tinham vindo do céu e chegado àquele rio, e que tinham cavalos, lanças e espadas, e que tinham trespassado dois deles." [31] (Cabeza de Vaca, 1555 p. 83)

Os quatro sobreviventes da expedição de Narváez se encontraram com a expedição de Melchior Díaz (morto em 1541), que explorava o norte do México. Quando se encontraram com Díaz, estão nus, com os corpos extremamente modificados devido às condições de vida dos nove anos de cativeiro, e seguidos por um grupo de cerca de seiscentos indígenas de diversas etnias, eram irreconhecíveis como espanhóis pelos seus iguais; o que se deu através do emprego de gestos e pela fala.

A dicotomia entre Cabeza de Vaca e Díaz também é apresentada nesse momento da narrativa Enquanto Díaz destruía os povoados e escravizavam os indígenas do norte do México, Cabeza de Vaca seguia mantendo uma postura evangelizadora através da mimetização dos rituais de cura e introduzindo os conceitos básicos do cristinanismo. Isso foi demonstrado quando a expedição de Díaz quis escravizar os indígenas que seguiam Cabeza de Vaca, enquanto o narrador-personagem queria impedir que isso acontecesse.

Ramón Sánchez, analisando essa passagem, aponta que, apesar de parecer uma defesa aos indígenas, não era essa a intenção de Cabeza de Vaca. Sua intenção perpassava a questão de autoridade, ele buscava se mostrar como um bom vassalo do rei da Espanha, relatando seus serviços em sua experiência na América. Entretanto, alguns sujeitos parecem cair na sedução de seu relato. De acordo com o Sánchez,

> "(...) um leitor pode ser tentado a atribuir ao Cabeza de Vaca o título de 'defensor dos índios' ou que o motivo fosse a vontade de libertar os Nativo

[30] Povoado assim denominado pelos espanhóis por ser o local onde Castillo recebeu mais de seiscentos corações de veado como presente.

[31] Do original: "En este tiempo Castillo vio al cuello de un indio una huellita de talabarte de espada, y en ella cosido un clavo de herrar, tomó la, y preguntamos qué cosa era aquella, y dijeron que habían venido del cielo. Preguntamos más, que quien la había traído de allá, y respondieron que unos hombres que traían barbas como nosotros, que habían venido del cielo y llegado a aquél río, y que traían caballos y lanzas y espadas, y que habían alanceado dos de ellos." Tradução nossa.

> americanos. Isso são interpretações errôneas do que aconteceu de fato."[32] (Sánchez, 1992, p. 271)

A autoridade real no relato de Cabeza de Vaca é de extrema relevância, tendo em vista que ela estava diretamente ligada a redenção do espanhol, que buscava provar que sua essência de europeu não se alterou, mesmo com o passar dos anos e a convivência com povos indígenas. A experiência, contudo, mostrava que figuras como Cabeza de Vaca eram distintas do conquistador original, demonstrando ao monarca que a imagem do asceta também poderia ser válida e útil para a conquista.

Quando Cabeza de Vaca retornou ao mundo espanhol, ainda na América, foi convocado para se manter na região do México e Sul dos Estados Unidos com a finalidade de seguir evangelizando e batizando os indígenas da região, contribuindo para a conquista e servindo ao monarca. Contudo, o espanhol incentivou a construção de Igrejas e o batismo de indígenas antes de retornar a Espanha, e os orientou a serem obedientes e receptivos em relação aos espanhóis.

Ao retornar ao mundo espanhol, Cabeza de Vaca se mostrou transformado pelos nove anos longe da *civilização*, andava nu e dormia no chão, hábito que se manteve nas primeiras noites após sua chegada (Cabeza de Vaca, 1555, p. 92), o que evidencia que o período na América teve grande impacto em seu comportamento. Cabeza de Vaca fez questão de mostrar que, apesar da grande lição de vida aprendida na América, sua essência de cristão não mudou, mas sim, sofreu uma transformação, já que agora tinha um discurso evangelizador para transmitir.

O uso constante de elementos do cristianismo em sua narrativa, bem como a conversão dos indígenas curados, são importantes para demonstrar tanto que a expedição de Narváez não foi em vão, como também para enfatizar que, apesar da vivência ter sido transformadora para Cabeza de Vaca, ele manteve sua visão de mundo de espanhol. (Sánchez, 1992). Cabe ressaltar que a necessidade de sobrevivência tornou-se maior e mais importante do que a necessidade de não se transformar naquele contexto. Cabeza de Vaca abriu mão de características de sua origem espanhola, tal como suas roupas, para poder sobreviver ao meio em que esteve. Seu corpo se transformou, se desfigurou pelas situações vivenciadas, tornou-se

[32] Do original: "a reader may be tempted to attribute to Cabeza de Vaca the title of 'defender of the indians' or the motive of wanting to liberate the Native Americans. These are misreadings of what actually happened.[...] It focused on Spanish authority: who was serving the monarch, who was being the good vassal." Tradução nossa.

irreconhecível. Suas novas características demonstram um elo entre o Novo Mundo e o Velho Mundo, entre a civilização e a barbárie. Desta forma,

> "O que conta é a crua sobrevivência diante dos perigos que espreitam por toda parte: aqui a umidade e o frio, lá um fogo, soprado a fim de escapar da friagem, mas que provoca outros ferimentos (Cabeza de Vaca chamusca os cabelos). Um ponto terrivelmente drástico: nu como os índios ("en cueros como ellos"), reduzidos a elementares criaturas, "tão magros que teria sido possível contar nossos ossos sem dificuldade, nós parecíamos a imagem da própria morte". Os nobres representantes da Coroa espanhola tornaram-se agora seres próximos do animalesco, entregue aos índios, deformados através do efeito do sol e do carregamento das cargas. Eles mudam "a pele duas vezes por ano como cobras" - uma expressão simbólica do distanciamento do normal e da instabilidade da nova forma de existência." (Kienning, 2014, p. 109)

Transformado fisicamente, o espanhol também se transformou de forma subjetiva. A nudez foi o ponto de partida para a transformação de Cabeza de Vaca, sua lição de vida, além de ter sido o pontapé inicial da integração de aspectos culturais dos indígenas, algo de fato crucial para a sobrevivência do autor de *Naufragios*. Essa mistura entre as orações católicas com as práticas de cura indígenas aplicadas na narrativa pelo personagem-narrador Cabeza de Vaca é justificada pelo conceito de alteridade de Christian Kienning (2014), a *mimesis*, algo de extrema importância também para a ascensão de Cabeza de Vaca como uma figura de autoridade após seus anos de cativeiro. Para o autor, "A autoglorificação de Cabeza de Vaca é sutil: ela utiliza as culturas indígenas como espelho do sucesso espanhol, de um sucesso que não apenas tem a ver meramente com a sobrevivência, mas com a recuperação da soberania (Kienning, 2014, p. 109)."

Cabeza de Vaca utilizou da *mimesis* para infiltrar o cristianismo nos povos nativos, admitindo elementos da cultura comum, tais como o ritual de cura, o uso das *calabazas*, e o uso de associações entre o deus pagão e o cristão. Quando curava, fazia a mímica do ritual aprendido com os indígenas, mas a reza do Pai Nosso e da Ave Maria juntamente com uma bênção ou uma oração própria a Deus mantinha sua legitimidade como curandeiro, afirmando que as curas feitas por ele sempre surtiam efeito, um milagre do Deus cristão.

> "A maneira como os curávamos era fazendo o sinal da cruz, soprando sobre eles, rezando um Pai Nosso e uma Ave Maria e rezando o melhor que podíamos a Deus Nosso Senhor para que lhes desse saúde e os inspirasse a nos tratar bem.osso Senhor Deus e sua misericórdia quiseram que todos aqueles por quem rezássemos, depois de fazermos o sinal da cruz, dissessem

> aos outros que estavam saudáveis e bem e por isso nos tratavam bem" [33]. (Cabeza de Vaca, 1555, p. 42)

Cabeza de Vaca apresentou em seu texto diversos casos bem sucedidos de cura feitos por ele e Castillo. Tornaram-se, assim, curandeiros nômades e carregavam instrumentos que revelavam seu ofício e seu lugar de autoridade por onde passassem, ocupando um lugar quase divino como filhos do sol. Infiltrados na cultura indígena, difundiram o cristianismo, ainda que com limitações, já que não eram clérigos. Essas transformações são parte da mudança de vida que Cabeza de Vaca quis demonstrar, como o martírio que teve de passar para poder sair como um novo herói. Percebe-se em sua narrativa uma autopromoção velada, mostrando o sofrimento como uma forma de superação, algo que o diferenciava entre os demais que vieram à América, aproximando-se do divino num meio que parecia impossível se manter firme em suas convicções.

A narrativa presente em *Naufrágios*, aponta que, apesar da necessidade de se aglutinar com alguns aspectos das culturas com que teve contato para a sua sobrevivência, algo que se torna proveitoso no que se diz respeito à conversão de novos fiéis à Igreja, marcando, novamente, que sua essência de cristão não se perdeu, buscando provar às autoridades reais que seu tempo na América não foi em vão ao criar uma narrativa heróica, cristianizadora e civilizatória dentro dos padrões europeus, pregando, ao invés da conquista bélica, uma conquista pacificadora.

Em sua autopromoção, Cabeza de Vaca retirou a mitificação original da narrativa da conquista, inserindo uma nova interpretação que demarcava uma dicotomia entre o herói sanguinário original e o herói asceta, o qual se posicionava de maneira mais razoável tendo em vista sua convivência com os indígenas. O cativo é a antítese do herói épico, aquele colocado como a imagem original do conquistador (Calixto, 2001).

O distanciamento é visto em prática no próprio discurso presente em *Naufrágios*, não sendo apenas uma forma de se posicionar na narrativa. Explicita a diferenciação na fala do indígena, que, quando apresentados aos outros espanhóis por intermédio de Cabeza de Vaca, afirmando que eles eram todos iguais, os indígenas contestavam: "Porque nós viemos de onde

[33] Do original: "La manera con que nosotros curamos era santiguándolos, y soplandolos, y rezar un Pater Noster y un Ave María y rogar lo mejor que podíamos a Díos nuestro señor que les diese salud y espirase en ellos que nos hiciesen algún buen tratamiento. Quiso Dios nuestro señor y su misericordia que todos aquellos por quién suplicamos luego que los santiguamos decían a los otros que estaban sanos y buenos.". Tradução nossa.

o sol nasce, e eles de onde ele se põe, e curamos os enfermos, e eles matavam os que eram sãos [...]"[34] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 80)

Quando Cabeza de Vaca encontrou outros espanhóis no Texas, apesar da sua gratidão, enfatizou o rastro de destruição deixado pelos conquistadores, que retiraram pessoas de suas casas, os escravizaram e os deixaram amedrontados, enquanto Cabeza de Vaca e seu grupo traziam sempre a paz. Nesse momento, percebe-se de forma clara que Cabeza de Vaca se opõe, novamente, aos conquistadores bélicos, agora, sem a figura de Narváez, mas deixando claro a diferença entre sua ação evangelizadora e a ação destruidora dos outros.

> "[...] Demos muitas graças a Deus Nosso Senhor pelo que ouvimos, porque estávamos cautelosos em saber notícias dos cristãos, e por mar para descobrir mais sobre o futuro, como tínhamos notícias tão certas deles, apressamos nossa viagem, e sempre encontramos mais notícias de cristãos. E nós dissemos a eles que iríamos procurá-los para dizer-lhes para não matá-los, nem tomá-los como escravos, nem tirá-los de suas terras, nem fazer qualquer outro mal a eles, e eles ficaram muito felizes com isso. Percorremos muitas terras e as encontramos todas desabitadas, pois seus habitantes fugiam pelas terras sem ousar ter casas ou lavouras por medo dos cristãos. [...] e também nos contaram como outras vezes os cristãos entraram na terra, destruíram e queimaram as aldeias, levaram metade dos homens e todas as mulheres e crianças, e que aqueles que conseguiram escapar de suas mãos estavam fugindo."[35] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 85)

Além do claro rastro de destruição deixado pelos outros cristãos, Cabeza de Vaca fez questão de dizer que iria até os outros e pediria para que não seguissem com a violência e a escravização daqueles povos, demonstrando novamente seu diferencial enquanto herói, aquele que protege os indígenas, que acredita na viabilidade da conversão dos mesmos ao catolicismo: "Por todas essas terras, aqueles que tiveram guerras com outros mais tarde se tornaram amigos para vir nos receber e nos trazer tudo o que tinham, e dessa forma deixamos toda a terra em paz (...)"[36] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 98)

---

[34] Do original: "porque nosotros veníamos de donde salía el sol, y ellos donde se pone, y que nosotros sanavamos los enfermos, y ellos mataban los que estaban sanos [...]" Tradução nossa.

[35] Do original: [...]Nosotros dimos muchas gracias a Dios nuestro señor por aquello que oímos, porque estábamos desconfiados de saber nuevas de cristianos, y por la mar a descubrir más al fiu como tuvimos tan cierta nueva de ellos dimos más priesa a nuestro camino, y siempre hallamos más nueva de cristianos. Y nosotros les decíamos que les íbamos a buscar para decirles que no los matasen ni tomasen por esclavos ni los sacasen de sus tierras ni les hiciesen otro mal ninguno y desto ellos holgaron mucho. Anduvimos mucha tierra y toda la hallamos despoblada, porque los moradores de ella andaban huyendo por las tierras sin osar tener casas ni labrar por miedo de los cristianos. [...] y aún contaron nos como otras veces habían entrado los cristianos por la tierra, y habían destruído y quemado los pueblos, y llevado la mitad de los hombres y todas las mujeres y muchachos, y que los que de sus manos se habían podido escapar, andaban huyendo

[36] Do original: Por todas estas tierras los que tenían guerras con los otros se hacían luego amigos para venirnos a recibir y traernos todo quanto tenían, y desta manera dejamos toda la tierra en paz (...) tradução nossa

Ruggiero Romano (2015) cita um trecho do poema de Pablo Neruda para destrinchar os elementos da conquista: "*A espada, a cruz e a fome estavam dizimando a família selvagem"*[37] (Neruda apud Romano, 2015, p. 13). Apesar de Romano pensar nas conquistas do México e do Peru quando discute seus mecanismos, é possível aplicá-los para as outras conquistas - ou tentativas de aquisição de territórios nas Américas - caso onde a Flórida se enquadrava. Por certo, também é compreensível que Romano buscou desmistificar a essencialidade desses mecanismos, que não agem sozinhos. Assim, Romano afirma que a cruz e a espada andam juntas e que são o conjunto de desestruturação ideal para que a conquista seja instaurada de fato. Uma depende da outra para que o processo de dominação funcione:

> Da mesma maneira, quanto ao problema das interações, seria necessário insistir nos laços estreitos que se estabelecem inevitavelmente entre a guerra e a evangelização. A primeira muitas vezes encontra sua principal justificação no princípio da difusão da fé. Mas há casos de penetração em que a cruz procede o militar, o conquistador. (Romano, 2015, p. 24)

Na perspectiva do autor, percebe-se que o papel da cruz é feito necessariamente pelo clero, enquanto Cabeza de Vaca seria, teoricamente, a espada. O andaluz quebrou a expectativa de que o conquistador deveria trabalhar exclusivamente através da espada, tendo em vista que as condições vividas na América não o permitiram se manter apenas com o uso da espada por muito tempo, o que não significa dizer que a violência física não tenha ocorrido nesse processo. A cruz, no entanto, teve papel crucial para a desestruturação, tendo em vista que os aspectos da cultura, economia e política estavam intrínsecos a religiosidade e a cosmogonia indígena.

Apesar de a violência bélica não ser muito ressaltada no relato de Cabeza de Vaca, percebe-se de forma clara a transformação do personagem-narrador em um herói asceta. Em seus rituais como curandeiro, Cabeza de Vaca rezava *Pater Noster* e *Ave Maria* e pedia uma bênção para o indivíduo em questão. Apesar de ele e seus companheiros não serem clérigos, em diversos episódios tentaram (e conseguiram, segundo o relato) converter os grupos indígenas.Quando os Auauares, grupo indígena que vivia entre a Ilha de Malhado e o continente, com quem Cabeza de Vaca e seus seguidores viveram oito meses, relataram que um ser assombrava o povoado, algo claramente marcado pela cosmologia daquele grupo, Cabeza de Vaca respondeu:

> Dissemos-lhes que ele era um homem mau, e da melhor maneira que pudemos, fizemos-lhes entender que se acreditassem em Deus nosso Senhor e fossem cristãos como nós, não teriam medo dele, nem viria fazer-lhes essas coisas, e que estivessem certos de que, enquanto estivéssemos na Terra, ele

[37] Do original: l*a espada, la cruz e el hambre iban diezmando la família salvage".* Tradução nossa.

> não apareceria nela. Eles ficaram muito felizes com isso e perderam muito do medo que tinham.[38]. (Cabeza de Vaca, 1555, p. 42)

Em outro trecho de *Naufragios*, percebemos que Cabeza de Vaca afirmava ter convertido vários indígenas ao cristianismo, num ato de evangelização por sinais:

> [...] e nós lhes dissemos por sinais, porque eles nos entenderam, que no céu havia um homem a quem chamávamos Deus, que havia criado o céu e a terra, e que nós o adorávamos e o tínhamos como nosso senhor, e que fazíamos o que ele nos ordenava, e que todas as coisas boas vinham de sua mão e que se eles fizessem isso, eles se sairiam muito bem com isso. E encontramos neles um equipamento tão grande que, se houvesse uma linguagem com a qual todos pudéssemos nos entender perfeitamente, todos permaneceríamos cristãos. Fizemos com que entendessem isso da melhor maneira que pudemos e, a partir de então, quando o sol nasceu com um grito muito alto, eles abriram as mãos juntas para o céu e as trouxeram sobre todo o corpo, e fizeram o mesmo quando o sol se pôs. Eles são pessoas bem-condicionadas e aproveitam qualquer coisa bem equipada para seguir.[39]. (Cabeza de Vaca, 1555, p. 42)

Seguindo na narrativa, quando Cabeza de Vaca se encontrou com os espanhóis e se separou daqueles que o seguiram, ele teria pedido aos indígenas para que construíssem uma casa para Deus, reflexo de sua dimensão evangelizadora:

> [...] e ordenamos que descessem das terras e continuassem em Pa, e que povoassem toda a terra e construíssem suas casas e entre elas fizessem uma para Deus, e colocassem uma cruz na entrada, como a que tínhamos lá, e que quando os cristãos chegassem lá, eles saíssem para recebê-los com as cruzes nas mãos, sem os arcos e sem armas (...) [40] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 75)

A igreja construída e a recepção com as cruzes facilitaria a entrada dos espanhóis, que poderiam estabelecer o vínculo colonial evitando maiores conflitos, acobertados com uma

---

[38] Do original: Nosotros les dijimos que aquél era un malo, y de la mejor manera que podimos les dábamos a entender, que si ellos creyesen en Dios nuestro señor y fuesen cristianos como nosotros, no tenían miedo de aquél, ni el o faria venir a hacerles aquellas cosas, y que tuviesen por cierto que en tanto que nosotros en la tierra estuviésemos él no o faria parecer en ella. De esto se holgaron mucho, y perdieron mucha parte del temor que tenían. Tradução nossa

[39] Do original: [...] y dijimos les por las señas porque nos entendían que en el cielo había un hombre que llamábamos de Dios, el cual había creado el cielo y la tierra, y que este adorabamos nosotros y teníamos por señor, y que hacíamos lo que nos mandaba, y que de su mano venian todas las cosas buenas y que si así ellos lo hiciesen les iria muy bien de ello. Y tan grande aparejo hallamos en ellos que si lengua hubiera con que perfectamente nos entendiéramos todos los dejaríamos cristianos. Esto les dimos a entender lo mejor que podíamos, y de ahí adelante cuando el sol salía con muy gran grita abrían las manos juntas al cielo, y después las traían por todo su cuerpo, y otro tanto hacían cuando se ponía. Es gente bien acondicionada y aprovechaba para seguir cualquier cosa bien aparejada. Tradução nossa.

[40] Do original: [...] y mandamos que bajasen de las tierras y siguiesen en pa, y poblasen toda la tierra y hiciesen sus casas y que entre ellas hiciesen una para Dios, y pusiesen a la entrada una cruz, como la que allí teníamos, y que cuando viniesen allí los cristianos los saliesen a recibir con las cruces en las manos sin los arcos y sin armas (...) . Tradução nossa.

suposta proteção aos indígenas, que deveriam demonstrar obediência diante dos conquistadores. Além disso, seria uma possível aliança proveitosa para os espanhóis, que poderiam seguir viagem para outros locais providos de mantimentos. Podemos perceber que, ao utilizar-se da crus nesse caso, Cabeza de Vaca abria o caminho para a espada.

A omissão da violência belicosa em *Naufragios* contribuiu significativamente para a constituição de uma caracterização pacifista incorporada por Cabeza de Vaca, mas não significa que a conversão ao catolicismo não era uma forma de violência empregada na conquista. Ela contribuiu para conferir legitimidade e continuidade a violência aos indígenas, endossando a conquista através da espada.

Durante a narrativa de *Naufrágios* a fome era um tópico recorrente, sendo algo experienciado pelos espanhóis e pelos indígenas do sul dos atuais Estados Unidos, que conviviam com a escassez de comida grande parte do tempo. Em suas experiências como cativo e curandeiro, especialmente, Cabeza de Vaca relatava sobre a fome e a periodicidade de comida. É necessário considerar que não é o mesmo conceito de fome que Romano aborda em "Os Mecanismos da Conquista Colonial" (2015), tendo em vista que Cabeza de Vaca falava da fome já experienciada pelos povos indígenas pelas condições territoriais, enquanto Romano falava da escassez e dos maus tratos por parte dos espanhóis, que são parte da dominação e da afirmação da superioridade europeia.

Naufragios é, inicialmente, uma *relación*, sendo algo direcionado ao rei, relatando o acontecido durante a expedição rumo à Flórida. Sendo assim, existia a necessidade de que seu relato fosse útil para a Coroa pois a Flórida ainda deveria ser conquistada. Nesse sentido, percebe-se uma grande atenção aos detalhes quando o narrador se referiu aos grupos indígenas e às regiões por onde passou, descrevendo quais lugares poderiam ser ideais para a ocupação, como na ilha em que os *Mareames*, nativos da ilha de Malhado, vão para coletar tuna: "Por toda a terra há pastagens muito grandes e bonitas e pastagens muito boas para o gado e parece-me que seria uma terra muito fértil se fosse cultivada e habitada por pessoas razoáveis."[41] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 55)

Além disso, havia a preocupação em descrever os grupos indígenas, citando nomes, seus costumes, hábitos migracionais e alimentares, suas armas e formas de guerra e, o mais importante: o porte físico e se são "gentes bem dispostas", algo a ser considerado para os conquistadores, tendo em vista a possibilidade de utilizarem a mão de obra indígena para o

[41] Do original: "Por toda la tierra hay muy grandes y hermosas dehesas y de muy buenos pastos para ganados y paréceme que sería tierra muy fructífera si fuese labrada y habitada de gente de razón." Tradução nossa.

trabalho. Durante a visita ao povoado perto do *Mar del Sur*, Cabeza de Vaca sinalizava que "[...] Essas eram as pessoas mais obedientes que encontramos nesta terra e em melhores condições, e geralmente são muito dispostas."[42] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 78)

É perceptível no relato o uso de frases como "gente sin razón"ou "bien dispuestos" ao se tratar dos povos indígenas, implicando a noção europeia em relação aos povos nativos da América. Além disso, era uma forma de explicitar os valores europeus ao reforçar a permanência de sua essência e perpetuar uma dicotomia *civilização x barbárie*. Sobre essa relação estabelecida no século XVI, Jorge Luis Gutiérrez (2014) ressalta:

> Na Espanha houve a preocupação das autoridades para que as conquistas fossem feitas de acordo com a legalidade, por isso as controvérsias foram permitidas e promovidas pela própria Coroa. Assim, deve ser ressaltado que, na Espanha, houve debate, e os conquistadores, quando questionados, tiveram que explicar suas ações ante as autoridades. Desse modo, os que defendiam a conquista teriam que elaborar uma doutrina para justificar o domínio sobre a América com força suficiente para acalmar a consciência da Espanha. Várias tentativas foram feitas a esse respeito, mas a que teve maior sucesso foi aquela que tinha por fundamento o texto aristotélico da Política. Dois silogismos foram criados. O primeiro foi: os bárbaros são naturalmente escravos; os índios são bárbaros; logo, os índios são naturalmente escravos. (Gutiérrez, 2014, p. 224)

A separação entre bárbaro e civilizado tem suas origens em Atenas, baseado no conceito Aristotélico de que a razão e a civilização estariam presentes em uma cidade, local para o desenvolvimento pleno das faculdades humanas. Bárbaro seria todo aquele que não vivesse em uma pólis ou não falasse grego, elementos essenciais para a civilização, são colocados num lugar de subserviência, tendo em vista que a sua humanidade só poderia ser desenvolvida na pólis. Ao conceber esse conceito, justificava-se a escravização de povos não-gregos pelos atenienses, como pode ser observado no livro *A Política,* de Aristóteles (2017):

> "Tendo os bárbaros naturalmente a alma mais servil do que os gregos e os asiáticos, eles suportam mais do que os europeus, sem murmúrios, que sejam governados pelos senhores. É por isso que essas monarquias, embora despóticas, não deixam de ser estáveis e sólidas, fundadas na lei e transmissíveis de pai para filho. Pela mesma razão, sua guarda é real, e não tirânica, pois os reis são protegidos por cidadãos armados, ao passo que os déspotas recorrem a estrangeiros. Aqueles governam de acordo com a lei, súditos de boa vontade; estes, pessoas que só obedecem contrafeitas. Aqueles são protegidos pelos cidadãos; estes, contra os cidadãos. São, portanto, dois tipos diferentes de monarquia. Outra espécie, usual entre os antigos gregos, é a que se chama Aisymnetia ou despotismo eletivo. O poder concedido pelo povo era diferente do dos reis bárbaros, não por ser contra a

[42] Do original: "[...] Esta fue la más obediente gente que hallamos por esta tierra y de mejor condición, y comúnmente son muy dispuestos." Tradução nossa.

> lei, mas unicamente porque não era nem ordinário, nem transmissível." (Aristóteles, 2017)

As noções de que os bárbaros são gente sem razão vem desde que o conceito aristotélico foi cunhado e se perpetuou pelos séculos até a Idade Moderna. Utilizado no contexto da colonização das Américas e da África, foi justifiva para a escravização dos povos indígenas e negros através da inferiorização deas sociedades autóctones e, por outro lado, da glorificação das sociedades cristãs européias, sendo o cristianismo importante fator civilizatório, além da imposição do conceito de raça, criado para reforçar a inferiorização dos não-cristãos (Bahba, 1994)

> O barbarismo atravessou o Atlântico e encontrou solo fértil nas narrativas de viagens. Bárbaros eram os índios de corpos nus, bárbaros eram os canibais na faina de esquartejar corpos e devorar a carne do inimigo. Bárbaros eram os guerreiros e seus embates eternos, seres sem Lei, sem Rei, sem Fé [...] O índio encontrava-se no limbo; como um pagão, era um ser decaído, capaz de ver a luz divina apenas por intermédio da palavra revelada. (Raminelli, 1996, p. 55)

Cabeza de Vaca contribuiu para a perpetuação do estereótipo do selvagem em seu relato, apesar de ser capaz de compreender a diversidade indígena, convivendo e assimilando diversos aspectos culturais e línguas. Apesar disso, não abriu mão de seu discurso europeu, tendo em vista que esses grupos nativos seguiam sendo sem lei, sem rei, sem fé, já que não vivem da forma civilizada europeia. Em um dos momentos após o naufrágio, Cabeza de Vaca se encontrou com os *Karankawa*, que convidou seu grupo a ir a suas casas:

> Quando esse choro se acalmou, perguntei aos cristãos e disse que se lhes parecesse que eu pediria àqueles índios que nos levassem para suas casas, e alguns deles que tinham estado na Nova Espanha responderam que não deveríamos falar com eles, porque se nos levassem para suas casas nos sacrificariam aos seus ídolos [...] assim fomos até suas casas onde encontramos que nos tinham feito uma casa, e muitas fogueiras nela e desde a hora em que chegamos começaram a dançar e a fazer uma grande festa (que durou a noite toda) ainda que para nós não houve prazer, festa nem sono, esperando quando nos sacrificariam e pela manhã nos deram novamente peixe e raízes, e nos trataram tão bem que ficamos um pouco

> seguros e um pouco perdemos o medo do sacrifício.[43] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 40)

Os espanhóis somente perderam o medo do sacrifício humano após passarem a noite em claro, à espera da morte certa. Contudo, os *Karankawa* os receberam com festa e bom tratamento. A noção do índio canibal estava enraizada no imaginário dos viajantes europeus, mas à mercê da vontade e do costume do outro. Náufragos, não tinham outra opção a não ser se submeterem à possibilidade de serem sacrificados ou de serem bem tratados, se alimentarem e existir a mínima possibilidade de sobrevivência.

Os espanhóis também faziam questão de reforçar a ideia de que os indígenas eram ardilosos e mentirosos: "Porque todos esses índios são grandes amantes de novelas e muito mentirosos, especialmente quando alegam algum interesse."[44] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 73). Essa relação complexa com os indígenas marca as formas de produção de alteridade e ainda que Cabeza de Vaca estivesse se posicionando como um suposto defensor deste outro, o outro indígena ainda era bárbaro, mentiroso e interesseiro,

Algo que também é marcante durante a narrativa é a retratação de uma forte dependência dos indígenas em relação ao grupo de espanhóis, sendo retratados sempre em prantos quando os espanhóis saíam de seus povoados. Outro episódio que marca essa ideia de uma separação dolorosa por parte dos indígenas foi quando Cabeza de Vaca e os seus decidiram se juntar aos espanhóis, a fim de retornar à Espanha. Retratavam, assim, uma dependência dos indígenas em relação ao Cabeza de Vaca, o protetor, curandeiro e guia religioso.

Através do relato, percebemos em *Naufrágios* que Cabeza de Vaca não se posicionava como era esperado no imaginário da conquista. Ao construir uma narrativa de herói pacifista, distanciando a violência e o conceito inicial de conquistador ao não se posicionar com o uso da espada, mas com a cruz, com a salvação através da fé, o narrador-personagem omitiu as

---

[43] Do original: Sosegado ya este llanto, yo pregunté a los cristianos, y dije que si a ellos parecía rogaria aquellos indios que nos llevasen a sus casas y algunos dellos que habían estado en la Nueva España, respondieron que no se debía hablar con ello, porque si a sus casas llevan nos sacrificarian a sus ídolos [...] de esta manera fuimos hasta sus casas donde hallamos que tenían hecha una casa para nosotros, y muchos fuegos en ella y desde a un hora que habíamos llegado comenzaron a bailar y hacer grande fiesta (que duró toda la noche) aunque para nosotros, no había placer, fiesta ni sueño, esperando cuando nos habían de nos sacrificar y a la mañana nos tornaron a dar pescado y raíces, y hacer tan buen tratamiento que nos aseguramos algo y perdimos algo el miedo del sacrificio. Tradução nossa.

[44] Do original: porque toda esta gente de indios son grandes amigos de novelas y muy mentirosos mayormente donde pretenden algún interés. Tradução nossa.

violências e colocou a sua pessoa como um sujeito em redenção, vivendo na terra de gentes selvagens, sem fé e nem razão.

Ainda que não apresentasse os estereótipos do imaginário europeu, Cabeza de Vaca se manteve em sua postura de conquistador sob uma perspectiva nova: a de propagar a fé cristã através da mimetização.. Compreendendo os aspectos culturais indígenas, foi adicionando elementos do cristianismo, ainda que de forma não institucionalizada, já que seu papel inicial de guerreiro não foi realizado tendo em vista os naufrágios e o cativeiro, colocando-o numa posição diferente de conquistadores clássicos como Hernán Cortés e Francisco Pizarro.

Embora a violência física e belicosa não estivesse presente no relato, não podemos dizer o mesmo a respeito da conversão religiosa. Ainda que disfarçada de uma proteção aos indígenas ou de um ritual de cura similar ao dos nativos, os atos de Cabeza de Vaca facilitaram a conquista espanhola no Texas e na Flórida, apesar de executados majoritariamente por outros espanhóis nos anos seguintes.

2.2. A transformação através do cativeiro

Os cativeiros são anteriores à chegada dos europeus na América, sendo praticados por diversos grupos indígenas de regiões diferentes. Era uma prática que contribuía para a manutenção de diversos aspectos das comunidades do continente. Esse movimento proporcionava o fornecimento da mão de obra necessária às comunidades indígenas, além de ser uma forma de compensar a queda populacional das aldeias, ocasionadas por mortes naturais, fome ou guerras; também era um meio de intercâmbio comercial em caso de resgates. (Operé, 1997)

Ao passo que os cativeiros como um movimento interno já eram comuns aos indígenas, os cativeiros tinham um outro significado para os europeus. Considerando a definição de Alfonso X, o Sábio (1221-1284), rei de Castela, cativos são "*aqueles que caem na prisão de homens de outra crença*"[45] (Alfonso X apud Voigt, 2008, p. 205)", sendo assim, o espanhol cativo era o cristão que, ao se perder em terras não-cristãs, tornava-se prisioneiro dos infiéis que viviam na região, no caso, os mouros.

Quando os europeus se viram na situação de cativeiro e conseguiram - ou optaram por - sair dela, comumente escreviam relatos contando sua tragédia desde a saída do lugar familiar, sua casa, passando pelo naufrágio, o cativeiro e o retorno para o familiar através do resgate. No que diz respeito à construção desses tipos de texto, pode-se observar certos pontos

[45] Do original*: aquellos que caen en prisión de homes de otra creencia.* Tradução nossa.

em comum, o que demarca características próprias das narrativas de naufrágio e cativeiro do século XVI (Pratt, 2007; Operé, 2008; Pagden, 1993). Alguns elementos se repetem, apesar de serem histórias ambientadas em regiões e contextos diferentes, tais como as temáticas do desconhecido, da tragédia e dos homens de Deus vivendo entre os pagãos.

As narrativas de cativeiro eram poucas no início do século XVI, sendo *Naufrágios* de Cabeza de Vaca a primeira experiência deste tipo de relato no Novo Mundo. Essas narrativas se tornaram um grande sucesso entre a sociedade européia da época, tendo em vista que se aproximava, de certa forma, aos grandes sucessos épicos medievais e da Antiguidade, ainda que a história seja marcada pela tragédia e pelo fracasso dos náufragos. Segundo Fernando Operé (1997), a ficção e a realidade davam as mãos para trazer à tona um forte instrumento ideológico, o que justificava os comportamentos políticos e militares. Apesar de mostrar o encontro entre culturas de uma perspectiva diferente dos relatos de conquista, a narrativa do cativeiro não deixava de manter os elementos da imaginação colonial europeia: os valores cristãos civilizatórios, a conquista dos territórios e dos povos ameríndios; constituindo, assim, uma forma de justificar a expansão marítima.

Enquanto o cativeiro no contexto medieval era utilizado como forma de retaliações em conflitos, o cativeiro de europeus nas Américas tinham outra conotação: eram formas de integrar esses sujeitos ao funcionamento econômico de seus grupos, e, nos séculos seguintes, poderia configurar também uma forma de aumento demográfico, especialmente em relação ao rapto de mulheres, como nos *malones*. Essa prática era comum entre os indígenas de diversas regiões das Américas. (Socolow, 1987). Entendemos, portanto, que o caso de Cabeza de Vaca foi através da integração destes sobreviventes àquela sociedade, pois teriam de contribuir para a obtenção de alimentos e formas de sobrevivência. No relato de Cabeza de Vaca também percebemos a perspectiva de espanhóis em situação de cativeiro: "Para os espanhóis, o cativeiro também era um castigo ordenado por Deus."[46]. (Socolow, 1987, p. 124)

Cabeza de Vaca narra seu período em cativeiro como algo semelhante a um martírio de santos católicos, podendo ser interpretado como um castigo ordenado por Deus que ele deveria passar para se mostrar um bom servo de Deus. No caso, ele relatou um martírio para mostrar que era um bom servo de Deus, um bom católico, mas também para se mostrar um bom súdito da Coroa, pois o cativeiro o transformou sua conduta como conquistador.

Pensando na semelhança com outros gêneros literários, compreende-se que os relatos de cativeiro mesclavam a realidade vivida pelo autor e elementos ficcionais, inspirados em

[46] Do original: "Para los españoles, el cautiverio además era un castigo ordenado por Dios". Tradução nossa.

histórias conhecidas, como poemas épicos e narrativas medievais. No caso de Cabeza de Vaca, Ramón Sánchez (1992) aponta a semelhança de *Naufragios* com o livro de Santo Agostinho (354-430), *Cidade de Deus* (421), que descrevia a jornada de um estranho em um meio ímpio[47] (SÁNCHEZ, 1992, p. 271).. Colocando essa comparação em perspectiva, pode-se afirmar que, de certa forma, o relato de cativeiro tem essa aproximação com o livro de Santo Agostinho.

Além dessa relação com o literário, pode-se observar em *Naufrágios* a construção de uma relação entre o cativeiro no Novo Mundo e o martírio vivenciado pelos santos católicos e, até mesmo, uma relação com o sofrimento de Jesus Cristo e o cativeiro europeu. Tal aspecto fica explicitado se olharmos trechos como:

> "Quando me encontrei nestes lugares baixos, não tive outro remédio ou consolação senão pensar na paixão de nosso Redentor Jesus Cristo e no sangue que ele derramou por mim, e considerar quão maior era o tormento que ele sofreu dos espinhos do que aquele que eu estava sofrendo então."[48] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 62)

Lisa Voigt (2008), analisa relatos ibéricos de mesma temática e temporalidade, comparando as experiências de Portugal e Espanha, utilizando como fontes diversas experiências de naufrágios e cativeiro, incluindo a de Cabeza de Vaca. Sobre as narrativas de cativeiro e naufrágio, Voigt aponta que "(...) as relações de naufrágio e cativeiro se enquadram bem com a ideologia imperial e católica: em vez de simplesmente mostrarem o perigo da viagem, incentivam a religiosidade e o comportamento exemplar dos que ficam, como dos que se lançam à experiência ultramarina". (Voigt, 2008, p. 212). Durante sua análise, a autora enumera as principais motivações dos autores ao escrever as suas experiências: instruir e informar; comprovar serviços ao rei; assegurar a verdade de sua história; deleitar os leitores.

Ao analisar o relato de cativeiro de Cabeza de Vaca, podemos perceber os elementos citados por Lisa Voigt. Tendo em vista o fracasso da expedição, Cabeza de Vaca buscou trazer algo que pudesse ser útil para os próximos conquistadores do Sul dos Estados Unidos, descrevendo os grupos indígenas com os quais conviveu durante os anos de cativeiro e de sua atuação como curandeiro, explicitando seus hábitos, costumes, aparência física e comportamento; além de descrever com detalhes o ambiente, os animais que viviam pela região, a qualidade do solo e a vegetação.

---

[47] Do original: "a journey of a stranger in the midst of the ungodly". Tradução nossa.

[48] Do original: No tenía quando en estos bajos me veía otro remedio ni consuelo sino pensar en la pasión de nuestro redemptor Jesucristo, y en la sangre que por mí derramó, y considerar cuánto más sería el tormento que de las espinas él padeció, que no aquél que yo entonces sufría. Tradução nossa

Essas descrições, assim como suas ações perante os grupos indígenas cumpriam o intuito de instruir e informar a coroa, sobre seus serviços em momentos considerados de penúria. Segundo Voigt, Cabeza de Vaca escreve sua *relacion de servicios* com o intuito de mostrar os serviços prestado à Coroa, mesmo que a expedição tivesse fracassado, seu intuito era obter alguma forma de novo título de liderança nas Américas.

> "Aproveitando o gênero legal da relação de serviços - para fim de alcançar outra nomeação imperial, como de fato conseguiu o governador do Rio da Prata - Cabeza de Vaca apresenta a sua informação obtida com náufrago e cativo e cativo como um serviço equivalente ao da conquista, colonização e aquisição de riqueza" (Voigt, 2008, p. 211)

Levar o relato com informações que contivessem algo de útil para a Espanha poderia ser considerado uma forma de serviço à coroa . Porém, a necessidade de se provar um bom vassalo do rei significava também garantir uma nova posição de prestígio na sociedade espanhola. Suas ações durante seus anos de cativeiro mostram que não perdeu sua essência de europeu cristão, mas sim transformou sua perspectiva, apresentando-se como um evangelizador através das práticas de cura indígena, além dos ensinamentos e o batismo e construção de igrejas. Segundo Voigt, o serviço imperial não se tornava a causa dos infortúnios vividos pelos náufragos, mas era uma consequência causada por aqueles infortúnios a serviço da coroa espanhola.

A narrativa em primeira pessoa escrita pelo próprio Cabeza de Vaca, assim como os superlativos exagerados nas descrições, apelavam para a retórica da expansão imperial em nome do rei. Além disso, buscavam afirmar uma visão de verdade na história contada e publicada na Espanha. Além disso, o prólogo do relato em conjunto com *Comentários*, de 1555, buscavam atestar este aspecto :

> "(...) e por nossos pecados permitiu Deus que de todas as frotas que foram para aquelas terras nenhuma se visse em tão grandes perigos ou tivesse tão miserável e funesto fim, não me restou lugar para prestar mais serviço do que este, que foi a vossa majestade que em dez anos que por muitas e mui estranhas terras que vaguei perdido e nu, pude conhecer e ver, tanto no lugar belas terras e províncias e belas distâncias, como nos alimentos e animais que nelas se criam, e os diversos costumes de muitas e mui bárbaras nações com que conversei e vivi, e todas as outras particularidades que pude alcançar e conhecer, quão belo de alguma maneira vossa majestade ser servido: (...)" [49] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 3)

[49] Do original: "(...) y por nuestros pecados permitiese díos que de quantas armadas a aquellas tierras han ido ninguna se viese en tan grandes peligros tuviese tan miserable y desastrado fin, no me quedó lugar para hacer más servicio deste, que esta era a vuestra majestad relación de que en diez años que por muchas y muy estrañas tierras que anduve perdido y en cueros, pudiesse saber y ver, ansí en el sítio bellas tierras y provincias y distancias bellas, como en los mantenimientos y animales que en ellas se crían, y las diversas costumbres de muchas y muy bárbaras naciones con quien conversé y viví, y

O relato de tragédia marítima, um gênero que interessou a sociedade europeia, juntamente com a narrativa de um personagem construído através de uma narrativa de transformação, mesclado com elementos da ficção, evocavam o deleite do leitor. O relato, portanto, apela para a sedução de sua construção narrativa, a narrativa de cativeiro e naufrágio de Cabeza de Vaca buscou provar que, apesar de viver com o outro, o náufrago seguiu uma trajetória de serviços dentro da moral cristã. Ainda que performasse rituais de cura indígenas - algo considerado anormal para a sociedade espanhola - o argumento de expansão da cristandade era importante para a manutenção da lealdade à coroa e a Igreja.

Quando o espanhol narrou suas relações com os indígenas, apesar de conseguir ver algo mais humanizado nos povos nativos, ainda os interpretava como *gentes sin razón*, reproduzindo estereótipos etnográficos do imaginário colonial, mesmo conseguindo visualizar algo mais próximo da leitura europeia de humano nos nativos. Esses povos, em sua concepção, eram receptíveis ao catolicismo, o que permitia a execução do projeto de propagação da fé cristã e contribuía para a expansão territorial espanhola.

2.3. O retorno à *civilização*, a escrita de *Naufrágios* e seus desdobramentos

Quando Cabeza de Vaca e seus companheiros encontraram espanhóis na região do norte do México, se deparam com os rastros da expedição de Melchior Díaz, que conquistava a região de Culiacán, no norte do México- localizada no estado atual de Sinaloa, no Golfo da Califórnia. Segundo o relato, Castillo reconheceu, no pescoço de um indígena do Povoado dos Corações, a marca de uma lâmina de origem espanhola. Com isso, Cabeza de Vaca decidiu questionar os indígenas a fim de recolher mais informações sobre a possibilidade da presença de espanhóis na região:

> "Perguntamos a eles quem o havia trazido de lá, e eles responderam que alguns homens com barbas como as nossas tinham vindo do céu e chegado àquele rio, e que estavam carregando cavalos, lanças e espadas, e que eles tinham trespassado dois deles. E tão discretamente quanto pudemos, perguntamos a eles o que aqueles homens tinham feito, e eles responderam que tinham ido para o mar, e que tinham colocado suas lanças sob a água, e que eles também tinham afundado, e que eles os tinham visto mais tarde passar por cima depois do pôr do sol. Demos muitas graças a Deus Nosso Senhor pelo que ouvimos, porque estávamos cautelosos em saber notícias dos cristãos, e por mar para descobrir mais sobre o futuro, como tínhamos

---

todas las otras particularidades que pude alcaçar y conocer, qué bello en alguna manera vuestra magestad sea servido: (...)" Tradução nossa.

> notícias tão certas deles, apressamos nossa viagem, e sempre encontramos mais notícias de cristãos.” [50] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 83)

Os curandeiros disseram aos indígenas que os seguiam que iam encontrá-los para impedir que matassem ou escravizassem os indígenas, sendo esse um dos projetos de Cabeza de Vaca, tendo em vista o fracasso da expedição belicosa de Panfilo Narváez. Nesse sentido, entende-se que os curandeiros não buscavam os espanhóis para pedir alguma proteção aos povos do norte do México, mas sim para demonstrar sua influência e a eficácia da pacificação evangelizadora pregada por Cabeza de Vaca, que seria uma forma de mostrar seus serviços à Coroa, além de ser seu meio de retorno para o Velho Mundo.

Assim, a principal confirmação dos vestígios da presença de cristãos relatada por Cabeza de Vaca foi o rastro de destruição e o desaparecimento dos indígenas de seus povoados, utilizando como forma de comprovação aspectos que os indígenas relataram sobre a destruição e a escravização dos povos, além da ocorrência das fugas pelo medo dos espanhóis belicosos.Enquanto os espanhóis deixavam esse rastro destruidor, Cabeza de Vaca levava um discurso pacifista, demarcando a excepcionalidade do personagem-autor entre os homens que se consideravam excepcionais naquele momento. Ele convenceu os outros europeus de que eles não precisavam escravizar os povos nativos, mas que deveriam ser evangelizados, processo já iniciado por ele e seus companheiros.

Algo importante de se destacar acerca do relato de Cabeza de Vaca é a reafirmação da pacificação como forma de conquista em detrimento do uso de armas, sendo uma forma de reverter o fracasso da expedição bélica, chefiada por Panfilo Narváez, com quem o personagem-narrador se coloca em constante oposição, numa forma de autopromoção e para justificar o fracasso da expedição. Essa mesma oposição ocorreu entre Cabeza de Vaca e o grupo de Melchior Díaz. Quando Cabeza de Vaca narrou os vestígios de espanhóis nos povoados indígenas, colocando-se na voz dos povos do norte do México, os espanhóis foram retratados como destruidores, dizimadores.

---

[50] Do original: “Preguntamos más, que quien la había traído de allá, y respondieron que unos hombres que traían barbas como nosotros, que habían venido del cielo y llegado a aquél río, y que traían caballos y lanzas y espadas, y que habían alanceado dos de ellos.Y lo más disimuladamente que pudimos les preguntamos que se habían hecho aquellos hombres, y respondieron nos que se habían ido a la mar, y que metieron las lanzas por debajo del agua, y que ellos se habían también metido por debajo, y que después los vieron ir por cima hacía puesto el sol. Nosotros dimos muchas gracias a Dios nuestro señor por aquello que oímos, porque estábamos desconfiados de saber nuevas de cristianos, y por la mar a descubrir más al fiu como tuvimos tan cierta nueva de ellos dimos más priesa a nuestro camino, y siempre hallamos más nueva de cristianos.” Tradução nossa.

Os sobreviventes da expedição, acompanhados por um grupo de seiscentos indígenas que os seguiam, finalmente encontraram os cristãos. Seguindo seus vestígios, nesse momento houve uma tomada de consciência do lugar de Cabeza de Vaca, pois ele não se entendia como indígena mas, ao mesmo tempo, não conseguia se identificar com os espanhóis (Marinucci, 1998). Segundo o relato, a forma com que Cabeza de Vaca e seus companheiros se apresentavam chocou os outros espanhóis, já que perderam suas vestimentas europeias, utilizavam peles de animais para se vestir, além de levarem consigo elementos como as *calabazas*, entre outros símbolos específicos da cultura indígena. Sobre esse episódio, Cabeza de Vaca relatou: “"(...) eles ficaram muito perturbados ao me verem vestido de forma tão estranha e na companhia de índios. Eles me encararam por um longo tempo, tão atordoados que não falaram comigo nem conseguiram me perguntar nada.”[51] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 98)

Segundo Sylvia Molloy e David Lagmanovich (1988): “Em vez de conseguir a conversão dos povos indígenas à civilização, Alvar Núñez e seus companheiros tornaram-se eles próprios índios.” [52](Molloy E Lagmanovich, 1988, p. 285). Os autores, nessa passagem, explicitam a perspectiva dos outros espanhóis em relação aos sobreviventes do cativeiro, agora, andando nus, com um grande grupo de indígenas de diversas etnias. Pelo convívio intenso dentro da cultura indígena pelos espanhóis, além de suas condições de vida nas terras da América, aparecem nus, com a pele queimada pelo sol e utilizando de símbolos indígenas. Esse choque marca esse momento de encontro com o grupo, enfatizando a *mimesis*. Em um primeiro momento mimetizaram a cultura para sobreviver e, quando a sobrevivência fica em segundo plano, os espanhóis a utilizam para a tentativa de evangelização.

Após este encontro com Alcaraz, os sobreviventes foram levados à sede do Reino da Nova Galícia, onde foram recebidos pelo Governador Nuño de Guzmán (1490- 1558), que lhes deu mantimentos e roupas para vestir. Cabeza de Vaca disse que teve dificuldades em se readaptar aos costumes e vestimentas espanholas: “(...) ele nos deu roupas do que tinha; que não pude trazer por muitos dias, nem pudemos dormir, exceto no chão.”[53] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 100).

---

[51] Do original: “(...) recibieron gran alteración de verme tan extrañamente vestido y en compañía de indios. Estuvieron mirando mucho espacio de tiempo, tan atónitos, que ni me hablaban ni acertaban a preguntarme nada.” Tradução nossa.

[52] Do original: “Antes que lograr la conversión de los indígenas a la civilización, Alvar Núñez y sus compañeros se han convertido ellos mismos en indios”. Tradução nossa

[53] Do original: “(...) de lo que tenía nos dio de vestir; lo cual yo por muchos días no pude traer, ni podíamos dormir sino en el suelo.” Tradução nossa

Enquanto eram recebidos pelo governador da Nova Espanha e foram convidados a ficar por mais um tempo na região percorrida por eles, dando continuidade ao processo que iniciaram durante os nove anos que viveram como curandeiros entre os indígenas. O processo de pacificação de Cabeza de Vaca foi bem sucedido de acordo com o relato, tendo em vista que a *relación* era a maneira de mostrar os serviços prestados, Maria Juliana Gandini (2013), afirma que:

> "Servindo como mediadores entre os nativos e as autoridades espanholas em Culiacán, a Relación explica como Cabeza de Vaca e seus companheiros "pacificaram" a região: os índios repovoaram seus assentamentos e ofereceram ajuda aos espanhóis, reconhecendo a autoridade real; Os espanhóis, por sua vez, deixaram de atacar e escravizar os índios, cumprindo a missão evangelizadora que legitimou o império espanhol na América." [54] (Gandini, 2013, p. 35)

Cabeza de Vaca relata que permaneceu por mais um ano no norte do México, evangelizando e orientando a construção de igrejas nos povoados, e segundo seu relato, auxiliando no processo de pacificação dos povos indígenas, por ordens do governador. Dessa forma, Cabeza de Vaca tentou mostrar que contribuiu para o processo de conquista, narrando, mais uma vez, seus serviços à Coroa. Retornou à Espanha em 1536, saindo do Vice Reinado da Nova Espanha, onde encontrou uma parte dos integrantes da expedição de Narváez que seguiram com os navios, em busca de um porto seguro, enquanto o grupo de Narváez e Cabeza de Vaca seguiu por terra. Cabeza de Vaca terminou seu relato com um breve capítulo sobre o que aconteceu com aqueles que acabaram não participando ativamente da expedição. (Cabeza de Vaca, 1555)

A narrativa acerca dos navios é bem breve: Cabeza de Vaca contou que os tripulates de três navios que sobreviveram à costa brava, sem sinal de porto seguro em qualquer lugar, decidiram ir até a Nova Espanha, onde Cabeza de Vaca encontrou alguns dos que participaram da expedição, e outros foram encontrados em Castela. Mas, o que chama a atenção nesta parte final da *relación* foi a presença do presságio, elemento muito presente em toda narrativa de *Naufragios*. Entre as pessoas que estavam nas embarcações, haviam dez mulheres casadas com homens que participaram da expedição pela terra, dentre elas, uma mulher que, segundo Cabeza de Vaca, previu o que aconteceria com a expedição:

---

[54] Do original: "Sirviendo como mediadores entre los nativos y las autoridades españolas de Culiacán, la Relación explica como Cabeza de Vaca y sus compañeros "pacificaron" la región:los indios repoblaron sus asentamientos y ofrecían ayuda a los españoles, reconociendo la autoridad real; los españoles, por su parte, dejaron de atacar y esclavizar a los indios, cumpliendo la misión evangelizadora que legitimaba el imperio español en América." Tradução nossa.

> "E uma delas contou ao governador muitas coisas que lhe aconteceram na jornada antes que acontecessem com ela, e ela lhe disse quando ele entrasse na terra para não entrar porque ela acreditava que ele ou qualquer um dos que foram com ele não deixaria a terra e que se alguém saísse, o que Deus faria pelos grandes milagres, mas ela acreditava que havia poucos que escapariam ou nenhum."[55] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 110)

O presságio da tragédia foi uma das ferramentas narrativas utilizadas pelos discursos desmitificadores de fracasso, como se o infortúnio, ainda que fosse uma provação, tornava-se premeditado como um desafio do herói transformado (Pastor, 2012). Deve-se recordar que Cabeza de Vaca escreveu seu relato a partir da memória, no contexto de seu retorno à sociedade espanhola, trazendo, em certos momentos, uma narrativa teleológica de sua experiência dos infortúnios na América.

Com essa passagem, pode-se compreender que Cabeza de Vaca se mostrou como um milagre por ter sobrevivido, graças ao *Dios Nuestro Señor* misericordioso, que havia permitido sua sobrevivência, mantendo a narrativa de um bom servo de Deus, que significava ser também um bom servo da Coroa Espanhola. No fim deste último capítulo, o narrador-personagem escreveu, de forma clara, que os sobreviventes dos naufrágios e do cativeiro sobreviveram graças a misericórdia divina:

> "E já que dei conta dos navios, seria bom dizer quem são e de que lugar desses reinos vieram aqueles que nosso senhor quis salvar dessas dificuldades. O primeiro é Alonso del Castillo Maldonado, natural de Salamanca, filho do Dr. Castillo e da Sra. Aldonça Maldonado. O segundo é Andrés Doranres, filho de Pablo Dorantes, natural de Béjar e residente em Gibraleón. O terceiro é Alvar Núñez Cabeza de Vaca, filho de Francisco de Vera, e neto de Pedro de Vera que venceu Canaria, e sua mãe se chamava Dona Teresa Cabeza de Vaca, natural de Jerez de la Frontera. O quarto se chama Estebanico, é um árabe negro de Azamor. "Deo Gracias"[56] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 112)

Cabeza de Vaca precisava mostrar, de forma enfática, que sua religiosidade não se perdeu durante esse tempo com os indígenas, o que prova que ele se manteve europeu, mesmo vivendo entre os pagãos. A necessidade de manter essa caracterização viva era para dar um

[55] Do original: "Y una de ellas había dicho al gobernador muchas cosas que le acaecieron en el viaje antes que le sucediesen, y esta le dijo cuando entraba por la tierra que no entrase porque ella creía que él ni ninguno de los que con él iban no saldrían de la tierra y que si alguno saliese qué haría Dios por el muy gran milagros, pero creía que fuesen pocos que escapasen o no ningunos" Tradução nossa.

[56] Do original: "Y pues he dado relación de los navíos, será bien que diga quien son y de qué lugar de estos reinos los que nuestro señor fue servido de escapar de estos trabajos. El primero es Alonso del Castillo Maldonado, natural de Salamanca, hijo del doctor Castillo, y de Doña Aldonça Maldonado. El segundo es Andres Doranres, hijo de Pablo Dorantes, natural de Béjar, y vecino de Gibraleón. El tercero es Alvar Núñez Cabeza de Vaca, hijo de Francisco de Vera, y nieto de Pedro de Vera qué ganó Canaria, y su madre se llamaba doña Teresa Cabeza de Vaca, natural de Jerez de la Frontera. El cuarto se llama Estebanico, es negro árabe natural de Azamor. Deo Gracias" Tradução nossa.

tom de convencimento ainda maior, tendo em vista os caminhos incivilizados que Cabeza de Vaca percorreu, convivendo com as *gentes sin razón* por oito anos, aparecendo sem vestimentas e seguido por indígenas quando entrava novamente em contato com a civilização.

Após o narrado em *Naufragios*, Cabeza de Vaca retornou à Espanha e escreveu sua *relación de servicios*, um gênero textual próprio do contexto da conquista. De acordo com Walter Mignolo (1982), as *relaciones* são textos de uma formalidade do Império Espanhol, que tem a finalidade de ter registrado o controle do que aconteceu nas Índias, não precisando de recursos literários, tendo em vista que é baseada em um questionário formulado pelo Conselho de Índias.

O autor também comenta que, apesar de o uso de recursos literários não ser uma necessidade, estes costumam ser a base dos livros de *relación* (Mignolo, 1982, p. 72). No caso de Cabeza de Vaca, autores como Juan Francisco Maura (1995), afirmam que, de fato, ele não escreveu *Naufragios* com pretexto literário, mas sim com um público específico em mente, o rei da Espanha.

> "Se observarmos o motivo que levou o autor de Naufragios a escrever sua obra, veremos que não foi um propósito estético ou literário, embora a obra tenha essas características, mas sim intencional e premeditado. De qualquer forma, em seu discurso ele sabia como atrair o destinatário a quem era dirigido."[57] (Maura, 1995, p. 187)

Através deste trecho, podemos pensar a narrativa e sua repercussão. Cabeza de Vaca escreveu seu relato direcionado ao rei Carlos V, a quem dedicou a obra, e às autoridades da Coroa Espanhola, sendo o interesse inicial, como já abordado, ser um relatório do acontecido na expedição de Pánfilo Narváez, e, além disso, é uma forma de apresentar os serviços prestados à Coroa. Ao compreender a expedição como fracassada, era necessário que Cabeza de Vaca, com interesses em conseguir o cargo de Governador da Flórida, escrevesse sua narrativa com elementos que convencessem ao rei de que ele merecia este cargo. Núñez Cabeza de Vaca, sendo um fidalgo, recorreu aos vínculos familiares para tentar conseguir o cargo, juntamente com a narrativa da *relación*.

> "Aqui, a expansão do conceito de 'serviço' que ele propôs no Relatório foi fundamental: incapaz de fornecer riquezas, territórios e homens subjugados, ele entregou, em vez disso, um importante tesouro de informações para o sucesso de futuras incursões, com a esperança de que seu exemplo servisse de alerta sobre os difíceis desafios que a América implicava. Mas além da informação, uma mercadoria vital dentro do regime colonial, Cabeza de Vaca

[57] Do original: "Si se observa el motivo que empujó al autor de los *Naufragios* a escribir su obra, se percibirá que no fue un fin estético o literario, aunque la obra posea estas características, sino uno intencional y premeditado. De cualquier manera, en su discurso supo atraer al destinatario a quien estaba dirigida." Tradução nossa.

> tentou oferecer outro serviço à coroa: a pacificação das terras do violento reino da Nova Galícia, ordenando as relações entre conquistadores e índios."[58] (Gandini, 2013, p. 36)

O relato cumpriu sua função em apresentar algo que comprovasse serviços ao rei, impulsionado por uma narrativa convincente da forma em que Cabeza de Vaca se reinventou e mudou a abordagem da conquista. A narrativa do fracasso é revertida a uma narrativa bem sucedida, ainda que por novos meios. Segundo Beatriz Pastor (1992): "o discurso narrativo do fracasso como representação desmistificadora e crítica que anula o modelo anterior de ação épica"[59] (Pastor *apud* Díaz, 1992, p. 13)

Analisando o relato, percebe-se que Cabeza de Vaca ao retirar-se da imagem de conquistador bélico apresentando uma narrativa transformadora, tentou mostrar uma nova possibilidade de conquista, com a finalidade de se mostrar útil à Coroa a partir de um discurso pacificador. Cabeza de Vaca relata como pode servir nos oito anos entre os indígenas, como cativo e depois no papel curandeiro e autoridade, relatando que abriu mão de suas crenças, alegando que aprendeu como o ensino de sua crença era uma possibilidade entre os grupos indígenas. Em certo ponto da narrativa, já como curandeiro, Cabeza de Vaca afirmava a facilidade da conversão de indígenas,ao enfatizar que "Os índios, diz ele, são monoteístas e seriam facilmente cristianizados, e por isso eles se estabeleceriam em suas aldeias se os cristãos os deixassem; E eu digo isso e afirmo com toda a certeza que, se não o fizerem, será culpa dos cristãos."[60](Cabeza de Vaca apud Molloy e Lagmanovich, 1988, p. 142).

O convencimento de que os indígenas eram passíveis de conversão por serem monoteístas leva a uma conclusão de que seriam bons servos da Coroa Espanhola, se bem orientados por um bom servo de Deus e do rei, no caso, um homem como Cabeza de Vaca. O uso de artifícios como a relação com narrativas bíblicas, assim como a do presságio, contribuem para o convencimento de que Cabeza de Vaca é, de fato, o exemplo de súdito real

---

[58] Do original: "Aquí fue clave la ampliación del concepto de 'servicio' que propuso en la Relación: imposibilitado de proveer riquezas, territorios y hombre sojuzgados, entregó en cambio un importante tesoro de informaciones para el éxito de futuras incursiones, con la esperanza de que su ejemplo sirviera de advertencia sobre los difíciles desafíos que América implicaba. Pero además de la información, commodity vital dentro del régimen colonial, Cabeza de Vaca intentó ofrecer otro servicio a la corona: la pacificación de las tierras del violento reino de Nueva Galicia, al ordenar las relaciones entre conquistadores e indios." Tradução nossa.

[59] Do original: "el discurso narrativo del fracaso como representación desmitificadora y crítica que cancela el modelo anterior de acción épica". Tradução nossa.

[60] Do original: "los indios, dice, son monoteístas, y ha de ser fácil cristianizados, y así ellos 'asentarían sus pueblos si los cristianos los dejaban; y yo así lo digo y afirmo por muy cierto, que si no lo hicieren será por culpa de los cristianos' Tradução nossa.

e modelo cristão. A passagem em que Cabeza de Vaca presencia uma árvore pegando fogo é um bom exemplo dessa comparação:

> "E naquela noite eu me perdi, e aprouve a Deus que eu encontrasse uma árvore em chamas e pelo seu fogo eu suportasse o frio naquela noite, e pela manhã eu me carreguei de lenha e peguei dois troncos e voltei para procurá-los, e eu viajei dessa maneira por cinco dias, sempre com meu fogo e carga de lenha, porque se o fogo se apagasse em um lugar onde eu não tivesse lenha, como em muitos lugares não havia, eu teria que fazer outros troncos e não ficar sem fogo, porque eu não tinha outro remédio para o frio, andando nu como eu nasci." [61](Cabeza de Vaca, 1555, p. 108)

Esta passagem é semelhante ao começo do livro de Êxodo. No capítulo 3, temos a passagem em que Moisés via uma árvore queimando, sendo esta considerada uma manifestação de Deus para se comunicar com Moisés. Maura aponta que, "Ao inserir este tipo de fragmentos bíblicos, poderá consolidar gradualmente a sua dimensão messiânica."[62] (Maura, 1995, p. 193). Além da comparação bíblica e a já citada comparação com os santos católicos, o constante uso de milagres durante os processos de cura também são uma forma de demonstrar a servidão a Deus e complementam a caracterização messiânica de Cabeza de Vaca. Em diversas passagens, Cabeza de Vaca narrava a rapidez das curas, e também um caso de ressurreição:

> "[...] Os índios me disseram para ir curá-los, porque gostavam de mim e se lembravam de que eu os havia curado com nozes, e para isso nos deram nozes e couros, e isso aconteceu quando eu vim para me juntar aos cristãos, e assim eu estava com eles, e Dorantes e Estebanico foram comigo. E quando cheguei perto das fazendas que eles tinham, vi que o doente que íamos curar estava morto porque havia muita gente chorando ao redor [...] e o melhor que pude implorei a nosso senhor que se dignasse a dar saúde a esse, e a todos os outros que estavam necessitados. E depois de me benzer e soprar em mim mesmo muitas vezes, eles me trouxeram seu arco e me deram, e uma cesta de peras espinhosas moídas, e me levaram para curar muitos outros que estavam doentes de sonolência, e me deram outras duas cestas de peras espinhosas, que dei aos nossos índios que tinham vindo conosco. Feito isso, voltamos para nosso quarto, e nossos índios, a quem dei as peras espinhosas, ficaram lá, e à noite eles voltaram para suas casas, e disseram que aquele que estava morto e a quem eu havia curado em preferência a eles havia se levantado bem e tinha andado e comido e conversado com eles, e que todos aqueles que eu havia curado estavam saudáveis e muito felizes. Isso causou muita admiração e

[61] Do original: "y aquella noche me perdi, y plugo a Dios que hallé un Árbol ardiendo y al fuego del pasé aquel frío aquella noche, y a la mañana yo me cargué de leña y tomé dos tizones y volví a buscarlos, y anduve desta manera cinco días, siempre con mi lumbre y carga de leña, porque si el fuego se me matase en parte donde no tuviese leña, como en muchas partes no lo había, tuviese que hacer otros tizones y no me quedase sin lumbre, porque para el frío yo no tenía otro remedio, por andar desnudo como nasci." Tradução nossa.

[62] Do original: "insertando este tipo de fragmentos bíblicos, podrá ir consolidando paulatinamente su dimensión mesiánica." Tradução nossa.

> medo e em todo o país não se falava de outra coisa."[63] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 60)

Observa-se, nesses casos, a evidente mistura entre a ficção e a história dos relatos, algo marcante durante todo o texto. A ressurreição pode ser notada um dos momentos auge desta mescla, evidenciando também sua proximidade com os modelos de hagiografias católicas, algo percebido não só por essa passagem, como também por outras descrições de milagres, além de descrever sua vivência na América como um martírio. Sendo assim, Cabeza de Vaca reafirmou sua cristandade, além de corroborar sua narrativa transformadora.

Cabeza de Vaca utilizou-se da ficção para convencer seu leitor-alvo (o rei), mesclando com o que se lembrava dos acontecimentos dos oito anos que esteve na América, já que escreveu após seu retorno para a Espanha. Quando retorna, seu relato é visto com certa credibilidade também por ter certo renome com outros sujeitos de fidalguia. Novamente, segundo Maura:

> "Alvar Nunez teve muita sorte na hora de apresentar suas experiências e serviços oferecidos ao seu rei. No entanto, querer rotular a história de um tesoureiro, um sobrevivente de uma expedição que terminou em naufrágio, como uma crônica histórica é tentar esticar a "verdade" ao seu limite. Não porque não tenham existido outros narradores que tenham narrado episódios relacionados com a conquista da América, mas porque Alvar Nuñez é protagonista e autor de uma obra na qual sua própria sobrevivência — já que a de seus companheiros é pouco levada em conta — será a única coisa que poderá levar consigo. Logicamente, se seu objetivo era obter um favor do monarca, ele teria que temperar seu "relacionamento" com palavras como ouro, esmeraldas, além de uma descrição bem detalhada das pessoas, terras e costumes das pessoas que conhecesse. Alguém pode duvidar de suas informações; A quantidade de informações fornecidas às vezes excede os limites da plausibilidade. Afinal, trata-se de um ser que passou quase nove anos sem nenhuma maneira de obter dados além de sua própria memória. E não porque estivesse em má situação, longe disso, não foi em vão que foi tesoureiro - o que logicamente faz pensar que entendia de contas - mas

[63] Do original: "[...] Los indios me dijeron que yo fuese a curarlos, porque ellos me querían bien e se acordaban que les había curado en las nueces, y por aquello nos habían dado nueces y cueros, y esto había pasado cuando yo vine a juntarme con los cristianos, y así hube con ellos, y fueron conmigo Dorantes y Estebanico.Y cuando llegué cerca de los ranchos que ellos tenían yo vi el enfermo que íbamos a curar que estaba muerto porque había mucha gente al derredor llorando [...] y lo mejor que pude supliqué a nuestro señor fuese servido de dar salud aquél, y a todos los otros que tenían necesidad. Y después de santiguado y soplado muchas veces me trajeron su arco y lo me dieron, y una sera de tunas molidas y llevaron me a curar otros muchos que estaban malos de modorra y me dieron otras dos seras de tunas, las quales di a nuestros indios que con nosotros habían venido, y hecho esto nos volvimos a nuestro aposento y nuestros indios a quien di las tunas se quedaron allá, y a la noche se volvieron a sus casas, y dijeron que aquél que estaba muerto y yo había curado en preferencia dellos se había levantado bueno y se había paseado y comido y hablado con ellos, y qué todos quantos había curado quedaban sanos y muy alegres. Esto causó mucha admiración y espanto y en toda la tierra no se hablaba de otra cosa" Tradução nossa.

> também era um homem de confiança do Duque de Medina Sidonia em questões financeiras."[64] (Maura, 1995, p. 191)

Segundo Maura, portanto, Cabeza de Vaca "esticou" a verdade até o seu limite, através de artifícios literários, mesclando ficção e partes que podemos considerar factuais, como descrições de lugares, sujeitos e de possíveis riquezas, ainda que não as tivesse encontrado. Essa mescla com a ficção se inspirava nas novelas de cavalaria, utilizando de tropos literários comuns e populares, como a construção de um heroi e o uso de elementos como o presságio (observado em exemplos como o da esposa que previu a fatalidade da expedição de Narváez), como Robert E. Lewis (1982) discorre:

> "Não nos surpreende que o autor tenha recorrido ao uso de tropos literários consagrados pelos romances de cavalaria na tentativa de consolidar a unidade formal de seu relacionamento. O modelo do romance de cavalaria, apesar do desdém acadêmico que relegava os escritos desse gênero à categoria de "histórias mentirosas" e "livros de mentiras", foi um dos poucos que os cronistas puderam utilizar em sua busca por esquemas interpretativos e metáforas para apresentar os eventos incomuns tão comuns nas Índias."[65] (Lewis, 1982, p. 683)

Ao passo que a memória de Cabeza de Vaca se tornou uma mistura entre a memória e a ficção do ponto de vista analítico contemporâneo, do ponto de vista da escrita da *relación* no século XVI significava uma afirmação da verossimilhança das palavras escritas, já que quem as escreveu esteve presente naquelas ações. Lewis discorre sobre essa mescla de história e ficção e cita as palavras de Cabeza de Vaca, que afirma a veracidade de sua história:

---

[64] Do original: "Alvar Nunez tuvo mucha suerte a la hora de presentar sus experiencias y servicios ofrecidos a su rey. Sin embargo, querer poner la etiqueta de crónica histórica a la narración de un tesorero, superviviente de una expedición que acabó en naufragio, es querer estirarla 'verdad' hasta sus límites. No porque no haya habido otros narradores que relatasen episodios referentes a la conquista de América, sino porque Alvar Nunez es protagonista y autor de una obra en la que su propia supervivencia -ya que la de sus compañeros apenas es tenida en cuenta- será lo único que pueda traer consigo. Lógicamente si su fin era conseguir un favor del monarca, tendría que sazonar su 'relación' con palabras como oro, esmeraldas, así como una detalladisima descripción de las gentes, tierras y costumbres de las personas con las que se encontró. Se puede dudar de su información; la cantidad de información que se da a veces sobrepasa los límites de la verosimilitud. A fin de cuentas, es un ser que pasó casi nueve años sin ninguna otra forma de obtener datos más que en su propia memoria. Y no porque Ia tuviera mala, ni mucho menos, no en vano fue tesorero -lo que lógicamente hace pensar que entendería de cuentas-, sino que además fue hombre de confianza del duque de Medina Sidonia en cuestiones financieras." Tradução nossa.

[65] Do original: "No nos sorprende que el autor haya recurrido al uso de tropos literarios consagrados por las novelas de caballerías en un intento de consolidar la unidad formal de su *relación*. El modelo de la novela de caballería, a pesar del desprecio erudito que relegaba los escritos de este género a la categoría de 'historias mentirosas' y 'libros de mentiras', era uno de los poco a los que podían echar mano los cronistas en su búsqueda de esquemas y metáforas interpretativos para presentar los hechos insólitos tan comunes en las Índias." Tradução nossa.

> "Relacionado à ênfase documental e à função da memória na reconstrução de dez anos de experiências está o problema de narrar os eventos inusitados, 'milagrosos' ou sobrenaturais que são relatados neste relato. O autor admite ter incluído em sua história episódios difíceis de acreditar, mas pode afirmar, apesar disso, que tudo está escrito com tanta certeza que, embora nelas (essas notícias) se leiam algumas coisas muito novas, e para alguns seja difícil acreditar, podem ser acreditadas sem dúvida: e creiam como muito certo que sou em todas as coisas curto, em vez de longo: e bastará que isto tenha sido oferecido a vossa majestade como tal."[66] (Lewis, 1982, p. 685)

Para enfatizar a verossimilhança de *Naufragios*, o autor-personagem utiliza também elementos de caráter documental, buscando atestar sua memória e testemunho em primeira pessoa, sendo esta, segundo Lewis: "Na opinião professada por Alvar Núñez então, o valor documental de sua obra é o que pode justificar sua produção e sua apresentação ao rei."[67] (Lewis, 1982, p. 687) Nesse sentido, Cabeza de Vaca necessitava de uma justificativa para apresentar e dedicar sua obra ao rei, a fim de conseguir alcançar suas ambições de ser governador da Flórida.

No que se diz respeito ao caráter documental, também pode-se discutir a questão da chamada *retórica da crônica colonial*, presente no relato de Alvar Núñez Cabeza de Vaca que se constrói a partir de uma humanização de sua jornada. Ainda que elementos mágicos e religiosos como milagres aconteçam, estas narrativas apelam para o lugar do sofrimento humano e de suas vulnerabilidades.

> "Antonio Carreño dedica seu artigo a comparar a retórica da crônica da época e a do romance picaresco. Ele diz que a metáfora da jornada é fundamental para ambos os gêneros, ambos vivem dependendo das circunstâncias e improvisam seus itinerários à medida que avançam. Por outro lado, os protagonistas de ambos os gêneros são apresentados como pessoas confiáveis. Além disso, é comum que o romance picaresco siga uma estrutura circular, como a obra de Cabeza de Vaca, graças à inclusão da profecia, mencionada no final da história. Por fim, é importante destacar que tanto o romance picaresco quanto a obra em questão são autobiográficos. No entanto, há algumas diferenças, como o objetivo do protagonista: o da crônica quer alcançar

[66] Do original: "Relacionado con el énfasis documental y con la función de la memoria en la reconstitución de diez años de vivencias está el problema de la narración de los acontecimientos insólitos, 'milagrosos', o sobrenaturales que se cuentan en esta relación. El autor admite que ha incluido en su relato episodios que con dificultad caben dentro de lo verosímil, pero que puede afirmar, a pesar de ello, que todo está escrito con tanta certinidad, que *aunque en ellas (estas noticias) se lean algunas cosas muy nuevas, y para algunos difíciles de creer pueden sin dubda creerlas: y creer por muy cierto, que antes soy en todo corto que largo: y bastará para esto haberlo yo ofrecido a vuestra magestad por tal.*" Tradução nossa.

[67] Do original: "En la opinión profesada por Alvar Núñez entonces, el valor documental de su obra es lo que puede justificar la producción de esta y su presentación al rey." Tradução nossa

> méritos e o do velhaco quer reafirmar suas origens." [68] (Carreño *apud* Andrýsková, 2013, p. 52)

Além disso, o contato com a nova paisagem e sua descrição são cruciais nas narrativas coloniais. Em discursos de triunfo, a natureza idílica é registrada, corroborando com uma narrativa da América paradisíaca e exótica, enquanto em discursos de fracasso, como o de Cabeza de Vaca, a natureza hostil aparece com forma de explicitar o sofrimento vivido no fracasso, onde nem a natureza está ao lado deles. Em ambos os casos, a principal questão para os europeus que vinham ao Novo Mundo era a assimilação dos novos elementos, tendo em vista que as paisagens, a fauna e a flora, além dos aspectos culturais dos povos ameríndios eram diferentes do que se tinha contato na Europa.

Em textos de relação, cartas e crônicas, os europeus descreviam aquilo que experienciaram nas Américas, os elementos naturais e as pessoas uma grande parte desta experiência. Sem ainda ter - ou saber - palavras para descrever, utilizava do conhecido: "A referência é sempre europeia, peninsular."[69] (Carreño, 1987, p. 500) No início do relato de Cabeza de Vaca, percebe-se a constante comparação com a Espanha e com os elementos espanhóis. Quando descreve as paisagens, por exemplo, quando descreve a região da tão prometida Apalache, que não é a cidade de ouro que esperavam:

> "A terra, na maior parte, de onde desembarcamos até esta cidade de Apalache, é plana, o solo é arenoso e firme, por toda parte há árvores muito grandes e montanhas claras, onde há nogueiras/e loureiros/e outros chamados liquidâmbulos/cedros/savins/e azinheiras/e pinheiros/e carvalhos baixos/palmeiras como os de Castela."[70] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 20)

Com a falta de contato e de experiência no Novo Mundo, Cabeza de Vaca retratou o que viu com o referencial daquilo que conhecia. Com o contato com as línguas e com os elementos, as palavras indígenas foram aos poucos, assimiladas, tornando-se parte da língua

---

[68] Do original: "A la comparación de la retórica de la crónica de aquel tiempo y de la novela picaresca se dedica Antonio Carreño en su artículo. Dice que la metáfora del viaje es clave para los dos géneros, ambos viven pendientes de lo circunstancial e improvisan en el andar sus itinerarios. Por otro lado, los protagonistas de los dos géneros se presentan como personas fidedignas. Además, es frecuente que la novela picaresca siga una estructura circular, al igual que la obra de Cabeza de Vaca, gracias a la inclusión de la profecía, mencionada al final del relato. Por último, es importante destacar que, tanto la novela picaresca como la obra que nos ocupa, son autobiográficas. Sin embargo, hay algunas diferencias como, por ejemplo, el objetivo del protagonista: el de la crónica quiere lograr méritos y el pícaro reafirmar su origen." Tradução nossa.

[69] Do original: "El referente es siempre europeo, peninsular." Tradução nossa.

[70] Do original: "La tierra por la mayor parte desde donde desembarcamos hasta este pueblo de Apalache es llana, el suelo de arena y tierra firme, por toda ella ay muy grandes árboles y montes claros, donde hay nogales/y laureles/ y otros que se llaman liquidámbares/cedros/sabinas/ y encinas/ y piños/ y robles/ palmitos bajos de la manera de los de Castilla." Tradução nossa.

espanhola. No caso de *Naufragios,* Carreño cita o uso do termo *buhío* (atualmente, bohío), como termo utilizado para definir casas de adobe. Além da incorporação de palavras ao vocabulário, Cabeza de Vaca aprendeu línguas indígenas pela peregrinação. Inicialmente, se comunicava por sinais com todos os grupos que encontrava, mas com a convivência através dos anos de cativeiro e no papel de curandeiro, Cabeza de Vaca aprendeu seis línguas:

> "Passamos por uma grande quantidade e diversidade de línguas, e Deus Nosso Senhor nos favoreceu com todas elas porque sempre nos entenderam e nós os entendemos. E assim pedimos e eles responderam por sinais, como se falassem a nossa língua e nós a sua, porque embora soubéssemos seis línguas não podíamos aproveitá-las em todos os lugares, porque encontramos mais de mil diferenças."[71] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 81)

As descrições de costumes, das paisagens e a confirmação do aprendizado das línguas, comprova a imersão de Cabeza de Vaca através do cativeiro, contribuindo para o caráter documental do relato e para o objetivo de atestar a veracidade do mesmo a fim de conseguir convencer as autoridades reais de sua capacidade para um cargo no Novo Mundo.Os objetivos de Cabeza de Vaca foram cumpridos, na medida em que sua *relación*, escrita entre 1537 e 1540, foi publicado em 1542, com Privilégio Real, constando a águia bicéfala do escudo dos Habsburgo em sua capa:

> "A Relación de Cabeza de Vaca foi impressa com Privilégio Real e sua capa adornada com a águia bicéfala dos Habsburgos, precisamente porque seu conteúdo e seu autor defendiam os interesses que a monarquia queria promover e reafirmar nas Índias. A experiência local e específica de Cabeza de Vaca na América do Norte, mediada por um texto público, serviu como exemplo de todas as consequências negativas que a conquista gerou nas mãos dos conquistadores, e como um servo do rei, obediente ao seu senhor e ao seu deus, poderia remediá-las."[72] (Díaz, 1992, p. 87)

Imagem 1 - Capa do compilado *La relación y comentarios*, publicada em Valladolid, 1555.

---

[71] Do original: "Pasamos por gran número y diversidades de lenguas, con todas ellas Dios nuestro señor nos favoreció porque siempre nos entendieron y les entendimos. Y así preguntabamos y respondian por señas, como si ellos hablaran nuestra lengua, y nosotros la tuya, porque aunque sabíamos seis lenguas no nos podíamos en todas partes aprovechar de ellas, porque hallamos más de mil diferencias." Tradução nossa.

[72] Do original: "La Relación de Cabeza de Vaca fue impresa con Privilegio Real y su portada adornada con el águila bicéfala de los Habsburgo, justamente porque su contenido y su autor defendían los intereses que la monarquía deseaba promover y reafirmar en Indias. La experiencia local y específica de Cabeza de Vaca en Norteamérica, mediada a través de un texto público, sirvió como ejemplo de todas las consecuencias negativas que generaba la conquista en manos de conquistadores, y de cómo un servidor del rey, obediente a su señor y a su dios, podía remediarlas." Tradução nossa.

Fonte: Wikimedia Commons. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Houghton_US_2415.3_-_title,_La_relacion.jpg. Acesso em: 23/08/2024.

Considerada um exemplo de superação e reversão do fracasso de atos de conquistadores ambiciosos pelas mãos de um bom servo de Deus e do reino espanhol, a publicação de *Naufragios* também teve como consequência a obtenção do título de *Segundo Adelantado*[73] do Rio da Prata para Cabeza de Vaca. Apesar de almejar ser governador da Flórida, ao ter contato com o relato às autoridades reais decidiram enviar Cabeza de Vaca para a região da ilha de Santa Catarina, atual Florianópolis, área conturbada pelas implicações do Tratado de Tordesilhas (1494) e pelos constantes conflitos com os indígenas guaranis.

Sendo assim, o discurso pacificador de Cabeza de Vaca expresso na *relación* levou às autoridades reais a acreditarem que a pacificação da região do Rio da Prata era possível, tendo em vista que a expedição bélica falhou. Cabeza de Vaca ficou com o cargo de *Adelantado* entre os anos de 1541 a 1555 e a expedição ao Rio da Prata também se tornou um fracasso:

[73] O termo adelantado era um título utilizado na Espanha medieval e durante a colonização da América pelos espanhóis. Ele se referia a uma autoridade encarregada de governar e administrar um território em nome da Coroa. Os adelantados tinham funções militares, políticas e judiciais, muitas vezes liderando a conquista e a colonização de novas terras. O título era concedido pela monarquia espanhola e geralmente estava associado a grandes extensões de território que ainda precisavam ser consolidadas sob domínio espanhol.

suas práticas não coincidiam com seu discurso e, assim, foi denunciado pelos seus subordinados. Os colonos de sua terra e também os guaranis, sofriam de maus tratos e descaso, como afirmam os documentos de seu julgamento. (Paim, 2007). O discurso cristão pacificador, que o trouxe até o cargo de segundo *Adelantado*, se mostra mais um recurso sedutor para o convencimento da Coroa para a obtenção deste novo cargo.

> "Mas essa aparente visão cristã e filantrópica presente em Naufragios, uma das obras mais divertidas e emocionantes do gênero escritas no século XVI, não condiz com os fatos da vida de Cabeza de Vaca. Pouco depois de seu retorno à Espanha, Cabeza de Vaca já estava na Corte tentando ganhar o favor real para um novo empreendimento, desta vez sob seu comando. De fato, ele obteve o Governo e a Capitania Geral do Rio da Prata, e não precisamente para continuar bancando o "mártir", mas para submeter os índios rebeldes e impor sua autoridade sobre seus compatriotas."[74] (Maura, 1995, p. 188)

Acerca desta expedição fracassada, foi escrito *Comentários* por Pero Hernández, publicado em uma edição conjunta com *Naufragios* no ano de 1555, com o título de *La Relación y Comentarios del Gobernador Alvar Núñez Cabeza de Vaca. de lo acaecido en las dos jornadas a las Indias*, também com Privilégio Real, estampado com a águia bicéfala dos Habsburgo. Antes do relato, Cabeza de Vaca escreveu uma breve dedicatória ao rei Carlos V, além de um *Prohemio* também dedicado ao rei infante, suplicando-o para que entenda sua dificuldade. Este *Prohemio* não era obrigatório para as obras de *relación*, sendo assim, Cabeza de Vaca adicionou este texto preliminar por suas pretensões pessoais, ou seja, seria mais uma forma de demonstrar sua devoção ao rei. (Lewis, 1982, p. 682)

> *"Sacra, Cesárea e Católica Majestade. [...]*Mas como nem meu conselho nem minha diligência foram úteis para que aquilo pelo qual partimos fosse conquistado conforme o serviço de Vossa Majestade, e por nossos pecados Deus permitiu que, de todas as armadas que foram àquelas terras, nenhuma se visse em tão grandes perigos nem tivesse fim tão miserável e desastroso, não me restou outro serviço senão este: trazer a Vossa Majestade um relato do que, em dez anos vagando por muitas e muito estranhas terras, perdido e nu, pude saber e ver – tanto sobre a localização das terras e províncias quanto sobre os mantimentos e animais que nelas se criam, e os diversos costumes de muitas e muito bárbaras nações com as quais conversei e vivi – e todas as demais particularidades que pude alcançar e conhecer, que, de alguma forma, serão úteis a Vossa Majestade. Pois, ainda que tivesse muito pouca esperança de sair de entre eles, meu cuidado e diligência sempre

[74] Do original: "Pero esta aparente visión cristiana y filantrópica presente en los Naufragios, una de las obras más entretenidas y apasionantes de las escritas en su género en el siglo XVI, no concuerda con los hechos de la vida de Cabeza de Vaca. Poco tiempo después de su regreso a España, Cabeza de Vaca ya estaba en la Corte intentando conseguir el favor real para una nueva empresa, esta vez, bajo su mando. Efectivamente, consiguió la Gobernación y la Capitanía General del Río de la Plata, y no precisamente para seguir haciendo de 'mártir', sino para sojuzgar a los indios rebeldes e imponer su autoridad frente a sus compatriotas." Tradução nossa,

> foram muito grandes em manter uma memória particular de tudo, para que, se algum dia Deus Nosso Senhor quisesse trazer-me ao lugar onde agora estou, eu pudesse testemunhar minha vontade e servir a Vossa Majestade. Escrevi tudo isso com tanta certeza que, ainda que algumas coisas pareçam muito novas e para alguns difíceis de crer, podem, sem dúvida, ser acreditadas – e com grande certeza, pois sou em tudo mais breve do que prolixo, e bastará para isso tê-lo oferecido a Vossa Majestade dessa forma. *Suplico que aceite este relato em nome do serviço, pois este é o único que um homem que partiu nu pôde levar consigo."* [75] (Cabeza de Vaca, 1555, p. 2)

A necessidade de Cabeza de Vaca tecer um *Proêmio* em forma de súplica se justifica por ele ter escrito uma *relación de servicios* não solicitada (Gomes, 2022). Esse elemento pré-textual, portanto, foi posto para que a Coroa Espanhola compreendesse o que foi feito em sua fracassada expedição, na qual o então *Adelantado* sobreviveu e reverteu seu revés em sorte: ainda que não conquistasse a Flórida, ele introduziu o catolicismo aos indígenas, mostrando-se como um sujeito pacificador. Assim sendo, seus interesses eram claros: se mostrar útil à Coroa para que ele pudesse retornar à América, desta vez como governador.

Através dos relatos de Cabeza de Vaca, assim como da bibliografia acerca de sua vida, percebe-se que o discurso pacificador, através das mesclas de ficção com o real, foi menos presente nos processos colonizadores de Cabeza de Vaca do que o processo violento. Entretanto, seu relato se destacou necessariamente por sua posição pacificadora e pelos milagres operados enquanto viveu entre os indígenas, mostrando-se numa posição evangelizadora, buscando mostrar seus serviços à Coroa Espanhola.

Percebe-se nos trechos de conflito com os indígenas na Flórida uma certa omissão da retaliação dos espanhóis, e, além disso, estes conflitos são majoritariamente iniciados pelos

---

[75] Do original: *Sacra, cesárea y católica Majestad.* [...] Mas como ni mi consejo ni diligencia aprovecharon para que aquello a que éramos idos fuese ganado conforme al servicio de Vuestra Majestad, y por nuestros pecados permitiese Dios que de cuantas armadas a aquellas tierras han ido ninguna se viese en tan grandes peligros ni tuviese tan miserable y desastrado fin, no me quedó lugar para hacer más servicio de éste, que es traer a Vuestra Majestad relación de lo que en diez años que por muchas y muy extrañas tierras que anduve perdido y en cueros, pudiese saber y ver, así en el sitio de las tierras y provincias de ellas, como en los mantenimientos y animales que en ella se crían, y las diversas costumbres de muchas y muy bárbaras naciones con quien conversé y viví, y todas las otras particularidades que pude alcanzar y conocer, que de ello en alguna manera Vuestra Majestad será servido: porque aunque la esperanza de salir de entre ellos tuve, siempre fue muy poca, el cuidado y diligencia siempre fue muy grande de tener particular memoria de todo, para que si en algún tiempo Dios nuestro Señor quisiese traerme a donde ahora estoy, pudiese dar testigo de mi voluntad, y servir a Vuestra Majestad. Lo cual yo escribí con tanta certinidad, que aunque en ella se lean algunas cosas muy nuevas y para algunos muy difíciles de creer, pueden sin duda creerlas: y creer por muy cierto, que antes soy en todo más corto que largo, y bastará para esto haberlo ofrecido a Vuestra Majestad por tal. *A la cual suplico la reciba en nombre del servicio, pues éste solo es el que un hombre que salió desnudo pudo sacar consigo.* Tradução nossa. Grifo nosso.

grupos indígenas, colocados muitas vezes como hostis e de guerra em *Naufragios*. As repercussões da atuação de Cabeza de Vaca em *Comentarios* também evidenciam essa violência belicosa por parte do *Adelantado*. Além disso, é importante destacar a violência implícita nas conversões e evangelizações praticadas por Cabeza de Vaca em *Naufragios*.

Cabe destacar que, enquanto Cabeza de Vaca tratava de questões sobre a relação com os indígenas, através de um discurso pacificador ao mesmo tempo que tinha ações bélicas no Rio da Prata, ocorria em Valladolid a famosa *Controvérsia*, na qual Bartolomé de Las Casas e Juan Ginés de Sepúlveda (1490 - 1573). A publicação do compilado dos dois relatos em 1555, coincidiu com um momento efervescente acerca da discussão sobre o tratamento com os indígenas, especialmente no que se discute escravidão e a Guerra Justa. (Gutiérrez, 2014)

Sendo assim, o relato de Cabeza de Vaca, que traz um posicionamento pacifista em relação aos indígenas, ainda que não confirmado em sua prática, pode ter sido uma das formas de impactar as perspectivas dos letrados e da Coroa nesse quesito, tendo em vista a publicação de seu relato com aprovação dos Habsburgo. Podemos pensar, portanto, que seu posicionamento, principalmente em *Naufrágios*, pode ter impactado em partes as mentalidades da Coroa Espanhola, tendo em vista que se convencem de seu discurso pacificador em sua expedição fracassada e o enviam novamente à América, ainda que seja para um novo fracasso, que também foi publicado no contexto após a *Controvérsia de Valladolid*.

2.4. O relato, a excepcionalidade e a desmitificação

Através da análise do relato de Alvar Núñez Cabeza de Vaca, pode-se perceber uma narrativa distinta das narrativas de conquista clássicas, como *Diários* de Cristóvão Colombo e as *Cartas de Relación* de Hernán Cortés, homens considerados excepcionais de acordo com a análise do Mito dos Homens Excepcionais, de Matthew Restall (2003). Enquanto esses homens têm suas conquistas militares bem sucedidas, a conquista belicosa de Pánfilo Narváez foi um fracasso.

Cabeza de Vaca, como sobrevivente da expedição, escreveu sua *relación* com elementos narrativos que evocam a sua transformação como indivíduo, tendo em vista a singularidade de sua experiência na região da atual América do Norte: sofreu naufrágios, se tornou cativo e, no fim, ainda se tornou curandeiro pois assimilou as práticas indígenas como forma de sobrevivência, evocando o conceito de alteridade proposto por Christian Kienning (2013), a *mimésis*.

Através da alteridade caracterizada por Christian Kienning, a *mimésis*, Cabeza de Vaca sobreviveu ao seu cativeiro ao mimicar o comportamento indígena, assimilando, especialmente, as práticas de cura. Através desta mimetização o personagem-narrador foi capaz de reverter sua situação de cativo para a posição de autoridade como curandeiro, construindo uma conquista pacifista evangelizadora através das práticas de cura indígenas, assimiladas ao cristianismo europeu.

O que se destaca no relato de *Naufrágios* é, especialmente, essa narrativa messiânica e mágica de grandes milagres operados a partir da cura com as bênçãos católicas assimiladas com as práticas de cura dos grupos indígenas que o capturaram - e tornaram seus seguidores. Nesse sentido, a narrativa pacificadora, juntamente com esta noção de efetividade do estabelecimento de uma evangelização pela cura e pela pregação, além da construção de igrejas improvisadas, se mostram como uma forma de reverter o fracasso de sua expedição.

A narrativa de fracasso, construída a partir da exposição dos infortúnios vividos na natureza hostil do ambiente da expedição, além do sofrimento martirizante de Cabeza de Vaca, que se torna, a partir do fracasso, um homem engenhoso. A partir da compreensão do discurso desmitificador de Beatriz Pastor (2012), percebe-se que Cabeza de Vaca reproduziu as ferramentas narrativas do discurso de fracasso desmitificador da Conquista, ainda que existam elementos ficcionais de um esforço de encontrar o triunfo no meio do fracasso, além da crença em lendas do discurso mitificador.

Cabeza de Vaca faleceu entre os anos de 1558 e 1564. O fim de sua vida, incerto nas documentações, mostra que, ainda que tivesse sido julgado pelos seus atos em sua atuação como *Adelantado* no vice-reino do Rio da Prata, sabe-se que existiram duas narrativas possíveis: ou morreu como juiz em Sevilha, ou como *prior* em um monastério na mesma cidade. Percebe-se, portanto, que seu fracasso nas Américas, ao final, foi revertido em sucesso, já que faleceu com títulos de relevância e liderança.

O caso de Cabeza de Vaca pode ser considerado, portanto, o que uma linha de estudos[76] chama de *successful failure* (Alvariño, 2019), um fracasso que, de certa forma, não se reverte em um fracasso total. Ainda que ele tenha sofrido as consequências judiciais em seu tempo, Cabeza de Vaca terminou sua vida em um certo anonimato e distante da América.

[76] Ver “Proyecto Failure”, um projeto que une diversas universidades do mundo, pensando os diversos tipos de fracasso na Era Moderna. Ainda que não tratem diretamente de Cabeza de Vaca, o projeto pontua algo que nos interessa para esta pesquisa: o fracasso convertido em sucesso. O projeto consta com pesquisadores de diversas universidades do mundo, assim como eventos e publicações, para mais informações: http://failure.es/. Acesso em 15/06/2024.

Entretanto, seu relato, especialmente *Naufrágios*, é relembrado especialmente pelo seu caráter pacificador e pelos milagres operados pelo narrador-personagem.

Por fim, observa-se que, durante a construção de sua narrativa, que Cabeza de Vaca pretendia apresentar-se como um conquistador diferenciado perante a Coroa Espanhola: ao invés de ser um conquistador militar, tornou-se um conquistador evangelizador. Por esse arco construído em sua narrativa, reitera-se que Cabeza de Vaca se posicionava como uma excepcionalidade dentre os homens excepcionais, construindo, a partir de seu posicionamento de separar-se dos sujeitos bélicos da Conquista, uma forma de se destacar como um conquistador que se difere, que também é bem sucedido, mas, ao invés de conquistar terras, trouxe detalhamento etnográfico e geográfico para empreender a conquista evangelizadora.

3. CAPÍTULO 2- A PROPAGANDA ANTI-IMPÉRIO ESPANHOL E A CONQUISTA DA AMÉRICA

O contexto da Conquista do Novo Mundo foi marcado pelas disputas territoriais tanto dentro da Europa quanto nas novas territorialidades ultramarinas. Nesse sentido, o Império Espanhol, além de ter sido uma grande potência, tornou-se um dos bastiões do catolicismo contra os infiéis (muçulmanos, judeus e protestantes) e contra os bárbaros - os povos originários. Entendemos, portanto, que um Império favorecido pela Igreja através de tratados (Elliot, 2021), sofreu retaliações ferrenhas de regiões dominadas, como a Holanda, assim como de países que buscavam tomar territórios dominados pela Espanha. Uma das formas pelas quais essa retaliação se deu foi através da literatura, a partir da criação de estereótipos desmoralizantes da Corte, sujeitos e corpo militar espanhóis.

As construções de estereótipos negativos entre os habitantes de uma ou mais sociedades era algo muito comum, e permanece no tempo presente. No contexto do século XVI, os ingleses eram chamados de obcecados pela moda, os holandeses eram bêbados, os italianos eram considerados avarentos (Romano, 2015, p. 94). Apesar de ser algo praticado de forma corriqueira por diversas sociedades, entende-se que existem formas de preconceito que se constroem como forma de propaganda contra determinados indivíduos, grupos, práticas e países, sendo este último o caso da Lenda Negra Espanhola.

Existem debates extensos acerca da Lenda Negra e *como* e *se* ela existiu, tendo em vista o caráter enviesado da construção do termo no século XIX. A conceituação tardia do termo se deu através da propaganda nacionalista espanhola, entretanto, entendemos que essa panfletagem anti-império espanhol aconteceu especialmente durante a Era Moderna, contexto no qual a Espanha exercia poder territorial e era considerada uma potência marítima.

Percebe-se nos últimos vinte anos um crescimento dos estudos acerca da Lenda Negra Espanhola, enquanto esse tema foi menos pesquisado nas décadas anteriores[77]. O interesse tem sido revelado graças a reflexões empreendidas no intuito de pensar os usos da Lenda Negra, ideia construída na Primeira Modernidade como uma forma de pensar o conjunto que envolve as críticas da atualidade com as reivindicações dos países colonizados, assim como o próprio revisionismo historiográfico. Como observa Mariana Hetti Gomes (2022):

> "Se teria existido ou não uma visão distorcida e negativa da Espanha chamada *Leyenda Negra* é um denso debate historiográfico. Mas é certo que a representação espanhola nos países centro-europeus era bastante negativa desde o final do século XVII: viajantes europeus que iam à Espanha, por

[77] Dado disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jZ1ho_w6GpM. Acesso em 20/01/2024.

> exemplo, não escondiam seu desdém em relação ao reino (Hazard, 1988, p. 57). Essa representação negativa se expande no tempo, e até o final do século XVIII Espanha passa a ser um símbolo do que deveria ser erradicado: 'Para Masson, como para outros filósofos franceses, Espanha representava a nefasta vigência de instituições feudais que precisavam ser combatidas e anuladas' (Cordiviola, 2010, p. 114)" (Gomes, 2022, p. 39)

Este trabalho não se ocupará de questionar, *per se*, a existência da Lenda Negra Espanhola como um todo, já que a propaganda anti-Império Espanhol é factual, estudada e descrita com este nome em diversas pesquisas e livros[78]. Neste capítulo, nos ateremos ao histórico do termo Lenda Negra, seus antecedentes e como a Conquista Espanhola e os relatos de Alvar Núñez Cabeza de Vaca se encaixam neste contexto. Nesse sentido, compreendemos que a Lenda Negra Espanhola foi um termo utilizado para designar a narrativa propagandística negativa do Império Espanhol e do colonialismo, no contexto da Era Moderna, até o século considerado das Luzes, entretanto, o termo *Leyenda Negra*, ou Lenda Negra, designa essa propaganda desmoralizante a partir do final do Oitocentos. A partir disso, relembramos o que preconizou Marc Bloch (2002) em *Apologia da História*, quando se reivindica um termo de outro contexto para designar questões de uma época diferente:

> "Estimar que a nomenclatura dos documentos possa bastar completamente para fixar a nossa seria o mesmo, em suma, que admitir que nos fornecem a análise toda pronta. A história, nesse caso, não teria muito a fazer. Felizmente, para nossa satisfação, não é nada disso. Eis por que somos obrigados a procurar em outro lugar nossas grandes estruturas de classificação. [...]" (BLOCH, 2002, p. 142)

Entendemos, portanto, a Lenda Negra como essa construção narrativa que se deu em um contexto que se estabelecia a luta por hegemonias europeias, na qual existia uma dominação mais extensiva de territórios pelos Impérios Espanhol e Português, devido a divisão estabelecida pelo Tratado de Tordesilhas em 1494, após a conquista da Costa Africana por Portugal e a conquista da ilha de Hispaniola pela Espanha. As dominações da Espanha também passaram pela Europa, como a dominação da Holanda, de onde vinham os principais panfleteiros contra a Espanha.

As construções narrativas que criam os estereótipos, segundo Ruggiero Romano (2015, p. 91), se dão especialmente por dois eixos principais: na Itália e nos países

[78] Citamos algumas destas pesquisas ou livros neste capítulo através de uma breve revisão bibliográfica. Abordamos desde o texto seminal do conceito de lenda negra *La Leyenda Negra y la verdad histórica* (1914), de Julián Juderías, textos clássicos de referência a lenda negra, como o de Sverker Arnoldson, *La Conquista Española de América según juicio de la posteridad: Vestígios de la Leyenda Negra* (1960) até textos mais recentes, como *Rereading the Black Legend: The Discourse of Religious and Racial Difference in European Renaissance* (2007), organizado por Walter Mignolo.

protestantes como Inglaterra e Holanda. No caso italiano, a dominação espanhola desde o século XII foi vista como uma grande ofensa, pois as cidades-Estados italianas eram colocadas como mais civilizadas e cultas, tendo em vista o grande investimento artístico e cultural existente em grande parte destes espaços.

O estereótipo construído pelos italianos passava pela questão cultural, visando atacar, especificamente, os aragoneses: os maus modos à mesa, as vestimentas, a maneira em que se construía a Corte e seus monarcas iletrados e incultos; nas questões de dominação, também incluíam-se estereótipos dos soldados espanhóis: eram maus soldados, fanfarrões, com senso ridículo de honra. O que Romano (2015) nos mostra é que o estereótipo espanhol tinha seu contraponto, ou seja, os italianos também recebiam estereótipos pelos espanhóis: eram homens inconfiáveis, usuários de veneno e as mulheres levianas. Romano denuncia, no caso italiano, uma certa ironia: como os aragoneses são os maus soldados, se foram estes que dominaram a Sicília e Milão? (Romano, 2015, p.93)

Ainda que Romano discuta a questão da Itália como um espaço de domínio espanhol, deve–se compreender que, na verdade, a Espanha moderna ainda não era um Estado-nação naquele momento. O domínio estabelecido, na verdade, era de Aragão para com os Sicilianos. A noção de que a Espanha foi uma nação contínua, desde a *Hispania* na Antiguidade Clássica até a contemporaneidade pode revelar uma noção politicamente conservadora[79], que busca uma relação de continuidade com um Império considerado glorioso que, na verdade, existiu entre o período da Conquista até o século XIX.

Nos Estados Modernos protestantes, a questão passava pela monarquia espanhola. Contudo,a questão religiosa chamava mais atenção, tendo em vista que a Espanha se manteve ao lado do catolicismo, combatendo os protestantes considerados infiéis pela Igreja. Por conta disso, os conflitos com esses países se tornaram intensos e, com isso, os estereótipos propagandeados se tornaram necessários para desmoralizar o adversário. Enquanto os espanhóis eram considerados pelos holandeses como infiéis, demoníacos, corruptos, o mesmo acontecia na perspectiva espanhola: os protestantes eram vistos como o próprio Anticristo.

Assim sendo, os usos de estereótipos, nesse contexto, também é visto com bastante frequência, e o mesmo acontece com a propaganda anti-imperial. Entretanto, outros países não construíram uma narrativa de uma Lenda Negra como foi feito no caso espanhol. Entendemos que Romano (2015), ao indicar esses estereótipos, não nos mostra que estes

[79] Essa perspectiva pode se confirmar a partir da leitura de livros como da filóloga Maria Elvira Roca Barea (2022), Imperiofobia e Lenda Negra: Espanha, Estados Unidos, Rússia e Império Romano, na qual ela reivindica essas origens da Lenda Negra na Itália e uma continuidade da Lenda Negra na Contemporaneidade. Barea é reconhecidamente uma intelectual orgânica da ultra-direita espanhola.

foram colocados como propaganda panfletária, entretanto, outras pesquisas acerca da Lenda Negra apontam a existência de uma panfletagem direta contra a monarquia espanhola, sua administração, seus militares e a escolha religiosa. (Romano, 2015, p. 92)

Através dessas pesquisas, podemos concluir que esses estereótipos, como já discutido, eram feitos para desmoralizar o Império Espanhol, que conquistava novos territórios de forma hegemônica na Primeira Modernidade, tanto no Novo Mundo, quanto no Velho Mundo. A intencionalidade nesta panfletagem por parte das monarquias européias que praticavam essa tática é muito clara, com a finalidade de recuperar os territórios europeus dominados, assim como conquistar os territórios das Américas que, segundo as narrativas, eram terras ricas e férteis.

Como fica explícito na bibliografia e em fontes específicas sobre o colonialismo espanhol, uma das principais formas de desmoralizar a Espanha era a forma de desmoralizar o Império Espanhol, através de denúncia da violência aos povos dominados pelos espanhóis, desde países europeus até as colônias americanas. Segundo Jürgen Poesche (2015):

> "É típico da propaganda que os preconceitos existentes sejam explorados e radicalizados, inclusive no caso da Lenda Negra. Há evidências de que uma lenda anti-hispânica surgiu no norte da Itália no século XII, visando Aragão e não Castela (Matthey, 2008: 414). A precisão não é uma força da propaganda. Também é típico da propaganda bem-sucedida que a carta alvo seja acusada de qualquer coisa que o propagandista faça para distrair-se das atividades do propagandista. Não se deve esquecer que essas atividades também podem ocorrer mais tarde. Por isso, foi enfatizado na Lenda Negra que os indígenas foram torturados pelos castelhanos. A hipocrisia dessa crítica tornou-se particularmente clara nos Estados Unidos no século XIX, quando as nações indígenas foram desapropriadas, desprovidas de privilégios e assassinadas." (Poesche, 2015, p. 1073)

Desse modo, percebemos que as denúncias das violências feitas durante os séculos finais da Idade Média e durante a Primeira Modernidade tinham o intuito de promover a derrocada do Império Espanhol através da panfletagem de forma radicalizada, predominando principalmente na Primeira Modernidade, estendendo-se até fins do século XVIII, ou início do XIX. Poesche, entretanto, reforça o que já foi demonstrado por outros historiadores: não foi apenas o Império Espanhol que sofreu com essa retaliação radicalizada de suas práticas em forma de panfletagem. Outros Estados considerados como potências econômicas e/ou territoriais do contexto e a competição pela hegemonia se estabeleça. O autor utiliza como exemplo os Estados Unidos no século XIX.

Entendemos, através do estudo da Lenda Negra, que não trata de algo factual sobre a Espanha, mas que ela foi construída através das narrativas de países europeus dominados ou

com iminência de dominação pelos espanhóis. Entretanto, o termo Lenda Negra foi criado pelos espanhóis e, assim, foi feita a apropriação destes estereótipos como algo que de fato ameaçava a Espanha, mesmo com o fim do Império Espanhol. Assim, a construção da Lenda Negra se deu através da literatura escrita por indivíduos desses países dominados em forma de panfletos ou de livros que criticavam diretamente o Império Espanhol. Para ser Lenda Negra, não precisa de ter fundamento histórico. (Moreda, 2020, p. 43).

Reforça-se que, ainda que a panfletagem seja *radicalizada*, como colocada por Poesche, existem questões que justificam essas construções de estereótipos, ainda que não estejam interligadas de fato. Dessa maneira, ainda que a Lenda não necessite obrigatoriamente de um fundamento, como observado nos estereótipos enumerados por Ruggiero Romano (2015), por exemplo, existem algumas questões da propaganda com algum fundamento. Um exemplo disso seria o tom de *denúncia* da violência da colonização espanhola, que é embasada através da *Brevísima Relación de la destrucción de las Indias,* de autoria do frei dominicano Bartolomé de Las Casas (1494 - 1566).

A Lenda Negra Espanhola, portanto, tornou-se historicamente válida por ser uma forma de construir uma narrativa acerca do Império Espanhol que traz uma mescla de aspectos factuais mesclados com o estereótipo dos sujeitos/conquistadores espanhóis. Por conseguinte, ainda que não embasado historicamente de forma obrigatória, existe uma construção narrativa da Lenda através das meias-verdades. As construções de narrativas com meias-verdades trazem, de certa forma, uma falsa credibilidade pois, ainda que sejam construções narrativas estereotipadas, existe algum elemento presente naqueles relatos que se aproxima do factual.

Portanto, se não há necessidade de comprovação do estereótipo, ou seja, não precisa de confirmação de que os espanhóis são maus soldados, que seus reis são iletrados, etc., entendemos que "Las Leyendas Negras son parte inevitable de ser un poder global que lleva dentro de sí siempre las sementes de su propia decadencia, declinación y disolución." (Samson, 2020, p. 111). Pensar na Lenda Negra Espanhola é, portanto, pensar numa parte inevitável de um império, tendo em vista que a Espanha foi uma das maiores potências marítimas da Primeira Modernidade, construindo um império vasto em territorialidade de forma rápida, em especial após a Reconquista (1492).

A partir do exposto nos estudos de Poesche (2015) e Samson (2020) podemos perceber que as noções de uma Lenda Negra, apesar de aqui nos atermos à Espanhola, torna-se parte de um passado comum de nações consideradas como grandes potências em seu tempo, que construíram impérios dominadores que impuseram sua influência cultural, social

e política através da força bélica e/ou de formas de desculturação. Poesche cita o caso dos Estados Unidos como alvo de uma Lenda Negra no século XIX, contexto no qual percebemos que outros países interessados em adquirir territórios ou na recuperação de suas terras, constroem essas narrativas no intuito de desmoralizar os Estados Unidos. Nesta propaganda, a denúncia do extermínio de povos nativos pelos estadunidenses é a principal munição, buscando reportar a crueldade de seus soldados e de seus atos.

Pensar nas construções narrativas em torno da Lenda Negra da Espanha, bem como suas origens, também teve como contrapartida seus reflexos em suas colônias. Enquanto as denúncias da violência são colocadas de forma panfletária pelos opositores europeus do Império Espanhol no século XVI, construindo uma visão negativa por interesses próprios; as defesas do Império também construíram uma visão exacerbadamente positiva das ações dos soldados e do Império Espanhol. Alguns autores, como Maria Elvira Roca Barea (2019), ao pensar a noção desta Lenda Negra estendida para as colônias hispânicas, utilizam o termo Lenda Negra Hispanoamericana.

Ao pensar na propaganda contra o Império Espanhol, observa-se que esses discursos constroem uma narrativa de acusação, em especial contra a violência dos espanhóis para com os indígenas que, apesar de factual, não são empregadas como uma forma de defesa aos povos originários, ou aqueles torturados pelo Tribunal da Inquisição, mas sim pelos interesses próprios destas nações (Romano, 2015, p. 94). Por outro lado, a defesa do império é colocada também de forma infundada, como por exemplo, embranquecendo os feitos da América ao diminuir a ação dos povos nativos que se aliaram aos espanhóis no processo da conquista. (Romano, 2015, p. 95)

A propaganda tomou forma de panfletagem durante o século XVI, momento em que a Espanha passou a se expandir para territórios ultramarinos nas Américas, em especial após a publicação da *Brevíssima* de Bartolomé de Las Casas (1552), que se tornou um grande marco para a Lenda Negra, e após a Reforma Protestante (1516), na qual a Espanha teve papel de peso como defensora ferrenha do catolicismo em seus territórios conquistados.

Sobre a Lenda Negra, portanto, podemos sintetizar o que se discutiu brevemente como uma propaganda contra o Império Espanhol que se construiu através da narrativa de países rivais ou dominados por eles no contexto do Renascimento e da Primeira Modernidade, ainda que, como argumentado por Mariana Hetti Gomes (2022), os viajantes que chegaram a Espanha nos séculos seguintes - XVII ao XIX - seguiram com os estereótipos e o desdém a Espanha. Alguns autores, apesar de acreditarem na construção fictícia da Lenda Negra Espanhola, entendem a impériofobia ou hispanofobia como algo contínuo nas sociedades

contemporâneas, fazendo certa manutenção de algumas construções, como a da hipersexualização dos homens e mulheres espanhóis.

> "A rivalidade política, religiosa e econômica na Europa renascentista criou condições favoráveis para um ataque à supremacia imperial espanhola. A Lenda Negra se tornou um meio de fomentar uma opinião desacreditada e uma arma em uma batalha entre dois lados, o católico ou o protestante, o crente ou o secular, o espanhol ou o indigenista. Embora o mundo acadêmico argumente que a Lenda desapareceu, Ricardo García Cárcel e Richard L. Kagan argumentam que essa "imperiofobia" cheia de preconceitos continua na sociedade."[80] (Romero, 2023, s/p)

Apesar da propaganda ter iniciado no século XVI, o conceito tal como entendido hoje foi cunhado séculos mais tarde, nos fins do Oitocentos. O termo "Lenda Negra" já tinha sido utilizado para contextualizar outras histórias de cunho negativo, que não se relacionavam com a propaganda anti imperial espanhola, e nem se assemelhavam necessariamente à questão. Seu primeiro uso com esse significado é datado de 1839, na poesia do francês Victor de Laprade (1812-1883), *Poésie, Ma Plaine*, publicada no *La France Littéraire*, utilizando o termo *légende noire*: "Eu conheço bem a história dos bruxos de antigamente/ Todas as lendas negras/ E tudo que deve ser acreditado/ Sobre o duende da Floresta."[81] (Laprade, 1839, p. 247)

A Lenda Negra como propaganda contra o Império Espanhol torna-se objeto de estudo que envolve fenômenos correlacionados: de um lado a panfletagem das nações, de outro através das ações da Espanha em seus processos expansionistas e nos conflitos estabelecidos. Também se discute, ainda que de forma mais breve, as origens do termo e como ele se torna utilizado na historiografia, tendo em vista que o mesmo é citado como propaganda anti-Espanhola por escritores espanhóis séculos após o auge da chamada Lenda Negra. (Perez, 2017)

No contexto contemporâneo, as pesquisas acerca da Lenda Negra variam entre as defesas contemporâneas de uma Lenda Negra de outros séculos, mas que para certos autores é uma questão real e que toda crítica ou apontamento pode ser considerada *ainda* como Lenda Negra. Outros pesquisadores, inclusive espanhóis, já tem uma perspectiva histórica da Lenda

---

[80] Do original: "La rivalidad política, religiosa y económica en la Europa del Renacimiento creó condiciones favorables para un ataque a la supremacía imperial española. La *Leyenda Negra* se convirtió en un medio para fomentar una opinión desacreditadora y como arma en una batalla entre dos bandos, el católico o el protestante, el creyente o el secular, el español o el indigenista. A pesar de que, desde el ámbito académico se defiende que la *Leyenda* ha desaparecido, Ricardo García Cárcel y Richard L. Kagan argumentan que, en la sociedad, continua esta «imperiofobia» llena de prejuicios." Tradução nossa.

[81] Do original: "Je connais bien l'histoire/ Des sorciers d'autrefois/ Toute légende noire,/ Et tout ce qu'il faut croire/ Du lutin dans les bois." Tradução nossa.

Negra como uma construção narrativa pautada em ficções mescladas com fatos históricos exacerbados, mas entendendo que a propaganda anti-Espanha era algo que existiu como forma de desmoralizar o Império Espanhol. (García Cárcel, 1985; Mira Caballos, 2022; Arnoldsson, 1990).

Através das pesquisas apontadas, percebemos, portanto, que a Lenda Negra Espanhola se construiu, especialmente, a partir do ato de se deparar com um outro. Entende-se que as relações complexas da Península Ibérica com os mouros e judeus colocaram especialmente os espanhóis como os diferentes dentre os outros sujeitos europeus através da narrativa desmoralizante. Na conquista da América, as denúncias da violência colonial, que impulsionam a propaganda anti-espanhola, também denunciam uma teia de relações com diversos sujeitos, os nativos, os europeus propagandistas e os espanhóis. No caso da Reforma e das relações com países protestantes, a propaganda é feita por um outro dominado. Através desta perspectiva, percebemos que a Lenda Negra foi construída a partir das relações com o outro.

3.1. As origens do termo Lenda Negra Espanhola

A primeira vez em que o termo *Lenda Negra* foi utilizado para se referir a propaganda anti espanhola ocorreu em 1899, proferido por Emília Pardo Bazán (1851-1921)[82], autora espanhola de renome nos fins do século XIX. Pardo Bazán tinha sido convidada para a Conferência de Paris de 1898 pelo político francês que a admirava, Maurício Spronk (1861-1921)[83].

> "Dona Emilia Pardo Bazán, nossa ilustre amiga e colaboradora, cujo nome, já popular na França desde a publicação de suas obras traduzidas, foi consolidado com sua famosa conferência em Bordeaux e seus últimos artigos na "Revue des Revues", acaba de receber um convite de Maurício Spronck,

[82] Emilia Pardo Bazán de la Rua-Figueiroa, (1851–1921), condessa de Pardo Bazán, foi escritora e intelectual, professora de literatura Neolatina na Universidade Central. Nascida em La Coruña, Galiza, em uma família nobre, era filha de José Pardo Bazán y Mosquera, advogado e político liberal, e Amalia de la Rúa-Figueroa y Somoza, de tradição militar. Sua educação foi marcada por influências literárias e políticas diversas, incluindo o carlismo e o liberalismo. Apesar de ter recebido educação formal em uma escola francesa em Madrid, sua formação foi amplamente autodidata, com acesso à vasta biblioteca de seu pai, onde desenvolveu interesse por autores como Cervantes, Victor Hugo e a Bíblia. Estudou também na Universidade de Santiago de Compostela, sob a proteção do reitor Antonio Casares. Sua obra literária, ensaística e jornalística reflete sua defesa do feminismo, do naturalismo literário e de questões sociais, consolidando-a como uma figura central na literatura espanhola e europeia. (Prieto, s/d)

[83] Informação disponível em: https://www.dhial.org/diccionario/index.php?title=LEYENDA_NEGRA;_Significado_y_desarrollo_del_t%C3%A9rmino. Acesso em 30/12/2023.

> um renomado crítico, que lhe enviou uma solicitação de várias das mais eminentes figuras literárias francesas para dar uma conferência em Paris sobre um tema literário ou artístico espanhol, um convite que ela vem estendendo anualmente a um escritor estrangeiro de fama universal."[84] (La Época, 1898)

Apesar de o trecho do jornal exaltar sua presença na Conferência de Paris, a autora considerou que a mesma foi um desastre. Sua participação no evento mostrou que a construção do estereótipo anti espanhol estava bem consolidada nos países europeus. Através desta experiência, a escritora decidiu montar uma nova conferência em 1899, na *Société des Conférences,* em que o tema de seu discurso seria pensar a Espanha de forma crítica, levando o nome de "Espanha de Ontem e de Hoje", na qual ela apresentou ao público a ideia de *duas lendas*.

Bazán transcreveu sua fala na conferência em um livro, pois viu a necessidade de transmitir sua mensagem, trazendo uma crítica à visão dos outros países europeus sobre a Espanha. Ela apresentou tanto a Lenda Negra, entendida como a visão marcada por estereótipos negativos, quanto a Lenda Dourada, uma visão mais romantizada da Espanha, que poderia ser igualmente danosa, segundo a perspectiva da autora. Sobre as duas lendas a autora diz:

> "Nossas desgraças são bem conhecidas no exterior, e há até quem, por falta de equidade, as exagere; Um exemplo é o livro recente de M. Ives Guyot, que podemos considerar como uma espécie de lenda negra, o reverso da lenda dourada. A lenda negra espanhola é um espantalho para uso daqueles que cultivam especialmente toda a nossa decadência e daqueles que buscam exemplos convincentes para sustentar uma determinada tese política. Nossa lenda negra nos acusa de ter espremido as colônias. Quem vier depois vai apertá-los com o dobro de força, mas com habilidade e arte.
>
> [...]
>
> E já que minha sinceridade me autoriza, tenho o direito de afirmar que a contra-lenda espanhola, a lenda negra, espalhada por essa repugnante imprensa amarela, mancha e ignomínia da civilização nos Estados Unidos, é mil vezes mais enganosa que a lenda áurea. Isto, pelo menos, está enraizado na tradição e na história; Eles desculpam e justificam nossos incríveis feitos de outros tempos; Pelo contrário, a lenda negra distorce nosso caráter, ignora nossa psicologia e substitui nossa história contemporânea por um romance, ao estilo de Ponson du Terrail, com minas e contraminas, que nem sequer merece as honras da análise. Essa novela nos fez mal, porque por mais

[84] Do original: "Doña Emilia Pardo Bazán, nuestra ilustre amiga y colaboradora, cuyo nombre, ya popular en Francia desde la publicación de sus obras traducidas, se ha afirmado con su famosa conferencia de Burdeos y sus últimos artículos de la "Revue des Revues", acaba de recibir una invitación que Mauricio Spronck, insigne crítico le trasmite por encargo de varios de los más eminentes literarios franceses, para dar en París una conferencia sobre un tema literario o artístico español, invitación que anualmente viene dirigiendo a un literato extranjero de fama universal." Tradução nossa.

> absurda que seja a calúnia, sempre vai ter alguém que acredita e espalha; Mas a calúnia contra nós teria sido inútil se nossos erros não tivessem colaborado com nossos caluniadores para nos levar ao abismo." [85](Bazán, 1899, p. 67 - 90)

O próprio uso do termo Lenda Negra, algo que se mostra relevante no texto da conferência de Bazán foi sua exposição acerca das colônias do Novo Mundo: para ela, aqueles sujeitos que vieram depois dos espanhóis oprimiram ainda mais as colônias. Essa perspectiva se mostra muito presente nos discursos de uma certa defesa nacional da Espanha, a qual amenizava a violência da conquista, justificando que outros países europeus oprimiram e mataram mais que os espanhóis. Essa justificativa, juntamente com a própria construção de uma narrativa de "acusação" das propagandas de opressão como se não fosse confirmado, demonstram a omissão de uma parte da verdade histórica.

A propaganda anti espanhola de fato existiu em diferentes instâncias, em especial nos fins do medievo e na Primeira Modernidade, e foi propagada depois como uma reprodução da construção do estereótipo nesse contexto. As origens da Lenda Negra se relacionaram diretamente com a construção de estereótipos inferiorizantes em contextos nos quais a Espanha (ou Aragão, Castela e Navarra) dominava algum país ou entrava em um conflito com uma certa vantagem com outras monarquias europeias. Isso nos leva a entender que a propaganda era construída como instrumento de desmoralização do dominante.

Naquele momento, o teor da propaganda se ligava diretamente a uma posição anti-islâmica e antissemita da Espanha, tendo em vista a dominação moura na Península Ibérica entre os séculos VII e XV, além da convivência e de certa permissividade dos mouros e dos católicos da existência de judeus naqueles territórios. A insistência de que a Espanha era

---

[85] Do original: "Sábense de sobra en el extranjero nuestras desdichas, y aun no falta quien con mengua de la equidad las exagere; sirva de ejemplo el libro reciente de M. Ives Guyot, que podemos considerar como tipo de leyenda negra, reverso de la dorada. La leyenda negra española es un espantajo para uso de los que especialmente cultivan nuestra entera decadencia, y de los que buscan ejemplos convincentes en apoyo de determinada tesis política. Nos acusa nuestra leyenda negra de haber estrujado las colonias. Cualquiera que venga detrás las estrujará el doble, sólo que con arte y maña. [...] Y pues mi sinceridad me autoriza, tengo derecho a afirmar que la contra-leyenda española, la leyenda negra, divulgada por esa asquerosa prensa amarilla, mancha e ignominia de la civilización en los Estados Unidos, es mil veces más embustera que la leyenda dorada. Esta, cuando menos, arraiga en la tradición y en la historia; la disculpan y fundamentan nuestras increíbles hazañas de otros tiempos; por el contrario, la leyenda negra falsea nuestro carácter, ignora nuestra psicología, y reemplaza nuestra historia contemporánea con una novela, género Ponson du Terrail, con minas y contraminas, que no merece ni los honores del análisis. El tal novelón nos ha perjudicado, pues por absurda que sea la calumnia, siempre habrá quien la crea y propale; pero nada hubiese podido la calumnia contra nosotros, si nuestros yerros no colaborasen con nuestros calumniadores para llevarnos al abismo." Tradução nossa.

um país manchado e de *sangue ruim* por conta de seu histórico prevaleceu nos discursos das propagandas anti Espanha.

Apesar de o termo Lenda Negra ter sido utilizado como tal apenas no século XIX, as noções de Lenda Negra foram instauradas nos séculos anteriores aos Oitocentos. Entretanto, a expressão também teve suas origens no medievo. Segundo o *Dicionário da Real Academia Espanhola* (2014), a definição de *Leyenda Negra* é um "relato desfavorável e geralmente infundado sobre alguém ou algo. Exemplo: Lenda Negra Espanhola"[86], e passou a ser considerado parte do verbete no final do século XIX, sendo considerado o oposto do termo Lenda Dourada, também citado por Emilia Pardo Bazán como sinônimo de exaltação aos feitos da coroa espanhola.

Ambos os termos surgiram a partir da noção de Lenda Dourada, utilizada inicialmente para designar a hagiografia escrita por Tiago de Voragine (1228 - 1298), em 1265. Voragine, bispo de Gênova, escreveu as histórias dos santos católicos dos primeiros séculos da Igreja Católica. A partir da hagiografia de Voragine, *legenda aurea*, ou Lenda Dourada, tornou-se o termo utilizado para designar uma história positiva ou que exalta os feitos de sujeitos ou nações, como feito por ele sobre os santos católicos (Barea, 2019).[87]

Destaca-se, portanto, que Voragine utilizou o termo *legenda* como algo real, tendo em vista que considerava os escritos de sua hagiografia como provas concretas da santidade dos sujeitos ali descritos. Maria Elvira Roca Barea (2019) mostra que esta definição do termo *legenda* foi utilizada até a Reforma Anglicana, na qual o termo em inglês *legend*, que antes definia a obra de Thiago Voragine, torna-se a definição de *história de veracidade duvidosa*, com intenções de desbancar a hagiografia católica e criar uma hagiografia anglicana.

Nesse sentido, as noções de lenda se transformam. Enquanto no medievo, como visto com a Lenda Áurea (ou Dourada), de Tiago de Voragine, lenda (ou *legenda*) era visto como algo verídico[88], como as Lendas dos Santos, por exemplo. Com a transformação do termo *legend*, do inglês e a mudança do termo Lenda com o intuito de desestabilizar as santidades católicas, o termo Lenda passou a portar o significado de verdade duvidosa ou de uma ficção.

---

[86] Diccionario de la Real Academia Española: https://dle.rae.es/leyenda?m=form2#5acGNlH. Acesso em 23/01/2024.

[87] A filóloga Maria Elvira Roca Barea traça esse histórico em seu livro *Impériofobia e Lenda Negra: Estados Unidos, Rússia, Roma e o Império Espanhol*, no qual a autora faz uma defesa do Império Espanhol. Apesar da narrativa não possuir um rigor historiográfico e apresentar diversos problemas nesse âmbito, compreendo o desenvolvimento do termo *Lenda Negra* traçado por ela tem seu rigor, tendo em vista que é algo dentro de sua formação e especialização.

[88] Não discutiremos a veracidade das beatificações e santificações católicas, nos atemos à noção de que as narrativas escritas por Tiago de Voragine eram consideradas verídicas naquele contexto.

Portanto, o conceito de Lenda Negra, surgido no século XIX, veio como uma noção de oposição à Lenda Dourada na interpretação de Emilia Pardo Bazán e Cayetano Soler (1899). No ano seguinte ao que Emília Pardo Bazán fez seu discurso acerca da propaganda anti Espanha e a denominou como Lenda Negra, foi escrito o livro *El Fallo de Caspe*, de Cayetano Soler (1746 - 1809), que já citava a Lenda Negra. O livro tratou do início do século XV, momento no qual se escolheu o novo monarca aragonês, chamado de A Decisão de Caspe. O intuito do escritor foi trazer um relato histórico do momento, fazendo um certo elogio aos reis de Aragão: "que a Lenda Dourada de nossos reis catalães é tão falsa quanto a Lenda Negra dos Reis de Castela." (Soler *apud* Roca, 2019, p. 23)

A fala de Bazán em 1899 tratou dessa oposição marcada pela falta de um compromisso de uma história nacionalista espanhola e pela manutenção de uma narrativa gloriosa da História do país e o mesmo pode se dizer sobre o trecho do livro de Cayetano Soler. Isso é perceptível em outros livros e nas publicações das primeiras décadas do século XX. O primeiro a escrever sobre a Lenda Negra Espanhola como um conceito histórico, colocando-a nesta perspectiva, foi o historiador espanhol Julián Juderías (1877-1918).

Juderías definiu a Lenda Negra, canonizando o termo como designador da propaganda anti espanhola como algo de cunho factual e histórico. É inegável que a propaganda anti Império Espanhol existiu, pois há comprovação da panfletagem dos protestantes da Holanda, nos escritos ingleses a respeito dos monarcas e dos soldados espanhóis. Sobre o tema, o autor escreveu uma série de livros, mas o livro *La Leyenda Negra y la verdad histórica*, publicado em 1914, foi seu primeiro material sobre o tema e também o mais conhecido[89]. Juderías define a Lenda Negra Espanhola:

> "Por lenda negra entendemos a atmosfera criada pelas histórias fantásticas sobre o nosso país que vieram à tona em quase todos os países; as descrições grotescas que sempre foram feitas do caráter dos espanhóis como indivíduos e como coletivo; a negação, ou pelo menos a ignorância sistemática de tudo o que nos é favorável e honroso nas diversas manifestações da cultura e da arte; as acusações que sempre foram feitas à Espanha, baseadas em fatos exagerados, mal interpretados ou inteiramente falsos; e, finalmente, a afirmação contida em livros aparentemente respeitáveis e verdadeiros, e frequentemente reproduzida, comentada e ampliada na imprensa estrangeira, de que nosso país constitui, do ponto de vista da tolerância, da cultura e do

[89] Julián Juderías escreve outros livros com o tema da Lenda Negra, que seriam consideradas re-edições do original "La Leyenda Negra y verdad histórica", de 1914, nos quais ele traz novas informações e bibliografias: "La Leyenda Negra de España" (1917), "La Leyenda Negra: Estudios acerca del concepto en el Extranjero" (1917). Também escreveu "España en tiempos de Carlos II, el Hechizado" (1912); "Don Gaspar Melchor de Jovellanos: su vida, su tiempo, sus obras, su influencia social" (1913); "Don Francisco Quevedo y Villegas: la época, el hombre, las doctrinas" (1922); Rusia Contemporánea: estudios acerca de su situación actual" (1904).

> progresso político, uma lamentável exceção dentro do conjunto das nações europeias.

E continuava sua argumentação concluindo que:

> Numa palavra, entendemos por lenda negra a lenda da Espanha inquisitorial, ignorante, fanática, incapaz de aparecer entre os povos cultos tanto agora como antes, sempre pronta para a repressão violenta; inimigo do progresso e da inovação; Ou, em outras palavras, a lenda que começou a se espalhar no século XVI, após a Reforma, e não deixou de ser usada contra nós desde então, e mais especialmente em momentos críticos da nossa vida nacional."[90] (Juderías, 1986 [1914], p. 28)

A definição clássica de Lenda Negra cunhada por Julián Juderías nos mostra que a propaganda anti Espanha foi fundamentada em três possibilidades: na inverdade, no exagero ou na má interpretação de fatos sobre a história da nação espanhola que, segundo o mesmo, era continuamente reproduzida pela historiografia estrangeira, ao passo que a historiografia espanhola não voltava seu olhar para a sua própria história. O autor mapeou um histórico da propaganda anti-Espanha, em especial em seu auge no século XVI com a propagandas de procedência holandesa.

Julián Juderías concebeu o livro como expressão do sentimento nacionalista em defesa de seu país. Inicialmente, o texto foi escrito com a intenção de participar de um prêmio no ano de 1914, inicialmente na forma de ensaio e transformado em livro no mesmo ano em Madri (Carcel, 1989, p. 3). Juderías reescreveu para uma segunda edição, em 1917, e esta se tornou a edição frequentemente republicada. A intencionalidade do autor em termos da promoção de uma propaganda nacionalista se deu através da teorização e do combate *a Leyenda Negra*, o que por sua vez indicava uma propaganda elogiosa que se defendia a Espanha de uma propaganda desmoralizante, vinda de seus detratores ou inimigos.

---

[90] Do original: "Por leyenda negra entendemos el ambiente creado por los fantásticos relatos que acerca de nuestro País han visto la luz pública en casi todos los países; las descripciones grotescas que se han hecho siempre del carácter de los españoles como individuos y como colectividad; la negación, o, por lo menos, la ignorancia sistemática de cuanto nos es favorable y honroso en las diversas manifestaciones de la cultura y del arte; las acusaciones que en todo tiempo se han lanzado contra España fundándose para ello en hechos exagerados, mal interpretados o falsos en su totalidad, y, finalmente la afirmación contenida en libros al parecer respetables y verídicos y muchas veces reproducida, comentada y ampliada en la Prensa extranjera, de que nuestra Patria constituye, desde el punto de vista de la tolerancia, de la cultura y del progreso político, una excepción lamentable dentro del grupo de las naciones europeas. [..] En una palabra, entendemos por leyenda negra, la leyenda de la España inquisitorial, ignorante, fanática, incapaz de figurar entre los pueblos cultos lo mismo ahora que antes, dispuesta siempre a las represiones violentas; enemiga del progreso y de las innovaciones; o, en otros términos, la leyenda que habiendo empezado a difundirse en el siglo xvi, a raíz de la Reforma, no ha dejado de utilizarse en contra nuestra desde entonces y más especialmente en momentos críticos de nuestra vida nacional." Tradução nossa.

O livro de Juderías traça um histórico a partir da história intelectual da Lenda Negra, mostrando os autores que contribuíram para a reprodução do estereótipo ao longo dos séculos, mas também trata dos historiadores de seu tempo que trabalharam com a História da Espanha. Através deste apanhado, trouxe uma crítica aos autores espanhóis que não costumavam tratar da história da nação Espanhola, deixando que os estrangeiros construíssem uma narrativa histórica do país. O autor defendeu, com esse argumento, que a manutenção deste estereótipo também foi reforçada pela própria Espanha, em especial no âmbito da escrita historiográfica.

No decorrer do livro, a fala de Juderías foi marcada por uma argumentação de recorte nacionalista, ainda que o mesmo tenha suas críticas a historiografia tradicional espanhola. Seu intuito era incentivar os historiadores a escreverem a história de seu país e retirarem das mãos de intelectuais estrangeiros o monopólio da narrativa. Logo, o autor fez uma crítica à falta de estudos nacionais, convocando estudiosos ao combate à Lenda Negra.

Eric Hobsbawm (2004), ao tratar acerca dos nacionalismos, nos reitera que o período que compreende o fim do século XIX ao final da Primeira Guerra Mundial compreende uma onda nacionalista que se dá pela consolidação do liberalismo e um incentivo ao sentimento de orgulho da nação. Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial em 1914, data da primeira escrita do livro de Julián Juderías, o nacionalismo se tornava mais expressivo com a necessidade de defesa da nação. No ano da publicação da segunda edição, em 1917, ano do Tratado de Versalhes, é considerado o ponto auge do nacionalismo (Hobsbawm, 2004). Nesse sentido, entendemos que as intelectualidades europeias, neste sentimento exacerbado de nacionalismo, exaltaram suas nações e trouxeram à tona reivindicações para a escrita de sua história por seus conterrâneos de forma a monopolizar as narrativas, como foi o caso de Juderías.

Para além da crítica, Juderías fez uma discussão bibliográfica do que era possível encontrar sobre a História da Espanha até o momento, denunciando como os estrangeiros percebiam a Espanha. Além disso, também trouxe fontes do contexto do surgimento e do auge da propaganda anti-imperial, com o intuito de comprovar a existência da Lenda Negra Espanhola, trazendo o termo utilizado por Emília Pardo Bazán (1899) para a historiografia.

Algo interessante sobre a construção argumentativa do autor consistiu na não-omissão da violência espanhola, mostrando deter consciência dos feitos de seu país, especialmente nas colônias americanas. Entretanto, Juderías se utilizou do argumento de que outros países também foram violentos em seus processos de expansão e dominação. Por um lado, entende-se que tanto a violência cometida pela Espanha quanto a cometida por outros países europeus nos processos de colonização foram processos factuais. Por outro lado, a violência

das outras potências europeias perante suas colônias não ameniza a violência espanhola em seus processos de expansão tanto na Reconquista ibérica quanto na Conquista da América.

Para além das discussões de fontes e bibliografias disponíveis acerca da história nacional espanhola, trazida de forma crítica em seu livro, Juderías também trouxe um aspecto argumentativo ao seu texto através da construção de justificativas que percebia como cabíveis à aspectos da Lenda Negra, ainda que admita a violência presente na Conquista e certos problemas ligados à ação da Inquisição na América. Entretanto, percebemos que a linha historiográfica de Julián Juderías se voltou muito para as instituições, retirando o protagonismo e as escolhas dos sujeitos envolvidos, colocando-os como vítimas do sistema, por exemplo.

Assim, ao inaugurar as noções de Lenda Negra Espanhola como algo canônico na historiografia, o autor abriu espaço para outros estudos futuros acerca do tema. Ao passo que a historiografia estrangeira se ocupava da História da Espanha, como criticado por Julián Juderías, a teorização da Lenda Negra foi mais ocupada por autores estrangeiros em meados do século XX, tendo algumas novas publicações a respeito nas primeiras décadas do século XXI. Muitos abordam a Lenda Negra Espanhola como um tema a se acrescentar de seus estudos, em especial quando abordam a questão da conquista e colonização hispanoamericana; outros, por sua vez, teorizam de forma mais direta a questão da Lenda Negra Espanhola em livros.

Alguns teóricos canônicos da conquista da América pensaram na questão da Lenda Negra. Ruggiero Romano dedicou algumas páginas do Apêndice do livro “Mecanismos da Conquista Espanhola” (2006) para discutir a Lenda Negra Hispanoamericana. Romano discutiu o assunto de forma breve, abordando os preconceitos pelos países protestantes, mas enfatizou a questão colonial, que tem origem através da publicação de *Brevísima* de Bartolomé de Las Casas como o grande estopim de uma propaganda mais intensa.

Michel-Rolph Trouillot (2016) também abordou essa questão quando discutiu as relações entre Espanha, Estados Unidos e Inglaterra no contexto colonial. Porém, é uma temática na qual ele não se aprofundou, visto que analisou a propaganda anti-Espanha destes países. Nos mesmos moldes, Jorge Cañizares-Esguerra (2011) também abordou o tema, no qual ao tratar dos viajantes estrangeiros e de suas impressões, apresentou a existência de uma atmosfera de desconfiança das fontes provenientes dos viajantes espanhóis. Entretanto, este último pesquisou outras questões sobre a Lenda Negra e suas contradições, participando de um compilado de artigos organizado por Yolanda Rodríguez Pérez (2017).

Pérez percebeu a Lenda Negra como uma construção narrativa fictícia nesse contexto do "Século de Ouro" da Espanha. A autora montou dois compilados de textos para discutir as mais variadas facetas da Lenda Negra na Era Moderna com a finalidade de pensar no aspecto literário da propaganda anti-Império Espanhol e as retaliações da Espanha. Também existem textos que abordam as repercussões e as complexidades que se estabeleceram entre os espaços que exerceram a propaganda e a Espanha.

Para ela, a Lenda Negra era algo que se estabeleceu e permaneceu na Modernidade, e tal opinião é compartilhada por outros especialistas que se debruçam sobre o tema. Dentre eles, existem aqueles que mantêm um posicionamento de defesa da Lenda Negra como ficção, que tem repercussões no que se chama atualmente de hispanofobia. Dentre eles, se encontra Ricardo García Cárcel (1992), que escreveu diversos livros sobre o assunto, pensando em seus diversos desdobramentos: a monarquia de Felipe II (1556-1598), a colonização americana e as propagandas protestantes anti-espanholas.

Alguns autores se debruçaram nos estudos da Lenda Negra de forma direta, dentre eles, Philip W. Powell (1972) e Sverker Arnoldsson (1960) se destacam com seus livros. Powell se debruçou sobre as construções da Lenda Negra como a ponte do desentendimento entre o Império Espanhol e os Estados Unidos, que também reproduziram a propaganda hispanofóbica. Arnoldsson, por outro lado, estudou a Lenda Negra em contraponto com a Lenda Dourada, pensando em ambas como ficções, tanto para uma propaganda negativa quanto para uma propaganda positiva.

Autores decoloniais como Walter Mignolo (2007) também buscaram trazer uma releitura da Lenda Negra, tentando compreender o discurso fictício e como essa propaganda afetou não somente o Império Espanhol, como também as colônias. No compilado de textos organizado e escrito pelo autor, os textos fazem mais do que pensar os eixos principais da Lenda Negra, como a Inquisição, a questão religiosa e racial, e o combate espanhol contra o protestantismo, mas existem pesquisas acerca dos reflexos destas questões nas colônias, além de pensar as questões raciais que se construíram através da Lenda Negra. O compilado sai de um eixo eurocêntrico da Lenda Negra, desconstruindo, também, seus reflexos nas colônias americanas. Em linha de raciocínio semelhante, Esteban Mira Caballos (2021) também se posicionou desta forma ao tratar das ficções estabelecidas e ao questionar a existência da Lenda Negra no tempo presente em um de seus artigos. Sobre essa questão, o autor se posicionou argumentando que a desmoralização da Espanha, assim como as exaltações aos feitos do Império Espanhol são construções exageradas:

> "Como escreveu Ricardo García Cárcel, não se pode ser a favor ou contra a Lenda Negra porque, como seu nome indica, ela não é nada mais do que isso, ou seja, uma lenda. Tanto a Lenda Negra quanto a Lenda Branca são baseadas na manipulação de dados e levam a conclusões parciais e tendenciosas que nada mais são, como disse Moreno Fraginals, do que *uma única grande mentira.*"[91] (Caballos, 2021, s/p)

Outra vertente de estudos vem de autores que pensam na Lenda Negra Espanhola como algo que não tem apenas reflexos no presente, mas que ainda existem como uma forma de criar inimigos no passado e exercer a hispanofobia. Dentre estes, destaca-se Maria Elvira Roca Barea, filóloga espanhola que reinaugurou o tema da Lenda Negra nesse tipo de discussão. A autora, que especificamente defende que a hispanofobia não constitui apenas ecos da Lenda Negra, mas que as construções narrativas contra a Espanha seguem sendo feitas através da historiografia estrangeira na contemporaneidade. Seus esforços para comprovar seu posicionamento são construídos através de uma narrativa elogiosa a Espanha, criando um *fact-checking* sobre os principais eixos da Lenda Negra: a Inquisição, a dominação italiana, as relações com o protestantismo, a Conquista da América e o Século das Luzes e, além disso, ao defender seu ponto de vista, também tratou da contemporaneidade. Através da leitura de seu texto, percebemos o que foi apontado por Caballos: uma manipulação dos fatos e a construção de uma ficção.

3.2. Lenda Negra, Protestantismo e a panfletagem no século XVI

"Nobody expects the Spanish Inquisition!", uma das mais célebres frases das produções audiovisuais do grupo de comédia inglês Monty Python. O grupo faz paródia de diversos períodos e instituições históricas de forma crítica e, claro, jocosa, muitas vezes trazendo um jogo com o contexto político e cultural em que viviam na Inglaterra ou na Europa nos fins do século XX. A célebre frase citada vem da série de esquetes *Monty Python's Flying Circus*, com o nome de *Spanish Inquisition*[92], no qual os comediantes colocam a Inquisição Espanhola como a grande vigilante, sempre à espreita em busca de

[91] Do original: "Como ha escrito Ricardo García Cárcel no se puede estar a favor ni en contra de la Leyenda Negra porque como su propio nombre indica no se trata más que de eso, es decir, de leyenda. Tanto la Leyenda Negra como la Blanca parten de la manipulación de datos y abocan a conclusiones parciales y tendenciosas que no son más, como decía Moreno Fraginals, que *una sola gran mentira*." Tradução nossa.

[92] Disponível no YouTube: https://www.youtube.com/watch?v=D5Df191WJ3o. Acesso em: 03/02/2024.

heresias. Na esquete, os cardeais explicitam que suas armas são o *medo* e o *elemento surpresa*, portanto, *ninguém espera a Inquisição Espanhola* (1970)

Esse que se torna um *meme* utilizado na atualidade em diversos contextos de um elemento surpresa, ou como piada com algo considerado "pecaminoso". Na esquete, os atores são representados com roupas vermelhas imitando as vestes de três clérigos: Cardeal Ximenez (Michael Palin), Cardeal Biggles (Terry Jones) e Cardeal Fang (Terry Gilliams), que entram em cena quebrando portas e paredes, com Cardeal Ximenes gritando em um tom esganiçado "Ninguém espera a Inquisição Espanhola!".

Ainda que esteja inserida num contexto anedótico, a construção da Inquisição Espanhola como a mais cruel das instituições é um ponto de reflexão. Entendemos, através da historiografia sobre o tema, que isso pode ser parte de uma construção narrativa da Lenda Negra Espanhola, na qual se constroem estereótipos através de determinados aspectos do Império Espanhol. Especialmente nos países em que a Reforma Protestante tomou forma, as narrativas anti-Inquisição e anti-Império Espanhol tornaram-se muito expressivas. Como dito em páginas anteriores, destacam-se, principalmente, a Inglaterra e a região de Flandres.

O contato com os mouros e os judeus, em especial no período medieval, trouxe de forma incisiva uma relação de civilização e barbárie. Períodos como o das Cruzadas (1095-1291) trazem à tona essa noção através da religiosidade: os católicos como os civilizados e os mouros como os bárbaros. O antissemitismo também se tornou presente, nesse contexto, em especial através do catolicismo, que perseguiu os judeus de forma insistente.

As noções de hierarquias sociais e culturais, como aponta Denys Cuche (2002), também se aplicam nestes moldes. Pensar nas relações entre culturas dominantes e dominadas pode mostrar exatamente a relação entre civilizados e bárbaros que se estabeleceu entre a Europa católica e os mouros e judeus, considerados inferiores religiosa e culturalmente como um todo e de que estes grupos eram infiéis. Essa narrativa, reflete a visão de uma cultura estabelecida por uma hierarquia social - leia-se a alta cúpula da Igreja Católica- , que também exerceu uma relação hierárquica cultural que contemplava a Europa e buscava exercer sua influência sobre outras culturas, através dessa lógica de inferiorização. Observa-se, portanto, que o estabelecimento dessa hierarquia acabou funcionando para os países dominados pela Igreja Católica, o que não era o caso da Península Ibérica.

A partir do período medieval, as relações entre religiões e sujeitos se transformaram, devido às novas perspectivas criadas a partir desta hierarquia social e cultural. Entretanto, deve-se pensar também nas complexidades existentes, devido a coexistência de diversos

povos neste período, especialmente os muçulmanos. Nesse contexto, Francisco Bethencourt (2013) argumenta que afloraram três questões na Europa:

> O impacto do islamismo nas sociedades cristãs pode ser destacado em três áreas: inspirou um importante pendor profético na Europa Ocidental; disseminou a ideia de guerra santa; e providenciou um modelo de governo baseado na coexistência hierárquica de religiões diferentes. (Bethencourt, 2013, p. 33)

Esse conjunto de questões trouxe essas noções de *civilização* e *barbárie*, pautando-se na construção narrativa de uma predestinação profética, na qual dava argumentos para a execução da Guerra Santa, tendo em vista que os europeus consideravam apenas a religião católica como legítima. Era estratégico buscar a conquista de territórios que eram considerados Terra Santa, para além dos interesses econômicos empregados em conflitos como as Cruzadas. Também existia a questão de pensar na coexistência de sujeitos de outras religiões, estabelecendo essa relação hierárquica.

As relações entre as diversas culturas através das invasões na Europa, ao mesmo passo que criava um ambiente de coexistência, também contribuiu para a institucionalização de novas formas de perseguição e de segregação. Para Francisco Bethencourt (2016):

> As Cruzadas representaram assim um ponto de virada importante para o cristianismo, não só por darem uma expressão ideológica a um enorme processo de expansão e de conquista, mas também por terem dado origem a novas formas de perseguição religiosa e a novos conceitos de hierarquia étnica. As Cruzadas foram acompanhadas por uma importante remodelação de povos e etnias, de identidades individuais e coletivas, resultado das migrações, dos massacres, das mudanças de status, das inversões e criações de novas hierarquias e das conversões e reconversões em massa. A expansão dos cristãos latinos na região mediterrânica representou uma primeira alteração crucial na percepção da identidade europeia: Jerusalém tornou-se comumente vista como o centro espiritual do mundo, apesar da posição de Roma como sede da Igreja, algo que teve implicações nos conceitos geográficos e em sua expressão cartográfica. A assimilação da ciência islâmica nesses campos, bem como na matemática, na navegação náutica e na astronomia, resultou das novas necessidades de orientação, informação sobre povos e conhecimento de territórios. (Bethencourt, 2016, p. 34)

O autor também demonstrou que, para além das questões de perseguição e das novas estruturas étnicas estabelecidas através destes contatos, também existia uma assimilação de determinados aspectos oriundos de culturas como a islâmica. Os europeus católicos aproveitaram as noções de matemática, navegação, astronomia e cartografia desenvolvidas pelos mouros. É interessante observar que essa apropriação torna-se mais enfatizada nos países Ibéricos, dominados pela presença dos mouros, e que as ferramentas para navegação

foram o que deu a vantagem para portugueses e espanhóis na questão marítima e da conquista. (Bethell, 2015, p. 35)

No caso ibérico, observamos que a dominação moura criou uma influência cultural particular: a coexistência entre muçulmanos, judeus e católicos se estabeleceu numa nova forma durante os séculos VIII ao XVI. A inferiorização do catolicismo se estabeleceu nesse contexto, além dos ecos da presença islâmica na Península Ibérica, em especial no território espanhol. As tentativas de Reconquista durante essa dominação se mostraram bem sucedidas ao correr dos séculos, possibilitando a criação dos reinos de Portugal, Castela e Aragão.

Um dado que mostra essa questão diz respeito à apropriação de prédios e a "marcação" dos mouros e judeus com adereços num primeiro momento e, logo em seguida, a expulsão em massa desses povos do território espanhol. O intuito dos reis católicos era desvincular totalmente a imagem de Castela com a dominação muçulmana.

> A resistência islâmica à conquista foi aparentemente mais forte do que a cristã, já que no final do século XV havia ainda um grande número de muçulmanos em Valencia, Aragão e Granada. Contudo, na Península Ibérica ocidental e central, as comunidades muçulmanas entraram num declínio acentuado ao longo de dois séculos devido a uma pressão religiosa irresistível (todas as grandes mesquitas foram transformadas em catedrais, com os minaretes e os muezins sendo proibidos) e a leis de segregação. Os muçulmanos foram excluídos do governo municipal, restringidos a bairros específicos e banidos de emprego a serviço do rei, bem como da participação no sistema judicial cristão. O vestuário era sujeito a regulamentações severas. (Bethencourt, 2016, p. 48)

Após a Reconquista (1492), a expulsão em massa dos mouros e judeus tornou-se um dos grandes objetivos dos Reis Católicos. Essa expulsão teve como justificativa construir uma nação unificada com "pureza de sangue", tanto pelas questões internas, visto que almejavam apagar esse passado marcado pela ocupação moura, quanto para mitigar a imagem manchada do Império Espanhol para com as nações ao redor. Uma das maiores aliadas à Castela na empreitada para essa caça aos judeus e muçulmanos existentes no território foi a Igreja Católica, agindo por meio do Tribunal do Santo Ofício. Ainda que diversos países tivessem estabelecido uma relação violenta, tanto através da dominação territorial, quanto pelos usos do Santo Ofício para exercer violência punitiva para controle e poder, apenas a Inquisição Espanhola manteve sua fama, através da narrativa inglesa, que denunciava sua crueldade com fins propagandísticos.

> "Desde o início, a Inglaterra era obcecada pela Espanha. A Inglaterra teve que confrontar a Espanha antes que ela também pudesse se tornar uma jogadora na nova ordem política do Ocidente, e suas batalhas foram travadas em bases religiosas e seculares. O protestantismo se tornou um símbolo do nacionalismo inglês quando a Igreja da Inglaterra rompeu com Roma;

> durante as últimas décadas do século XVI, a Inglaterra se viu como portadora da verdadeira fé, um povo escolhido, com a Espanha católica como sua nêmesis. A Inquisição — a defensora do catolicismo e falsa árbitra da heresia — tornou-se nas guerras de propaganda da Inglaterra — ou Lenda Negra — o emblema da degeneração moral e política da Espanha."[93] (Silverblatt, 2007, p. 99)

Nas origens da propaganda contra a Espanha a literatura se ocupava mais da dimensão intelectual dos monarcas, juntamente com o questionamento do caráter dos soldados e a falta de cultura das Cortes devido à dominação islâmica. Em fins do século XVI, auge da propaganda anti-espanhola, ainda que as questões anteriores se façam presentes, especialmente pensando na crueldade do povo espanhol como um todo, temas como a religião, a monarquia espanhola e a conquista da América foram enfatizados.

No caso da Inglaterra, a monarquia espanhola foi colocada em xeque, especialmente no período do casamento de Maria I, da Inglaterra, com Felipe II, da Espanha, que teve uma curta duração entre os anos de 1554 a 1558, ano da morte da rainha Maria I. Elanão tinha herdeiros e, aos 37 anos, buscou um marido para conseguir alguma possibilidade de continuidade da linhagem, já Felipe II era viúvo de seu primeiro casamento com Maria Manuela de Portugal, que morreu dando à luz ao seu herdeiro, Dom Carlos, que se tornaria o rei Carlos V com o falecimento do pai.

Maria I, a católica, já não era bem quista pela população inglesa, majoritariamente protestante. Ela era considerada uma sanguinária por seus súditos, e tornou-se ainda mais impopular quando tomou a decisão de casar-se com Felipe II. A Lenda Negra, nesse contexto, aparecia inicialmente como uma reprodução daquilo que escreviam os humanistas na Sicília contra o reino de Aragão[94].

---

[93] Do original: From its beginnings, England was obsessed with Spain. England had to confront Spain before it, too, could become a player in the West's new political order, and their battles were fought on both religious and secular grounds. Protestantism became a badge of English nationalism once the Church of England broke from Rome; during the last decades of the sixteenth century, England saw itself as the bearer of the true faith, a chosen people, with Catholic Spain as its nemesis. The Inquisition—the defender of Catholicism and false arbiter of heresy—became in England's propaganda wars—or Black Legend—the emblem of Spain's moral and political degeneracy.

[94] Reiteramos que, ainda que se considere que a Lenda Negra tenha início a partir da Primeira Modernidade, entende-se que a narrativa anti-aragonesa pode ter contribuído para a propaganda anti-Império Espanhol, como aponta Jürgen Poesche (2015). Entender o início da Lenda Negra na dominação aragonesa da Sicília pode levar ao pensamento de uma Espanha contínua, algo aplicado por sujeitos como Maria Elvira Roca Barea, intelectual orgânica da ultra-direita espanhola, que reivindicam uma noção de um Império contínuo e glorioso, desde a *Hispania*, na Antiguidade. Nesse sentido, a crença de uma Lenda Negra anterior à Era Moderna é uma construção datada, reivindicada a partir de revisionistas da ultra direita espanhola.

Essa reprodução se deu devido à viagem de alguns letrados ingleses à Itália, assim como ao exílio de outros, que viveram por anos dentre os italianos, em contato com o conhecimento humanista e, consequentemente, também absorvendo a narrativa anti-aragonesa, que tornou-se, de certa forma, uma reprodução de uma narrativa pejorativa que se estendeu ao Império Espanhol. Um exemplo que se utiliza é o de Thomas Wilson, súdito inglês, exilado por quatro anos na Itália, escreveu o livro *The Art of the Rhetoric* (1560), no qual citava a relação entre italianos e aragoneses, explicitando o ponto de vista italiano.

> "Foi argumentado que a falta de mudança demonstra um retorno a uma visão pré-mariana, ou seja, que a experiência de quatro anos de presença espanhola em Londres não desenvolveu uma imagem mais detalhada dos espanhóis, já que os hispânicos continuaram a ser conhecidos apenas por "ágil corpo e desdém moche". No caso de Wilson, além de passar vários anos no exílio italiano, parece que seu conhecimento mais profundo serviu para particularizar sua visão espanhola em vez de dar lugar a outras generalizações. A descrição de Wilson, sem dúvida, deriva de várias fontes italianas, que elogiavam o soldado espanhol."[95](Wilson *apud* Samson, 2015, p. 97).

A união entre os dois monarcas era alvo de protestos na Inglaterra, tendo em vista, dentre muitas questões, a crescente oposição da população protestante ao reinado de Maria I. Além disso, o parlamento aprovou uma lei que cedia o trono inglês para Felipe II na possibilidade de falecimento de Maria I, que adoeceu muito após o matrimônio. Na possibilidade de um rei espanhol tornar-se rei da Inglaterra, os protestos e a panfletagem tornaram-se mais intensos. De acordo com Alexander Samson: "A Lenda Negra no contexto do 'interlúdio' Tudor é articulada na afirmação de um sentimento anti-espanhol intransponível e na noção de que a cultura hispânica era, em essência, impopular no reino da Inglaterra."[96] (Samson, 2015, p. 94). Nesse sentido, o protesto se dava não só pela figura do rei Felipe II, como também pela infiltração da cultura hispânica através da mera presença do rei e de alguns de sua corte na Inglaterra.

---

[95] Do original: "Se ha arguido que la ausencia de cambio demuestra una vuelta a una visión pre-mariana, es decir, que la experiencia de cuatro años de presencia española en Londres no dio cuerpo a una imagen de los españoles más detallada, pues los hispanos seguían siendo conocidos por nada más que «nimblenes of body, and moche disdain». En el caso de Wilson, aparte de pasar varios años en el exilio italiano, parece ser que su conocimiento más profundo sirvió para particularizar su visión española en vez de ceder a otras generalizaciones. La descripción de Wilson sin duda deriva de múltiples fuentes italianas, que alababan al soldado español." Tradução nossa.

[96] Do original: "La Leyenda Negra en el contexto del 'interludio' Tudor se articula en la aseveración de un sentimiento antiespañol insuperable y en la noción de que la cultura hispánica era, de forma esencial, antipática en el reino de Inglaterra." Tradução nossa.

Entendiam, portanto, que a presença espanhola na Inglaterra era uma ameaça à cultura e à propriedade inglesa, tendo em vista que o poder régio se tornaria da Espanha. Atacavam principalmente o rei e sua conduta, chamando-o de mulherengo, afável e, eventualmente, foi visto como *tolerante*. Entretanto, sua esposa era vista como símbolo da esterilidade e da intolerância, a real combatente da Reforma Protestante na Inglaterra. (Samson, 2015, p. 98) Percebemos que, apesar da visão de um rei tolerante no âmbito religioso, ainda era um problema a cultura hispânica estar presente naquela sociedade.

Os estereótipos de uma sociedade bárbara, de bêbados mulherengos e fanfarrões, homens cruéis e incultos, teve suas origens especialmente a partir da islamofobia presente nos países europeus, sobretudo no medievo. A intolerância religiosa não se tornou um alvo neste primeiro momento devido a uma certa passividade de Felipe II perante os protestantes anglicanos e puritanos. Durante os anos de seu reinado (1554-1558), a questão religiosa tornou-se minoritária no que diz respeito à própria conduta do rei, num tom de considerável tolerância. Entretanto, a Inquisição tornou-se alvo de propaganda com a intensificação dos conflitos com protestantes na Holanda por volta de 1566. Nesta data, Felipe II já estava desvinculado da Inglaterra, tendo em vista o falecimento de sua esposa e a ascensão de Elizabeth I ao trono inglês.

Entendemos que essa relação se mostra diretamente ligada ao movimento da Inquisição Espanhola, instrumento de restauração da ordem social para a Coroa (Schwartz, 2008) e suas tendências a perseguições específicas em determinados períodos do século XVI. No período em que Filipe II teve contato com os protestantes ingleses a tendência de perseguições e intolerância era mais voltada aos judeus convertidos e aos mouriscos, algo que ocorre até meados da década de 1560, momento em que a tendência era a perseguição aos protestantes e aos cristãos-velhos, como forma de resposta ao Concílio de Trento (1545-1563):

> "Nos tribunais castelhanos, o período anterior a 1570 tem sido visto como uma época de preocupação intensa com as heresias, primeiro as dos judeus convertidos, ou "conversos", e depois as dos muçulmanos convertidos, ou "mouriscos", e mais tarde com a ameaça do protestantismo e de desvios dentro da Igreja. O historiador Henry Kamen argumenta que após o Concílio de Trento, em meados dos anos 1560, a Inquisição transferiu seus esforços dos conversos para os hábitos e práticas dos cristãos-velhos, como parte da Reforma católica. [...] o ritmo de intensificação dos processos por proposições estava claramente ligado à vontade de aplicar os resultados do Concílio de Trento a partir de 1564, mas também era uma resposta à ameaça luterana e ao crescimento do protestantismo na Espanha." (Schwartz, 2008, p. 44-46)

Alexander Samson demonstrou, através da discussão bibliográfica acerca das relações entre Inglaterra Mariana e a Lenda Negra, que essa repulsa à Inquisição espanhola teve seu primeiro registro em 1570. Quem reconheceu este primeiro registro foi o historiador inglês William Maltby: "Maltby se refere à edição de 1570 de Foxe, que inclui material sobre a Inquisição pela primeira vez, mas na verdade não apresenta nada anterior à eclosão da Revolta Holandesa em 1568."[97] (Samson, 2015, p. 96)

Para a Holanda, diferentemente da Inglaterra, Felipe II era considerado intolerante e sanguinário, já que foi linha de frente no combate ao protestantismo holandês. A Espanha, que dominava as províncias holandesas naquele período, impôs altas taxas tributárias às regiões dominadas, assim como estabeleceu leis que restringiam o protestantismo, num país majoritariamente protestante. Nesse contexto, os holandeses se revoltaram contra a dominação espanhola e as leis impostas a eles, ocasionando um conflito longo contra o Império Espanhol. Os conflitos tiveram início em 1566, após as revoltas do lado protestante terem iniciado a quebra das imagens presentes nas igrejas católicas dos Países Baixos, como forma de protesto à dominação católica e combate ao que os protestantes consideravam idolatria. O auge dos conflitos aconteceu a partir do ano de 1572 e durou até 1584. (Van Der Lem, 2018)

A literatura de panfletagem tornou-se mais intensa durante os anos de auge do conflito, com a contribuição de grupos de letrados holandeses que faziam as informações da propaganda circularem pela Holanda. Nos anos de 1570, grande parte daqueles que propagandeavam contra Felipe II e a Espanha atacavam principalmente a Inquisição Espanhola, uma das principais formas de combate ao protestantismo naquele contexto.

> "A visão da Inquisição Espanhola como a principal culpada pela agitação holandesa culminou na produção de um notório documento falsificado por volta de 1570, no qual o Santo Ofício espanhol declara quase todos os flamengos — protestantes e católicos — culpados de lesa-majestade, sentenciando-os à morte e ao confisco de suas propriedades."[98] (Schneider, 2008, p. 76)

[97] Do original: " Maltby hace referencia a la edición de Foxe de 1570, que incluye por primera vez materia sobre la Inquisición, pero realmente no aduce nada anterior al estallido de la revuelta de los Países Bajos en 1568." Tradução nossa

[98] Do original: "La visión de la Inquisición española como culpable principal de los disturbios neerlandeses culminó en la elaboración de un reputado documento falso hacia 1570, en el que consta que el Santo Oficio español declara a casi todo el pueblo flamenco — protestantes y católicos— culpable de lesa majestad, sentenciando por ello a la muerte y a la confiscación de sus bienes." Tradução nossa.

Em 1581, a escrita do livro *Apologia* por Guilherme de Orange (1533-1584) foi uma produção de extrema relevância para a propaganda contra o Império Espanhol. O Príncipe de Orange escreveu o livro como forma de atacar o monarca espanhol, buscando atacá-lo ao criar uma narrativa sarcástica, em que acusava Felipe II de ser um rei incestuoso, bígamo e assassino de sua própria esposa e filhos:

> [...] Contemplam todos os dias diante de si um rei incestuoso [...] e, no entanto, atrevem-se a reprovar-me por meu matrimônio, que é sagrado, honesto e de acordo com a lei e a palavra de Deus, e que foi celebrado segundo as disposições da Igreja de Deus. [...] Aquele que desposou sua própria sobrinha ousa reprovar-me por minhas núpcias, [...] Aquele, digo, [...] que (para poder contrair tal matrimônio) assassinou cruelmente sua própria esposa, filha e irmã dos reis da França (segundo tenho entendido, na França possuem informações e instruções a respeito), sim, sua esposa legítima, mãe de duas filhas, a verdadeira herdeira da Espanha, não tenho dúvidas. Mas a Coroa da França (que até então havia concedido a Coroa de Castela a um bastardo do qual descende Filipe, despojando assim um tirano dela, apesar de este ter direito por nascimento) não terá menos poder para mantê-la e arrebatá-la da verdadeira herdeira, caso Deus, que é um juiz equânime e nunca permitiu que tais iniquidades ficassem impunes, não se vingue dele ainda durante sua vida terrena, privando-o de seu Estado, o que ele mereceria com toda justiça, ainda que não tivesse cometido outra falta além desse incesto, acompanhado de um assassinato tão abominável. [...] Se dizemos, portanto, que rejeitamos o governo de um rei tão incestuoso, que matou seu próprio filho e assassinou sua esposa, quem poderia acusar-nos de estarmos sendo injustos? [...]"[99] (Guilherme de Orange *apud* Schneider, 2008, p. 105)

Através da literatura dos letrados ingleses e da população holandesa, percebemos que era corrente que os espanhóis eram violentos e cruéis. A noção de crueldade se relacionava, diretamente, com a relação de poder estabelecida entre os espanhóis e os países dominados, além de narrativas aumentadas a partir da dominação e retaliação militarizada, especialmente

[99] Do original: "[...] Contemplan cada día ante ellos a un rey incestuoso [...] y, sin embargo, se atreven a reprocharme mi matrimonio, que es sagrado, honesto y de acuerdo con la ley y la palabra de Dios, y se ha celebrado de acuerdo con las disposiciones de la Iglesia de Dios [...] El, que se ha desposado con su propia sobrina, se atreve a reprocharme mis esponsales, [...] El, digo, [...] que (para poder contraer dicho matrimonio) ha asesinado cruelmente a su propia esposa, la hija y hermana de los reyes de Francia (según tengo entendido, en Francia poseen información e instrucciones al respecto), sí, su esposa legal, madre de dos hijas, la verdadera heredera de España, no lo dudo. Pero la Corona de Francia (que hasta entonces había concedido la Corona de Castilla a un bastardo del cual desciende Felipe, desposeyendo, por lo tanto, a un tirano de la misma pese a que tenía derecho a ella por nacimiento) no tendrá menos poder para mantenerla y arrebatársela a la verdadera heredera, si Dios, que es un juez ecuánime y nunca ha permitido que tales iniquidades queden sin castigo, no se venga de él durante su vida terrena, privándole de su Estado, lo cual se merecería con toda justicia, aun cuando no hubiera cometido más falta que este incesto, acompañado de un asesinato tan abominable. [...]Si decimos, por lo tanto, que rechazamos el gobierno de un rey tan incestuoso, que ha matado a su propio hijo, y asesinado a su esposa, ¿quién podría acusarnos de estar siendo injustos? [...]". Tradução nossa.

contra países protestantes. Reiteramos que essa visão era refletida, especialmente, a partir da literatura e da panfletagem, tendo como público-alvo, nesse contexto, os humanistas.Um grande exemplo disto é filósofo humanista holandês Erasmo de Roterdã (1466-1536), muito requisitado dentre as universidades europeias nas primeiras décadas do século XVI. Ainda que Erasmo não convivesse com Felipe II no contexto neerlandês abordado, o holandês era um reflexo da chegada destes textos na Holanda.

Em 1516, Erasmo foi convidado pelo Cardeal Cisneros para visitar a Universidade de Alcalá. Sua resposta foi negativa e sua justificativa apareceu numa carta escrita no ano seguinte a seu amigo e também humanista Thomas Morus (1478-1535) Nela, o holandês deu o seu literal "Non placet Hispania". Os historiadores que se debruçaram sobre esta questão apontam que não existia razão específica para Erasmo dizer não à esta visita:

> "É claro que não pode ter sido sua intensa vida intelectual ou a dificuldade da viagem à Espanha, porque o holandês nunca economizou em viagens à França, Inglaterra e Itália. Parece mais provável pensar que a Hispânia parecia muito bárbara em seus costumes e insincera em suas práticas religiosas; Além disso, a falsa conversão de muitos judeus e mouriscos provocou uma política religiosa intransigente: houve revoltas frequentes de mouriscos e judeus em territórios que já haviam sido "cristianizados". Os Reis Católicos decretaram a expulsão destes últimos em 1492, e Portugal seguiu o exemplo quatro anos depois, devido à pressão exercida por Castela quando constantes pactos de casamento eram forjados entre as duas Coroas.
> A má fama sobre os espanhóis já era um fato perceptível em grande parte da Europa antes que as obras do Padre Las Casas ou de Guilherme de Orange viessem à tona. Ela começou a tomar forma na imagem dada pelos catalães e aragoneses na Itália e no sentimento nacionalista que estava despertando em muitos lugares da Europa após longos anos de domínio espanhol em Nápoles e na Sicília. Mais tarde, o crescente poder da Coroa Espanhola em Flandres e na Alemanha, como resultado da política de casamento dos Reis Católicos, primeiro, e da política imperial de Carlos V, mais tarde, só fomentaria o sentimento contra tudo o que era espanhol."[100] (Moreda, 2015, p. 68)

[100] Do original:" desde luego, no podían ser su intensa vida intelectual o la dificultad del viaje a España, porque el holandés nunca escatimó viajes a Francia, Inglaterra e Italia. Parece más verosímil pensar que Hispania le parecía demasiado bárbara en las costumbres, y en las prácticas religiosas, poco sincera; además, la falsa conversión de muchos judíos y moriscos provocó una intransigente política religiosa: eran frecuentes las revueltas de moriscos y judíos en territorios ya "cristianizados", los Reyes Católicos habían decretado la expulsión de estos últimos en 1492 y Portugal lo hizo cuatro años más tarde, por las presiones ejercidas desde Castilla cuando se fraguaban constantes pactos matrimoniales entre ambas Coronas. La mala prensa sobre los españoles para entonces era ya un hecho que se podía percibir en gran parte de Europa antes de que salieran a la luz las obras del padre Las Casas o de Guillermo de Orange. Había comenzado a fraguarse en la imagen dada por catalanes y aragoneses en Italia y en el sentimiento nacionalista que se despertaba en no pocos lugares de Europa tras largos años de dominio español en Nápoles y Sicilia. Más tarde, el poder creciente de la Corona española en Flandes y Alemania como resultado de la política matrimonial de los Reyes Católicos, primero, e imperial de Carlos V, después, no haría sino fomentar el sentimiento contra todo lo que fuera español." Tradução nossa

O trecho de Santiago López Moreda permite compreender que a propaganda feita neste contexto através de textos como a *Apologia*, de Guilherme de Orange e a *Brevísima*, de Las Casas, foram as principais influências do desenvolvimento da propaganda anti-Império Espanhol ou Lenda Negra. Percebemos, portanto, que esta propaganda desenvolveu-se principalmente através do público letrado, que reproduzia estes textos ou criaram novos textos com base nestes dois principais, reforçando a narrativa. Ao mesmo tempo, percebemos que as ações da Espanha, como a política matrimonial, contribuíram fortemente para o desenvolvimento do sentimento anti-Espanha.

3.3. A Conquista da América, os relatos de viagem e a propaganda Anti-Imperial

La espada, la cruz y el hambre iban diezmando la familia salvaje (Neruda, 1970). Estas são as palavras do poeta Pablo Neruda acerca da Conquista Espanhola, utilizadas pelo autor Ruggiero Romano (2006) para descrever os mecanismos utilizados pelos espanhóis para a conquista e colonização do território americano. A espada simboliza os conquistadores que chegaram às Américas, estabelecendo de forma bélica a dominação territorial; os clérigos evangelizadores, representados pela cruz, converteram os povos originários *infiéis* em católicos, estabelecendo a conquista através da religião e da cultura; por fim, a fome e as mortes por doenças ocasionadas pelo contato com antígenos desconhecidos, assim como o adoecimento e precariedade de condições de vida de grande parte da população originária explorada para o trabalho escravo ou arrendado por colonos e freis.

A violência da Conquista da América é inegável para a historiografia, tendo em vista a vasta bibliografia que explicita o genocídio de diversas etnias, quedas de grandes impérios e confederações de povos nativos, a exploração e violação destes sujeitos. Entendemos, portanto, a questão da violência física e moral como uma das bases fundamentais da colonização européia nas Américas. Por outro lado, também é discorrido de forma enfática a complexidade das relações entre nativos e espanhóis. (Todorov, 2010; Kienning, 2014; Raminelli, 1996 ; Romano, 2006; Restall, 2006)

A Conquista Espanhola se deu também devido a essas complexas relações entre indígenas e espanhóis, tendo em vista que, muitas vezes, os colonizadores se encontravam em territórios desconhecidos e sem saber falar as línguas locais, portanto, se aliavam com grupos étnicos ou indivíduos específicos para conseguir sobreviver e derrotar outros grupos dominantes do território. Desse modo, pensar na conquista espanhola também era refletir sobre estas alianças, abrindo mão de pensar nos conquistadores como agentes únicos da

conquista, ou, como denominado pelo mito teorizado por Matthew Restall (2006), como *homens excepcionais*.

A agência espanhola, portanto, não era a única naquele contexto, não só nas complexas relações entre conquistador e conquistado ou entre aliados, como também através das resistências à Conquista. Os povos nativos das Américas também tiveram forte agência através das resistências contra o avanço espanhol dentro de seus territórios, respondendo, majoritariamente, através da retaliação bélica aos seus conquistadores e a violência empregada por estes durante o processo da conquista e do estabelecimento das colônias no território americano (León - Portilla, 1987; Wachtel, 1976).

A Lenda Negra Espanhola foi ressignificada à luz da Conquista da América, com a publicação da *Brevísima Relación de La Destrucción de Las Indias*, escrita pelo Frei Bartolomé de Las Casas e publicada em 1552. A *Brevisima* de Las Casas de seu tempo na América tinha como intuito a denúncia da violência colonial contra os indígenas através do trabalho escravo, argumentando pela possibilidade de conversão destes pela retórica, apelando para a razão e o pacifismo, já que acreditava que os indígenas eram receptáculos *vazios*, prontos para serem entregues ao serviço do Senhor.

Las Casas nasceu em Sevilha e viajou para a ilha de Santo Domingo com seu futuro governador Nicolás Ovando (1460-1511). Alguns estudiosos apontam que ele chegou à América, inicialmente, com intenções de tornar-se um *encomendero*, entretanto, em 1508, converteu-se para a Ordem dos Dominicanos, com a qual passou a trabalhar com a evangelização dos povos indígenas. Em 1543, tornou-se Bispo de Chiapas, região do atual México.

Enquanto evangelizador nas terras da América, Las Casas advogou, através da denúncia da violência em seus escritos na *Brevísima*, assim como expôs publicamente na célebre Controvérsia de Valladolid (1550) contra os argumentos defendidos por Juan Ginés de Sepúlveda de que os indígenas eram seres irracionais, e, sendo assim, não tinham alma e eram passíveis de se tornarem escravos. Las Casas venceu a controvérsia e abriu um novo precedente para a legislação espanhola acerca do trato das populações indígenas: ao comprovar a humanidade dos indígenas, colocava-os em patamar de súditos de Vossa Majestade e homens livres, não podendo mais ser escravizados pelos colonos. O trabalho exploratório indígena se daria através de outros sistemas já implementados como as *encomiendas*, a *mita* em casos como os do território andino, e o trabalho arrendado. A Guerra Justa, conceito criado na Idade Média, foi utilizada como justificativa ao ataque aos povoados e etnias indígenas contrários à dominação espanhola e à evangelização.

> "Bartolomé reconheceu na natureza humana indiana a plenitude das faculdades e operações, porque a razão é precisamente o que é específico do homem, pois a ela está associada a vontade, sendo o apetite racional governado pelo conhecimento da razão; Assim, reconhecer a razão é reconhecer a vontade e, portanto, a liberdade. [...] Interessado sobretudo em converter os índios à fé cristã, ele sustenta que, uma vez mudada sua outra religião, muitos elementos dessa outra cultura podem coexistir com o cristianismo, no qual - como ele mostra na História Resumida Apologética - eles atingiram um nível muito considerável."[101] (Beuchot, 1996, p. 10)

O intuito de Las Casas com a defesa da humanidade dos povos indígenas das Américas era a possibilidade de conversão através da retórica e de forma mais pacífica, confiando no afeto e racionalidade do outro ser humano que receberia a nova fé. O discurso lascasiano da *Brevísima*, ao denunciar a violência e suas argumentações a favor da humanidade indígena chamaram a atenção não só da Igreja Católica como forma de evangelização de novos fiéis, como também de países europeus que desprezavam a Espanha.

Tzvetan Todorov (2010) em *A Conquista da América: a questão do outro*, livro clássico acerca da conquista da América, analisa as produções de alteridade entre indígenas e conquistadores. Dentre eles, discute a relação entre Las Casas e os indígenas a partir da *Brevíssima*. Todorov alegava que Las Casas, apesar de amá-los, não os conhecia. (Todorov, 2010) Entretanto, José Alves de Freitas Neto (2003), em sua tese sobre a trajetória de Las Casas ao discorrer sobre as noções de *conhecer* e *amar* aplicadas por Todorov nas perspectivas da Conquista. Freitas Neto afirma que, de fato, o amor e o dogma Cristão eram centrais para a perspectiva de Las Casas, sendo assim, a liberdade dos povos indígenas se dava a partir de sua perspectiva cristão. Além disso, sua forma de conhecimento era embasada no modelo aristotélico-tomista, baseado nas categorias de essência e acidente, o que provou a ele a humanidade como um conceito geral, gerando a crítica sobre a conduta da Conquista espanhola. (Amedi *apud* Neto, 2007, p. 5)

O texto de Las Casas, quando publicado, teve forte repercussão na Europa e foi bem recebido, especialmente pelos países que propagandeavam contra o Império Espanhol. Ainda em 1552, *Brevíssima* foi republicado e reeditado em inglês, francês e holandês. As denúncias de Las Casas, ainda que não fossem intencionalmente feitas com o intuito de desbancar o Império Espanhol - pelo contrário, tinham o objetivo de contribuir para a Igreja e para a

[101] Do original: "Bartolomé reconocía en el indio la naturaleza humana en plenitud de facultades y operaciones, pues justamente la razón es lo específico del hombre, ya que la voluntad se asocia con ella, al ser el apetito racional regido por el conocimiento de la razón; así, reconocer la razón es reconocer la voluntad y, por ende, la libertad. [...] Interesado sobre todo en convertir a los indios a la fe cristiana, sostiene que, mudada su otra religión, pueden convivir con el cristianismo muchos elementos de esa otra cultura, en la cual —como lo muestra en la Apologética historia sumaria— habían alcanzado un nivel muy considerable." Tradução nossa.

Coroa Espanhola - foram o respaldo necessário para que países como a Holanda e Inglaterra legitimassem o discurso e o estereótipo da crueldade espanhola.

> "A Brevísima foi usada pelas potências inimigas da Espanha para criar, ou pelo menos reforçar os argumentos, da Lenda Negra, como disse Rómulo Carbia. E é verdade que este panfleto manchou para sempre a expansão hispânica com o estigma da crueldade e da intolerância, sustentando uma Lenda Negra que sobrevive até hoje. Mas é importante destacar que a intenção do dominicano era em todo o momento sensibilizar o Imperador para obter leis protetivas, como de fato conseguiu; Ou seja, seu objetivo era completamente honesto, pois nunca pensou que seus argumentos pudessem ser usados de forma desonesta pelos inimigos da Espanha. Além disso, sabemos que ele nunca quis publicar sua Breve História da Destruição das Índias, que foi impressa sem seu consentimento (Muñoz Machado, 2019: 171). Da mesma forma, é evidente que o dominicano exagerou as atrocidades para atrair a atenção do imperador, mas nunca negou a legitimidade da ocupação espanhola da América (Villacañas, 2019: 173)."[102] (Caballos, 2022, s/p)

O livro de Las Casas, publicado posteriormente ao período de Felipe II como possível sucessor da Inglaterra, e anteriormente à Guerra de Flandres (1568-1648), tornou-se uma das maiores armas da propaganda anti-espanhola. O relato de viagem foi reproduzido em diversas línguas, como inglês, francês, holandês, alemão e latim, disseminando as denúncias de Las Casas, e contribuiu fortemente para a propaganda anti-Espanha.

> "Segundo Roger Chartier (2020), a Brevísima possuiria "sete vidas",que representavam sete momentos distintos da história em que suas edições e traduções foram consolidadas em conjuntos. O historiador as organiza de forma cronológica: (1)além do escrito original (Sevilha, 1552), haveria o (2) conjunto de traduções protestantes (1578-1583), a (3) edição de Theodor de Bry (1598), (4) edições políticas(1626-1646), sua utilização como (5) relato de viagem (1697-1698), como (6) libelo à "liberdade americana" (1810-1820) e à vida atual enquanto (7) fonte historiográfica." (Chartier *apud* Bom, 2023, p. 20-21)

Através deste trecho, percebemos que a *Brevísima* foi bem difundida especialmente no contexto da Primeira Modernidade, na qual foi reproduzida especialmente por editores e tradutores de países protestantes, Chartier destaca a relevância do gravurista e editor belga

[102] Do original: "La Brevísima fue usada por las potencias enemigas de España para crear, o al menos reforzar argumentalmente, la Leyenda Negra como dijera Rómulo Carbia. Y es cierto que este opúsculo manchó para siempre la expansión hispánica con el estigma de la crueldad y la intolerancia, apuntalando una Leyenda Negra que llega a nuestros días. Pero es importante destacar que la intención del dominico fue en todo momento sensibilizar al Emperador para conseguir leyes protectoras como de hecho consiguió; es decir, su fin era totalmente honesto, pues nunca pensó que sus argumentos pudieran usarse torticeramente por los enemigos de España. Es más, sabemos que nunca quiso publicar su *Brevísima historia de la destrucción de las Indias*, la cual fue impresa sin su consentimiento (Muñoz Machado, 2019: 171). Asimismo, huelga decir que el dominico exageró las atrocidades para llamar la atención del Emperador, pero jamás negó la legitimidad de la ocupación hispana de América (Villacañas, 2019: 173)." Tradução nossa.

Theodore de Bry (1528-1598), conhecido por suas gravuras de denúncia contra o Império Espanhol. De Bry dedicou-se a reproduzir imagens das Américas feitas a partir da literatura do século XVI por conquistadores, escrivães e os literatos humanistas da época, que repoduziam estereótipos e lendas sobre o Novo Mundo, além de construírem a propaganda desmoralizante acerca do Império Espanhol e seus conquistadores.

De Bry nasceu em Liége, na Bélgica, em 1528, advindo de uma família católica abastada que se converteu ao Calvinismo. Devido à conversão, perdeu seus bens e foi exilado e fixou-se em Estrasburgo, devido à perseguição católica implementada pelos espanhóis na região (Pereira, 2009). Theodore de Bry investe no mercado editorial em Frankfurt, um forte mercado de livros latinos, no qual publicou sua republicação latina com gravuras de *Brevísima*, de Las Casas em 1598 e o compilado de relatos do Novo Mundo chamado de *Grands Voyages* (1591-1599). Ao relatar as diversas experiências no Novo Mundo, tornou-se um dos mais famosos ilustradores sobre as Américas, e marcou o imaginário imagético do Novo Mundo para o Velho Mundo. Em suas gravuras, Theodore de Bry buscou denunciar a violência dos espanhóis no processo de Conquista, ao gravar cenas de tortura, além de mostrar a selvageria dos sujeitos do Novo Mundo, retratando, principalmente, cenas de antropofagia.

O objetivo de Theodore de Bry era de propagandear contra a dominação espanhola nas Américas, se posicionando radicalmente contra seus perseguidores. Ao apropriar-se da narrativa lascasiana numa reedição ilustrada, De Bry poderia dar respaldo a sua propaganda desmoralizante do Império Espanhol.Portanto, ele foi um dos maiores propagandistas da Lenda Negra, criando, a partir das gravuras, uma narrativa imagética para desmoralizar o Império Espanhol. Para a construção desta narrativa sobre a Conquista Espanhola, foram estabelecidas três etapas:

> "[...]Seguindo Elliot (1997), a obra indiana de Theodore De Bry pode ser lida como uma sucessão de três momentos voltados para o novo continente. Do ponto de vista classificatório, o primeiro deles mostraria os nativos de forma idílica, comparável à construção do "bom selvagem". Uma segunda etapa, baseada na história do alemão Juan Staden sobre os Tupinambás do Brasil, daria especial atenção à dimensão canibal dos nativos, apresentando uma visão sombria deles. Finalmente, uma terceira fase de De Bry (que inclui sua edição da Brevísima relación…) ilustraria a violência hispânica

> contra a população indígena do novo continente."[103]. (Elliot *apud* Rojas, 2010, p. 5)

Ao construir, inicialmente, a imagem do *bom selvagem*, Theodore de Bry pôde denunciar a violência da Conquista através das imagens, evidenciando a crueldade espanhola em contraste com a pureza do Novo Mundo. A ideia de um paraíso exótico fez com que De Bry denunciasse como os espanhóis tratavam os povos indígenas. Entretanto, ao reproduzir novos relatos que mostravam outras realidades do Novo Mundo, Theodore de Bry mostrou outras facetas da Conquista, ainda que colocando os espanhóis em uma perspectiva cruel e negativa.

Imagem 2 - Gravura da *Brevísima*, de Las Casas, por Theodore de Bry (1598)

Fonte: Cervantes Virtual. Disponível em: https://www.cervantesvirtual.com/portales/bartolome_de_las_casas/imagenes_grabados/. Acesso em 10/12/2024.

[103] Do original: "[...]Siguiendo a Elliot (1997) la obra indiana de Theodore De Bry puede ser leída como la sucesión de tres momentos frente al nuevo continente. Desde un punto clasificatorio, el primero de ellos mostraría a los indígenas de forma idílica, asimilables a la construcción del "buen salvaje". Una segunda etapa, elaborada a partir del relato del alemán Juan Staden sobre los tupinambas del Brasil, prestaría especial atención a la dimensión caníbal de los indígenas, exponiendo una visión sombría sobre éstos. Por último, una tercera fase de De Bry (en la que se incluye su edición de la Brevísima relación…) graficaría la violencia hispana hacia la población indígena del nuevo continente." Tradução nossa.

Quando Theodore de Bry relacionou a imagem do barbarismo antropofágico a partir dos indígenas brasileiros na narrativa de Hans Staden (1557), as gravuras reforçavam a propaganda anti-Espanhola através da equiparação entre a crueldade europeia e o barbarismo dos indígenas. Na segunda e terceira etapas, consolidou a propaganda anti-Espanha através de suas gravuras.

Ao mesmo tempo que Theodore de Bry ilustrou as cenas relatadas na narrativa lascasiana, o mesmo também ilustrou o que ele imaginava que poderia ser usado contra os espanhóis. Ao criar suas próprias imagens acerca da aproximação da bestialização de espanhóis com a dos indígenas, o gravurista reforçou estereótipos do barbarismo e enfatizou a crítica sobre os espanhóis, como o exemplo do "mercado antropofágico" ilustrado em parte dos relatos reproduzidos em *Grands Voyages*, sobretudo o relato de Ulrich Schmidl (1510 - 1579), *Viaje al Rio de La Plata* (1534 - 1554):

> Há também a inclusão de uma espécie de "mercado" antropofágico, uma cabana onde dois espanhóis colocam à venda pedaços de corpos humanos a duas indígenas que, em troca, oferecem um colar. Apesar de não dar destaque em sua obra, Las Casas descreveu a antropofagia indígena e chegou a afirmar que os espanhóis consentiam com este bárbaro costume. Entretanto, em nenhum momento há menção a um possível comércio de carne humana. Tal inclusão, dessa maneira, aumentava o teor da crítica aos espanhóis, que não apenas permitiam, mas também estimulavam e obtinham lucros com esta prática. Ilustrada simultaneamente à obra do dominicano, a Viaje al Río de la Plata apontaria um estágio ainda maior de degradação: os espanhóis, ao invés de combaterem, estariam agora também adotando o canibalismo (Kalil, 2010, p. 277)

Imagem 3 - Théodore de Bry, Tiranias e Crueldades dos espanhóis, Frankfurt, 1599

Fonte: Cervantes Virtual. Disponível em: https://www.cervantesvirtual.com/portales/bartolome_de_las_casas/imagenes_grabados/. Acesso em 10/12/2024.

As disputas territoriais entre Espanha e Inglaterra tornaram-se expressivas, especialmente após a tomada do trono inglês por Elizabeth I, irmã de Maria I e a rainha protestante. Os ingleses, munidos com suas próprias questões, agora também utilizavam da *Brevísima* para falar da crueldade de seu grande inimigo: o Império Espanhol.Era fato que os ingleses tinham esse forte desprezo aos espanhóis, além de uma grande competitividade em relação ao Império Espanhol na medida em que este teve vantagens na expansão territorial ultramarina. A Inglaterra entrou de forma mais tardia nesta corrida, devido às dívidas e as crises econômicas causadas por guerras durante séculos, além da vantagem dada a uma das maiores potências do mundo Moderno através da partilha de terras descobertas ou a se descobrir pelo Tratado de Tordesilhas em 1493, além do desenvolvimento tecnológico em vantagem graças ao que os espanhóis aprenderam com os muçulmanos durante sua permanência na Península Ibérica.

> "A Espanha era a nação mais poderosa da Europa no século XVI. Seus domínios se estenderam por muito tempo até a Itália e a Holanda. Seus exércitos cruzaram a França e a Alemanha vitoriosamente. Ameaçou todos os estados livres do Ocidente e o ouro da América era a arma mais poderosa na luta pela dominação da Europa."[104] (Arnoldson, 1960, p. 23)

Também por isso, a propaganda anti-espanhola era tão forte, devido a essa extrema competitividade e a necessidade de entrar na corrida expansionista moderna. Quando começaram a explorar e conquistar o mundo Atlântico, ainda que seguissem extremamente críticos tanto do Império Espanhol quanto aos seus métodos de conquista e colonização, acabavam por acatar certos aspectos da conquista espanhola.

> "Os ingleses invejavam o registro impresso, as compilações e as instituições cartográficas estabelecidas pelos ibéricos. [..] O argumento da posse através de narrativas arquivadas de peregrinação nacional também foi acompanhado por convocações explícitas para emular instituições espanholas de cosmografia e mapeamento." (Cañizares-Esguerra e Dixon, 2017, p. 209)

[104] Do original: "España fue en el siglo xvi la nación más poderosa de Europa. Sus dominios se extendieron durante largo tiempo hasta Italia y los Países Bajos. Sus ejércitos cruzaron victoriosos Francia y Alemania. Amenazaba a todos los estados libres de Occidente y el oro de América era el arma más poderosa en la lucha por el dominio de Europa." Tradução nossa.

Além disso, os ingleses buscavam conquistar territórios já reivindicados pelos espanhóis, ainda que estes considerassem que não valia a pena conquistar determinadas regiões, especialmente nas periferias do norte, como determinadas regiões do atual Estados Unidos. Isso demonstra, de forma estratégica, a competitividade acirrada dos ingleses especificamente com a Espanha, além de mostrar que, de fato, os ingleses seguiram as noções cartográficas espanholas dos territórios, bem como uma reivindicação de posses que, ainda que não fossem do interesse específico do Império Espanhol, seguiam sendo, teoricamente, propriedade espanhola até a apropriação inglesa destes territórios (Seed, 1996).

Os ingleses aprenderam que a melhor tática de reivindicar determinados territórios era negociando e estabelecendo relações com as lideranças indígenas, como proposto pelos espanhóis. Além disso, erguiam a cruz e rezavam antes de assentar na nova terra reivindicada por eles para a Coroa Inglesa. Também reproduziram a forma de se assentar dos espanhóis: planejaram suas cidades como forma de tabuleiro, como os colonos espanhóis fizeram, padronizando suas terras. Por fim, também seguiram os passos dos espanhóis no trato com os indígenas, após sofrerem um ataque de indígenas Powhatans na colônia da Virgínia no ano de 1622. Passaram a utilizar as leis implementadas pelo Império Espanhol após a Controvérsia de Valladolid em 1550, no qual se proibia a violência sistêmica de colonos contra os povos indígenas, incentivando a evangelização, a Guerra Justa e implementando suas próprias políticas sobre a questão.

> “Na esteira do assalto de 1622, o Espanhol que tinha como padrão a Leyenda Negra tornou-se o modelo a se abraçar. A Companhia continuou a defender a conversão e o trabalho missionário, mas também o uso de violência propedêutica contra os ameríndios durante a década seguinte. [...] Mais importante ainda, os Stuarts começariam a verdadeiramente considerar os nativos como vassalos a serem protegidos de colonos predadores, bem como as organizações políticas indígenas como partes genuínas da monarquia composta.” (Cañizares-Esguerra e Dixon, 2017, p. 218)

Quando a Guerra de Flandres teve seu estopim, a *Brevísima*, já utilizada por outras nações, passou também a ser uma forma de propaganda contra a Espanha. No caso neerlandês, entretanto, a denúncia da violência dos colonos espanhóis, torna-se não só um respaldo para essa propaganda, como também para um aviso aos holandeses da capacidade de mobilização e uso da violência espanhola:

> “As campanhas anti-espanholas dos anos setenta fizeram uso novamente do Breve Relato de Frei Bartolomé de las Casas. Desde sua primeira impressão em Sevilha em 1552, esta obra não foi republicada até sua tradução para o holandês em Antuérpia em 1578 e para o francês em 1579, com o aviso apropriado no subtítulo: “Para servir de exemplo e aviso às províncias dos

> Países Baixos contra as crueldades dos soldados espanhóis"[105] (Schneider, 2008, p. 77)

Nesse sentido, os usos da *Brevísima*, apesar de terem uma finalidade semelhante entre os países que propagandearam contra o Império Espanhol no contexto da Era Moderna, ainda que fosse utilizado de formas diferentes em cada caso. As denúncias de violência na narrativa lascasiana vieram como uma oportunidade de ouro para esses Estados Modernos em formação. Ao mesmo tempo, percebemos que a narrativa também teve outros efeitos em países como a Inglaterra que, ao mesmo tempo que denunciavam essa violência cruel dos espanhóis frente aos indígenas, também se utilizaram das consequências da denúncia e da arguição de Las Casas ao tratar de suas próprias questões coloniais.

Ainda que países como a Inglaterra, a França e a Holanda tivessem começado a participar da corrida expansionista, retirando o monopólio Ibérico dos territórios das Américas e da costa da África, as duas nações que mais acumularam informações sobre os territórios americanos foram Portugal e Espanha, exatamente por conta deste monopólio. Durante o século XVI, a Península Ibérica era a única com um grande número de mapas e relatos de seus súditos e encarregados de outras nações a seu serviço para explorarem os territórios das Américas.

Nesse sentido, durante a Modernidade, as monarquias modernas tinham notícias do que existia nas Américas através das cartas, *relaciones* e diários, além documentos legais escritos por aqueles que chegaram até as Américas. Em sua maioria esses viajantes eram portugueses e existia um número ainda mais abundante de relatos de espanhóis, mas também alguns viajantes italianos e poucos de outras nações no contexto inicial da Conquista.

No século XVII, os estudos sobre o continente americano emergiram nas monarquias europeias. Contudo, as fontes existentes sobre os primórdios da conquista e as descrições de territórios ainda sem construções e sem serem conquistados eram majoritariamente de cronistas e viajantes espanhóis. Nesse contexto, ainda se questionava a índole dos espanhóis e a Lenda Negra já se estabelecia como uma noção comum, o que criava um debate historiográfico em torno das fontes: deveriam confiar nas fontes espanholas ou não?

As narrativas dos relatos de viagens, muitas vezes, pareciam surreais aos seus leitores, os quais entravam num impasse de discutir a veracidade da experiência espanhola nas

[105] Do original: "Las campañas antiespañolas de los años setenta hicieron nuevamente uso de la Brevísima relación de Fray Bartolomé de las Casas. Desde su primera impresión en Sevilla en 1552, esta obra no había sido reeditada hasta su traducción al neerlandés en Amberes, en 1578, y al francés, en 1579, haciendo constar la oportuna advertencia en el subtítulo: «Para servir de ejemplo y de aviso a las provincias de los Países Bajos contra las crueldades de los soldados españoles" Tradução nossa.

Américas. As descrições de grandes impérios como dos Incas e dos Astecas, assim como a grande fauna e flora destes territórios, pareciam inimagináveis para os sujeitos do século XVII. No caso dos impérios de povos indígenas, acreditavam que não havia plausibilidade para o desenvolvimento destes sujeitos, sendo os ameríndios considerados por eles como congelados no tempo, primitivos (Clastres, 1974).

Desse modo, o conjunto de leitores estrangeiros acreditavam que os espanhóis que viajaram para a América no século XVI eram homens incultos e grosseiros, os quais não poderiam servir como fonte histórica, devido a sua falta de ilustração e de informação, trazendo histórias exageradas sobre o Novo Mundo. Do mesmo modo em que acreditavam fielmente na falta de capacidade dos espanhóis de descrever o Novo Mundo, entravam em conflito na historiografia por também acreditarem que os espanhóis eram ignorantes o suficiente para não inventarem fantasias, portanto, poderiam levar certa credibilidade graças a sua incultura e grosseria. (Cañizares-Esguerra, 2011) Nesse sentido, percebemos que a Lenda Negra se alastrou pela Idade Moderna, impregnando, inclusive, as perspectivas de interpretação histórica com as narrativas implementadas aos espanhóis, especialmente durante o século XVI. As ficções construídas por parte da propaganda anti-Imperial, portanto, tiveram sua manutenção durante séculos, retirando, inclusive, a plausibilidade do uso de fontes sobre as Américas.

No século seguinte, os historiadores estrangeiros seguiram debruçados em suas defesas e ataques aos relatos de viajantes espanhois. Enquanto isso, a Espanha se viu em necessidade de posicionamento dentro do conjunto europeu. Enquanto as discussões de outros historiadores europeus reiteravam a grosseria dos viajantes espanhóis, historiadores espanhóis tentaram mitigar essa noção ao estudar e reeditar relatos de viagens de seus conterrâneos do século XVI.

3.4. Cabeza de Vaca e Lenda Negra

Alvar Núñez Cabeza de Vaca faleceu antes do estopim da Guerra de Flandres, não sendo um sujeito que vivenciou o apogeu da chamada Lenda Negra Espanhola. Nesse sentido, deve-se reiterar que seus relatos foram republicados formalmente com a autorização da Coroa Espanhola, estampando na capa do compilado de livros *La relación y comentarios del gobernador Alvar Núñez Cabeza de Vaca de lo acaecido en las dos jornadas que hizo a las Indias* de 1555 o brasão da Dinastia Bourbon, a águia bicéfala. Isso mostrava que as narrativas do livro tinham certo valor para o Império Espanhol e para a sociedade do século

XVI, ainda que ele não fosse um conquistador bem sucedido, e os artifícios narrativos poderiam ter algum apelo àquele público.

A narrativa de fracasso bem-sucedido de Cabeza de Vaca chama a atenção especialmente em seu primeiro livro, tendo em vista que este tem uma narrativa mais rica, tanto no quesito literário quanto acerca de descrição de sujeitos e paisagens das Américas. Além disso, este foi escrito pelo próprio Cabeza de Vaca, sendo assim, um livro autoral, o que legitimava sua fala no que se discutia a respeito da experiência na América para o público do século XVI.

Entretanto, é importante destacar que Hernán Cortés e suas Cartas de *Relación* também foram publicadas e que este conquistador bélico teve mais sucesso em seu tempo, tendo em vista que sua conquista de fato chamava a atenção: causou a derrocada de um império, contou sobre suas maravilhas arquitetônicas, teve uma conquista territorial efetiva, com terras férteis e metais preciosos. Cortés era considerado um homem excepcional da conquista.

> Para os europeus do Renascimento, que davam grande importância aos testemunhos e a experiência pessoal e já não se apoiavam unilateralmente nas autoridades clássicas, as notícias do Novo Mundo eram de grande interesse desde 1492. Mas, em 1519 a sensação da viagem de Colombo já era história e o genovês estava morto fazia mais de uma década. O México ofereceu algo novo a descobrir sobre coisas que nunca se havia escutado antes na Europa, porque nem sequer a Bíblia sabia sobre estes lugares.
> A princípio, a notícia se espalhou principalmente através das cartas de Hernán Cortés, o líder dos conquistadores espanhóis que descreveu, cheio de assombro, as coisas estranhas e novas. Suas descrições dos rituais, a arte, a culinária e as joias do povo mexicano causaram uma sensação. Mais importante ainda, colocou a estrutura social da sociedade mexicana ao mesmo nível que a da Espanha ao falar de “senhor”, “vassalo” e “senhorio”. Na tradução latina de seus informes, tem até o termo ‘Don’ em letras maiúsculas para o governante dos Mexica, Montezuma II.

Além disso, cabe destacar que:

> A ênfase de Cortés na disciplina e a impressionante ordem social da sociedade mexicana fez com que o contraste com as experiências anteriores de Colombo fosse particularmente claro. Seu primeiro informe, em 1519, deu a impressão de que as negociações eram levadas em pé de igualdade de condições com um governante estrangeiro, tal como os Reis Católicos de Espanha esperavam quando enviaram Colombo a sua viagem em 1492. Mas Colombo não havia sido capaz de descobrir estados e reis poderosos no Caribe. O imperador Carlos V instruiu Cortés para tratar os novos súditos como os vassalos na Europa eram tratados. (Rinke, 2022, p. 169)

Os relatos de Colombo, portanto, já eram considerados ultrapassados no contexto em que Cortés escreveu suas cartas de *relación*, que chamavam a atenção por buscar uma

aproximação do Novo o Velho Mundo, especialmente a partir do ponto em que ele encontrou uma novidade que, de fato, o tornou bem sucedido nesta aproximação: a presença de um grande império. Nesse sentido, Colombo, apesar de ser o sujeito que trouxe à Espanha as primeiras notícias do Novo Mundo, não conseguiu chamar tanta atenção para suas descobertas quando Hernán Cortés (Fernández-Armesto, 2017).

Cortés foi condecorado como o homem que trouxe uma boa-nova à Coroa espanhola, e se tornou um sujeito ainda mais celebrado que Colombo em um primeiro momento. Seus serviços ao Império, comprovados não somente a partir de seus relatos, como também do empossamento do vice-reinado do México, o colocaram no patamar estabelecido pelo *mito dos homens excepcionais* (Restall, 2006). A partir disso, entendemos que Hernán Cortés também se tornou um alvo da Lenda Negra.

Livros de clérigos que viveram nas Américas também chamaram a atenção, alguns com uma abrangência internacional, como foi o caso de Bartolomé de Las Casas. Este, considerado o completo oposto de Hernán Cortés, era visto como um sujeito que via a humanidade dos povos indígenas. Portanto, como observado neste capítulo, Las Casas se tornou uma arma propagandística contra o Império Espanhol, ainda que esta não fosse sua intenção inicial.

Em fins do século XVI, a Lenda Negra estava bem consolidada a partir das imagens de Theodore de Bry, especialmente em *Voyages* e na versão latina da *Brevísima*. Entretanto, percebemos que a Lenda Negra não terminou com as obras de De Bry e a panfletagem holandesa e inglesa, tendo em vista que a ascensão de uma nova historiografia traria a tona questionamentos às fontes espanholas, ainda que elas fossem utilizadas, especialmente durante o século XVII. Honorius Philoponus, pseudônimo do abade de Seittenstetten, Caspar Plautz (1566 - 1627), escreveu a *Nova Typis Transacta Navigatio Novi Orbis Indiae Occidentalis*[106], em latim, no ano de 1621. Plautz utilizou de relatos de viagens de espanhóis como fonte para seu livro, através destes relatos e de seu próprio conhecimento, Plautz se utilizou de elementos místicos e fictícios, mesclando-os com o real.

Para a discussão desta obra, não encontramos uma bibliografia profícua, sendo que grande parte dos textos apenas citam ou referenciam a *Nova Typis Transacta*, comentando certos aspectos da obra, tais como citações a conquistadores ou a clérigos, as gravuras em cobre e seus elementos místicos, como citado anteriormente. Sobre o conteúdo da obra encontramos apenas um texto em alemão, intitulado *Historisch-kritische Analyse der Nova*

[106] "A nova viagem impressa para o novo mundo das Índias Ocidentais" (Weiss, 2021, p. 21).

Typis Transacta Navigatio novi Orbis Indiae occidentalis (Linz 1621)[107], dissertação de Joelle Wëiss (2021), que será utilizada como guia para melhor compreensão do texto da *Nova Typis Transacta*. Wëiss criou um guia de conteúdo e historiográfico para a leitura da obra, facilitando nossa compreensão acerca de determinados aspectos, especialmente pela dificuldade de compreensão da língua latina.

Quando se encontram pesquisas acerca da obra de Honório Philoponus, encontramos, em sua grande maioria, produções ligadas a estética e a imagética de sua obra, não analisando de forma profunda o que era discutido na obra do beneditino. No conteúdo, constam gravuras de criaturas mitológicas e fantásticas, que acabam interessando alguns pesquisadores[108] que analisam a relação dos sujeitos europeus, o exotismo e a mística imbuída nas narrativas sobre as Américas nesse contexto inicial da Conquista.

Aqueles que vieram a terras desconhecidas pelo olhar europeu passaram a trazer notícias de terras mágicas e sagradas, tendo em vista que o próprio Colombo já havia confundido a Ilha de Hispaniola com o Jardim do Éden, o paraíso sagrado cristão. Plautz, ou Philoponus, utiliza das narrativas para descrever a fauna e a flora do Novo Mundo a partir das descrições de fontes de viajantes ou daqueles que não foram à América e tiveram acesso a descrições da paisagem, sejam elas verdadeiras ou fictícias.

Essa utilização de elementos e criaturas mágicas para retratar o exotismo ou corroborar com um imaginário reforça o que Beatriz Pastor considerou como uma prática espanhola: a ficção no discurso, trazida das novelas de cavalaria para os relatos de viagens (Pastor, 2012, p. 120). Esse esforço para construir um imaginário exótico do Novo Mundo, feito especialmente pelos espanhóis, já que estes tiveram pioneirismo na Conquista, contribuiu para a construção do imaginário europeu acerca do Novo Mundo, ainda que estes os criticassem exatamente por acusá-los de mitomania.[109]

O livro de Caspar Plautz, escrito no século seguinte aos mais famosos relatos de viagem, foi redigido com base nos relatos de espanhóis que foram ao Novo Mundo e também de alguns que não foram, como Fernando López de Gomara. Entretanto, Plautz não o fez para

---

[107] Pela mesma dificuldade com a língua alemã, o texto foi traduzido com o auxílio de tradutores automáticos,também com alterações no texto traduzido para a melhor compreensão. Quando escrevermos citação direta, buscaremos o texto original para a nota de rodapé.

[108] As fontes sobre o conteúdo da Nova Typis Transacta são escassas, ainda que ela seja frequentemente citada no que se discute a imagética e os elementos fictícios presentes nas imagens e nas obras, entretanto, seu texto não é frequentemente analisado.

[109] Mitomania, neste caso, é utilizada com base no texto de Beatriz Pastor (2012), que explicita uma tendência ao exagero nas narrativas espanholas. No caso dos historiadores críticos às Narrativas do Novo Mundo, percebemos que se enquadra não só com essa ideia de um *exagero* nos discursos, como também na ideia de mentir compulsivamente, já que viam as narrativas espanholas como falsas.

elogiar a Conquista da América, ao contrário, utilizou de suas fontes para criticar o posicionamento violento dos conquistadores, ao passo que elogiava a ação beneditina no Novo Mundo a partir da história do frei Bernardo Boyl (1445 - 1506)[110]. Ele[111] foi, além de membro do clero, homem de confiança dos reis católicos, escolhido como conselheiro e atuando como diplomata até 1493, já que, naquele ano, foi nomeado pelo Papa Alexandre VI primeiro vigário apostólico das Índias Ocidentais - *"vicarium generalem"* (Davidson *apud* Wëiss, 2021, p. 15).

Em 25 de setembro de 1493, Boyl acompanhou a segunda viagem de Colombo às Américas com o intuito de estabelecer a Igreja no Novo Mundo. Na capa da obra temos uma ilustração assinada por Wolfgang Kilian (1581 - 1662) e em seu texto, se diz:

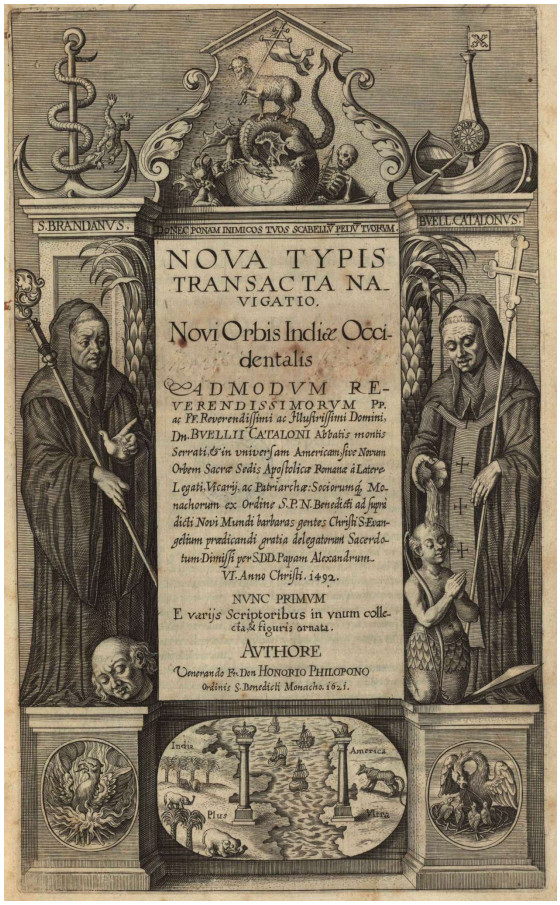
> "A nova viagem impressa para o novo mundo das Índias Ocidentais: Sobre os lábios do sagrado corpo e da turbulenta Assembleia dos muitos Reverendos e Frades do Reverendíssimo o Sr. Boyl da Catalunha, Abade de Montserrat e Legado da Santa Sé na América, Vigário, Monge, Arcebispo e Monge da Ordem de São. Bento Delegados às bárbaras gentes do Novo Mundo para pregar a severidade de Cristo. Missão de Sacerdotes concedida por Sua Santidade, o Papa Alexandre VI, no ano de Cristo 1492.Agora pela primeira vez reunido de diversos escritores em uma única obra e enriquecido com histórias. Autor Ao venerado Deus e Senhor, HONORO PHILOPONO, Monge da Ordem de São Bento. 1621."[112] (Plautz, 1621, p.1)

Imagem 4 - Capa da *Nova typis Transacta Navigatio Novi Orbis Indiae Occidentalis*, gravura por Wolfgang Kilian.

[110] A grafia do nome se modifica com frequência, pode ser escrita Boyl, Buil, Böil, Boil ou Boyal. No texto da *Nova Typis* Caspar Plautz (Honorius Philoponus), escreve em latim *Buellius*.

[111] Ver sua biografia, segundo a Real Academia Espanhola, disponível em: https://historia-hispanica.rah.es/biografias/6615-bernardo-boil. Acesso em 10/12/2024.

[112] NOVA TYPIS TRANSACTA NAIVIGATIO. Novi Orbis Indice Occidentalis, Et labiis serporis sacræ et turbulen- tæ ADMÔDUM RE- VERENDISSIMORUM P. ac Fr. Reverendissimi ac Illustrissimi Domini D. BVILELMI CATALLONI Abbatis & moniti Servati, ordinis vniversi Sancti Antonii sive Viennen- sium Sacræ Sedis Apostolicæ Romana Litteræ Legati, Vicarij, ac Patriarchæ Sociorum & Mo- nachorum ex Ordine S. P. N. Benedicti ad ipsi cindas Novi Mundi barbaras gentes Christi Severitatem prædicandi partes delegatarum Sacerdo- tum Dimissio per S. D. D. Papam Alexandrum VI. Anno Christi 1492. NUNC PRIMUM E variis Scriptoribus in unum colle- cta & historijs ornata. AVTHORE Veneratæ Deo & Domino HONORIO PHILOPONO Ordinis S. Benedicti Monacho. 1621.



Fonte: Digitalizada no Internet Archive. Disponível em: https://archive.org/details/novatypistransac00phil_0. Acesso em 20/09/2024

Caspar Plautz iniciou o livro com um elogio aos beneditinos, seguiu nas primeiras páginas fazendo uma breve descrição de seu trabalho, introduziu um elogio especial a Boyl e sua ação na América e descreveu os usos de fontes de viajantes espanhóis para tecer seus argumentos e críticas (Weiss, 2021, p. 30). O autor introduz seu texto, escrito em parágrafos, sem demarcação de capítulos ou títulos, em formato de um texto contínuo, sendo interrompido, apenas, pelas gravuras em cobre de autoria de Wolfgang Killian.O abade beneditino seguiu tecendo elogios ao monarca espanhol vigente no contexto da escrita, Filipe III, chamando-o de *Principatus Rex Catholicus*, Plautz comentou o poderio territorial de Filipe III, desde a Europa, passando pela Ásia e terminando nas Américas. Além disso, o condecorou por perpetuar a fé católica nestas regiões.

Plautz vivia em uma região na qual a fé católica diminuiu desde a Reforma e a abadia vivia em crises econômicas. Portanto, ao elogiar aos reis católicos por suas ações no Novo Mundo, buscava reivindicar o poderio do catolicismo, marcando também a memória da Ordem Beneditina, tendo em vista que as ações de outras ordens católicas na América foram

mais impactantes, como as ordens dominicana e jesuíta, ainda que um beneditino tenha sido o primeiro nomeado vigário apostólico.

A narrativa seguiu retratando a segunda viagem de Colombo, relatando a dádiva divina dada ao genovês para que ele encontrasse o Novo Mundo, permitindo, assim, que o catolicismo fosse instaurado naquelas terras. Colombo, inicialmente, foi retratado como aquele que mostrou a verdadeira extensão da Terra, louvando-o, especialmente, pelos seus cálculos. Plautz, um homem típico de seu tempo, tinha muito interesse pelo saber, alegando que a ciência era uma dádiva divina e que Deus permitia que o ser humano adquirisse esse conhecimento.

Entendemos que Caspar Plautz utilizou de fontes de letrados espanhóis para estruturar sua obra e seus argumentos a favor da ordem beneditina e do catolicismo. Isso nos indica que, ao exaltar Colombo, conquistador que morreu sem seus louros, especialmente ofuscado por conquistas como a de Hernán Cortés, ele se baseou em escritos que reforçavam uma narrativa criada por Francisco López de Gomara (1511-1566) em meados do século XVI. Naquele contexto, a descoberta do Novo Mundo ganhou novas perspectivas. Em 1552 Colombo tornou-se oficialmente um herói da Conquista, a partir da escrita de Francisco López de Gomara que colocou a chegada dos europeus ao Novo Mundo como um dos três dias mais importantes para a história da humanidade. Gomara equiparou a descoberta de Colombo com a criação divina do mundo e a vinda de Jesus Cristo. (Trouillot, 2016, 196)

Joelle Weiss comprova nossa hipótese ao afirmar categoricamente que Caspar Plautz se baseou nos escritos de Francisco López de Gomara, utilizando-o como fonte para a produção de seu livro (Weiss, 2021). Sendo assim, a noção de que a chegada de Colombo às Índias como um dos três dias mais importantes para a história da humanidade influenciou a narrativa da *Nova Typis Transacta.* Plautz se interessava por essa narrativa, pois a mesma dava respaldo a sua própria: foi através da descoberta do Novo Mundo que Bernardo Boyl ascendeu a vigário apostólico e disseminou a fé católica com a ordem beneditina.

Caspar Plautz não dividiu seu texto em capítulos, fazendo um longo texto dividido em parágrafos e se tornou bastante digressivo em sua escrita. Com isso, descreveu questões externas ao assunto, tais como elogios religiosos e se perdeu em suas descrições geográficas e científicas sobre o Novo Mundo. Retratou a fauna e a flora do Caribe, comentou sobre as mudanças de temperatura na linha do Equador. Nestas descrições, como Weiss aponta, Plautz mesclava o factível e a ficção (Weiss, 2021), como a cena baseada na narrativa de Gomara sobre os manatins:

> “Na obra de Philoponus (1621, p. 59-60) surge uma ilustração do manatim de Gómara e a menção de que o Rei da ilha tinha um grande peixe, ou Baleia, chamado Manatem, que tem cabeça de boi, olhos pequenos, é coberto de couro e tem poucos pelos. Na imagem sobressai a evidência do poder imperialista sobre a natureza tropical e sobre os seus habitantes, mas também duma relação de dualidade que as pessoas, em geral, têm com os animais do seu meio circundante.” (Brito, 2019, p. 173)

Imagem 5 - Representação de um manati, reproduzida por Caspar Plautz. Gravura por Wolfgang Kilian.

Fonte: Digitalizada no Internet Archive. Disponível em: https://archive.org/details/novatypistransac00phil_0. Acesso em 20/09/2024

Joelle Weiss (2021) afirma que o texto de Plautz pode ser considerado uma literatura de viagem, ainda que não fosse um relato em si, mas sim uma mistura de diversos relatos, especialmente de espanhóis. Retomando Beatriz Pastor (2012), os relatos de espanhóis da Conquista eram marcados pelos artifícios literários das novelas de cavalaria medievais, que faziam sucesso com o público espanhol. Sendo assim, os relatos, sejam eles de sucesso ou de fracasso, utilizavam da literatura e daquilo que era lendário para compor suas narrativas. Portanto, ao reproduzir partes desses relatos, Plautz foi influenciado pelas ferramentas literárias deles. livro também tinha o objetivo de ser um material de curiosidades do Novo Mundo, algo que estava no interesse do público europeu no século XVII, para além do elogio explícito às ordens beneditinas (Weiss, 2021). Tendo em vista que a narrativa de Plautz, extremamente digressiva, transitava entre suas curiosidades e elogios à ordem beneditina, as cenas do Novo Mundo que ele pretendia relatar e suas críticas a diversos sujeitos ligados à

Conquista, tanto os conquistadores quanto aqueles que publicaram algo relacionado ao Novo Mundo no século XVI.

Bruno Silva, em *As Cores do Novo Mundo* (2020), categoriza os estudiosos que se debruçaram acerca dos relatos de viagem e as experiências nas Américas, sem vivenciar o Novo Mundo por eles mesmos, como *teóricos*. Silva nos demonstra que esses sujeitos se interessavam em observar a diversidade humana, pensando nas formas de categorização do homem americano a partir do que foi narrado pelos viajantes (Silva, 2020). Caspar Plautz se baseia em relatos de viagens diversos, demonstrando a barbárie dos povos indígenas a partir da religiosidade, ao mesmo tempo que elogia os esforços da Ordem Beneditina nas Américas, sendo assim, pode ser caracterizado como um teórico.

Enquanto no século XVI a *relación de servicios*, preparada através de questionários detalhados era a principal e mais precisa fonte de informações acerca do Novo Mundo, no século XVII esse modelo entra em decadência. Nesse sentido, durante o século XVII, os teóricos espanhóis constataram a imprecisão dos relatos, por terem abandonado o modelo de *relacion*, não seguindo mais um roteiro. Portanto, é interessante notar que Caspar Platuz optou pelo uso mais extensivo de fontes do século XVI, que aparentemente continham mais informações. Ao discutir essa questão, Bruno Silva cita a autora Pilar Ponce:

> "Para a autora, as *Relações* desde o século XVI funcionavam como mananciais de informações, com questionários bem preparados, que eram trazidos ao Novo Mundo para que, não só os viajantes, mas todos aqueles que desfrutavam das viagens para as novas terras, pudessem registrar suas impressões a respeito da natureza, do clima e dos povos americanos. Contudo, somente no século XVIII, com uma intencionalidade científica mais explicitada, foi que as expedições retomaram a lógica dos questionários antes preparados, uma vez que no século XVII, muitas informações foram levantadas de forma imprecisa em virtude da falta de seguimento dos trabalhos das *Relações*." (Ponce *apud* Silva, 2020, p. 58)

Caspar Plautz, ao trazer seu elogio aos atos de Bernardo Boyl, então, não hesitou em mostrar o que percebeu como positivo e negativo em relação às ações espanholas nas Américas. Plautz elogiou tanto os Reis Católicos, Isabel (1451-1504) e Fernando (1452-1516), quanto Filipe III (1578 - 1621), monarca da Espanha na época em que a *Nova Typis Transacta* foi escrita. Os elogios aos monarcas se davam especialmente pelo compromisso dos reis espanhóis para com a religião católica. Ao levá-la para o Novo Mundo, as ordens monásticas entraram em contato com os nativos das Américas, produzindo o choque cultural, algo que Plautz descreveu em seus livros, especialmente no que se diz respeito ao

barbarismo indígena. Plautz descreveu de forma gráfica práticas de antropofagia indígenas, a idolatria, expondo as dificuldades que os clérigos tiveram no processo de conversão.

A obra de Plautz enfatizou, em diversos momentos, a atropofagia praticada por diversos grupos étnicos em localidades da América, a fim de explicitar a barbárie dos povos sem Deus que existiam no Novo Mundo. O canibalismo, comumente retratado como a mais alta forma de selvageria, também foi utilizado pela mesma razão:

> "Realmente admirável de se ver foi aquele massacre das nações mexicanas; a partir disso, por sua vez, aquele Cacodemônio[113] mentiroso e impune foi o mais cruel para os nobres e líderes, seguindo o curso natural. Este povo mergulhou em guerras e cegou-se. Pois eles iniciavam as almas inocentes por caminhos indignos, até que feridas sacrílegas sacrificassem as almas em suas casas. Após abrir os cadáveres, arrancavam e extraíam os corações ainda pulsantes e, com grande fervor, queimavam-nos nos altares de seus sacrifícios sacrílegos."[114](Plautz, 1621, p. 93)

Sobre os trechos acerca das práticas de antropofagia, idolatria e a violência, Joelle Weiss comenta: "O leitor deve, portanto, saber com que pessoas cruéis os missionários se deparam aqui, quão difícil foi o trabalho de converter tais bárbaros à verdadeira fé.[115]" (Weiss, 2021, p. 34). A barbárie era um elemento que chocava a sociedade europeia, além de ser a justificativa ideal para o catolicismo e a Conquista levarem a civilização europeia a esses sujeitos.

Ao explicitar essas cenas, a curiosidade científica de Plautz também convocou o questionamento dele em relação à antropofagia. Existiam teorias médicas de que a carne humana causava sífilis no seu consumo contínuo, devido a um caso de antropofagia ocorrido em um cerco de guerra em 1494. Sobre essa questão, Plautz comentava que isso não foi identificado nas sociedades indígenas que praticavam o canibalismo, descartando a possibilidade de transmissão desta doença:

> "Como os canibais frequentemente comem carne humana, mas não ficam doentes por causa disso, Plautz vê a teoria de Leonardo Fioravanti de que a sífilis surgiu por meio do canibalismo durante o cerco de Nápoles durante as Guerras Italianas refutada. Fioravanti afirmou que mercenários do rei francês Carlos VIII (1470 – 1498) comeram carne humana e ficaram doentes como resultado. Ele provou isso com experimentos em vários animais. No entanto,

[113] Espíritos malignos, deuses domésticos e espíritos protetores, que são ancestrais falecidos.
[114] Do original: Mirabile vero spectatu ea clades gentium Mexicanorum fuit, adicillé indè, eo & mendax & inulto crudelissimus Cacodemom at erat latinis naturæ via Proceres ac Gnomi his gens belas enlabaverax & excecaverax. Sin gerles enim animas ab indignis via ad vignetilia initiabant, ut vulnera Sacrilegis ad domos animas immolabatur. Exeneratis vulsres erutouque decorde adhuc palpitante grand adorem turium suorum super pluranas sacrifitium Sacrilegic cremant. Tradução nossa.
[115] Do original: "Der Leser soll also wissen, mit welch grausamen Menschen die Missionare hier konfrontiert wurden und wie schwer die Arbeit war, solche Barbaren zum richtigen Glauben zu bekehren." Tradução nossa.

> Plautz dá a data errada de 1456, pois este cerco realmente ocorreu em 1494."[116] (Weiss, 2021, p. 36)

A curiosidade científica de Plautz surgiu em momentos de digressão e chamam a atenção de quem o lê, especialmente no que diz respeito a prática do canibalismo. A selvageria dos indígenas, desde o Caribe ao Peru, foram retratadas por Plautz, acompanhando os passos da Conquista e da ordem beneditina no Novo Mundo, ainda que a ordem beneditina não tenha sido a maior atuante nas missões evangelizadoras das Américas. Naquele contexto, pretendia fornecer um compilado das ações evangelizadoras nas Américas, com foco nos beneditinos, propagando a barbárie que os missionários enfrentaram, mostrando que os hercúleos esforços para levar a civilização aos povos indígenas foram bem sucedidos, afinal. Plautz teve como foco em sua narrativa mostrar o sucesso das missões, denunciando tanto a barbárie indígena através da antropofagia quanto às práticas dos espanhóis conquistadores, que dificultaram a missão católica ao agir com violência contra os indígenas.

Joelle Weiss (2021) aponta que a leitura da *Nova Typis Transacta* pode ser considerada a sucessora direta das leituras das obras editadas por Theodore de Bry, ainda que Caspar Plautz seja um forte crítico do ilustrador. A denúncia da violência e a forma nas quais as gravuras foram produzidas eram bastante semelhantes, especialmente no que se discute a retratação de um Novo Mundo selvagem. É interessante observar que, num primeiro momento, Plautz acusou Theodore de Bry de ser mentiroso e herege por ser calvinista. Plautz o citou em diversos momentos da narrativa, especialmente em relação à disseminação da fé católica e a falta de glória da Holanda através da Conquista, alegando que a fé protestante não teve o mesmo sucesso do que a fé católica nas colônias.

> "[...]Quanto a essa história, Theodore de Bry a apresenta de forma notoriamente falsa, enquanto Hieronymus Benzonius, em suas margens, reforça acusações similares, ambos sendo calvinistas hereges. Eles atribuem falsamente aos monges beneditinos, famosos religiosos, a responsabilidade de terem coagido o Patriarca da Babilônia sob diversas pressões em razão da excomunhão, até que ele prometesse absolver o Almirante das penas dos Achaenatros.[...]
> Observamos em Theodoro de Bry como os holandeses, de forma ímpia, mentem sobre seus atos e sobre os bens dos fiéis. Que glória eles trazem? Um milagre celestial na província de Charcas, onde o pão de suplício foi concedido aos espanhóis, enquanto a chuva foi afastada por intercessão

[116] Do original: Da die Kannibalen häufig Menschenfleisch essen, davon jedoch nicht krank werden, sieht Plautz die Theorie Leonardo Fioravantis widerlegt, dass die Syphilis bei der Belagerung Neapels anlässlich der Italienischen Kriege durch Kannibalismus ausgebrochen sei. Fioravanti behauptete, Söldner des französischen Königs Karl VIII. (1470 – 1498) hätten Menschenfleisch gegessen und seien dadurch krank geworden. Er belegte dies mit Experimenten an verschiedenen Tieren. Dabei gibt Plautz allerdings mit 1456 ein falsches Datum an, hat diese Belagerung doch tatsächlich erst 1494 stattgefunden. Tradução nossa.

> milagrosa da Virgem. Há também um relato sobre uma peregrinação de Cabeza de Vaca, onde muitos portaram sinais da cruz e foram curados de suas enfermidades em todas as circunstâncias. Ouvimos sobre os efeitos sagrados entre os monges religiosos e os sacerdotes, tanto celibatários quanto militares não celestes.
> Além disso, muitas narrativas passam despercebidas: as navegações orientais sob o comando real da Coroa Espanhola, como em Macaero e Vintana, e em outros lugares. Relata-se como as nações indígenas foram magnificamente aceitas pela Holanda, mediante licenças, mas combateram com orações e resistência de herdeiros fiéis, sem inclinações calvinistas. [...]"[117] (Plautz, 1621, p. 91)

Ao mesmo tempo que o vê como um herege, infiel e mentiroso por suas crenças religiosas, Caspar Plautz também utilizou Theodore de Bry como referência e elemento de autoridade em seus textos, especialmente no que se diz respeito à imagética dos selvagens do Novo Mundo. As gravuras de De Bry se tornam algumas das mais famosas sobre as Américas, retratando, especialmente, cenas de antropofagia de indígenas, principalmente os guaranis, considerados os mais difíceis de evangelizar e civilizar, além das cenas de violência vinda dos espanhóis. Sobre as imagens de canibalismo de De Bry, Weiss comenta a indicação de Plautz para leitores curiosos:

> "Plautz remete o leitor interessado em canibais à edição de Bry da Historia del Mondo Nuovo, de Girolamo Benzoni. Ao contrário dele, Plautz não quer fornecer uma descrição etnológica completa, mas apenas mostrar aos seus leitores o tipo de pessoas que os beneditinos tiveram que converter. Em resumo, ele descreve os canibais mais uma vez como estúpidos, selvagens, primitivos e os reduz ao "canibalismo" e ao "bebedor de sangue"[118] (Weiss, 2021, p. 36)

A relação de Caspar Plautz com as fontes e os personagens históricos, retirando-se os monges beneditinos, é bastante complexa. Ainda que existam críticas ou elogios a

[117] Do original: ""Qæcum Historiam gregie mentitur Theodorus de Bry, & hi marginio iicatus auer Hieronymus Benzonius ambo utquagor. Haeretic Calvinistae, qui vt fà ordiniibm Harpij omnia detraherent: Aitunnc sunt famosos Religiosos S. Benedicti Monachos, dum Patriarcham Babulinem ad multa coactus fuisse, ob italram excommunicationem, donec Admiraliium ab Achaenatrum absolvere promitteret. [...]Taceo hominum fidelium Catholicorum in suos Ecclesiasticos Patores, & Parces, vel in ipso B. Baptismo infamem modestiâ omnium reprehensisse fios, vtcolit haereticorum Hæc illa solent, altercater Sed gaudent oboedientes monendo modestam & honestam in bonum Clerum exhorten proponere: Vt solum fidelium, Solum enim solitum Christiani Catholicillicius Prophetas de animarum Pastoribus obseruandam de flectere corde verba ante ià coeo tuo: Ecce confitentibus in scribonem Thamarque inter Regna; Mulare nos vt apudèbimus de Bry: Quam impie Holando die eius rebus & bonis fideliumibus mentiuntur" Tradução nossa.

[118]Do original: "Um sein Werk nicht zu überladen" weist Plautz den an Kannibalen interessierten Leser auf de Bry's Ausgabe von Girolamo Benzonis Historia del Mondo nuovo hin. Im Gegensatz zu diesem will Plautz keine komplette ethnologische Beschreibung liefern, sondern seinen Lesern lediglich aufzeigen, um welche Menschen es sich handelte, die die Benediktiner bekehren mussten. Zusammengefasst beschreibt er die Kannibalen so noch einmal als dumm, wild, primitiv und reduziert sie auf die „Menschenfresserei", sowie „Bluttrinkerei". Tradução nossa.

conquistadores, essas questões convergem ao ponto em que eles favoreciam ou não à ordem beneditina e a instauração do catolicismo. Um exemplo nítido disso é como Cristóvão Colombo foi percebido na narrativa, já que ele esteve com Bernardo Boyl no Novo Mundo. Em um primeiro momento, Plautz teceu diversos elogios, tendo em vista sua relação com a ciência e cálculos matemáticos e cartográficos, que o levaram a chegar ao Novo Mundo, mesmo que o cálculo estivesse incorreto para chegar à Índia. Colombo levou a expedição na qual Bernardo Boyl chegou ao Novo Mundo, sendo tal aspecto também celebrado por Plautz.

Entretanto, quando os Reis Católicos enviaram ambos ao Novo Mundo com títulos de autoridade, sendo Colombo uma autoridade burocrática para a Coroa enquanto Boyl era uma autoridade espiritual, essa combinação de autoridades poderia causar conflitos, tendo em vista que geraria certa competitividade entre os dois (Weiss, 2021). Esses conflitos, aos poucos, apareceram na narrativa de Caspar Plautz: Colombo tratava seus subordinados e os indígenas com violência, o que Plautz afirmava ser do desagrado de Boyl. Ao relatar as cenas de violência praticadas pelos espanhóis em diversas territorialidades, Plautz denunciou como os conquistadores não tratavam os indígenas de forma cristã, ainda que, segundo o abade beneditino, as orientações da Coroa Espanhola e das ordens monásticas eram de que se dispensasse um bom tratamento destes sujeitos, o que levou os indígenas, colocados com bárbaros pelas suas ações, a agirem com mais violência, atrapalhando a missão dos clérigos de levar o catolicismo e a civilização.

> [...] Esse comportamento é fortemente condenado pelos beneditinos e eles lembram aos soldados espanhóis sua obrigação para com os monarcas, que exigiam que os índios fossem bem tratados. Tommaso Bozio também fez relatórios sobre esses eventos. Esta situação dá origem pela primeira vez a uma disputa entre Boyl e Colombo, uma vez que este último não quer seguir o apelo beneditino de "clementia et benevolentia". Os monges estão convencidos de que os espanhóis devem servir de bom exemplo aos nativos se quiserem acabar com seu "canibalismo". A tarefa dos espanhóis civilizados deveria ser ensinar aos índios a diferença entre humanos e animais. Com tal modelo, é difícil para os monges ensinarem aos índios os conceitos de razão e dignidade, e muito menos ensinar-lhes o "cultum divinum"[119]. (Weiss, 2021, p. 47-48)

[119] Do original: "Dieses Verhalten wird von den Benediktinern scharf verurteilt und sie erinnern die spanischen Soldaten an ihre Verpflichtung den Monarchen gegenüber, die ein gutes Behandeln der Indianer gefordert hatten. Auch Tommaso Bozio berichtet von diesen Begebenheiten. Aus dieser Situation heraus beginnt sich erstmalig ein Streit zwischen Boyl und Kolumbus herauszukristallisieren, da dieser dem benediktinischen Ruf nach „clementia et benevolentia" nicht folgen will. Die Mönche sind überzeugt, dass die Spanier den Ureinwohnern als gutes Beispiel dienen müssen, wenn man deren „Menschenfresserei" stoppen will. Die Aufgabe der zivilisierten Spanier soll es sein, den Indianern den Unterschied zwischen Mensch und Tier nahe zu bringen. Mit einem solchen Vorbild ist es für die Mönche schwer, den Indianern die Konzepte von Vernunft und Würde beizubringen, geschweige denn sie im „cultum divinum"zu unterrichten." Tradução nossa.

A partir desta questão, percebemos como Plautz, ainda que não cite Las Casas por ser de outra ordem, concordava com a narrativa de *Brevísima* e a denúncia da violência por parte dos colonos por acreditar na evangelização dos povos indígenas. Plautz escreveu no século seguinte, momento em que a escravidão indígena já havia sido proibida nas colônias espanholas, após Las Casas ter vencido a Controvérsia de Valladolid em 1551.

Ao utilizar de uma justificativa semelhante a lascasiana, Plautz demonstrou uma certa afinidade com a ideia de que a Conquista foi brutalmente violenta, mas, para o mesmo, isso foi um desrespeito às ordens da Coroa e da Igreja (Weiss, 2021). As críticas aos conquistadores de Caspar Plautz retratou de forma similar ao que Theodore de Bry também fez à Conquista ao retratar através de imagens baseadas em diversos relatos, a violência espanhola e a barbárie indígena.

É interessante observar que a crítica aos conquistadores se baseavam, especialmente, nas conquistas do Caribe com Cristóvão Colombo em sua segunda viagem (1493), a conquista do Peru (1532-1572) e a conquista do México (1519-1521). Existem outros relatos citados na narrativa, mas chama a atenção que as conquistas efetuadas por homens considerados excepcionais (Restall, 2006) para a Conquista Espanhola sofreram profundas críticas que contribuíram para a construção da Lenda Negra espanhola.

Além destes conquistadores, podemos notar a presença de Alvar Núñez Cabeza de Vaca, que pregou em seu *Naufrágios* um discurso evangelizador e pacificador com a intenção de convencer a Coroa de que, apesar de ter fracassado na conquista territorial e de bens, prestou um bom serviço ao rei. No século XVI, sua narrativa foi bem sucedida: seu discurso pacificador o levou ao Rio da Prata, onde teve outra conquista mal sucedida, na qual também foi escrito um relato para redimir-se novamente.

O uso de ferramentas literárias que Cabeza de Vaca utilizou em sua primeira narrativa chama a atenção não só pela sua transformação de herói bélico a herói asceta, como também pelo uso das práticas indígenas mescladas ao catolicismo, ao narrar cenas de milagres operados por ele a partir da cura com as bênçãos católicas e as práticas indígenas. A narrativa das dificuldades e tormentas que Cabeza de Vaca passou, juntamente com a narrativa evangelizadora, convenceu a Coroa Espanhola de que ele, de fato, era capaz de pacificar os bárbaros indígenas.

Caspar Plautz, entretanto, não viu os relatos de Cabeza de Vaca da mesma forma que a Coroa Espanhola no século XVI. Ao citar Cabeza de Vaca, o chamou de mentiroso por alegar operar milagres no Novo Mundo. Para Plautz, era impossível que um homem que não é de fé operasse milagres, visto que apenas religiosos poderiam fazê-lo pela graça divina: “Além

disso, suas histórias sobre Álvar Núñez Cabeza de Vaca também são incorretas: ele não poderia ter realizado curas milagrosas, já que apenas monges e padres possuem essa capacidade, não "soldados criminosos" ("scelestos milites")"[120] (Weiss, 2021, p. 48)

> "Como os próprios holandeses mentem sobre seus próprios assuntos e também sobre viagens às Índias,[...]Também sobre uma certa peregrinação que Cabeza de Vaca fez e marcou seus seguidores com o sinal da cruz e foram curados de doenças incuráveis. Esses efeitos são produzidos pelos santos monges e padres religiosos e não pelos soldados perversos são evidentes em outros lugares"[121] (Plautz, 1621, p. 91)

Plautz fez um breve comentário acerca de Cabeza de Vaca, referindo-se a *relación* de *Naufrágios*, que nos interessa grandemente: questionou os milagres de Cabeza de Vaca ao entender que os mesmos o retiravam do lugar em que ele se colocava em suas narrativas, o de ser um homem diferente em relação aos homens da Conquista. Cabeza de Vaca, chamado por Caspar Plautz de *soldado criminoso*, foi colocado no mesmo patamar que os outros conquistadores dos quais ele buscava se diferenciar em sua narrativa.

Retomamos a *Naufrágios*, de 1555, para recordar o que Cabeza de Vaca relatou acerca dos milagres. A descrição presente na *Nova Typis Transcta* nos remete às *bendiciones* que Cabeza de Vaca operou nos indígenas, rezando o Pai Nosso e a Ave Maria e soprando os indígenas, mesclando as culturas através de suas bençãos. Nos diversos relatos sobre milagres presentes na narrativa, Cabeza de Vaca sempre reiterou que curou os doentes com sucesso, e que estes os agradeceram com presentes e bom tratamento.

> "A maneira como os curávamos era fazendo o sinal da cruz, soprando sobre eles, rezando um Pai Nosso e uma Ave Maria e rezando o melhor que podíamos a Deus Nosso Senhor para que lhes desse saúde e os inspirasse a nos tratar bem. Nosso Senhor Deus e sua misericórdia quiseram que todos aqueles por quem rezássemos, depois de fazermos o sinal da cruz, dissessem aos outros que estavam saudáveis e bem e por isso nos tratavam bem, e abriam mão de comida para nos dar, e nos davam couro e outras coisinhas." (Cabeza de Vaca, 1555, p. 42)

Plautz não considerou os feitos de Cabeza de Vaca como diferentes dos conquistadores clássicos. Sendo assim, podemos pensar que ao chamá-lo de soldado mentiroso, a narrativa de *Naufrágios* não o convenceu de que Cabeza de Vaca era um homem excepcional da

---

[120] Do original: Darüber hinaus stimmen auch seine Erzählungen über Álvar Núñez Cabeza de Vaca nicht: dieser kann keine Wunderheilungen vollbracht haben, da diese Fähigkeit nur Mönche und Priester besitzen, nicht aber „verbrecherische Soldaten" („scelestus milites"). Tradução nossa.

[121] Do original: "Quam ipsimet Holandi desuis rebus ac Indicis navigationibus mentiuntur praecipuè, Item de quadam peregrinatione qua Cabeza de Vavca quisam peregerit & miltos signo Crucis signaverit qui ab incurabilibus mornis fanati sunt. Quos effectus sacros Religiosos Monachos & Sacerdotes fecisse & non scelestos milites aliunde constat". Tradução nossa.

Conquista. Como um clérigo, Plautz não acreditava na possibilidade de um homem militarizado ser capaz de efetuar milagres, nem de ter uma postura pacificadora em relação aos indígenas.

É necessário reiterar que Cabeza de Vaca, além de relatar milagres através das bênçãos e os ensinamentos como no famoso episódio da *Mala Cosa*, também relatou que instruiu aos indígenas a construir igrejas e carregar cruzes, mostrando um trabalho evangelizador operado por um leigo (Cabeza de Vaca, 1555). Nitidamente, isso era um ultraje para Caspar Plautz, que o via como um soldado como os outros conquistadores, o que contradiz a possível veracidade do relato de *Naufrágios*.

Em *Naufrágios*, Cabeza de Vaca buscou se diferenciar do outro através de sua transformação em soldado asceta (Calixto, 2001), com uma postura pacificadora, diferente dos conquistadores com quem ele teve contato na narrativa. Ao retratar Pánfilo Narváez como um sujeito irresponsável e um mau líder, Cabeza de Vaca se mostrava um homem mais responsável e com tino de liderança, inclusive tomando as rédeas quando Narváez abandonou a liderança devido às baixas chances de sobrevivência nas condições em que se encontravam nas embarcações improvisadas.

Além disso, Cabeza de Vaca também relatou o rastro de destruição feito pelos espanhóis liderados por Melchior Díaz no Norte do México, nos momentos finais de sua jornada como curandeiro dos indígenas (Cabeza de Vaca, 1555). Ao relatar as duas experiências, Cabeza de Vaca deixava claro seu posicionamento contrário ao dos conquistadores bélicos, mas Plautz não acreditou em sua narrativa, colocando-o no mesmo patamar que via os outros conquistadores, retirando a sua excepcionalidade aos homens excepcionais.

Caspar Plautz, portanto, mostrou, através destas críticas, que não reconhecia os conquistadores como aqueles que contribuíram para a disseminação da fé católica no Novo Mundo. É interessante observar essa aproximação entre os escritos de Caspar Plautz com os dos propagandistas da Lenda Negra Espanhola. Ainda que Plautz não seja caracterizado de fato como alguém que pregava contra o Império Espanhol (Weiss, 2021), o autor intencionalmente criticou a conduta da Conquista do Novo Mundo, alegando o desrespeito das ordens dos monarcas espanhóis no que se discute ao tratamento dos indígenas.

Ainda que Plautz tenha tecido críticas a Theodore de Bry, alegando que De Bry era mentiroso e herege por ser protestante, na mesma medida, Plautz recomendou *Grands Voyages*, de autoria e edição do gravurista belga como referência da selvageria dos canibais do Novo Mundo. Percebemos, a partir das complexidades de relações com os sujeitos que

gravaram ou escreveram o imaginário europeu com as cenas do Novo Mundo, ao passo em que Plautz elogia partes das narrativas de conquistadores, e também a dos críticos à essas narrativas, também critica e denuncia a crueldade empregada por eles. Sua intenção se volta princilamente para a exaltação de Bernardo Boyl, primeiro representante da Igreja no Novo Mundo e da Ordem beneditina.

Ao passo em que ele utilizou das descrições da barbárie representada tanto por Theodore de Bry, quanto pelos conquistadores, ele também criticou esses mesmo sujeitos como forma de defender as ações das ordens monásticas no Novo Mundo, principalmente as ações beneditinas, ainda que estes tenham sido minoria no processo de evangelização das Américas. Sua intenção em defender a ordem beneditina o fez estabelecer essa narrativa complexa em relação às fontes utilizadas.

Ainda que Joelle Weiss o coloque como um sujeito isento à *leyenda negra* (Weiss, 2021), entendemos que ele bebeu das fontes da propaganda anti-Espanha tanto quanto das fontes espanholas que tentaram construir a narrativa positiva da Espanha, como a *Historia General de las Índias*, de Francisco López de Gomara. Seu texto, portanto, se encaixa no contexto da Lenda Negra de forma delicada: ao mesmo tempo em que defendeu aspectos e ações da Coroa Espanhola em relação à Conquista, também criticou as ações dos conquistadores, tanto os clássicos, como Cristóvão Colombo, quanto de sujeitos que tentaram se diferenciar dos conquistadores bélicos, como Alvar Núñez Cabeza de Vaca.

Ao criticar Cabeza de Vaca e seus milagres, alegando que este era um soldado criminoso, Caspar Plautz trouxe repercussões acerca da propaganda anti-Espanha e a defesa promovida em termos de narrativa pelo Império Espanhol ao longo dos Seiscentos. No século XVIII, Andrés González de Barcia (1673-1743) publicou um compilado de relatos de viagem da Conquista e, dentre eles, constam os dois relatos acerca das expedições de Cabeza de Vaca, juntamente com um longo texto denominado *Examen Apologético*, escrito por Antonio Ardoino (1670 - 1731), defendendo Cabeza de Vaca e seus milagres contra as acusações de Caspar Plautz na *Nova Typis Transacta Navigatio*.

4. CAPÍTULO 3 - EM DEFESA DO IMPÉRIO: Andrés González de Barcia e a republicação de *Naufrágios* (1749)

O impacto da propaganda desmoralizante ao Império Espanhol, de fato, foi efetiva, tendo em vista que os próprios espanhóis tinham consciência da perspectiva negativa de outros países em relação a eles. Isso pode ser comprovado a partir da queixa de Juan Cabriada (1661 - 1743) sobre a retenção de informação e tecnologia empreitada a partir do final do século XVII, contexto no qual a propaganda era consolidada: "É triste e até vergonhoso que, como se fôssemos índios, tenhamos que ser os últimos a receber as notícias e as luzes públicas que já estão espalhadas por toda a Europa." [122](Carlyon *apud* Cabriada, 2005 p. 23)

Juan Cabriada foi considerado um dos homens de letras seminais da *Ilustración* (Carlyon, 2005), movimento espanhol que acompanha o Iluminismo, mas que, segundo Branding (2019), não tem as mesmas finalidades e influências, ainda que também prezasse pelo conhecimento erudito e pensamento científico. Entendemos que esse período conhecido como *Século das Luzes* (1685 – 1815) na Europa de forma generalizada teve diversas perspectivas e produções textuais com finalidades diversas e, no caso da Espanha, os eruditos da *Ilutración* se voltaram para um projeto político nacionalista, que visava a defesa e resposta à propaganda anti-Império Espanhol.

> "É costume considerar a *Ilustración* espanhola uma parte do Iluminismo europeu, mas deve-se ter em mente que a maioria de suas principais figuras eram servidores públicos, ativamente envolvidos no governo de seu país. Não é de admirar que Jean Sarrailh tenha definido como '*dirigiste et utilitaire*'. Atormentados pela glória do passado e pelo declínio da Espanha, afligidos pelo evidente contraste entre a crescente prosperidade da França e da Inglaterra e a fraqueza e o empobrecimento da Península, alarmados pela inércia da sociedade espanhola, todos esses homens contavam com a coroa para encontrar o remédio" (Brading, 2021, p. 395)

A propaganda anti-Espanha já era consolidada no contexto do Iluminismo Europeu, repercutindo como uma narrativa que considerava o povo espanhol como pouco desenvolvido, ignorante e atrasado. A partir desta perspectiva, os homens de letras do século XVIII seguiram numa discussão iniciada no século anterior. Como analisado por Jorge Cañizares-Esguerra (2011), o questionamento sobre a veracidade de fontes espanholas acerca do Novo Mundo, *como* e *se* deveriam utilizá-las, tendo em vista a má fama dos espanhóis,

[122] Do original: "Que es lastimosa y aun vergonzosa cosa que, como si fuéramos indios, hayamos de ser los últimos en recibir las noticias y luces públicas que ya están esparcidas por Europa". Tradução nossa.

reforçada por textos como a *Brevísima* de Las Casas, ainda que esta não fosse a intencionalidade do frei ao escrevê-la.

Os textos e gravuras de Theodore de Bry, publicados em fins do século XVI e que repercutiram fortemente durante os séculos seguintes, foram alguns dos textos que fomentaram a narrativa que seria repercutida nos séculos XVII e XVIII. As gravuras que denunciavam uma violência explícita e, até mesmo, um barbarismo equivalente aos dos povos indígenas das Américas, contribuíram para a perspectiva de homens de letras dos outros séculos, que viam os espanhóis como violentos e irracionais, contribuindo para a proliferação de dúvidas a respeito do uso das fontes espanholas nos séculos seguintes, além do questionamento da construção de uma erudição na Espanha no contexto da *Ilustración*.

As obras do século XVI, principalmente a *Brevíssima* e a *Apologia*s, foram as que de fato construíram uma perspectiva negativa da colonização associada à Lenda Negra Espanhola, e estas serão reproduzidas ou comentadas nos séculos seguintes, trazendo uma manutenção da narrativa de crueldade espanhola. No século XVII, os relatos de viagem tornaram-se mais plurais, com experiências de outros exploradores e conquistadores, advindos dos países críticos à Espanha, o que, de certa forma, também ofuscou a narrativa espanhola que entrava em decadência.

A decadência dos relatos e viagens de espanhóis e o questionamento da verdade dos primeiros relatos pelos *teóricos* (Silva, 2020) ou *historiadores* (Cañizares-Esguerra, 2011), entre os séculos XVII e XVIII, deram lugar a uma nova perspectiva de como escrever os relatos de viagem. A partir do final do século XVII, uma onda de relatos científicos tomaram conta das narrativas que, a partir da imprecisão dos relatos no decorrer do século XVII, buscaram novas formas de criar relatos que transmitissem verdade e a precisão nas descrições acerca do Novo Mundo. A recuperação do gênero *relación* tornou-se crucial para os relatos do século XVIII, pois o modelo pautado por um questionário, reformulado com um teor mais científico, trouxeram a precisão necessária para passar a verdade que esperavam sobre as Américas (Silva, 2020).

Talvez também por isso houvesse um interesse em reavivar as *relaciones de servicio* do século XVI e tal empreendimento também fizesse sentido para os editores espanhóis: esse gênero, reavivado no século XVIII, impactava novamente as mentalidades daquele contexto. As *relaciones* do século XVI, entendidas neste contexto de renovação das *relaciones*, poderiam ser encaradas novamente com a precisão esperada, corroborando as republicações destes textos como forma de recuperar a honra do Império Espanhol, além dos espanhóis poderem se reapropriar da narrativa acerca de sua própria história.

Enquanto esses sujeitos criticavam ferrenhamente a Espanha, por outro lado, o Império Espanhol tentava mitigar certos conceitos aplicados a eles, ainda que fosse inútilmente. Um dos esforços que podem ser reconhecidos data, ainda, do século XVI, quando Francisco López de Gomara sugeriu celebrar o Dia de Colombo (Trouillot, 2016), celebrando a Conquista a partir de uma figura esquecida e ofuscada pela conquista de Hernán Cortéz, que aproximou as Américas a Europa a partir das narrativas da existência de um reino hierárquico no México (Rinke, 2022).

A fala de Juan de Carbriada mostra que esforços como estes não surtiram o efeito desejado pela Espanha, que vivia assolada pela narrativa da propaganda anti-Espanha ou Lenda Negra. Entre as décadas finais do século XVII e as iniciais do século XVIII, o Império Espanhol não era apenas desmoralizado através da narrativa panfletária, mas era também um Império em decadência, pois perdia suas territorialidades tanto na Europa quanto nas Américas, desfalcando lentamente aquela nação que antes era vista como uma potência marítima e econômica.

A partir deste questionamento da erudição, da inteligência dos espanhóis e de Colombo, como o plano de Gomara sugeria, o conquistador só tornou-se um sujeito celebrado pela Espanha a partir dos homens letrados do século XVIII, que se esforçaram para trazer uma rememoração da Conquista como ato louvável e moral. O projeto nacionalista dos homens letrados que também eram funcionário da monarquia consistia em rememorar a Conquista, reavivando as narrativas dos viajantes e conquistadores que serviram a Coroa no século XVI.

A admiração a Colombo não começa automaticamente, como observado por Michel-Rolph Trouillot, em *Silenciando o Passado* (2016), no qual aponta que a figura de Cristóvão Colombo foi ofuscada pelos feitos de conquistadores que vieram depois dele, especialmente Hernán Cortez, que trouxe conquistas significativas para o Império, sendo mais bem sucedidos do que seu antecessor. Sendo assim, a narrativa de que Colombo era um sujeito relevante tem origem a partir dos sujeitos dos séculos seguintes, especialmente o século XVIII. Segundo Trouillot:

> O primeiro grupo de admiradores de Colombo reduzia-se, na melhor das hipóteses, a alguns intelectuais e burocratas espanhóis. Além disso, mesmo quando as artes e os temas espanhóis começaram a obter prestígio internacional, durante o reinado de Felipe II, a derrota da Invencível Armada em 1588 já indicava o surgimento de novos tempos e novas prioridades. No início do século XVII, a conquista das Américas também se devia aos esforços de aventureiros franceses, holandeses e britânicos que disputavam a primazia dos Estados ibéricos. Os europeus setentrionais que mais se haviam beneficiado com o sucesso das fazendas caribenhas e do comércio transatlântico ao longo dos dois séculos que se seguiram ao reinado de Felipe preferiam encomendar retratos de si mesmos e de suas famílias a patrocinar

> escritos que celebrassem os conquistadores. Ao mesmo tempo, entre as elites intelectuais da Europa, as faces mistificadas da América lançavam sombra sobre a face de Colombo (Trouillot, 2016, p. 198)

A partir da decadência e das crises políticas e de mentalidades na Espanha, a narrativa de uma nação bem consolidada poderia recuperar algum senso de honra na sociedade espanhola, que recebia o impacto das crises ocasionadas por uma série de questões políticas, econômicas e culturais. A partir desta questão, o investimento em instituições que se remetem à República das Luzes construíram uma narrativa de erudição, o que contribuiria significativamente para a reescrita da narrativa de um império decadente, que almejava uma renovação de sua imagem.

4.1. O império decadente: a mudança para a dinastia Bourbon

O final do século XVII e início do século XVIII foi um período turbulento para o Império Espanhol: sua derrocada era, definitivamente, algo concreto. O reinado de Carlos II (1661 - 1700), *el hechizado*, segundo David Brading, "revelou-se um completo desastre, uma melancólica história de derrota militar, bancarrota da coroa, retrocesso intelectual e fome generalizada." (Brading, 2021, p. 391). Além disso, a Espanha havia se tornado completamente dependente das colônias americanas para o comércio com outras potências. (Gomes, 2022). Brading nos apresenta um panorama desastroso para o Império Espanhol, no qual mostrou o declínio da Espanha, antes uma potência poderosa.

Entretanto, o que de fato ocasionou a possibilidade de fim do país não foi a fome generalizada ou a crise econômica e intelectual, mas sim a crise política que assolava a monarquia Espanhola. Carlos II faleceu em 1700 e não havia produzido herdeiros, o que fazia com que a Corte e sua linhagem mais próxima questionasse o que seria feito com a linhagem da monarquia espanhola e, assim, deu-se o estopim da Guerra de Sucessão (1700-1715), na qual disputavam os Habsburgos e os Bourbons.

A longa dinastia dos Habsburgos, simbolizados pela águia bicéfala estampada na capa do *Naufrágio y Comentários*, de 1555, chegaria ao fim na Espanha, pois a reivindicação ao trono espanhol foi feita por um Bourbon, Filipe de Anjou, neto de Luís XIV (1638 - 1715), da França, que reivindicou o trono por sua avó, Maria Teresa (1638-1683), ser irmã de Carlos II. Filipe de Anjou (1683 - 1746), apoiado pela Corte em Madri, conseguiu sem muitos esforços chegar à cidade com suas tropas, recebidas sem violência na capital espanhola (Brading, 2021).

Entretanto, outras potências europeias como Inglaterra, Países Baixos e o Sacro Império Romano-Germânico não concordaram com a sucessão do trono espanhol ser de um francês, reivindicando que um Habsburgo deveria entrar em seu lugar, dando continuidade à dinastia dos Habsburgo. O imperador Leopoldo I (1640-1705) da Áustria indicou seu filho, o arquiduque Carlos (1685-1740) como possível sucessor da linhagem dos Habsburgo ao trono, iniciando, assim, a guerra que decidiu a sucessão do trono Espanhol na primeira década do século XVIII.

A Guerra de Sucessão foi um conflito que se deu na Europa, mas que se estendeu para os domínios ultramarinos, tornando-se, ao fim, não apenas uma disputa pelo trono da Espanha, como também uma disputa territorial entre as potências envolvidas no conflito. De um lado, lutaram parte da Espanha fiel a Filipe de Anjou, a França, a Baviera e o Ducado de Mântua; do outro, a chamada Grande Aliança: Inglaterra, Países Baixos, parte do Sacro-Império, Portugal, o Ducado de Saboia e o Reino da Dinamarca e Noruega. Sobre o conflito, Brading resume:

> "O preço final de uma coroa enfraquecida foi a guerra civil, a invasão estrangeira e a partilha do patrimônio dinástico. Isso porque a longamente esperada morte de Carlos II em 1700 precipitou uma guerra geral na Europa, na qual o prêmio principal era a sucessão ao trono espanhol. A escolha de Filipe de Anjou, neto de Luís XVI, feita pela corte, recebeu amplo apoio em Castela, onde suas tropas francesas foram muito bem recebidas. Mas o contestante Habsburgo, o arquiduque Carlos da Áustria, era apoiado pela Grã-Bretanha, pela Holanda, por Portugal, pelas províncias de Catalunha, e Valência e por uma parte considerável da aristocracia de Castela, temerosas de que a nova dinastia pudesse tirar-lhes o poder. No conflito civil que se seguiu, a Península serviu de campo de batalha, sendo Madri tomada pelas forças oponentes antes que as tropas francesas assegurassem a vitória final dos Bourbon." (Brading, 2021, p. 392)

As disputas territoriais foram especialmente entre Portugal e Espanha, disputando a Colônia do Sacramento, atual região do Uruguai, e as disputas da Espanha com a Inglaterra se deram em torno de Gibraltar. Essas questões foram resolvidas através do tratado de Paz de Utrecht, que ocorreu em 1713. O acordo cedia o trono espanhol para os Bourbon, dando início a uma nova dinastia na Espanha, entretanto, o rei Filipe V, anteriormente Filipe de Anjou, criou acordos que cediam a Colônia de Sacramento para Portugal, enquanto Gibraltar foi cedida para a Inglaterra.

Os países também indenizaram a Espanha, além da obtenção de espólios através das batalhas vencidas, que financiaram a nova dinastia e seus feitos, que focaram especialmente em trazer a renovação da monarquia, que decaía desde o reinado do último Habsburgo. A crise política causada pela morte de Carlos II já mandava notícias durante seu reinado, não só

pela instabilidade criada quando se constatou a falta de um herdeiro direto, como também pela decadência do Império Espanhol em fins do século XVII.

Filipe V foi coroado em um contexto de guerra civil iminente, além das constantes invasões estrangeiras. Marcado por uma necessidade de uma institucionalização de um governo absolutista, inspirado na tradição francesa (Branding, 2021), assim, instaurou uma política mais voltada para a centralização do governo. O objetivo principal da nova dinastia era reestruturar a Espanha em todos os seus âmbitos, tendo em vista a forma em que o governo de Carlos II deixou o governo e a nação. Apostando em certo afastamento da aristocracia espanhola, prezando por funcionários da Coroa advindos de uma parcela erudita da população, com poucos sujeitos da fidalguia.

> "Igualmente importante, Filipe seguiu o exemplo do avô e excluiu a aristocracia dos altos Conselhos de Estado. Embora os *grandes* tivessem finalmente sido confirmados na posse de suas terras e da jurisdição privada, não obstante não tinham mais influência sobre a direção da política da coroa" (Brading, 2021, p. 393)

A monarquia absolutista dos Bourbon, portanto, funcionou a partir das instituições e dos funcionários burocráticos do governo. Seu intuito, ao centralizar o poder, foi principalmente trazer uma nova perspectiva para a Espanha e recuperar o poderio espanhol que existia antes de Carlos II. A cultura, por exemplo, foi implementada principalmente através da intelectualidade espanhola, algo considerado perdido durante o reinado do último Habsburgo.

Nesse sentido, como observado por Brading (2021), a *Ilustración* espanhola foi pautada pelos funcionários da coroa, grupos letrados que construíram o compromisso de reescrever a narrativa do Império decadente, ou seja, os letrados do movimento participaram das instituições governamentais, que impulsionaram o conhecimento científico. Portanto, esses sujeitos letrados formaram instituições como a Real Academia Espanhola, com o intuito de montar um plano patriótico de recuperação da história da Espanha, além de honrar a nação a partir da construção de uma nova intelectualidade.

> "Tendo Colbert, ministro de Luís XIV, como modelo – não por acaso, já que este havia ajudado a instaurar a monarquia absolutista na França –, Espanha direcionava a cultura tendo em vista os interesses do Estado. A *Ilustración* espanhola associa-se ao próprio Estado; suas grandes figuras eram servidores públicos. A cultura nesse momento serve ao fortalecimento do sistema político. Mas o reinado de Carlos III e a *Ilustración* espanhola – eventos completamente atrelados, sendo a data de início desta muitas vezes colocada na data de início do reinado do primeiro – são um pouco posteriores ao que nos interessa. [...]. Toda essa tendência política no iluminismo espanhol era uma mudança que já vinha desde o fim do século XVII. Mas a instauração

> do poder dos Bourbons se faz a partir de novas instituições (ANES, 1975, p. 295).” (Gomes, 2022, p. 33)

O projeto cultural da dinastia dos Bourbons foi consolidado através do investimento intenso em fundar instituições que impulsionaram a intelectualidade espanhola e o reforço de uma tentativa de resgate de uma narrativa histórica que, de certa forma, fora retirada da Espanha. Os letrados espanhóis do século XVIII, buscam, portanto, reavivar uma Espanha considerada por eles gloriosa, fortemente atacada por aqueles que buscavam desmoralizar o Império Espanhol. Buscavam, portanto, trazer à tona a história da Conquista, tomando as rédeas da narrativa a partir das republicações e comentários escritos pelos homens de letras, que tentavam provar que a narrativa consolidada pelos outros países não era a real.

4.2. Andrés González de Barcia e o compromisso com o projeto de patriotismo

Através de uma monarquia que prezava pela reconstrução de um Império decadente, visando a recuperação da dignidade dos espanhois, especialmente no que dizia respeito ao âmbito cultural, tendo em vista que o questionamento dos países, agora concorrentes reais nas disputas territoriais, acerca da moralidade e do intelecto dos espanhóis. A partir do temor e a necessidade de reconstruir a reputação manchada da nação, criou-se um plano nacionalista com o intuito de reverter a narrativa da Lenda Negra Espanhola.

A Guerra de Sucessão, além de um conflito extenso e com diversos trâmites, também teve como resultado um alto número de espólios para a dinastia vencedora, os Bourbon. O saldo da Guerra foi destinado ao investimento na construção de instituições culturais para impulsionar um projeto patriota, que se reapropria das narrativas da Conquista, absorvidas pelos países adversários e utilizadas para a desmoralização do Império Espanhol.

Segundo Jonathan Earl Carlyon, a dinastia dos Bourbons utilizou dos espólios da Guerra de Sucessão para investir na construção de instituições que pudessem recuperar a narrativa espanhola e combater a Lenda Negra (Carlyon, 2005). O compromisso era construir uma defesa do Império Espanhol, que tinha a necessidade de demonstrar uma certa estabilidade com a nova dinastia. Logo, a intenção era criar uma Espanha maior e melhor.

Através dos investimentos, a dinastia Bourbon buscou trazer à luz os relatos de viagens do século XVI, com a intenção de reavivar o auge da história espanhola, o surgimento da Real Academia Espanhola em 1714, foi fundamental para a consolidação de um projeto patriótico, como denominou Jorge Cañizares-Esguerra (2011). O projeto patriótico da Real

Academia Espanhola foi implementado a partir dos funcionários do governo, sujeitos que, como discutido por David Brading, constituíram a *Ilustración*, o movimento intelectual espanhol, que se destoa do Iluminismo por seu compromisso patriótico.

Victor García de la Concha, ex-diretor da Real Academia Espanhola (1998 - 2010), escreveu acerca do surgimento da RAE atrelado a um projeto nacionalista, escrito de forma ufanista. Entendemos que seu discurso pode ser carregado de certo orgulho nacional dada sua posição na instituição. Ainda assim, seu livro sobre a História da RAE (2014) nos confirma o plano patriótico em sua fundação:

> "Pela honra de servir à Nação": Com este lema, numa época em que a cultura espanhola, e a própria Espanha, eram desprezadas em grande parte da Europa, um grupo de novatores decidiu recuperá-las. Para isso, criaram uma Academia no estilo da Crusca francesa e italiana, ambas voltadas para a defesa e o estudo da língua como base para a renovação científica, cultural e social. Os reformadores entusiasmados, abertos ao ar da Europa, encontraram obstáculos burocráticos, suspeitas e desconfianças. Mas o rei os protegeu e, com o título de Real e a carteira de identidade espanhola, eles seguiram em frente."[123] (Concha, 2014, p. 2)

"Pela honra de servir à Nação", os burocratas do Império se organizaram para criar sua renovação científica e cultural, consolidada a partir da institucionalização do projeto patriótico, com o intuito de trazer uma nova reputação à Espanha. Através destes esforços, diversos homens letrados se dedicaram ao serviço nacional de reavivar a Espanha e sua Academia, incentivados pela propaganda anti-Império que colocava a Espanha como atrasada, ignorante e violenta.

A formação da RAE, portanto, tinha como objetivo trazer à tona uma narrativa apologista da história espanhola, especialmente sobre o século XVI, momento principal das críticas à Conquista e a conduta da Espanha como uma potência territorial. Para tanto, entendemos que a recuperação das *relaciones de servicios* do século XVI em um contexto de questionamento das fontes e, ao mesmo tempo, recuperação deste gênero nas literaturas de viagem, fazia sentido ao notar que os editores traziam novas conotações à essas narrativas, trazendo referências a partir do conhecimento e retórica, presentes como método científico do século XVIII.

---

[123] Do original: "Por el honor de servir a la Nación": Con esta divisa, en un tiempo en que la cultura española, y España misma, eran despreciadas en buena parte de Europa, un grupo de novatores decidió reivindicarlas. Crearon para ello una Academia al modo de la Francesa y la italiana de la Crusca, centradas ambas en la defensa y el estudio de la lengua como base de la renovación científica, cultural y social. Toparon los animosos renovadores, abiertos a los aires de Europa, con trabas burocráticas, con recelos y desconfianzas. Pero los protegió el rey y, con el título de Real y la tarjeta de identidad Española, fueron adelante. Tradução nossa.

Para tanto, os editores entendiam a importância de se combater, especialmente, a crueldade contra os indígenas que a Lenda Negra acusava os conquistadores espanhóis e, até mesmo, a aproximava da selvageria entre espanhóis e indígenas. O tratamento com os indígenas denunciado por Las Casas em 1552 reverberou através dos séculos: a *Brevísima* foi reproduzida em peso no século XVIII.

Jonathan Earl Carlyon, biógrafo de Andrés Gonzalez de Barcia, comenta que ao mesmo tempo em que a Guerra de Sucessão foi combustível para a virada cultural da Espanha, trazendo à tona volumes de livros do século XVI, também foi uma forma de retomar a reprodução de textos que corroboravam a Lenda Negra. Sendo assim, os sujeitos letrados intensificaram essa propaganda no contexto do início do século XVIII.

> "Se, por um lado, a Guerra da Sucessão Espanhola forneceu um estoque de volumes com os quais fornecer a Libreria Real, por outro lado, por toda a Europa ela forneceu aos acadêmicos um incentivo adicional para intensificar a promoção da Lenda Negra Espanhola. De fato, na década que antecedeu a morte, em 1700, de Carlos II, sete edições da Brevissima relacion de la destruccion de las Indias de Las Casas - o livro mais comumente associado à promoção da Lenda Negra Espanhola - foram impressas (Stiffoni 'Historiografia y politica' 138n14). Para confrontar isso, acadêmicos espanhóis que escreveram na primeira metade do século XVIII trabalharam em uma veia de historiografia crítica, o que implicava uma referência constante à citação da fonte (Mestre 'Historiografia' 817)."[124] (Carlyon, 2005, p. 98)

Portanto, a defesa da Espanha através da Rea Academia Espanhola tornou-se ainda mais necessária: ao trazer a tona esses volumes do século XVI para a formação da *Librería* Real, foi necessário também criar uma literatura apologética, ou seja, não só republicaram os textos do século XVI, como também trouxeram comentários e textos adjacentes para tornar os relatos próximos dos leitores do século XVIII e mostrar a fiabilidade do texto. O teor dos textos apologéticos reivindicavam uma narrativa civilizatória da Espanha, que defendia valores cristãos.

> "Inevitavelmente, o ataque à ação espanhola nas Índias provocou em resposta uma literatura apologética e ajudou a criar a ideia de que a Espanha constituía uma fortaleza sitiada que defendia valores cristãos que por si sós se tornariam um elemento importante da consciência nacional castelhana.

[124] Do original: "If, on the one hand, the War of the Spanish Succession provided a stock of volumes with which to furnish the Libreria Real, on the other hand, throughout Europe it provided scholars with an additional incentive to intensify the promotion of the Spanish Black Legend. Indeed, in the decade preceding the death in 1700 of Charles II, seven editions of Las Casas's Brevissima relacion de la destruccion de las Indias – the book most commonly associated with the promotion of the Spanish Black Legend – were printed (Stiffoni 'Historiografia y politica' 138n14). To counter this, Spanish scholars writing in the first half of the eighteenth century worked in a vein of critical historiography, which entailed constant reference to source citation (Mestre 'Historiografia' 817)." Tradução nossa.

> Medida pela legislação que emergiu nas discussões do Conselho das Índias, a ação da Espanha na América, no século XVI, sob muitos aspectos atendeu notavelmente os princípios da ilustração. Foram feitos esforços ingentes para proteger os índios das formas mais grosseiras de exploração, e houve uma tentativa genuína, embora equivocada, da parte da coroa e da Igreja de introduzir os habitantes das Índias no que se admitia automaticamente ser um modo mais elevado de vida. Mas o abismo entre a intenção e a prática era desalentadoramente vasto." (Elliot, 2021, p. 306)

O projeto patriótico, institucionalizado a partir da Real Academia Espanhola, foi representado pelos funcionários da coroa que, a partir dos conceitos da *República das Luzes*, obtiveram as ferramentas científicas e literárias para colocar o plano em ação. Nesse sentido, o investimento na produção do conhecimento pela dinastia Bourbon com a finalidade de trazer uma nova e melhorada reputação dos letrados espanhóis e sua produção de conhecimento, vista pelos outros europeus como não existente.

Os funcionários da Coroa que trabalhavam nesta empreitada patriótica da RAE eram distinguidos por cadeiras (*Sillas)* alfabéticas. Neste trabalho, nos interessa um dos fundadores da RAE, ocupante da primeira cadeira "D": Andrés González de Barcia, editor, romancista, escritor e funcionário da Coroa Espanhola. Barcia, nascido na Galícia em 1647, teve sua formação principalmente em Madri e construiu sua reputação intelectual e política nesta cidade. Barcia obteve uma série de cargos dentro da Corte do rei Filipe V, da dinastia dos Bourbons, e se tornou um sujeito de confiança do monarca. Enquanto servo do Império Espanhol e um erudito bibliógrafo, González de Barcia trabalhou durante sua vida com o intuito de defender a honra e a veracidade da Espanha.

No século XVIII, o conceito de patriotismo não estava associado à ideia de nacionalismo moderno, mas sim a uma fidelidade à Coroa e à história imperial. González de Barcia se alinhava a essa concepção, utilizando sua obra como um meio de reafirmar a importância da presença espanhola nas colônias. Suas edições buscavam reforçar a legitimidade do domínio espanhol, exaltando as realizações coloniais e a missão civilizatória da Espanha.

Dentre as obras organizadas por González de Barcia, destacam-se as reedições de crônicas e relatos de exploradores, como os textos de Gonzalo Fernández de Oviedo e Antonio de Herrera. Sua preocupação era garantir que esses registros fossem preservados e acessíveis para gerações futuras, consolidando uma visão grandiosa da expansão espanhola. Por meio dessas obras, ele contribuiu para a construção de uma narrativa que glorificava o passado imperial e reforçava o orgulho colonial.

Barcia, portanto, era um clássico homem de letras da *Ilustración* espanhola. Dessa forma, o compromisso de González de Barcia com o projeto de patriotismo revela não apenas seu papel como historiador, mas também a função política da historiografia no contexto da monarquia espanhola. Sendo assim, Barcia, ao reproduzir os relatos da conquista, não era apenas um copista, mas um editor, comentador e tinha, de fato, construído uma narrativa heróica da Conquista através de seus compilados ou republicações.

A partir de seus comentários, González de Barcia, que os escrevia em latim, os fazia acessível a todos os sujeitos letrados que os criticavam, tornando a leitura das reedições mais palpáveis para o público do século XVIII (Gomes, 2022). Nesse sentido, Gonzalez de Barcia poderia construir suas narrativas através de seus apontamentos, paratextos e índices. Segundo Cañizares-Esguerra:

> "A campanha editorial de Barcia era parte de um esforço maior tanto em círculos privados quanto públicos para refamiliarizar o público nacional e estrangeiro com a erudição espanhola ao longo do século XVI, século que muitos admitiam ser o que melhor refletia as conquistas intelectuais da Espanha. Barcia era um dos membros fundadores da Academia Espanhola (de Letras), criada em 1711 pela nova dinastia dos Bourbon para restabelecer uma parte do prestígio que o espanhol tivera como língua de estudo." (Cañizares-Esguerra, 2011, p. 195)

Algo interessante de observar são as escolhas editoriais de Barcia: republicou principalmente conquistadores bélicos ou seus escrivães, retratou uma conquista que, ainda que belicosa, não poderia ser tão cruel quanto a criada pela Lenda Negra. A partir desta escolha, canonizou narrativas heróicas, apagando determinadas narrativas da Conquista, como a de Bartolomé de Las Casas, não só silenciada por ele, como também questionada por ser de autoria do frei dominicano. (Carlyon, 2005)

Através desta constatação, entendemos que a publicação de *Historiadores Primitivos de las Indias Occidentales*, editada por Andrés González de Barcia, na qual consta o relato de Alvar Núñez Cabeza de Vaca, tinha como objetivo dar continuidade ao projeto patriótico já iniciado por Barcia e os membros da RAE. Portanto, sua publicação póstuma, tendo em vista que Barcia faleceu em 1746, três anos antes da publicação de *Historiadores Primitivos*, conta como um último projeto de Barcia que, mesmo morto, teve a oportunidade de servir pela honra de sua nação por uma última vez, podendo, com esta publicação inclusive, canonizar uma nova forma de leitura dos relatos de Cabeza de Vaca.

4.3. *Historiadores Primitivos de las Indias Occidentales*: o projeto final de González de Barcia

Andrés González de Barcia, a primeira cadeira 'D' da Real Academia Espanhola, foi extremamente compromissado com a construção de uma narrativa patriótica, que desmistificava e defendia o Império Espanhol, considerado decadente por aqueles que buscavam desmoralizá-lo. Enquanto vivo, decidiu não utilizar seu nome em seus projetos como bibliógrafo, editor e comentarista de livros, utilizando o pseudônimo Don Gabriel de Cárdenas como forma de se manter, de certa forma, anônimo, ainda que os sujeitos daquela época soubessem que aquele nome era seu pseudônimo. (Carlyon, 2005)

Barcia reeditou, através de seu projeto como Gabriel de Cárdenas, mais de 25 autores do século XVI, considerado o momento áureo da Espanha e da Conquista Espanhola. Os viajantes do século XVI eram os mais criticados como inverídicos pelos historiadores do séculos XVII e XVIII pois, além de serem em sua grande maioria espanhóis, vistos como ignorantes e atrasados, sua experiência remonta um contexto diferenciado no qual se discutia os novos moldes de relatos de viagens: os *philosophical travelers*. (Gomes, 2022)

Os novos viajantes não eram necessariamente conquistadores, como era costumeiro durante o século XVI e parte do século XVII. Com o desenvolvimento de uma nova Era para o conhecimento científico e filosófico, ou seja, o surgimento da Ilustração na segunda metade do século XVII, juntamente com a nova relação entre Europa e Américas, agora, com novos países entrando na corrida territorial, como a Holanda, a Inglaterra e a França, novas perspectivas acerca deste continente foram criadas.

Sendo assim, a valorização de narrativas como a dos viajantes filosóficos, que levavam uma visão mais científica para os relatos do Novo Mundo, prevaleceu em detrimento das narrativas de conquistadores clássicos. A autoridade dada aos conquistadores como funcionários do rei, como costumeiro do século XVI, já não valia como atestado de verdade nos relatos, os instrumentos dos *philosophical travelers* parecem mais verídicos à luz dos letrados do Iluminismo:

> "Centrais nesses debates estão os diversos relatos de viagens. Mais precisamente, a discussão sobre sua fiabilidade. Há um choque entre aqueles que constituem a vasta relação de documentos da conquista espanhola e os relatos dos philosophical travelers, viajantes ilustrados, que fazem suas explorações durante o século XVIII e aderem à metodologia científica. Não por acaso, saíam normalmente dos países norte-europeus, com seus instrumentos para verificação da veracidade daquilo que contavam. Enquanto isso, os relatos da conquista já não faziam mais sentido: sua autoridade já não é um critério bom o suficiente para os leitores do século

> XVIII europeu (...) Essa autoridade que os livros carregavam “no século passado” já não se sustenta por si só. Citá-los não é suficiente para que as histórias sejam concebidas como verdadeiras. E de acordo com esse novo critério, os conquistadores não têm tanta credibilidade quanto os viajantes ilustrados, os quais possuem os instrumentos para serem críveis. (Gomes, 2022, p. 18)

Nesse sentido, o trabalho de vida de Barcia foi voltado para a defesa do Império Espanhol, no qual trabalhou como funcionário de confiança de Felipe V, além de ser um dos literatos famosos de seu tempo, considerado por Carlyon (2005), como o primeiro americanista. Entendemos, que quando Carlyon pressupõe que Barcia fosse, de fato, o primeiro americanista, ele sugere que seu trabalho seja um dos primeiros com o objetivo de contribuir para os estudos acerca da Conquista Espanhola.

Barcia faleceu em 1743, deixando trabalhos inacabados ou sem publicação, constando uma série de relatos de viagens editados e comentados pelo bibliógrafo. Seu sobrinho, de mesmo nome que o tio, Andrés González de Barcia Carballido (1717 - 1779), tomou como compromisso terminar a obra de seu tio, publicando as reproduções que o primeiro Andrés González de Barcia havia deixado para publicar. Os trabalhos publicados postumamente através das obras do sobrinho, são os primeiros com o nome verdadeiro de Barcia. (Carlyon, 2005)

Os três tomos de *Historiadores Primitivos de las Indias Occidentales* foram publicadas em 1749 como uma homenagem aos trabalhos em vida de Andrés González de Barcia Carballido y Zuñiga, honrado por ter cumprido seu papel como um defensor da honra do Império Espanhol através do projeto de patriotismo implementado pela Real Academia de Letras da Espanha. Por conta de seus esforços, o nome verdadeiro de Barcia foi utilizado na publicação. Segundo Carlyon:

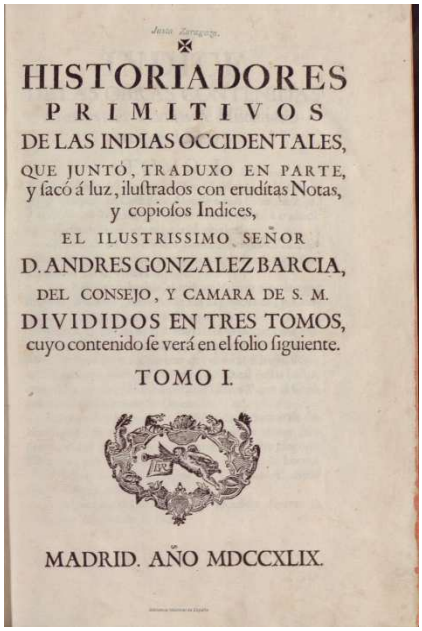
> “A publicação póstuma de *Historiadores Primitivos de las Indias Occidentales, de González de Barcia*, em 1749, forneceu um exemplo adicional da importância de enfatizar a produção intelectual de González de Barcia como um verdadeiro reflexo de seu caráter. Como evidência dessa associação, o editor incluiu o nome legal de González de Barcia na página de título.” [125](Carlyon, 2005, p. 172)

As capas dos três tomos de *Historiadores Primitivos* foi, portanto, a primeira a carregar o nome de Andrés González de Barcia. Nos três tomos, se escreve na capa:

[125] Do original: “The posthumous publication of Gonzalez de Barcia’s *Historiadores Primitivos de las Indias Occidentales*, in 1749, provided an additional example of the importance of emphasizing Gonzalez de Barcia’s intellectual production as a true reflection of his character. As evidence of this association, the publisher included Gonzalez de Barcia’s legal name on the title page.” Tradução nossa.

"*Historiadores Primitivos de Las Índias Occidentales, que juntó, traduxo en parte y sacó la luz, ilustrados con eruditas notas y ilustrosos indices, el ilustrissimo señor Don Andrés González de Barcia, del Consejo, y Camara de S. M.* [Sua Majestade] *divididos en tres tomos, cuyo contenido se verá en el folio seguinte*".

Imagem 6 - Capa do Tomo I da obra *Historiadores Primitivos de las Indias Occidentales* (1749)


HISTORIADORES
PRIMITIVOS
DE LAS INDIAS OCCIDENTALES,
QUE JUNTÓ, TRADUXO EN PARTE,
y sacó á luz, ilustrados con eruditas Notas,
y copiosos Indices,
EL ILUSTRISSIMO SEÑOR
D. ANDRES GONZALEZ BARCIA,
DEL CONSEJO, Y CAMARA DE S. M.
DIVIDIDOS EN TRES TOMOS,
cuyo contenido se verá en el folio siguiente.
TOMO I.
MADRID. AÑO MDCCXLIX.

Fonte: Digitalização da Biblioteca Nacional de España. Disponível em: https://datos.bne.es/edicion/bima0000053657.html. Acesso em 25/09/2024.

Para fins de pesquisa, enfatizamos o Tomo I, no qual consta as narrativas de *Naufrágios y Comentários* de Alvar Núñez Cabeza de Vaca, publicadas em conjunto em 1555 e reeditadas por Andrés González de Barcia no século XVIII. Os relatos de Cabeza de Vaca constam com outros dois textos de grande relevância para o contexto da Conquista: os textos sobre Cristóvão Colombo e Hernán Cortés vieram antes dos textos reeditados de *Naufrágios y Comentários*, de Cabeza de Vaca.

Chama a atenção, ao observar a posição das narrativas de Cabeza de Vaca entre dois sujeitos considerados excepcionais da Conquista Espanhola (Restall, 2006). Cabeza de Vaca, em comparação a Colombo e Cortés, não teve sucesso em conquistar territorialidades ou riquezas, advindo de duas expedições fracassadas e buscando reverter seu revés na Flórida e no Rio da Prata. As localidades dos relatos e os anos em que foram publicadas originalmente não coincidem diretamente, sua identificação seria, talvez, por se situarem temporalmente no mesmo século.

Segundo Carlyon (2005), Cristóvão Colombo foi visto por Barcia como um grande exemplo da Conquista, sendo este quem nomeou o continente, o precursor da conquista civilizatória no Novo Mundo. Percebemos, a partir da visão de Barcia em relação a Colombo que a narrativa de Lope de Oviedo em meados do século XVI tornou-se bem sucedida, sendo esta uma forma de reivindicar o pioneirismo e celebrar a descoberta do Novo Mundo, fundamental para a Conquista e para o Império Espanhol. (Trouillot, 2016)

Andrés González de Barcia utilizava as fontes dos conquistadores do século XVI como fontes fidedignas, como esperado de alguém que buscava defender e reapropriar a narrativa da Conquista de forma a negar a desmoralização dos outros países em relação à Espanha. Nesse sentido, em suas notas e comentários, alegava que grande parte dos críticos das fontes espanholas as liam de forma errônea, ou por traduções e versões falseadas. Um exemplo disso era a crítica ao uso do nome América para designar o continente conquistado. Barcia comentava que o nome correto seria *Indias Ocidentales*, pois era o nome dado pelo descobridor do Novo Mundo, Cristóvão Colombo. (Carlyon, 2005)

A partir desta perspectiva, percebemos o patamar de Colombo aos olhos de Gonzalez de Barcia: um homem excepcional (Restall, 2006), com uma narrativa de pioneirismo e um sujeito a ser louvado e rememorado e que, portanto, encaixava-se no projeto patriótico de Barcia e entre os textos de *Historiadores Primitivos de las Indias Occidentales*. Sendo assim, tornou-se um respaldo essencial para o projeto de Barcia.

Além disso, Hernán Cortés foi construído novamente como herói na narrativa de Andrés González de Barcia. Um sujeito já canonizado herói pela narrativa da Conquista foi trazido à luz (Carlyon, 2005) por González de Barcia para uma consolidação desta narrativa, que reivindicava o passado heróico da Espanha. Barcia reafirmava sua condição como herói espanhol através da modificação de partes de suas *Cartas de relacíon*, facilitando a leitura para o público do século XVIII.

> Enquanto Hernán Cortés torna-se herói na coletânea; ao mesmo tempo que o soldado que o contradiz, Bernal Díaz, era silenciado por ser quem ele era; enquanto Bartolomé de Las Casas precisava não estar na coletânea; Álvar Núñez era de fato perfeito para configurar um discurso laudatório do processo de colonização. É um daqueles que pode ressignificar a imagem negativa da Espanha, representando uma conquista pacífica, além de ser uma das figuras chave para a construção de uma historiografia espanhola da *Florida*. Mas para servir a todos esses propósitos da Coroa, era preciso que seu texto fosse história, e essa qualidade Ardoino assegurou com seu "Examen Apologético". González Barcia ratifica tal classificação através de sua edição, sempre vinculando o texto do náufrago com este seu paratexto, seja no Epítome, seja na organização da coletânea. Somente acompanhada e bastante modificada a *relación* pôde compor o cânon oficial americanista do século XVIII. (Gomes, 2022, p. 22)

Os textos de Fernando Colombo e Hernán Cortés narravam conquistas bem sucedidas territorialmente, sendo contradizentes com a narrativa de Cabeza de Vaca. Nesse sentido, a escolha de reeditar Cabeza de Vaca entre dois sujeitos heróicos da conquista mostra, antes de mais nada, como a narrativa sedutora de Cabeza de Vaca tornou-se bem sucedida, tendo em vista que seus esforços de convencer inicialmente apenas ao rei, afetaram o convencimento de seus leitores através dos séculos. Reiteramos que *Naufrágios y Comentários*, de 1555, foi publicado com a aprovação da Coroa Espanhola, proporcionando a disseminação dos textos de Cabeza de Vaca àqueles que se interessassem pelas suas duas jornadas à América.

Percebemos, portanto, certo *sucesso* de Cabeza de Vaca ao ser republicado no século XVIII e estar dentre os sujeitos de grande relevância para a narrativa da Conquista. Rolena Adorno e Charles Pautz apontam que *Naufrágios* foi republicado por González de Barcia por ter uma narrativa contrária a da Lenda Negra, tendo em vista que Cabeza de Vaca tinha um discurso pacificador, que se contrapunha a imagem violenta da Conquista:

> "Barcia imprimiu os *Naufrágios* como parte de seu projeto em andamento de coletar e publicar relatos da exploração e colonização espanhola nas Américas. O propósito de seus *Historiadores Primitivos de las Indias Occidentales* (Primeiros historiadores das Índias Ocidentais) era reabilitar a reputação histórica da Espanha diante da caracterização amplamente circulante da "Lenda Negra" da história espanhola como cruel e tirânica. Na medida em que o relato de Cabeza de Vaca contrariou a imagem de conquista sangrenta, propôs um programa de colonização pacífica e evangelização e, mais importante, retratou os termos do engajamento europeu-ameríndio como humanos e até mesmo "espirituais", não é surpreendente que Barcia o tenha selecionado para uma de suas primeiras impressões. A peça complementar que ele escolheu publicar com ele ressalta esses objetivos."[126] (Adorno e Pautz, 2003, p. 33)

Sendo assim, o sucesso do discurso de Cabeza de Vaca passava pela moralidade escrita na narrativa de *Naufrágios* que quebravam o estereótipo dos conquistadores do Novo Mundo, na perspectiva patriótica, não necessariamente pelo fracasso, mas sim pela narrativa virtuosa e transformadora utilizada por Cabeza de Vaca. Sendo assim, a narrativa de *Naufrágios* o tornava um exemplo de herói da Conquista, o modelo ético, recriado a partir da

[126] Do original: "Barcia printed the Naufragios as part of his in-progress project of collecting and publishing accounts of Spanish exploration and settlement in the Americas. The purpose of his Historiadores primitivos de las Indias Occidentales (Early Historians of the Occidental Indies) was to rehabilitate the historical reputation of Spain in the face of the widely circulating "Black Legend" characterization of Spanish history as cruel and tyrannical. Inasmuch as Cabeza de Vaca's account countered the image of bloody conquest, proposed a program of peaceful colonization and evangelization, and, most important, portrayed the terms of the European-Amerindian engagement humane and even "spiritual," it is not surprising that Barcia selected it for one of his early printings. The companion piece he chose to publish with it underscores these objectives." Tradução nossa.

reprodução do relato em conjunto com a supressão do paratexto original, o *Prohemio*, substituindo-o pelo *Examen Apologético*, escrito por Antonio Ardoino.

> Ao reescrever o texto, Ardoino e Barcia (o editor de "Historiadores Primitivos de las Indias Occidentales") buscam não apenas reviver o relato de Cabeza de Vaca, mas também representá-lo como um modelo ético, reformulando-o esteticamente e retoricamente para guiar o leitor por um "caminho reto" de virtude. A edição do século XVIII, então, transforma a obra num instrumento moral, apagando contradições e enfatizando a importância de preservar o relato contra o esquecimento e a passagem do tempo. Essa intervenção revela, no entanto, que a trajetória à virtude não é sem dificuldades, e que o texto original de Cabeza de Vaca carregava contradições que Ardoino tentou, muitas vezes sem sucesso, apagar. (Gomes, 2022, p. 150)

Nesse sentido, esta reprodução buscava, portanto, uma exaltação de Cabeza de Vaca como um homem louvável, reproduzindo a narrativa, ainda que com modificações editoriais, como perpetuação da memória de um homem singular. A intenção de Barcia era a de rememorar o discurso pacifista de Cabeza de Vaca e seus milagres operados como uma forma de desbancar a narrativa da propaganda anti-Império Espanhol, além dos questionamentos sobre a veracidade e a possibilidade de utilizar relatos e espanhóis – que eram a maioria dos relatos das Américas – como fontes históricas.

Os esforços de reescrever as narrativas do passado a partir dos relatos de viagem é significativo por ser um combate às críticas dos historiadores europeus do século XVIII acerca da veracidade dos relatos de viagem, além de ser uma forma de rebater a Lenda Negra em outros aspectos, apontando a moralidade e a integridade dos conquistadores espanhóis. Nesse sentido, chama a atenção os usos da narrativa de Alvar Núñez Cabeza de Vaca entre os relatos de conquistadores clássicos, como Colombo, Cortés e Pizarro, que são colocados em uma conduta narrativa diferente de Cabeza de Vaca.

Cabeza de Vaca, ao ser encontrado entre esses sujeitos, foi utilizado como exemplo de trajetória moral e santa nas Américas, contribuindo para a defesa da integridade do Império Espanhol. Barcia e Ardoino, ao defender a honra de um conquistador do século XVI, estão simultaneamente defendendo a honra do Império Espanhol e suas ações, desmoralizadas pela propaganda anti-Espanha, ou Lenda Negra, implementada por outros países que também praticaram a violência colonial e disputavam territórios com a Espanha.

Nesse sentido, percebemos que, na perspectiva de González de Barcia, o projeto nacionalista de exaltar os sujeitos da Conquista tinha como uma de suas formas a rememoração de Colombo proposta, inicialmente, por Lopez de Gomara no século XVI. Barcia se empenhou em abordar essa perspectiva, utilizando-se da narrativa da Conquista a

partir de uma fidelidade a estas fontes originais, vistas por ele como verdadeiras e, portanto, era necessário seguir seus conceitos de forma mais fidedigna.

É importante destacar que a edição de 1749 de *Naufrágios* editada por Barcia foi a que se tornou canonizada, pois foi melhor difundida devido aos investimentos dos Bourbons na difusão de conhecimento a partir da *Librería* Real e da Real Academia Espanhola. Isso pode ser confirmado através da análise de Rolena Adorno e Charles Pautz, que comentam o impacto da versão setecentista do relato, mostrando que a obra foi republicada a partir de sua edição: com o paratexto original suprimido.

> "Portanto, a eleição padrão de Barcia do texto de Valladolid de 1555 como fonte e formato de sua transcrição, seu uso do título Naufragios e sua eliminação das peças paratextuais da obra foram canonizadas quando Enrique de Vedia reeditou os Historiadores primitivos de Barcia para sua inclusão como volume vinte e dois da Biblioteca de Autores Españoles em 1852 (ver Adorno e Pautz 3:189-90). A ação de Vedia teve um efeito duradouro, e o texto de 1555 ou suas transcrições têm sido a base para todas as eruditas e populares edições em espanhol da obra até hoje, com exceção de nossa recente edição de 1999 do texto originalmente publicado de Cabeza de Vaca em 1542 (Adorno e Pautz 1:14-278)."[127] (Adorno e Pauts, 2003, p. 34)

Portanto, o novo paratexto trouxe um outro olhar para a leitura de *Naufrágios*, além das edições de Barcia através de comentários, notas de rodapé e índices elaborados com a intenção construir uma narrativa favorável a Espanha. O *Examen Apologético*, advindo da literatura apologética surgida a partir da necessidade de revisar e reafirmar a literatura de viagens do século XVI (Brading, 2021), foi uma forma de defender a narrativa de Cabeza de Vaca e os milagres que afirmou ter operado na América. Dessa forma, Antonio Ardoino, autor do *Examen Apologético*, teceu um longo texto, defendendo a honra de Cabeza de Vaca.

4.4. O *Examen Apologético* de Antonio Ardoino

As críticas de Caspar Plautz reverberaram até o século XVIII: Andrés González de Barcia criticou partes do texto da *Nova Typis Transacta* quando republicou seus primeiros

[127] Do original: "Hence, Barcia's default election of the 1555 Valladolid text as the source and format of his transcription, his use of the title Naufragios, and his elimination of the paratextual pieces of the work were canonized when Enrique de Vedia reedited Barcia's Historiadores primitivos for its inclusion as volume twenty-two of the Biblioteca de Autores Españoles in 1852 (see Adorno and Pautz 3:189—-90). Vedia's action had a lasting effect, and the 1555 text or transcriptions of it have been the basis for every erudite and popular Spanish-language edition of the work to this day, with the exception of our recent 1999 edition of Cabeza de Vaca's originally published 1542 text (Adorno and Pautz 1:14—278)." Tradução nossa.

relatos do século XVI. Questionou, principalmente, a veracidade das fontes utilizadas por Plautz, pois acreditava que o abade escreveu a sua obra a partir de mentiras, especialmente pelo uso do termo *América* ao se referir ao continente conquistado pela Espanha. Segundo Barcia, Colombo, o primeiro a chegar nas terras do Novo Mundo, denominou o continente de Índias, sendo este, portanto, o nome real do Novo Mundo conquistado por ele. (Carlyon, 2005)

González de Barcia justificava, para além do erro com a denominação do continente, que Plautz também errava o nome de conquistadores e os confundia em alguns momentos de seus textos. Sendo assim, Barcia o utilizava como um exemplo de sujeitos de fora do conhecimento acadêmico espanhol que demonstraram certa infidelidade à história espanhola, corroborando a importância e relevância de seu trabalho, segundo Carlyon: "A confusão dos nomes dos heróis espanhóis da conquista e exploração, os erros involuntariamente cometidos e exemplificados por Filopono, simbolizavam o que González de Barcia percebia como irreverência para com os estudos hispânicos sobre as Índias."[128] (Carlyon, 2005, p. 21)

Sendo assim, a relação crítica de Barcia com o abade beneditino Caspar Plautz já era estabelecida anteriormente à organização da obra *Historiadores Primitivos de las Indias Occidentales*, já se baseava pelo projeto nacionalista dos membros da Real Academia de Letras. Barcia questionava as fontes utilizadas por Plautz, antes da reprodução de *Naufrágios*, de Cabeza de Vaca, quando editou e comentou o relato de Inca Garcilasso de la Vega (1539-1606).

> "Gonzalez de Barcia argumentou que o uso de edições imprecisas e traduções ruins por Filopono explicava as falhas em sua bolsa de estudos. Filopono vivia longe da Espanha, o que limitava seu acesso aos textos autoritativos escritos em espanhol. De fato, como Gonzalez de Barcia lamentou, 'aun en España es trabajoso apurar la Verdad en estas Historias' (mesmo na Espanha é cansativo verificar a Verdade nessas Histórias) (em Garcilaso [1723b] 2r). Em uma tentativa de confrontar esse obstáculo à bolsa de estudos, Gonzalez de Barcia empreendeu um projeto editorial que resultaria na criação de edições do que ele considerava algumas das mais importantes Crônicas das Índias da Espanha."[129] (Carlyon, 2005, p. 19-20)

[128] Do original: "The confusion of the names of spanish heroes of the conquest and exploration, the errors unwittingly committed and exemplified by Philoponus, symbolyzed what Gonzalez de Barcia perceived as irreverence for Hispanic scholarship on the Indies." Tradução nossa.

[129] Do original: González de Barcia argued that Philoponuas's use of inaccurate editions and poor translations explained the flaws in his scholarship. Philoponus lived far from Spain, which limited his access to the authoritative texts written in Spanish. Indeed, as González de Barcia lamented, 'aun en España es trabajoso apurar la Verdad en estas Historias' (even in Spain it is taxing to verify the Truth in these Histories) (in Garcilaso [1723b] 2r). In an attempt to confront this obstacle to scholarship, Gonzalez de Barcia undertook an editorial project that would result in the creation of editions of what he considered to be some of Spain's most important Chronicles of the Indies.. Tradução nossa.

A partir do projeto patriótico dos Bourbons, compromisso moral de Barcia, ao editar a última compilação de relatos, publicada postumamente, retornou ao texto de Caspar Plautz, ou Honório Philoponus para tecer-lhe uma última crítica. Andrés González de Barcia recorreu ao texto de Antônio Ardoino[130], a fim de rebater sua breve crítica a Cabeza de Vaca. Ardoino, a partir de uma curta frase de Plautz que apontava que os milagres de Cabeza de Vaca seriam falsos, defendendo uma certa exclusividade do clero católico em relação aos milagres, alegando que *scelestos milites,* ou, soldados criminosos, não poderiam operar milagres como os relatados por Cabeza de Vaca:

> [...] Também sobre uma certa peregrinação que Cabeza de Vaca fez e marcou seus seguidores com o sinal da cruz e foram curados de doenças incuráveis. Esses efeitos são produzidos pelos santos monges e padres religiosos e não pelos soldados perversos são evidentes em outros lugares. (Plautz, 1621, p. 91)

A partir deste breve trecho, Antônio Ardoino escreveu em 1736 um texto denso, de cerca de cinquenta e duas páginas, com o intuito de provar que os milagres de Cabeza de Vaca eram reais, defendendo que Plautz feria a honra de sujeito louvável da conquista. O texto, denominado de "Examen Apologetico de la Histórica Narracion de los Naufrágios, peregrinaciones, i milagros de Alvar Nuñez Cabeza de Baca, en las tierras de la Florida, i Nuevo Mexico contra la incierta i mal reparada Censura del P. Honorio Filipono, o del que puso en su nombre, el Libro intitulado: *Nova Typis transacta navigatio Novi Orbis Indiae Occidentalis, Adm. R. R. P.P. ac F.F. Rev. Ac Il.mo Buellio Catalani, Abbatis Montiserrati, & in Universan Americam, seu Novum Orbem S.S. Apolice Legati."*, foi publicado junto ao compilado de livros de Cabeza de Vaca, pela edição de Andres González de Barcia, em 1749.

O texto em questão substitui o *Prohemio* escrito por Cabeza de Vaca nas obras de 1542 - o relato original de *Naufrágios* - e reproduzido na versão de 1555. Portanto, a reprodução editada por Barcia, ainda que tivesse um texto quase similar na sua integralidade, não tinha o mesmo teor, já que substituia o elemento pré-textual original A troca do *Prohemio* pelo *Examen Apologético* trouxe uma nova forma de leitura para a *relación* de *Naufrágios*.

---

[130] Antonio Arduino e Furnari (Messina, c. 1670 – Tarragona, 1731), militar italiano e cavaleiro da Ordem do Tosão de Ouro. Filho de Paolo Arduino, Príncipe de Palizzi, e de Juana Furnari, filha dos Duques de Furnari. Serviu como capitão da infantaria napolitana na Guerra da Liga de Augsburgo (1689-1697) e, posteriormente, na Guerra da Sucessão Espanhola, destacando-se nas batalhas de Almansa (1707), Zaragoza (1710) e no cerco de Barcelona (1713-1714). Nomeado governador de Cardona em 1717, foi promovido a brigadeiro (1720) e marechal de campo (1727). Em 1725, assumiu como corregedor e governador militar de Tarragona, unindo poderes civis e militares. Faleceu em 1731, após longa enfermidade. (Martín, s/d)

O Prohemio (ver capítulo 1, seção 1.3), elemento essencial para a leitura do texto original de 1542 e de 1555 (Adorno e Pautz, 2003), tinha como objetivo contribuir para o convencimento do rei de seus serviços, direcionando os argumentos a um público específico a fim de reverter seu fracasso. O revés de Cabeza de Vaca, já explicitado no paratexto original, preparava o leitor-alvo para que se deixasse subentendido que o texto relatava a trajetória de um bom súdito e seus serviços prestados a um monarca.

> "O prólogo da relacion, pouco conhecido e raramente incluído nas edições modernas do texto, é um modelo de eloquência. Um argumento hábil e ao mesmo tempo um convite persuasivo à leitura, que busca condicionar sutilmente a resposta do rei. Os fracassos, ele começa dizendo em termos gerais, não dependem da vontade dos homens, mas da vontade de Deus. (...) A noção de retrocesso, assinalada aqui quase de passagem por Álvar Núñez, servirá depois de fermento ao texto. A citação também revela a necessidade de descobrir com palavras o que permaneceu oculto: a diligência de um "eu" servindo ao rei." [131] (Molloy, 1987, p. 425-426)

Sobre a supressão do *Prohemio*, das versões de 1555 e 1542, Sylvia Molloy comenta em suas notas de rodapé como uma renovação da leitura no texto. Enquanto o paratexto originalmente tentava reverter o fracasso, na edição setecentista o *Examen Apologetico* já considerava Cabeza de Vaca bem sucedido. Portanto, o elemento pré-textual da edição de 1749 teve como finalidade trazer à luz uma nova perspectiva: corroborar para um projeto de defesa moral do Império Espanhol na forma de um sujeito com um discurso que promete reverter a narrativa de crueldade dos espanhóis, que vinha sendo questionada assim como a própria nação:

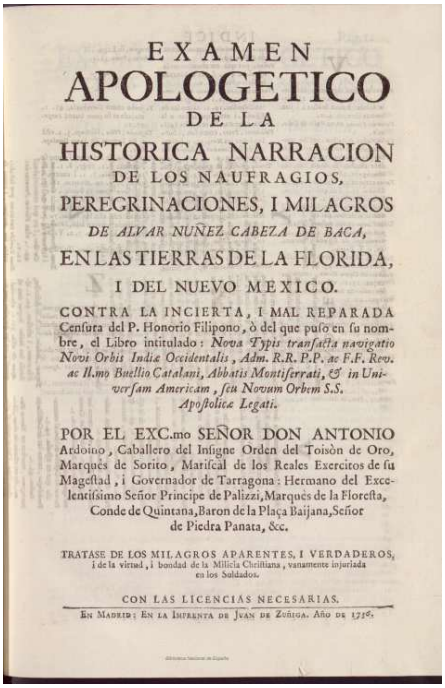
> "O Prólogo, presente nas edições de Zamora (1542) e Valladolid (1555), desaparece depois da de González Barcia (Madrid, 1749). PRANZETTI propõe de forma convincente que a supressão do prefácio, mais a adoção definitiva do outro título que havia sido dado ao texto —Naufrágios em vez de Relação—, indica uma nova atitude de leitura do texto: 'uma ênfase [...] nas razões por trás dos conflitos e nos problemas de identidade a eles ligados"[132] (Pranzetti *apud* Molloy, 1987, p. 426)

---

[131] Do original: "El prohemio de la relación, mal conocido y raras veces incluido en las ediciones modernas del texto , es un modelo de elocuencia. Hábil alegato a la vez que persuasiva invitación a la lectura, busca condicionar sutilmente la respuesta del rey. Los fracasos, comienza por decir en términos generales, no dependen de la voluntad de los hombres sino de la voluntad divina. (...) La noción de revés, marcada aquí casi al pasar por Alvar Núñez, servirá más adelante como fermento del texto. De la cita se desprende, además, la necesidad de descubrir con la palabra lo que ha permanecido encubierto: la diligencia de un yo servidor del rey." Tradução nossa.

[132] Do original: El Proemio, presente en las ediciones de Zamora (1542) y de Valladolid (1555), desaparece a partir de la de González Barcia (Madrid, 1749). Propone convincentemente PRANZETTI que la supresión del proemio, más la definitiva adopción del otro título que se venía dando al texto —Naufragios en lugar de Relación—, indica una nueva actitud de lectura ante el texto: "un metter l'accento[...]sui motivi che stanno alla base degli scontri e su problemi di identità legati agli stessi". Tradução nossa.

Imagem 7 - Capa do *Examen Apologético*, escrito por Antonio Ardoino e editado por Andrés González de Barcia (1749)



EXAMEN
APOLOGETICO
DE LA
HISTORICA NARRACION
DE LOS NAUFRAGIOS,
PEREGRINACIONES, I MILAGROS
DE ALVAR NUÑEZ CABEZA DE BACA,
EN LAS TIERRAS DE LA FLORIDA,
I DEL NUEVO MEXICO.
CONTRA LA INCIERTA, I MAL REPARADA
Censura del P. Honorio Filipono, ò del que puso en su nombre, el Libro intitulado: *Nova Typis tranfacta navigatio Novi Orbis Indiæ Occidentalis, Adm. R.R. P.P. ac F.F. Rev. ac Il.mo Boëllio Catalani, Abbatis Montiserrati, & in Universam Americam, seu Novum Orbem S.S. Apostolicæ Legati.*
POR EL EXC.mo SEÑOR DON ANTONIO Ardoino, Caballero del Insigne Orden del Toisòn de Oro, Marqués de Sorito, Mariscal de los Reales Exercitos de su Magestad, i Governador de Tarragona: Hermano del Excelentissimo Señor Principe de Palizzi, Marqués de la Floresta, Conde de Quintana, Baron de la Plaça Baijana, Señor de Piedra Panata, &c.
TRATASE DE LOS MILAGROS APARENTES, I VERDADEROS, i de la virtud, i bondad de la Milicia Christiana, vanamente injuriada en los Soldados.
CON LAS LICENCIAS NECESARIAS.
En Madrid: En la Imprenta de Juan de Zuñiga. Año de 1749.

Fonte: Digitalização da Biblioteca Nacional de España. Disponível em: https://datos.bne.es/edicion/bima0000053657.html. Acesso em 25/09/2024

O *Examen Apologetico* tratou-se não só de uma defesa dos milagres operados por Cabeza de Vaca em sua narrativa em *Naufrágios*, como também era uma forma de demonstrar a capacidade intelectual de Ardoino, que demonstrou e justificou seu exame apologético a partir de seu conhecimento vasto. Ardoino tratou tanto sobre as questões sagradas e narrativas canônicas do catolicismo, quanto sobre questões mundanas que contribuíram para a construção de um texto denso, que demonstra sua capacidade retórica, demonstrando também sua erudição.

Ardoino escreveu diretamente a Honorio Philopono, ou Caspar Plautz, mais de um século após a publicação da *Nova Typis Transacta*, o que chama a atenção. O autor não se preocupou com uma possibilidade de resposta ao seu texto buscando, principalmente, desmistificar os milagres operados por Cabeza de Vaca, provando sua plausibilidade através da retórica. Entendemos que este texto foi feito com o intuito de defender a narrativa de Alvar Núñez Cabeza de Vaca. Atestar a verdade de Cabeza de Vaca, ponto central da narrativa de

Ardoino, foi pautada principalmente no caráter e origem do conquistador. Segundo Ardoino, ele aponta "a construção da verdadeira história de Alvar Núñez"[133] (Ardoino, 1749, p. 6)

O texto, dividido entre capítulos e parágrafos, demonstrou a minuciosidade de Ardoino ao defender a *Narrativa Histórica* de Cabeza de Vaca, colocando-o, como o título do livro no qual a narrativa foi inserida, na função de *historiador*. A argumentação de Ardoino pretendeu, portanto, justificar *Naufrágios* como um texto histórico, defendendo a veracidade dos fatos narrados pelo seu autor-personagem, que é colocado numa função de historiador para mostrar que a sua experiência é verdadeira.

> "Vemos ao longo da difícil leitura desse "Examen" inúmeras notas de rodapé, demonstrando a carga de autoridade da qual se vale Ardoino para contra-argumentar Padre Honorio. Essas autoridades citadas, no geral, consistem em rétores latinos, como Cícero e Quintiliano, e outros estudiosos pertencentes à Igreja Católica; de qualquer maneira, são dados sobre os quais se demandaria um estudo mais detido. O que se pode afirmar é que, pelas citações usadas, há no "Examen Apologético" continuidade com a concepção humanista de estudos historiográficos, assentada na retórica." (Gomes, 2022, p. 45)

Ao mostrar os motivos pelos quais escreveu o *Examen Apologetico*, Antonio Ardoino retratou que a fala de Honório Philopono, ou Caspar Plautz, acusava um homem brilhante, um dos heróis da Conquista que serviram bem aos seus Monarcas e foram respaldados por estes. A reprodução da saga de *Naufrágios* por Andrés González de Barcia, segundo Ardoino, foi uma forma de reafirmar o valor da narrativa, a verdade nas palavras de Cabeza de Vaca e como uma forma de desmoralizar Caspar Plautz. Ardoino escreveu como a *Nova Typis Transacta* foi uma narrativa que não contribuiu para a aquisição de conhecimento, ou para a disseminação eclesiástica da Igreja, sendo uma obra irrelevante em comparação à obra de Cabeza de Vaca, colocada novamente à luz pelo compilado de *Historiadores Primitivos:*

> "Sou encorajado a esta Apologia ou defesa da *narrativa histórica dos Naufrágios e Peregrinação de Álvar Nuñez*, não por qualquer desejo de argumentar ou por qualquer desejo de censurar a insolência e o orgulho mentirosos da pena do Padre Honório, mas pela única consideração de que, renascida nos mais lúcidos Hemisférios da Espanha por Heróis continuados, lustrosa pelas extensas e numerosas façanhas, brilhante para seus habitantes e felizmente esclarecida por seus gloriosos Monarcas, a História de Álvar Nuñez, sua nova impressão sai à luz deste Anfiteatro do Mundo sem quaisquer manchas de legítima contradição, e permanece intacta do crédito das opiniões comuns e da estima de seus escritos; e o Padre Honório não tendo se beneficiado do documento de sabedoria, nem tendo contribuído em nada para a República Literária, nem para a Glória da Religião, se o Deus Todo-Poderoso serviu de instrumento dos milagres de Álvar Nuñez Cabeza de Vaca e seus Companheiros, ou dos Monges, Sacerdotes, como se

[133] Do original: "El edificio de la verdadera história de *Alvar Núñez*". Tradução nossa.

> manifestará, e será muito sensível para mim precisar colocar a ponta da minha pena horizontalmente, contra a do poder opositor, que tentou descarregar tão amargamente os golpes da sua cólera."[134] (Ardoino, 1749, p. 2)

As justificativas de Ardoino para escrever o *Examen Apologético* foram voltadas especialmente para a legitimidade do relato, tendo em vista a crítica de Plautz em chamar Cabeza de Vaca de mentiroso e um soldado criminoso. Uma das razões apresentadas por Ardoino para atestar a verdade do relato foi que ele foi escrito por um sujeito de fidalguia, um homem nobre com cargos de confiança da Coroa, o que atestou a credibilidade de seu escritor.

> "(...) que teria sido encontrado como um pilar da retidão de Alvar Nuñez a antiguidade de sua nobreza, e relações dignas, sem as quais qualidades substanciais teriam sido suficientes para qualificar, e credenciar Alvar como nobre, o cargo de Tesoureiro, q*uae equestris nobilitas est*; e respeitável como digno de toda estima a sua pessoa (...) se da nobreza de sua família, e da confiança de seus ofícios, se pode legitimamente inferir a retidão de seus atos, como todos aprovam, ligando a qualidade e a nobreza, o crédito de tudo o que é expresso por seus possuidores."[135] (Ardoino, 1749, p. 2-3)

Na perspectiva de Ardoino, a nobreza de Cabeza de Vaca era o que sustentava a veracidade dos relatos, pois representava, na sociedade do século XVI, que era um sujeito com cargos de confiança na monarquia espanhola, e que, ao ocupar tais cargos, era legitimado pela Coroa Espanhola. A partir deste peso colocado à monarquia espanhola como um assegurador da verdade, o relato de Cabeza de Vaca tornava-se verdadeiro. Ardoino utilizou tanto o cargo de tesoureiro quanto o cargo de adelantado para ligar Cabeza de Vaca à figura do rei. (Gomes, 2022, p. 120)

---

[134] Do original: "Me estimula à esta Apologia, ò defensa de lo histórica narracion de los *Naufragios, i peregrinacion de Alvar Nuñez*, no deseos de argüir, ni apetitos, de reprechender la mendaz insolencia, i orgullo de la pluma del Padre Honorio, sino la consideración solamente, de que renaciendo en el lucidissimo Emisferios de España, por los continuados Heroes, lustroso por las dilatadas, i numerosas haçañas , brillante por sus moradores, i felizmente esclarecido, por sus gloriosos Monarcas, la Historia de Alvar Nuñez, salga su nueva impresión à la luz de este Amphiteatro de el Orbe sin lunares de legitima contradicion, i se mantenga indemne al crédito de las comunes opinionesm i la estimación de sus escritos; i no aviendose aprovechado el P. Honorio el documento de la sabiduría, (10), ni impoetando nada à la Republica Literaria, ni à la Gloria de la Religion, si el Omnipotente Dios se ha servido para instrumento de los milagros de *Alvar Nuñez Cabeza de Baca*, i Compañeros, ò de los Monges, Sacerdotes, como se manifestarà, i me será muy sensible necesitar poner la punta de mi pluma orizontal, contra la de el poder opositor, que ha procurado descargar tan agriamente los golpes de sus enojos". Tradução nossa.

[135] Do original: "(...) las quales hubiera hallado por pedrestal de la rectitud de Alvar Nuñez la antigüedad de su nobleça, i dignos parentescos, sin las quales substanciales calidades hubiera sido mui suficiente para calificar, i acreditar à Alvar de noble, el empleo de Thesorero, quae equestris nobilitas est; i respetable como digna de toda estimación su persona (...) si de la nobleça de su familia, i confiança de empleos, se pueda legítimamente inferir, la rectitud del obrar, como todos aprueban, vinculándose en la calidad, i nobleza, el crédito de quanto por sus posseedores se expressa." Tradução nossa.

Antonio Ardoino também utilizou como justificativa a presença de uma *simplicidade*, ou *sencillez*, na narrativa de Cabeza de Vaca, que o torna mais autêntico, pois ele escreveu de uma vivência sincera, queixando-se das dificuldades de sua jornada, sendo assim, foi sincero com seus leitores. A simplicidade de Cabeza de Vaca, para o autor, era uma das provas de que seu relato era verdadeiro (Gomes, 2022). Além disso, o colocava novamente no lugar de *Historiador*, como preconizou o título da obra editada por Andrés González de Barcia: Cabeza de Vaca, por prezar pela simplicidade, narrou algo autêntico, experienciado pessoalmente e, por isso, pode ser considerado um historiador:

> "Parece que não há lugar para dúvidas nem falta de fundamento para o consenso, de que a Narração de Alvar Núñez é História verdadeira, e este Historiador tão natural, pela simplicidade e sinceridade de se explicar, ainda que sem o menor disfarce nas suas queixas individuais, tendo-se encontrado pessoalmente em todos os tempos, lugares, acontecimentos, com as pessoas a que se refere, e com espaço suficiente, para ver, e refletir sobre o que aconteceu, o que atesta tê-lo visto, e observado, com particular atenção, o que assegura a certeza do entendimento, e tendo visto que a Narração é História, e o Escritor é Historiador, (...)"[136] (Ardoino, 1749, p. 2)

Entendemos que a simplicidade tornou-se um dos conceitos-chaves para justificar a autenticidade do relato de Cabeza de Vaca, primeiro por estabelecer a relação entre história, simplicidade na narrativa e sinceridade (Gomes, 2022), e segundo, por também ser uma preocupação de Caspar Plautz ao construir sua narrativa. Joelle Wëiss, em seu guia de leitura para a *Nova Typis Transacta*, utilizou um termo sinônimo de simplicidade: *modéstia*:

> "Também é interessante o comentário de Lorenz Weinrich: 'Embora Honório Augustodunensis ocasionalmente se queixe de incompreensão e inveja entre seus contemporâneos, o recuo notável da pessoa em relação à obra é mais provavelmente devido à modéstia do autor'. No caso de Plautz, pelo menos, o desejo de modéstia estava muito presente, pois ele não se cansa de enfatizar (absurdamente) sua própria 'modéstia' com a ajuda de seu pseudônimo. O fato de que realidade e autoimagem não necessariamente

[136] Do original: "Parece que no queda lugar à la duda ni falta fundamento à el assenso, de que sea verdadera Historia la Narracion de Alvar Nuñez, i este proprio, i natural Historiador, por la sencilléz, i sinceridad de explicarse, aun sin el menor disfraz en sus individuales agravios, por averse hallado personalmente en todos los tiempos, lugares, sucesos, con las personas que refiere, i con suficiente espacio, para vèr, i reflexionar lo ocurrido, que testifica averlo visto, y observado, con particular atención, lo que asegura la certeça de la comprehension, y aviendo visto ser Historioa la Narracion, y Historiador el Escritor, descenderemos". Tradução nossa.

> coincidem aqui dificilmente precisa ser discutido mais profundamente."[137] (Wëiss, 2021, p. 4)

Percebemos, portanto, que Ardoino possuía conhecimento de seu póstumo "adversário", que entendia, assim como ele, a necessidade da simplicidade, ou modéstia, quando se discutia a uma edificação da verdade (Gomes, 2022). Nos relatos de viagem a mescla entre o real e o fictício, na verdade, contribui para a autenticidade de um relato, como corroborado pelos letrados Setecentistas ao defender não só a narrativa de Cabeza de Vaca como verdadeira, como também para reafirmar as narrativas de Colombo e Cortés:

> "Em *todos* os relatos de viagem, como assinala Beatriz Colombi, opera-se uma 'selección de momentos y escenas, una articulación jerarquizada de los sucesos, una reorientación ideológica de todos los materiales' (Colombi Nicolia, 2006, p. 14-15). A abordagem desses elementos demonstra que sempre há algo de construção ficcional em narrativas que clamam assentar-se no real. No entanto, o enquadramento como factual é comum, se não um pré-requisito, para esse gênero: 'veracidad, objetividad, marcas de lo factual'. As fronteiras entre realidade e ficção são turvas, mas a impressão da realidade é essencial." (Colombi *apud* Gomes, 2022, p. 77)

A simplicidade, a verdade, a história e o ficcional foram elementos mesclados tanto no relato de Cabeza de Vaca quanto na narrativa apologética de Antonio Ardoino. Ao tentar responder as críticas de Caspar Plautz, ele construiu uma narrativa estruturada nas viabilidades e existência dos milagres ocorridos fora da Igreja, especialmente milagres que envolviam guerreiros, guerras ou soldados, tentando retirar a noção de que estes são criminosos, ou perversos, para derrubar a argumentação de Plautz.

Nesse sentido, Ardoino buscou justificar a veracidade do relato a partir de exemplos de milagres ocorridos em diversos momentos considerados pelo autor como históricos, como narrativas de experiências sobrenaturais, nas quais Ardoino alega que foram feitas através da Providência Divina. Ardoino mostrou como os milagres são feitos *quando Deus quer*, independente de seu meio, ou seja, para ele, apenas Deus é capaz de operar milagres e qualquer ser pode ser agraciado com a intervenção de Deus:

> "Embora sejam impropriamente chamados de instrumentos, uma vez que os meios não contribuem nem influenciam ações milagrosas de forma alguma, exceto na medida em que Deus predeterminou, por sua providência eterna, a execução de efeitos milagrosos, a interposição desses meios, Deus agindo às

[137] Do original: "Auch interessant ist Lorenz Weinrichs Hinweis: „Wenn Honorius Augustodunensis auch gelegentlich über Verkennung und Neid bei den Zeitgenossen klagt, so ist das auffällige Zurücktreten der Person gegenüber dem Werk eher in der Bescheidenheit des Autors begründet". Bei Plautz war zumindest der Wunsch nach Bescheidenheit sehr präsent, wird er doch nicht müde, mit Hilfe seines Pseudonyms (absurderweise) seine eigene „Modestia" zu betonen. Dass sich hier Realität und Selbstdarstellung nicht unbedingt decken, muss wohl kaum weiter thematisiert werden." Tradução nossa.

> vezes imediatamente, e por meio desse primeiro efeito colocado por parte do homem, seja por súplica ou oração, ou pelo clamor da voz, explicação do que está acontecendo, ou fala, ação, contato e outros."[138] (Ardoino, 1749, p.8)

O autor tentou defender Cabeza de Vaca utilizando-se de seu conhecimento acadêmico e, consequentemente, religioso. Ao tentar demonstrar a veracidade do relato de Cabeza de Vaca e seus milagres, questionados por Honório Philoponus, também atestou que outros também as relataram, tendo em vista que, inicialmente, foi escrita uma *relación* conjunta com os outros quatro sobreviventes dos naufrágios e do cativeiro (Adorno, 2003). Sendo assim, a experiência de Cabeza de Vaca tornou-se legítima:

> "Nos Milagres de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, ninguém duvidou, como se disse, porque foram realizados e publicados por Alonso del Castillo e Andrés Dorantes, seus Companheiros, homens muito nobres na Espanha, o que bastou para a prova cabal das ações e dos fatos, sem o africano de Azamor, que sozinho, poderia aumentar a fé do que se refere Alvar Núñez (...)."[139] (Ardoino, 1749, p. 10)

Algo que chama a atenção, que foi apontado por Silvia Molloy (1987) e Maria Hetti Gomes (2022), é o impacto do *Examen Apologético* e da edição de *Naufrágios y Comentários* de 1749. A partir da supressão do paratexto original e sua substituição por um texto setecentista que transforma a leitura do relato, a reprodução canônica dos relatos de Cabeza de Vaca se tornaram acompanhados do novo paratexto:

> "O paratexto tem a intenção de garantir um texto sem contradições. Por sua vez, o editor setecentista de Cabeza de Vaca, Andrés González de Barcia, assegurou que *Naufrágios* fosse sempre bem acompanhado desse seu paratexto. A partir da comprovação de que o viajante diz verdades, Ardoino então classifica a antes *relación* como história. Esse metatexto historiográfico prescritivo não é independente do texto de Cabeza de Vaca: suas explanações sobre o que é *História* estão em função de uma leitura sua do texto sobre a expedição de 1527." (Gomes, 2022, p. 80)

Nesse sentido, segundo a argumentação de Antonio Ardoino, a veracidade da narrativa de Alvar Núñez Cabeza de Vaca em *Naufrágios* é incontestável: ele teve testemunhas, a argumentação teológica de Ardoino também contribuiu significativamente para a justificativa

[138] Do original: "Si bien impropiamente se digan instrumentos, pues en nada concurren, o influyen inmediatamente por si en las acciones milagrosas los medios, sino en quanto Dios preordenó, por su eterna providencia, a ejecución de los milagrosos efectos, a la interposición de aquellos medios, obrando Dios à veces inmediatamente, y por medio de aquel primer efectm puesto de parte del hombre, sea por súplica, y oración, sea por el clamor de la voz, explicación de loquela, o habla, i acción contacto, y otros." Tradução nossa.

[139] Do original: "En los Milagros de Alvar Nuñez Cabeça de Baca, nadie ha dudado, como se ha dicho, porque los hicieron, i los publicaron Alonso del Castillo, i Andres Dorantes, sus Compañeros, hombres nobilísimos en España, que bastavan para prueba plenísima de las acciones, i los hechos, sin el Africano de Açamor, que solo, pudiera aumentar la fee de lo que Alvar Nuñez refiere" Tradução nossa

de uma verdade incontornável na narrativa milagrosa de Cabeza de Vaca. Através do texto, fica nítido que a intenção de Ardoino com a escrita e de Barcia ao inserir o texto em seu compilado é de defesa moral, tanto de um sujeito, quanto de um império.

5. Considerações Finais

No primeiro capítulo, ao analisarmos o relato original, mostramos, principalmente, como a narrativa de fracasso de Cabeza de Vaca se reverteu em relativo sucesso. Ao perceber como Cabeza de Vaca se utiliza de ferramentas literárias e religiosas com o intuito de se mostrar um sujeito excepcional da Conquista (Restall, 2006), com esforços de criar uma narrativa que o impulsionasse para novos cargos administrativos de confiança da Coroa.

No século XVI, percebemos que o título de fidalguia e os cargos de confiança da monarquia espanhola era algo que trazia respeito e fiabilidade, ambos necessários para obter novos cargos dentro do funcionamento monárquico e colonial. Sendo assim, os esforços de Cabeza de Vaca em *Naufrágios* foram com a intenção de reconquistar a confiança do rei a um sujeito que fracassou em sua expedição e, além disso, passou uma década sem nenhuma notícia ou sinal de vida.

Seus artifícios literários o levaram a uma nova expedição fracassada, que rendeu outro relato, que não o redimiu, ainda que tivesse terminado sua vida em algum cargo de certa relevância (Pla, s/d), especialmente por ser um membro da fidalguia e um sujeito influente, ainda que não pudesse mais participar das expedições às Américas. Sendo assim, podemos considerar que Cabeza de Vaca, ao utilizar um discurso pacificador e sedutor, convenceu ao Rei de seu valor e de seus serviços prestados para a Coroa.

Ainda que tenha sido bem sucedido neste contexto, seu relato, ainda citado por outros sujeitos contemporâneos, como López de Gomara, não foram deixados para o esquecimento com o passar dos séculos: Caspar Plautz, ao escrever seu elogio à Ordem Beneditina em 1621, trouxe à tona a narrativa de Cabeza de Vaca, agora para criticá-lo e questionar a veracidade de seu relato, especialmente pelos seus milagres.

Ao questionar a verdade construída no relato de Cabeza de Vaca em um contexto em que a veracidade de outros relatos estava sendo questionada, podemos dizer que, de certa forma, Plautz bebeu das fontes da Lenda Negra, ainda que exaltasse a monarquia espanhola e certos membros espanhóis da ordem beneditina. O que nos interessa é sua crítica aos conquistadores, não só a Cabeza de Vaca, que coincide com um período em que a Conquista e seus atores foram criticados e questionados através de uma propaganda desmoralizante do Império Espanhol.

Essa crítica, por sua vez, reverbera para o século XVIII, chegando aos olhos de um editor compromissado em reconstruir a narrativa da Conquista e defender a memória do Império Espanhol, vivendo em uma Espanha bourbônica que prezava por trazer uma Espanha

maior e melhor. (Carlyon, 2005) Andrés González de Barcia, membro da Real Academia Espanhola e um bibliógrafo referencial em sua época, se utiliza do relato de Cabeza de Vaca e outros conquistadores para seu projeto patriótico (Cañizares-Esguerra, 2011)

Sendo assim, ao reproduzir o relato de Cabeza de Vaca e juntá-lo com um paratexto que defendia a honra de um sujeito de fidalguia, ainda que num contexto em que a fidalguia não era um referencial de confiança, Barcia buscava trazer um referencial moral, pacificador, para a Conquista. (Gomes, 2022) Ou seja, trazer à tona um relato de fracasso, mas ainda sedutor, trazia um referencial de sujeito pacificador da Conquista, contrariando os propagadores da Lenda Negra, que afirmavam como os conquistadores espanhóis eram violentos.

A narrativa construída por Cabeza de Vaca, assim, tornou-se novamente um sucesso, pois, além de convencer ao Rei em seu tempo, também convenceu a González de Barcia e Antônio Ardoino, séculos mais tarde, de que sua experiência de miséria e seus milagres operados eram verídicos, tornando-se um exemplo moral da Conquista. Portanto, defender a verdade na narrativa de Cabeza de Vaca era uma forma de defender a verdade do Império Espanhol e sua moralidade.

Rolena Adorno e Charles Pautz (1999) afirmaram que esta nova versão de *Naufrágios* editada por Andrés González de Barcia tornou-se canônica, sendo distribuída, relida e republicada através dos tempos. A supressão do *Prohêmio* e substituição pelo novo paratexto, trouxe uma nova construção narrativa para o relato. As reproduções do relato, como os autores apontam, orientam-se principalmente pelo texto de González de Barcia, demonstrando certo sucesso em reivindicar uma narrativa de fracasso.

Por fim, podemos constatar como Cabeza de Vaca foi uma das armas de defesa do Império Espanhol, já que Barcia fazia parte de um projeto patriótico, que trazia à luz as narrativas da Conquista, reapropriando-as para derrubar a Lenda Negra. Sendo assim, percebemos que Cabeza de Vaca escreveu *para* o reino, em busca de redenção e de possibilidade de prestígio na Corte Espanhola, enquanto González de Barcia escreveu *pelo* reino, com o intuito de recuperar a dignidade manchada da Espanha[140].

[140] Esta ideia de "escrever *para* o reino" ou "escrever *pelo* reino" foi retirada da dissertação de Mariana Hetti Gomes, que nomeia seu primeiro capítulo desta forma, na qual compara a republicação de *Naufrágios,* de Cabeza de Vaca por Andrés Gonzalez de Barcia e o relato de *Travels in the interior of Africa*, de Mungo Park, ambas viagens sendo fracassadas.

6. Referências bibliográficas

FONTES

CABEZA DE VACA, Alvar Núñez. *La relación y comentarios del gobernador Alvar Núñez Cabeza de Vaca de lo acaecido en las dos jornadas que hizo a las Indias*. Sevilha, 1555.

PHILOPONUS, Honório. *Nova Typis Transacta Navigatio . Novi Orbis Indiæ Occidentalis*. Seitenstetten, 1621.

BÁRCIA, Andres Gonzalez. *Historiadores Primitivos de las Indias Occidentales.* Madrid, 1749.

BIBLIOGRAFIA

ACRUCHE, Hevelly. SILVA, Bruno (org.). As Américas em perspectiva: das Conquistas até as Independências. Juiz de Fora, Editora UFJF: 2023

ADORNO, Rolena; PAUTZ, Charles. A narrativa de Alvar Núñez Cabeza de Vaca. Texas University Press, 1999.

AGNEW, Michael. Zarzas, calabazas y cartas de relación: el triple peregrinaje imperialista de Alvar Núñez Cabeza de Vaca. Revista Canadiense de Estudios Hispánicos, Vol. 27, n. 2,Alberta, 2003. pp. 217-240

ALBERRO, Solange. Historia de la vida cotidiana en México. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.

ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira. La construcción, de-construcción y reconstrucción de Alvar Núñez Cabeza de Vaca. Outra Travessia, Florianópolis, n. 3, 2004.

ALVARIÑO, António Alvarez-Ossorio. “Failure is not an Option”: Relato, identidad, memoria. Small Stories de Proyecto Failure, 2019.

AMEDI, Nathália da Costa. Bartolomé de Las Casas. Dossiê Religião N.4 – abril 2007/julho 2007.

ARNOLDSON, Sverker. La Conquista Española de América según juicio de la posteridad: Vestígios de la Leyenda Negra. Madrid, Insula, 1990.

BAHBA, Homi K. The Location of culture. Nova York, 1994: Routledge

BAREA, Maria Elvira Roca. Imperiofobia e Lenda Negra: Roma, Estados Unidos e o Império Espanhol. Campinas, Vide Editorial, 2022.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: Poutignat, Felipe & Streiff-Fenart, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade. Seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth*. Editora São Paulo, Unesp, 2011, p. 185-228.

BETHELL, Leslie(org). História da América Colonial vol. I. São Paulo, 2021: EDUSP.

_____. História da América Colonial vol. II. São Paulo, 2021: EDUSP.

BETHENCOURT, Francisco. Racismos: das Cruzadas ao Século XX. São Paulo,Companhia das Letras, 2013.

BEUCHOT, Mauricio. Retóricos de La Nueva España. México, 1996: Universidad Autónoma de México.

CALIXTO, Alberto Prieto. Los Cautiverios de Alvar Núñez Cabeza de Vaca. Estudos de Literatura, n. 26, Castilla, 2001. p. 105-119.

CABALLOS, Esteban Mira. BARTOLOMÉ DE LAS CASAS, UN SEVILLANO UNIVERSAL, PRECURSOR DE LOS DERECHOS HUMANOS. Esteban Mira Caballos, 2022. Disponível em: https://estebanmiracaballos.com/2022/09/13/bartolome-de-las-casas-un-sevillano-universal-precursor-de-los-derechos-humanos/

_____. ¿EXISTE LA LEYENDA NEGRA EN LA ACTUALIDAD?. Esteban Mira Caballos, 2021. Disponível em: https://estebanmiracaballos.com/2021/03/24/existe-la-leyenda-negra-en-la-actualidad/

CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. Como Escrever a História do Novo Mundo. São Paulo, EDUSP, 2011.

CÁRCEL, Ricardo Garcia. La Leyenda Negra: Historia y opinión. Madrid, Alianza Editorial, 1992.

_____. Los Fantásticos Relatos de Nostra Pátria: La Leyenda Negra. História Social, No. 3, 1989, pp. 3-15

CARLYON, Johnathan Earl. Andrés González de Barcia and the creation of the colonial Spanish American library. Toronto : University of Toronto Press, 2005.

CLASTRES, Pierre. A Sociedade Contra o Estado. Edições Afrontamento, Porto, 1997.

CONCHA, Victor Garica de la. La Real Academia Española. Titivillus, 2014.

CUCHE, Denys. Hierarquias Sociais e Hierarquias Culturais. In: CUCHE, Denys. A noção de cultura nas Ciências Sociais; Bauru, EDUSC, 2002.

DÍAZ, Lídia. Naufragios de Alvar Núñez Cabeza de Vaca: un discurso que revierte al fracaso? Pittsburgh, Lucero, vol. 3, 1992, pp. 11-18.

Diccionario de História Cultural de La Iglésia: www.dhial.org.

Diccionario de Español de la Real Academia Espanhola: www.dle.rae.es

EL JABER, Loreley. Alvar Núñez Cabeza de Vaca. Gustos y olvidos. Legalidad, viaje y escritura. CILHA, Mendoza, n. 17, a. 13, 2012 (56-73).

FERNANDEZ-ARMESTO, Felipe. 1492: O ano em que o mundo começou. São Paulo, Companhia das Letras: 2017.

FREITAS NETO, José Alves de. Bartolomé de las Casas: a narrativa trágica, o amor cristão e a memória americana. 2003. São Paulo, Annablume.

GANDINI, Maria Juliana. Fuerzas Locales, espacios atlánticos, horizontes globales. Traversea, Austin, vol 3, 2013, pp. 32-47.

GOODWIN, R. T. C. 'De lo que sucedió a los demás que entraron en las Índias: Álvar Núñez Cabeza de Vaca and the Other Survivors of Pánfilo Narvaez 's Expedition. Bulletin of Spanish Studies: Hispanic Studies and Researches on Spain, Portugal and Latin America, vol. 84, n. 2, Londres, 2007, pp. 147-173.

GOIC, Sedomil. Historia y crítica de la Literatura Hispanoamericana. Vol 1: Época Colonial. Barcelona 1988: Editorial Crítica.

GOMES, Mariana Hetti. Autorias do fracasso: uma comparação entre Naufragios, de Álvar Núñez Cabeza de Vaca e Travels in the interior districts of Africa, de Mungo Park. USP, 2022.

História Hispanica - Real Academia de História: www.historia-hispanica.rah.es

GRUZINSKI, Serge. A colonização do imaginário: Sociedades indígenas e ocidentalização séculos XVI -XVIII. São Paulo, Companhia das Letras: 2003.

GUTIÉRREZ, José Luís. A Controvérsia de Valladolid (1550): Aristóteles, os índios e a Guerra Justa. REVISTA USP, São Paulo, n. 101 • p. 223-235 • março/abril/maio 2014.

HERRÁN, Mikel. Inquisición y Leyenda Negra. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jZ1ho_w6GpM.

HOBSBAWM, Eric. Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade. Trad. Maria Celia PAOLI e Anna Maria QUIRINO. 4a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

JUDERÍAS, Julian. La Leyenda Negra y la verdad histórica. Madrid, Clássicos de História, 1986.

KALIL, Luis Guilherme de Assis. Os Espanhóis Canibais: análise das gravuras do sétimo volume das Grands Voyages de Theodore de Bry. Tempo v. 17 n. 31 . 2011.

_____. Comentários sobre Cabeza de Vaca. História Unisinos v. 15 n. 3. pp. 468-471, Setembro/Dezembro 2011

KIENNING, Christian. Pequena Poética do Novo Mundo. 2014, São Paulo: Edusp.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. Bernardino de Sahagún: Pioneiro de la Antropologia. Cidade do México, El Colegio Nacional: 1987.

LEWIS, Robert. E. Los Naufragios de Alvar Núñez: historia y ficción. Revista Iberoamericana, Pittsburgh, vol. 48, n. 120-121, jul/dez, 1982. p. 685.

MAURA, Juan Francisco. Veracidad en los *Naufragios:* La técnica narrativa de Alvar Núñez Cabeza de Vaca. Revista Iberoamericana, Pittsburgh, vol. 61, n. 170-171, jan/jun, 1995

_____. El Gran Burlador de América: Alvar Núñez Cabeza de Vaca. Publicaciones de Parnaseo, 2011.

MIGNOLO, Walter. Cartas, crónicas y relaciones del descubrimiento. In: MADRIGAL, Luiz Iñigo. Historia de la literatura hispanoamericana - Tomo I. Cordoba. 1982: Cátedra. pp. 57-103.

MIGNOLO, Walter *et al.* Rereading the Black Legend: The Discourse of Religious and Racial Difference in European Renaissance. Chicago, The University of Chicago Press, 2007.

MOLLOY, Sylvia. Alteridad y reconocimiento en los naufragios de Alvar Núñez Cabeza de Vaca. Nueva Revista de Filologia Hispánica, Cidade do México, Vol. 35, n. 2, 1987, pp. 425-449.

O'GORMAN, Edmundo. Prólogo. In: VALDÉS, Gonzalo Fernández de Oviedo y. Sucesos y diálogos de la Nueva España. México, 1946: Ediciones de la Universidad Nacional Autónoma. pp. 6 - 31.

OPERÉ, Fernando. Cautivos de los indios de la literatura: el caso del Río de la Plata. Hispamérica, Buenos Aires, ano 26, nº 76/77: p. 49-75, abr/ago, 1997.

_____. Indian Captivity in Spanish America: Frontier Narratives. Charlottesville: University of Virginia Press, 2008.

_____. The Captive in Spanish America. Charlottesville: University of Virginia Press, 2003.

OVIEDO, José Miguel. História de la literatura hispanoamericana, vol 1: De los orígenes a la emancipación. Madrid, Editorial Alianza, 1995.

PAGDEN, Anthony. European Encounters with the New World: From Renaissance to Romanticism. New Haven: Yale University Press, 1993.

PEREZ, Yolanda Rodrigues et al. España ante sus críticos: las claves de la Leyenda Negra. Madrid, Iberoamericana, 2015.

PRATT, Mary Louise. Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation. 2ª edição. Londres: Routledge, 2007.

POESCHE, Jürgen. A LENDA NEGRA: A COLONIALIDADE E O RACISMO. Rev. Quaestio Iuris, Rio de Janeiro, Vol. 15, N.03., 2022, p. 1070-1096

POWELL, Philip W. Arbol del Odio. Madrid, José Porrúa Turranzas, S.A., 1972.

PUPO-WALKER, Enrique. Notas para la caracterización de un texto seminal: los Naufrágios de Alvar Núñez Cabeza de Vaca. Nueva Revista de Filologia Hispánica, Cidade do México, Vol. 38, n. 1, 1990, pp. 163-196.

_____. Pesquisas para una nueva lectura de *Los Naufragios* de Alvar Núñez Cabeza de Vaca. Revista Iberoamericana, Pittsburgh, vol. 53, n. 140, 1987. pp. 517-539.

RAMINELLI, Ronald. Bárbaros e colonizadores. In: RAMINELLI, Ronald. As Américas na Primeira Modernidade, vol. I. Rio de Janeiro, 1996: Zahar.

REFF, Daniel T. Cures, miracles, and fear in the *Relacion* of Alvar Núñez Cabeza de Vaca. Journal of the Southwest, Phoenix, vol. 38, n. 2, 1996. pp. 115-138

RESTALL, Matthew. Sete mitos da Conquista Espanhola. Rio de Janeiro, 2006: Civilização Brasileira.

ROMANO, Ruggiero. Os mecanismos da Conquista Colonial. São Paulo, 2015: Editora Perspectiva.

SÁNCHEZ, Ramón. The First Captivity Narrative: Alvar Núñez Cabeza de Vaca.Proceedings of the II Conference of SEDERI, Ovideo, v.2, n. 1, 1992. (247-260).

SCHNEIDER, Ingrid Schulze. La Leyenda Negra de España: Propaganda en la Guerra de Flandes (1566-1584). Madrid, Editorial Complutense, 2008.

SCHWARTZ, Stuart. Cada um na sua lei: Tolerância religiosa no mundo atlântico ibérico. Bauru, 2008: Editora EDUSC.

SILVA, Bruno. As Cores do Novo Mundo: Degeneração, ideias de raça e racismos nos séculos XVII e XVIII. São Paulo, Lisbon International Press, 2020.

SOLARES, Carlos Conde. Los Naufrágios (1542) de Alvar Núñez Cabeza de Vaca: España y los albores de la legalidad internacional. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política, Humanidades y Relaciones Internacionales, Araucaria, vol. 23, n. 47, 2021, pp. 91-109.

SOCOLOW, Susan. LOS CAUTIVOS ESPAÑOLES EN LAS SOCIEDADES INDÍGENAS: EL CONTACTO CULTURAL ATRAVÉS DE LA FRONTERA ARGENTINA. Anuario IEHS: Instituto de Estudios histórico sociales, N. 2, 1987, págs. 99-136.

TODOROV, Tzvetan. A Conquista da América: a questão do outro. São Paulo, 2010: Zahar.

VAN DER LEM, Anton. Revolt in the Netherlands: *The Eighty Years of War*. Londres, Reaktion Books, 2018.

VECCHIO, Daniel. O NAUFRÁGIO COMO OPERADOR DE DIFERENÇAS DISCURSIVAS E IDENTITÁRIAS: O CASO DE ÁLVAR NÚÑEZ CABEZA DE VACA. Itinerários, Araraquara, n. 41, p.37-52, jul./dez. 2015

VOIGT, Lisa. Naufrágio, cativeiro, e relações ibéricas: a História trágico-marítima num contexto comparativo. Varia História, Belo Horizonte, vol. 24, nº 39: p. 201-226, jan/jun 2008.

WACHTEL, Nathan. Los Vencidos: Los Indios del Perú frente a la Conquista. Madrid, Editorial Alianza, 1976.

XAVIER, Ângela Barreto. A Lenda Negra e o Senso Comum Historiográfico. Vídeo do YouTube, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GaJSfpz0Pck.